

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE

ELAINE TERESA MANDELLI ARNS

**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO COLETIVO EM UMA COMUNIDADE DE
MULHERES PESCADORAS PROFISSIONAIS ARTESANAIS NA REGIÃO DE
GUARAQUEÇABA – PR**

TESE

CURITIBA
2020

ELAINE TERESA MANDELLI ARNS

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO COLETIVO EM UMA COMUNIDADE DE MULHERES PESCADORAS PROFISSIONAIS ARTESANAIS NA REGIÃO DE GUARAQUEÇABA – PR

THE CONSTRUCTION OF COLLECTIVE KNOWLEDGE IN A COMMUNITY OF ARTISANAL PROFESSIONAL FISHING WOMEN IN THE REGION OF GUARAQUEÇABA - PR.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Tecnologia e Sociedade. Área de Concentração: Tecnologia e Sociedade.

Orientadora: Dra. Faimara do Rocio Strauhs

**CURITIBA
2020**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. As fotografias deste trabalho não estão sob a licença da CC, sendo expressamente proibida suas reproduções ou inclusões em outros trabalhos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Arns, Elaine Teresa Mandelli

A construção do conhecimento coletivo em uma comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais na região de Guaraqueçaba - PR [recurso eletrônico] / Elaine Teresa Mandelli Arns. -- 2020.

1 arquivo eletrônico (314 f.): PDF; 3,24 MB.

Modo de acesso: World Wide Web.

Texto em português com resumo em inglês.

Tese (Doutorado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade. Área de Concentração: Tecnologia e Sociedade. Linha de Pesquisa: Tecnologia e Desenvolvimento, Curitiba, 2020.

Bibliografia: f. 239-259.

1. Tecnologia - Teses. 2. Pescadoras - Guaraqueçaba (PR). 3. Comunidades de prática. 4. Gestão do conhecimento - Modelos. 5. Compartilhamento. 6. Teoria ator-rede. 7. Trabalho - Mulheres. 8. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 9. Pesquisa qualitativa. 10. NVivo (software). 11. Análise de conteúdo (Comunicação). 12. Tecnologia - Aspectos sociais. I. Strauhs, Faimara do Rocio, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade. III. Título.

CDD: Ed. 23 -- 600



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - CAMPUS CURITIBA
SECRETARIA GERAL DO STRICTO SENSU SEDE CENTRO - CT



TERMO DE APROVAÇÃO DE TESE Nº 93

A Tese de Doutorado intitulada **A construção do conhecimento coletivo em uma comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais na região de Guaraqueçaba – PR**, defendida em sessão pública pelo(a) candidato(a) **Elaine Teresa Mandelli Arns**, no dia 25 de setembro de 2020, foi julgada para a obtenção do título de Doutor em Tecnologia e Sociedade, área de concentração Tecnologia e Sociedade, linha de pesquisa Tecnologia e Desenvolvimento, sob a orientação do (a) Prof(a). Doutor (a) Faimara do Rocio Strauhs e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

Profa. Dra. Faimara do Rocio Strauhs - UTFPR - Presidente
Profa. Dra. Rose Mary Gerber - EPAGRI - SC - Participação por videoconferência
Profa. Dra. Helena de Fátima Nunes Silva - UFPR - Participação por videoconferência
Prof. Dr. Roberto Martins de Souza - IFPR - participação por parecer
Profa. Dra. Sonia Ana Charchut Leszczynski - Instituto Cidade Junior - Participação por videoconferência
Profa. Dra. Marília Abrahão Amaral - UTFPR

Este Termo de Aprovação encontra-se na pasta do aluno na Secretaria do Programa, contendo a assinatura da Coordenação realizada após a entrega da versão final, incluindo correções necessárias, permitindo o encaminhamento para análise e publicação no Repositório Institucional.

Assinado eletronicamente por

Coordenador do Programa
Maria Sara de Lima Dias

AGRADECIMENTOS

Tantas são as prioridades que a vida nos apresenta como trabalho, família, carreira e os "amigos"... Sim, os amigos, aquelas pessoas que aprendemos a respeitar, a amar incondicionalmente, porque os aceitamos em nossas vidas como eles são. Estão por todo o caminho que percorremos, uns mais constantes em nosso dia a dia, outros nem tanto, mas todos, parte de uma enorme rede interativa de convivência social.

Meu esposo Fridel Arns, que antes de esposo é meu amigo querido, meu porto seguro. Minha família, irmãs e irmão, cunhadas e cunhados, sobrinhos e sobrinhas, seus filhos e filhas, afilhadas e afilhados...pessoas únicas e especiais que fazem parte de minha trajetória repleta de experiências.

Cuidando da carreira e do trabalho, outros amigos surgiram, ampliando a rede de experiências, de amizades, de carinho, de parceria e, nesta etapa do doutorado, destaco alguns que auxiliaram com muito zelo, no percurso deste caminho, a prof. Luciana Maestro Borges, uma avózinha muito sábia e que mesmo não estando entre nós interferiu neste contexto, a senhora Maria Antônia Pessoa Strauhs, avó de minha amiga-orientadora prof. Dra. Faimara do Rocio Strauhs cujo trabalho em me conduzir nestes meandros da pesquisa, foi primoroso. Os professores que se disponibilizaram e que com tanta gentileza participaram das bancas de qualificação e de defesa, contribuindo neste caminho para que meu conhecimento fosse elaborado. São eles a Dra. Rose Mary Gerber, Dra. Helena Nunes Silva, Dr. Roberto Martins de Souza, Dra. Sonia Ana Leszczynski e a Dra. Marília Amaral. Neste caminho, outras amigas e amigos das comunidades de pescadoras surgiram, mulheres fortes, com muitos conhecimentos, extremamente generosas em dividi-los comigo, mostrando que a vida tem diferentes vieses e que estes podem ser lindos.

Todas estas pessoas estão interligadas, fazendo parte de uma grande rede de amizade, uma rede que possui muitos mais nós, como os professores e colegas do PPGTE e do IFPR.

Para mim, esta é uma rede social de convivência cooperativa, representada por todas estas pessoas-amigas que fazem a diferença em meu destino, marcado por experiências únicas e compartilhadas com todos estes amigos. Amigos sem os quais eu não seria o que sou, pois todos deixaram um pouco de si e levaram um pouco de mim.

Portanto, a tudo e a todos:

- Minha gratidão!

[...] Trata-se de um contexto muito específico, e os contextos de pesca o são, em que as mulheres, pescadoras que são, invisibilizadas que continuam, em sua timidez, inteligência e criatividade, acionam a liberdade gazeteira (CERTEAU, 1996), em suas táticas silenciosas e sutis de posicionamento e sobrevivência, 'nas informações contidas em um "discurso praticamente mudo mas que com suas ações e posturas diziam muito sobre elas e suas vidas.' (ARNS, 2020, p. 237). (GERBER, 2020, Parecer de Banca).

RESUMO

ARNS, Elaine T. M. **A construção do conhecimento coletivo em uma comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais na região de Guaraqueçaba – PR.** 2020. 310f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

O conhecimento se efetiva e se compartilha por meio da socialização entre as pessoas e serve de base para que elas possam se empoderar. Nesta pesquisa, que tem como tema a construção do conhecimento coletivo em uma comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais, cujo lócus foram comunidades da região de Guaraqueçaba – PR, estuda-se estes aspectos. O objetivo geral é o de estabelecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional em uma comunidade de prática (CoP) destas pescadoras, à luz da Teoria Ator-Rede (TAR), com vistas a aproximação dos modelos tradicionais de Gestão de Conhecimento, especialmente o Modelo SECI. A metodologia utilizada, quanto a natureza e utilização dos resultados, foi aplicada, com tratamento de dados mistos; quanto aos propósitos foi exploratória, descritiva e explicativa, com participação observante por meio de histórias de vida. Como resultados mapeou-se a rede de elementos humanos e não humanos em que se inserem estas mulheres, também mapeou-se a rede do processo de conhecimento das mulheres pescadoras profissionais artesanais, estabelecendo-se um comparativo entre, o modelo de criação de conhecimento observado nesta comunidade estudada e o Modelo SECI, revelando as semelhanças e as diferenças destes. Comprovou-se que o conhecimento se dá dentro das redes com a interação entre as pessoas e que esta estrutura social é compartilhada pelos mesmos códigos de comunicação, isso faz com que o conhecimento ocorra e o processo é semelhante ao Modelo SECI, evidenciando que este Modelo se aplica também em comunidades fora de organizações formais. Quanto a análise realizada sobre comunidades de prática, pode-se verificar que o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais possuem diversas das características necessárias para se caracterizarem como uma CoP e com base nos achados da pesquisa aproximou-se este grupo do de comunidades de ofício. Este grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais é realmente uma Comunidade de Prática Profissional feminina.

Palavras-chave: Construção do conhecimento. Pescadoras artesanais. Teoria Ator-Rede. Redes. Trabalho feminino. Comunidades de Prática.

ABSTRACT

ARNS, Elaine T. M. **The construction of collective knowledge in a community of artisanal professional fishing women in the region of Guaraqueçaba - PR.** 2020. 310f. Thesis (Doctorate in Technology and Society) - Graduate Program in Technology and Society, Federal Technological University of Paraná, Curitiba, 2020.

Knowledge becomes effective and is shared through socialization among people and serves as a basis for them to be empowered. In this research, which has as its theme the construction of collective knowledge in a community of artisanal professional fishing women, whose locus was communities in the region of Guaraqueçaba - PR, these aspects are studied. The general objective is to establish the dynamics of the knowledge building process and professional belonging in a community of practice (CoP) of these fisherwomen, in the light of the Actor-Network Theory (TAR), with a view to approximating the traditional models of Knowledge Management, especially the SECI Model. The methodology used, regarding the nature and use of the results, was applied, with mixed data treatment; as for the purposes, it was exploratory, descriptive and explanatory, with observant participation through life stories. As a result, the network of human and non-human elements in which these women belong was mapped, the network of the knowledge process of professional artisanal women fishermen was also mapped, establishing a comparison between, the observed knowledge creation model in this studied community and the SECI Model, revealing their similarities and differences. It was proven that knowledge occurs within networks with the interaction between people and that this social structure is shared by the same communication codes, this causes knowledge to occur and the process is similar to the SECI Model, showing that this Model also applies in communities outside formal organizations. As for the analysis carried out on communities of practice, it can be seen that the group of professional artisanal women fishermen has several of the characteristics necessary to be characterized as a CoP and based on the research findings, this group approached that of the communities of craft. This group of professional artisanal women fishermen is truly a female professional practice community.

Keywords: Construction of knowledge. Artisanal fishermen. Actor-Network Theory. Networks. Female work. Communities of Practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização das comunidades da região de estudo	22
Figura 2 – Níveis de participação em uma comunidade de prática	25
Figura 3 – Posição ocupada pelo Brasil - Global Gender Gap Report 2020	29
Figura 4 – Etapas da pesquisa	50
Figura 5 – Modelo SECI de criação do conhecimento	64
Figura 6 – Representação conceitual do ba	69
Figura 7 – Componentes da Teoria Social de Aprendizagem	74
Figura 8 – Características de uma comunidade de prática	84
Figura 9 – Níveis de participação e os atores de uma CoP	87
Figura 10 – Ciclo de vida das CoPs	89
Figura 11 – Alinhamento conceitual	119
Figura 12 – Etapas da pesquisa	129
Figura 13 – Etapas de levantamento inicial	138
Figura 14 – Fases da revisão sistemática	139
Figura 15 – Etapas da análise de conteúdo	146
Figura 16 – Nuvem de palavras	151
Figura 17 – Nuvem de palavras referente aos capítulos 1, 2, 3 e 4 da tese	152
Figura 18 – Esquema para entrevistas em profundidade	157
Figura 19 – Diário de bordo	158
Figura 20 – Visão Nvivo – nós e subnós	159
Figura 21 – Unidades de registro	163
Figura 22 – Nós e subnós nas histórias de vida	163
Figura 23 – Estrutura do Capítulo 6	165
Figura 24 – Mapa de localização de Guaraqueçaba e comunidades de estudo	168
Figura 25 – Rede de atores não humanos	189
Figura 26 – Rede Atores Humanos	190
Figura 27 – Rede de atores humanos e não humanos	192
Figura 28 – Diagrama de caminhos	205
Figura 29 – Espiral do conhecimento com exemplos	229

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1– Barraco montado em Cananéia (SP)	177
Fotografia 2 – Pescadoras e barcos com os nomes de parentes.....	185
Fotografia 3 – Pesca de siri – colocando as gaiolas e retirando as fêmeas.....	199
Fotografia 4 – Pescadoras desmariscando ostra e fazendo filé de peixe no barco.	217
Fotografia 5 – Mutirão para construção – Escola Estadual Ismael Xavier Chagas .	218
Fotografia 6 – Pescadoras atravessando um canal no mangue.....	222
Fotografia 7 – Pescadoras no final do canal no mangue	222
Fotografia 8 – O trabalho	223
Fotografia 9 – Pescadoras no final da catação de ostra	223
Fotografia 10 – Catação de ostra	224
Fotografia 11 – Limpeza 1.....	224
Fotografia 12 – Limpeza 2.....	225
Fotografia 13 – A nova cara das pescadoras	226

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nós textos do corpus dinâmico.....	160
Gráfico 2 – Recorrência de nós nas referências	162
Gráfico 3 – Distribuição das classificações por instâncias de análise 00, 01 e 02 ..	165
Gráfico 4 – Pescadoras e suas localidades	168
Gráfico 5 – Pescadoras e estado civil	170
Gráfico 6 – Pescadoras e suas escolaridades	171
Gráfico 7 – Nós criados nos textos de histórias de vida.....	174
Gráfico 8 – Hierarquia de nós nos textos de histórias de vida.....	174
Gráfico 9 – Síntese dos dados	183
Gráfico 10 – Hierarquia de atores não humanos.....	184

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceito de conhecimento	56
Quadro 2 – Comunidades de prática e arranjos sociais	83
Quadro 3 – Protocolo de observação	124
Quadro 4 – Matriz de consistência	126
Quadro 5 – Temas e subtemas	131
Quadro 6 – Análise sistemática	142
Quadro 7 – Número de pescadoras por localidade	144
Quadro 8 – Objetivos específicos e autores de base	145
Quadro 9 – Categorias de contexto	147
Quadro 10 – Categorias de contexto e categorias de análise	148
Quadro 11 – Unidade de registro	149
Quadro 12 – Roteiro de entrevistas	153
Quadro 16 – Relação entre as pescadoras	215

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação do Brasil no Global Gender Gap Report 2020	28
Tabela 2 – Principais resultados do levantamento bibliométrico	42
Tabela 3 – Descritores finais	43
Tabela 4 – levantamento bibliométrico	132
Tabela 5 – Palavras-chave para análise	135
Tabela 6 – Palavras-chave definidas e teste de aderência	136
Tabela 7 – Base de dados consultadas - resultados por palavras-chave	137
Tabela 8 – Resumo quantitativo do levantamento dos artigos	140
Tabela 9 – Palavras selecionadas para as unidades de análise e de registro	152
Tabela 10 – Recorrência de nós nas referências	161
Tabela 11 – Unidades de registro por idioma	162
Tabela 12 – Nós e subnós nas histórias de vida	164
Tabela 13 – Classificação por métodos de análise	164
Tabela 14 – Pescadoras e suas idades	169

LISTA DE SIGLAS

ANT	Ant Network Theory
CoP	Comunidade de Prática
FAO	Organização das Nações Unidas <i>para</i> Alimentação e Agricultura
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPR	Instituto Federal do Paraná
LPP	<i>Legitimate Peripheral Participation</i>
MOPEAR	Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais e Caiçaras do Litoral do Paraná
NVIVO	Software qualitativo para a análise de dados
PPGTE	Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade
PPO	Ponto de Passagem Obrigatório
SECI	Socialização, Externalização, Combinação e Internalização
SOCNETV	Social Network Visualizer
TAR	Teoria Ator-Rede
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
1.1	TEMA	17
1.2	DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	21
1.3	PROBLEMAS E PREMISSAS	25
1.4	OBJETIVOS.....	38
1.4.1	Objetivo Geral.....	38
1.4.2	Objetivos Específicos	38
1.5	JUSTIFICATIVAS TEÓRICO-PRÁTICAS.....	39
1.5.1	Justificativas teóricas.....	39
1.5.2	Justificativas práticas.....	43
1.6	ABORDAGENS METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	47
1.7	MARCO TEÓRICO.....	51
1.8	ESTRUTURA DO TRABALHO.....	51
2	CONHECIMENTO – DA CONCEITUAÇÃO A CONVERSÃO	53
2.1	CONCEITUAÇÃO DE CONHECIMENTO.....	54
2.2	CONVERSÃO DO CONHECIMENTO: TIPOLOGIA E PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO.....	57
2.2.1	Tipologia do Conhecimento	57
2.2.2	Processos de criação e de conversão do conhecimento.....	61
2.2.3	Ambientes de criação do conhecimento, ou contextos capacitantes, ou <i>ba</i>	66
3	COMUNIDADES DE PRÁTICA	71
3.1	APRENDIZAGEM SOCIAL.....	71
3.2	CONCEITOS, PRINCÍPIOS E TIPOS.....	77
3.2.1	Conceitos e Princípios.....	78
3.2.2	Tipos de Comunidades de Prática.....	80
3.3	NÍVEIS DE PARTICIPAÇÃO E OS ATORES DE UMA COP	86
3.4	CICLO DE VIDA DAS COP	88
4	ALINHAMENTO CONCEITUAL E PROPOSTA INICIAL	92
4.1	A PESCA ARTESANAL: SEUS ATORES E SUAS REDES	92
4.2	O CONHECIMENTO, A COMUNIDADE DE PRÁTICA E A PESCA ARTESANAL: FORMANDO REDES	97
4.2.1	Comunidades de prática e a pesca artesanal.....	98
4.2.2	O conhecimento em comunidades de prática.....	101
4.3	AMBIENTES DE CRIAÇÃO E DE COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO	102
4.4	FORMAÇÃO DE REDES, O PAPEL E A AGÊNCIA DAS MULHERES	105
4.4.1	Ponto de Passagem Obrigatório (PPO).....	108
4.5	COMUNIDADE DE PRÁTICA: A RELAÇÃO COM O GRUPO DE MULHERES PESCADORAS PROFISSIONAIS ARTESANAIS E O MODELO SECI.....	111
4.6	PROPOSTA DE PESQUISA	116
5	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	121
5.1	CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA.....	121
5.2	PLANEJAMENTO DA PESQUISA.....	127
5.2.1	Fase de preparação da pesquisa	127
5.2.2	Fase de desenvolvimento da pesquisa.....	128
5.2.2.1	Levantamento bibliométrico	130
5.2.2.2	Pesquisa Bibliográfica – análise sistemática	138
5.2.3	Método de coleta de dados	143

5.2.3.1	Amostra	143
5.2.3.2	Procedimentos	144
5.2.4	Análise de Conteúdo	146
5.2.4.1	Análise de Conteúdo – geração de categorias de dados	147
5.2.4.2	Análise de Conteúdo – Instrumentos de Pesquisa	153
5.2.4.3	Análise de Conteúdo – tratamento dos dados	159
6	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	166
6.1	A COMUNIDADE E SUA DEMOGRAFIA	166
6.2	AS HISTÓRIAS DE VIDA – CONTRAPONTO	173
6.2.1	Religião.....	175
6.2.2	Profissão: Pescadoras artesanais profissionais	176
6.2.3	A rede e seus atores.....	183
6.2.4	Criação e compartilhamento de conhecimento.....	193
6.2.4.1	O processo de conversão do conhecimento – evidências do Modelo SECI nas suas quatro tipologias.....	193
6.2.4.2	A espiral do conhecimento entre o grupo de pescadoras.....	201
6.2.4.3	Ambientes de conhecimento - <i>ba</i>	208
6.2.5	Comunidades de prática: como se configura o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais.....	212
6.3	ANÁLISES E INFERÊNCIAS.....	220
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	232
7.1	PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS	232
7.2	LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	234
7.3	PROPOSTA DE TRABALHOS FUTUROS	236
7.4	CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	237
	REFERÊNCIAS.....	239
	APÊNDICE A – CONCEITO DE COMUNIDADES DE PRÁTICA.....	262
	APÊNDICE B – CORPUS DE ANÁLISE DINÂMICO	265
	APÊNDICE C – QUADRO 11 - UNIDADES DE REGISTRO.....	268
	APÊNDICE D – TERMO DE ANUÊNCIA MOPEAR.....	285
	APÊNDICE E – TABELA 4 – LEVANTAMENTO BIBLIOMÉTRICO	286
	APÊNDICE F – ESTRATÉGIAS DE BUSCA NVIVO	288
	APÊNDICE G – ANÁLISE SISTEMÁTICA	289
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	300
	ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP 3772677 - APROVADO	304
	ÍNDICE ONOMÁSTICO	305

1 INTRODUÇÃO

Este Capítulo apresenta a organização para o desenvolvimento da pesquisa e se divide em tema, problema, pergunta de pesquisa, objetivo geral e objetivos específicos, justificativas teórica e prática, procedimentos metodológicos, embasamento teórico e estrutura do estudo.

1.1 TEMA

Em 1960, Drucker (1993, p. 41) incorporou ao vocabulário da academia as expressões “trabalho do conhecimento”, “trabalhador do conhecimento” e “sociedade do conhecimento” demonstrando a relevância do conhecimento para a economia e para as organizações empenhadas em se manterem competitivas. Chamou-se a atenção para o advento de novas tecnologias que modificariam o cotidiano das organizações e a economia mundial, unificando as transações comerciais, momento esse em que o conhecimento se transformaria também em capital, e aqueles que o possuísem, deteriam o poder (DRUCKER, 1970)

As pessoas, nesta sociedade do conhecimento, preconizada por Drucker (1993, p. 5), são fundamentais para as organizações, para fortificá-las e responsabilizá-las, pois os “trabalhadores do conhecimento” e a economia de bens, se transformaram na economia do conhecimento. Assim, a gestão das organizações se reconfigurou otimizando o envolvimento dos trabalhadores na solução dos problemas e no sucesso dos trabalhos em equipe, e com isso o comprometimento dos colaboradores potencializou o uso e o compartilhamento do conhecimento nas empresas (AKHAVAN; RAHIMI; MEHRALIAN, 2013; DRUCKER, 1993; PEREZ-SOLTERO *et al.*, 2016).

O conhecimento é indispensável para o desenvolvimento da humanidade sendo elemento necessário para a solução de problemas, conforme asseverava Polanyi (1958), explicando que frente a problemas não resolvidos, os indivíduos acreditam ser capazes de achar uma solução satisfatória para resolvê-los. Drucker (1993) complementa tal assertiva, argumentando que o conhecimento deve ser utilizado para a obtenção de resultados sociais e econômicos.

Deste prisma teórico a literatura apresenta, essencialmente, dois tipos de conhecimento: (i) tácito e (ii) explícito. Michael Polanyi¹ (1958, p. 96), iniciou seus estudos na área do conhecimento e incorporou o termo “conhecimento tácito” nas discussões de gestão do conhecimento por meio de sua obra *Personal Knowledge*. Ele iniciou a discussão sobre o entendimento do processo de criação do conhecimento do indivíduo estabelecendo uma tipologia e a partir disto, Nonaka (1994) ampliou esta discussão, no meio acadêmico, quando apresentou o processo de conversão do conhecimento tácito em explícito que se solidifica com trabalhos posteriores, na Espiral do Conhecimento (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

A Espiral do Conhecimento é a figura utilizada por Nonaka e Takeuchi (1997) para demonstrar como o conhecimento se propaga dentro das organizações criando uma rede de conhecimentos. Esta espiral, também conhecida como Modelo SECI, contempla quatro modos de conversão do conhecimento: (i) Socialização, (ii) Externalização, (iii) Combinação e (iv) Internalização, que motivam o aprendizado dentro das instituições. O nome do Modelo – SECI – é o acrônimo resultante das iniciais dos modos de conversão do conhecimento.

Na sequência, os estudos evoluíram para a busca de desvendar como acontecia a criação e o compartilhamento do conhecimento, ponto focal desta tese, pelos indivíduos uma vez que “eles sabem mais coisas do que eles podem dizer²” segundo Polanyi (1958, p. 92, tradução nossa), frente a existência reconhecida de habilidades intrínsecas e não explicadas, difíceis de descrever e tão pouco de perceber, quando se trata deste insumo intangível, o conhecimento. Supõem-se que os indivíduos são capazes de falar mais do que podem escrever porque existem parcelas de conhecimentos que não podem ser comunicadas por escrito; existem ademais os conhecimentos que podem ser explicitados, porém não formalizados em documentos ou partilhados por meio da escrita (POLANYI, 1966).

¹ [...] a crença na existência de uma solução oculta e que somos capazes de encontrá-la é essencial para conjecturar e para trabalhar em um problema ainda não resolvido. Ela determina também a forma como o ‘feliz achado’ finalmente se apresenta como algo satisfatório. (POLANYI, 1958, p. 126, tradução nossa).

² [...] they know many more things than they can tell (POLANYI, 1958, p. 92).

Davenport e Prusak (1999) acordam com a ideia de Polanyi (1996) e asseguram que o conhecimento tácito é assimilado por meio de experiências e, nem sempre, é demonstrado por meio de palavras, nem integrados a documentos formais.

Todo conhecimento, portanto, ancora-se na dimensão tácita; o conhecimento é de ordem técnica e cognitiva, composto pelas circunstâncias e pelas experiências pessoais, conquistadas e concebidas, sendo complexa a ação de formulá-lo e verbalizá-lo (POLANYI 1966; NONAKA 1994). A partir da dimensão tácita é que se constitui o conhecimento explícito, possível de compartilhar (POLANYI, 1966).

Nonaka e Takeuchi (1997) evidenciam que o conhecimento é individual e, na medida em que for explicitado, pode ser compartilhado transformando-se em conhecimento da empresa, de um grupo e até da sociedade. Este conhecimento de grupo ou da sociedade pode ser criado e elaborado em comunidades de prática (CoPs) que, conforme Lave e Wenger (1991), são sistemas nos quais as pessoas compartilham o que fazem e isso tem significado para suas vidas e para a comunidade sendo o conjunto das relações e das atividades exercidas, influenciadas também por outras CoPs.

Estas práticas são adquiridas ao longo do tempo por meio de negociações e de interações. O conhecimento se constrói por meio de ações práticas informais nas quais se aprende com as pessoas mais experientes e, conseqüentemente, aquele que aprende desenvolve uma participação plena dentro de uma comunidade (LAVE; WENGER, 1991).

Para Wenger, McDermott e Snyder (2002) o conhecimento é compartilhado em diferentes tipos de comunidades de prática uma vez que eles definem comunidades de prática como um grupo de pessoas que possuem um objetivo em comum e que intensificam seus conhecimentos, habilidades e práticas por meio de diálogos e das relações que se estabelecem em diferentes e múltiplos momentos.

As relações existentes dentro de uma CoP fazem com que o conhecimento aconteça de forma natural por meio das relações sociais, uma “comunidade forte fomenta interações e relacionamentos baseados no respeito mútuo e na confiança. Ela também encoraja a disposição para compartilhar ideias, expor a própria ignorância, levantar questões difíceis e ouvir com atenção” (WENGER; McDERMOTT; SNYDER, 2002, p. 27).

Nesta dinâmica de construção do conhecimento a competência dos integrantes pode ser desenvolvida por meio de cada comunicação ou informação apresentada

que dará origem a novos significados. As pessoas que participam de uma CoP são, “umas para as outras, fontes de recursos para realização de tarefas, para trocar informações, dar sentido a situações e compartilhar novas ideias” (SILVA, 2004, p. 19-20).

Wenger (1998) afirma que são necessárias algumas características para que se configure uma CoP, tais como: compromisso assumido entre os membros, objetivo comum, organização das rotinas, conhecimentos e regras tácitas de conduta.

Com base nas afirmações de Lave e Wenger (1991) e Silva (2004) presume-se que um grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba se configura como uma CoP, porque nele há interações, experiências, negociações e, portanto, troca de informações e de saberes, principalmente, práticos. Elas se organizaram para discutir e analisar suas realidades, expondo conflitos e como os percebem, para que possam fortalecer sua forma de vida. Neste contexto se efetiva a criação e a construção do conhecimento individual e coletivo (SAAVEDRA-DÍAZ; ROSENBERG; MARTÍN-LÓPEZ, 2015).

Este grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais pratica uma atividade que é inerente aos homens que, por sua vez, são tidos como responsáveis pelo sustento da família. À mulher cabe os cuidados com o lar e com os filhos, porém esta situação foi se modificando com o tempo. A mulher saiu em busca de trabalho, concentrando funções e originando a dupla jornada (LUDERMIR, 2000). Neste contexto em que os papéis estão bem definidos, estas mulheres sofrem as pressões do poder patriarcal, criador de um sistema de opressão, controle e exploração (CHOUDHURY; HAQUE; HABIB, 2016; WAJCMAN, 2004).

Arns *et al.* (2016) afirmam que a desigualdade, neste ambiente, é nítida, pois a pesca é concebida como um trabalho masculino, portanto, o trabalho das mulheres não é reconhecido, muitas vezes, até mesmo pelas próprias mulheres. Além disso, e de acordo com o *Relatório Global Gender GAP Report* (FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL, 2017) a desigualdade entre os gêneros com relação à remuneração profissional é crítica, pois para que o equilíbrio financeiro seja atingido, seriam necessários 217 anos, isto se os índices atuais fossem mantidos. Já no *Relatório Global Gender GAP Report* de 2020, a afirmação é de que a igualdade de gênero com relação aos salários mostra-se difícil de alcançar. A diferença salarial entre homens e mulheres é uma forma persistente de desigualdade de gênero no trabalho, e o *Relatório Global Gender Gap Index 2020* registra que o progresso, no sentido de

diminuir a diferença de gênero nesse aspecto, está parado. Nenhum país (incluindo os mais bem classificados) alcançou a igualdade de gênero nos salários³ (FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL, 2020, p. 17, tradução nossa).

Estabelecidos tais pontos, portanto, pretende-se neste estudo, em linhas gerais, o desvelamento da dinâmica do processo de construção do conhecimento em suas duas tipologias (tácito e explícito), e como esta construção e o Modelo SECI se configuram, nesta que se imagina uma CoP de mulheres pescadoras profissionais artesanais. Além disso, intenta-se aprofundar em como a apropriação desse conhecimento pode influenciar na construção de uma identidade, inclusive profissional. Feito isso, serão mapeadas as ligações existentes entre os diferentes actantes, atores humanos e não humanos, ligados a rede social estabelecida, conforme especificado por Latour (1992), na Teoria Ator-Rede (TAR). Estes atores agem mutuamente, interferem e influenciam o comportamento um do outro com a diferença de que o humano poderá ajustar o elemento não humano, de acordo com sua necessidade. Locus e objeto são delimitados sequencialmente.

1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Esta tese tem como tema, conforme já mencionado, a construção do conhecimento coletivo em uma comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais da região de Guaraqueçaba, no litoral do Paraná, estado da região sul do país.

O local onde se constituiu estas comunidades era habitado, inicialmente, pelos índios Tupiniquins e Carijós que a batizaram, em Tupi Guarani, de Guaraqueçaba, que significa lugar do Guará⁴ (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARAQUEÇABA, 2017). Sua colonização iniciou por volta de 1545 com a chegada dos portugueses. O

³ Gender parity in pay is proving hard to achieve. Pay differentials between men and women are a persistent form of gender inequality in the workplace and the Global Gender Gap Index 2020 finds that the progress towards closing the gender gap on this aspect has stalled. No country (including the top-ranked ones) have yet achieved gender parity in wages (FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL, 2020, p. 17).

⁴ Guará: Ave que frequenta estuários, rios, manguezais e suas penas ficam vermelhas a medida em que o pássaro envelhece. Alimenta-se também de crustáceos, donde provém a coloração vermelha de suas penas. Possui aproximadamente 50 cm e tem bico recurvado, o que facilita a captura de caranguejos e de caramujos (MICHAELIS, 2018).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018) estimou que a população seria de 7.636 habitantes em 2019 e registra que Guaraqueçaba possui uma área de territorial de 2.017,030 Km².

Apresenta-se na Figura 1 o mapa de localização das comunidades da região, em especial as comunidades de Barbados, Canudal, Guaraqueçaba, Sibuí, Superagui, Tibicanga, Varadouro e Vila Fátima, onde foi realizada esta pesquisa.

Figura 1 – Mapa de localização das comunidades da região de estudo



Fonte: Adaptado de Duarte (2013, p. 80) e Abreu (2020).

O objeto de estudo é composto por uma rede de atores humanos – grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais e não humanos: o barco, a rede, o peixe, o caranguejo, a ostra, o mar, o tempo: sol, chuva, vento, a lua e a maré. Inseridos na rede, e objetivando diminuir as diferenças entre o social e o natural, estão os atores humanos e não humanos (objetos e animais citados) que agem mutuamente, na ótica de Latour (2012).

Ingold (2012, p. 15) afirma que as coisas, fazem parte da realidade, da experiência humana e são incorporadas, vividas e testadas. “[...] é um híbrido de vozes pelas quais diversos seres, em suas línguas diferentes, enunciam sua presença, são sentidos e fazem seu efeito”. Cria-se, portanto, um vínculo de empatia, uma relação de harmonia e afeição, ou seja, é estar acessível e atento ao outro.

Os atores humanos podem intervir e controlar os atores não humanos. Estes, por sua vez, são capazes de alterar a rotina ou as atividades do dia a dia dos atores humanos criando e estabelecendo uma nova forma de planejamento e de ação. Os atores não humanos agem nas interações humanas e em todas as esferas sociais

interferindo na relação dos atores humanos como também na relação com outros não humanos (CALLON, 1986; LATOUR, 2012).

O grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais que, ao interagirem entre si, configuram uma rede com sua complexidade, rede essa chamada por Latour (1993, p.6) de “heterogêneas do social”, pois são simultaneamente reais como a natureza, narradas como o discurso, coletivas como a sociedade, e neste estudo, serão usadas para indicar os conteúdos complexos dos quais se constitui a vida humana, e o objeto desta pesquisa, o conhecimento.

Nessa rede, fazem parte diferentes atores humanos, os professores de uma instituição de ensino pública, por exemplo, que desenvolvem oficinas em Guaraqueçaba discutindo sobre vários temas, sob diversas perspectivas, potencializando a criticidade das mulheres, fazendo com que compreendam determinadas situações sob uma nova perspectiva, o que resultou, por exemplo, na organização do movimento Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná em Movimento – PEART.

A instituição pública de ensino mencionada também mantém contato e se disponibiliza na assessoria de assuntos relacionados ao Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná – MOPEAR, fornecendo-lhes subsídios para que se desenvolvam e busquem seus direitos nas mais diversas frentes, como: território, reconhecimento e ainda em questões relacionadas a participação social. Tanto o PEART quanto o MOPEAR são movimentos sociais que compõe a rede.

Neste processo, encontra-se além de mentores, os apoiadores que se envolvem, apoiando e auxiliando de várias formas para que encontros se realizem, incluindo o com esta pesquisadora.

Algumas mulheres, em torno de 35 aproximadamente, que representam o grupo e participam de reuniões com os professores e com órgãos estatais, trazem e levam informações, e quando retornam à comunidade, repassam este conteúdo para as demais, para que toda e qualquer decisão seja tomada em conjunto. Há interações ainda, com pessoas que não participam destes eventos, mas que são da família e que trazem seus conhecimentos e expõem suas opiniões a respeito do que consideram melhor para a coletividade, e, nestes momentos, existe a troca de informações e a elaboração do conhecimento.

Ressalta-se que este procedimento é importante, pois muitos agentes externos, pessoas que não conhecem o cotidiano das comunidades pesqueiras, costumam

dizer que as mulheres não participam da vida da comunidade, o que neste caso, não foi constatado pela pesquisadora. Esta participação das mulheres é efetiva, mesmo quando por um motivo ou outro deixam de participar das reuniões do grupo, se inteiram do assunto e auxiliam para que esta informação se dissemine na comunidade. Este processo faz com que o conhecimento adquirido nas reuniões e nos encontros realizados fora, seja compartilhado, realizando desta forma, a construção e o compartilhamento do conhecimento nesta comunidade.

Dentro desse contexto é que esta investigação estabelecerá a dinâmica do processo de construção do conhecimento individual e coletivo no grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais das comunidades de Guaraqueçaba estabelecendo uma pretensa relação com o modelo de Gestão do Conhecimento, proposto por Nonaka (1994) e Nonaka e Takeuchi (1997) e as comunidades de prática de Lave e Wenger (1991).

Será retratado como o conhecimento e a integração destas mulheres pescadoras profissionais artesanais nas CoPs podem contribuir para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade, observando se a CoP é formada pelo todo, juntamente com os homens, ou somente formada por mulheres; registrando-se a situação das mulheres frente ao mundo do trabalho, a relação de desigualdade com os homens, como pode-se perceber no dia a dia da pesquisadora com essas mulheres. Observando ainda se é possível reproduzir o machismo ou movimentos de inferiorização pela forma como os homens agem.

Os homens nestas comunidades, pelo percebido na pesquisa, são os que escolhem, de acordo com o que se observa nas teorias de base de Comunidades de Prática. Wenger, McDermott e Snyder (2002) afirmam que os pessoas se envolvem de forma mais efetiva nas CoP e percebeu-se nesta pesquisa que os homens estão a frente deste movimento.

Estes assuntos serão tratados à luz da Teoria Ator-Rede (TAR) que, por meio de interações entre actantes e o contexto, retratam a sociedade concebendo a cultura que compõe as redes sociais (DEB, 2018), que interagem e integram os elementos humanos e não humanos (actantes), identificando a agência que influencia o espaço e os atores (CALLON, 2008; LATOUR, 1992, 1994, 2006).

Para ilustrar este aspecto apresenta-se os níveis de participação das pessoas em uma CoP na Figura 2, adaptada de Wenger (2011), salientando-se que esta não

é a principal atividade profissional de seus integrantes. Então, o nível de participação⁵ será diferente para cada pessoa, como também o será a relevância das atribuições de cada um dos membros.

Figura 2 – Níveis de participação em uma comunidade de prática



Fonte: Adaptado de Wenger (2011, *online*).

Na Figura 2, o grupo principal, acredita-se, também é formado pelas mulheres pescadoras profissionais artesanais, que podem também participar de outros grupos. Aparentemente os homens desta comunidade não apresentam preconceito com relação ao trabalho de pesca desenvolvido pelas mulheres. Não se observou discriminação delas com relação a esta perspectiva. Estes aspectos serão abordados detalhadamente no Capítulo 3, sobre Comunidades de Prática.

1.3 PROBLEMAS E PREMISSAS

Em toda a história, a mulher foi subjugada pelo homem por meio do poder patriarcal, nas atividades e nos salários do mercado de trabalho, na pouca

⁵ Esta é uma classificação de Wenger (1998) que propõe: Grupo principal: formado por poucas pessoas engajadas e que energizam e nutrem a comunidade. Participantes ativos: membros reconhecidos como profissionais. Participantes ocasionais: membros que participam somente quando a questão é de interesse pessoal. Participantes periféricos: pessoas conectadas com a comunidade, com pouco envolvimento e autoridade, podem experimentar a comunidade como uma rede. Participantes transacionais: pessoas de fora que interagem com a comunidade ocasionalmente.

participação e na pequena representatividade política (FORUM ECONOMICO MUNDIAL, 2017, 2020; SOUZA, 2017). Ainda não existe a equidade de gênero, porém é de fundamental importância que isso ocorra, ou pelo menos diminua-se, consideravelmente, a diferença, para que economias e sociedades prosperem, conforme informações do Fórum Econômico Mundial (2017; 2020).

Garantir o pleno desenvolvimento e a implantação apropriada de metade do total de talentos do mundo, representado pelo gênero feminino, tem uma grande influência no crescimento, na competitividade e no preparo para o futuro das economias e das empresas em todo o mundo. Os índices apresentados no Fórum Econômico Mundial (2017, 2020) são um meio eficaz para avaliar esse progresso. Eles são projetados para criar consciência global dos desafios que as lacunas de gênero representam, bem como das oportunidades que surgem quando são tomadas medidas para reduzi-las.

Historicamente, concernia aos homens o sustento da família e a participação na política, às mulheres, por sua vez, correspondiam os cuidados do lar, conforme Sousa e Guedes (2016). Esta situação, foi se modificando com o tempo e, tanto os homens quanto as mulheres, estão inseridos no mercado de trabalho, porém os cuidados com o lar e com a família ainda são o compromisso primordial das mulheres, principalmente nas classes sociais média e baixa, enquanto que a classe mais abastada tem possibilidades para contratar a ajuda de babás e outros profissionais (ALVES; CORRÊA, 2015; FÓRUM ECONOMICO MUNDIAL, 2017; SORJ; FONTES; MACHADO, 2007).

Neste seguimento, desde o período helenístico a palavra “patriarcalismo” é utilizada e significa a “regra do pai”, de acordo com Green (2010, p. 969), e esta expressão começou a ser utilizada para se remeter ao governo autocrático. Porém, é também utilizada para definir o poder exercido pelos homens, inclusive com relação às mulheres, julgando-as como inferiores (WAJCMAN, 2004). Wajcman (2004) afirmava que o poder do patriarcalismo criou sistemas de opressão, de exploração e de subjugação das mulheres, distanciando-as da norma, que é dada pelos homens.

O que se confirma com o trabalho realizado pelo Fórum Econômico Mundial⁶ (2017) que detectou que a desigualdade entre homens e mulheres não apenas manteve-se mas cresceu, conforme o *Relatório de Desigualdade de Gênero do Global Gender Gap Report 2017*.

Neste Relatório a renda média da mulher equivalia a 58% da renda média do homem e para acabar com a desigualdade de gênero em todo o mundo, levaria ainda, se a regularidade de crescimento fosse mantida, mais de dois séculos para ocorrer, conforme já citado. Reafirma o relatório que o mundo possui um grave desperdício de talentos por não possibilitar às mulheres as mesmas condições que os homens possuem (FÓRUM ECONÓMICO MUNDIAL, 2017). Isso pode ser reiterado com a citação de Leszczyński (1996, p. 46): “a igualdade entre os sexos não será alcançada enquanto a mulher não for igualmente integrada na estrutura de poder, não puder representar a si mesma, e trabalhar diretamente nos direitos femininos”.

O *Global Gender Gap Report 2017* (FÓRUM ECONÓMICO MUNDIAL, 2017) apresentou uma comparação entre 144 países referente ao progresso que obtiveram em relação à igualdade de gênero sob quatro dimensões temáticas, conforme Figura 3: (i) Participação Econômica e Oportunidade; (ii) Desempenho Educacional; (iii) Saúde e Sobrevivência; e (iv) Empoderamento Político. Em 2020, o *Global Gap Report 2020* apresentou a comparação realizada com 153 países, nas quatro dimensões temáticas e, examinou ainda as perspectivas de desigualdade de gênero nas profissões do futuro.

Na dimensão Participação Econômica e Oportunidades se observa que, a diferença de gênero é maior em todo o mundo e diminuiu somente 58% até o momento. A dispersão entre os países com melhor desempenho e os que estão no final do *ranking* é substancial. Enquanto os 10 principais países diminuíram em pelo menos 80% esta defasagem, os 10 países inferiores reduziram apenas 40% a

⁶ O Fórum Econômico Mundial, cuja missão é "o compromisso com a melhoria do Estado do Mundo" (PIGMAN, 2007), foi criado em 1971, é imparcial, sem fins lucrativos e sem vínculo com o interesse político, partidário e nacional. O Fórum tem a função de observador no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, sob a supervisão do Conselho Federal Suíço. O Conselho da Fundação, possui 22 membros que incluem o ex-Primeiro-ministro do Reino Unido Tony Blair e a Rainha Rania da Jordânia_(FÓRUM ECONÓMICO MUNDIAL, 2017).

diferença entre homens e mulheres no local de trabalho (FÓRUM ECONOMICO MUNDIAL, 2020).

Na Tabela 1 condensou-se os dados relativos à classificação do Brasil por dimensão avaliada e também pela região onde está inserido: América do Sul e Caribe.

Tabela 1 – Classificação do Brasil no Global Gender Gap Report 2020

B R A S I L		Classifi- cação	Pontua- ção
GLOBAL GENDER GAP INDEX 2020		92	0,691
Global Gender Gap Index por subíndice, 2020	Participação econômica e oportunidades	89	0,653
	Escolaridade	35	1,000
	Saúde e sobrevivência	1	0,980
	Empoderamento político	104	0,133
Diferença de gênero por região - América Latina e Caribe	Regional 22 (global 92)	0,691	

Fonte: Adaptado de Fórum Econômico Mundial (2020)

O Brasil ocupa a 92^a posição, tendo pontuação geral de 69,1% e alcançou, igualmente, a porcentagem de 69% na questão de desigualdade de gênero Figura 3. Apesar dessa melhoria, o Brasil tem uma das maiores diferenças de gênero na América Latina, ocupando o 22^o lugar entre 25 países da região e quase 90 lugares atrás – no computo geral – da Nicarágua (80,4%, 5^o lugar), que possui o melhor desempenho da região (América do Sul e Caribe).

O país praticamente não possui desigualdade de gênero na educação e na saúde, mas, existe ainda desigualdade de gênero na alfabetização (93%) e no ensino fundamental (95%). Uma proporção maior de mulheres está matriculada no ensino médio e no ensino superior existem 140 estudantes do sexo feminino para cada 100 estudantes do sexo masculino (FÓRUM ECONOMICO MUNDIAL, 2020). Com relação a dimensão saúde e sobrevivência as mulheres vivem cinco anos a mais que os homens com boa saúde.

A baixa taxa de participação feminina na força de trabalho, combinada com persistentes desigualdades salariais e de renda, pesam sobre o desempenho do país no subíndice desigualdade de gênero. O Brasil está entre os 70 países do mundo que alcançaram igualdade entre homens e mulheres para papéis técnicos e profissionais,

e cerca de 40% dos papéis de liderança (gerentes, altos funcionários, legisladores) são ocupados por mulheres (FÓRUM ECONOMICO MUNDIAL, 2020, p. 30).

Figura 3 – Posição ocupada pelo Brasil - Global Gender Gap Report 2020



Fonte: Adaptado de Fórum Econômico Mundial (2020, p. 101)

A pouca participação feminina na política, uma das dimensões analisadas no Relatório, colocou, contudo, o Brasil no pior cenário desde 2011, caindo 11 posições em um ano na classificação dos 144 países avaliados. Em 2015 estava na 85ª posição, em 2016 ficou em 79ª e em 2017 em 90ª lugar. Na pesquisa de 2020, a representatividade feminina na área da política retrata o maior empecilho para o desempenho geral do Brasil; com uma pontuação de 13,3% o país ocupa a 104ª posição no mundo. Em junho de 2019 registrou-se que entre os 22 Membros de Governo, apenas duas posições eram ocupadas por mulheres, representando somente 18% deste total. (FÓRUM ECONOMICO MUNDIAL, 2020, p. 30),

É importante registrar essa dimensão porque a participação da mulher na política, busca o equilíbrio nos espaços públicos e nas relações de poder.

O nível de participação de mulheres no Poder Legislativo é um indicador confiável do grau de amadurecimento das democracias: quanto mais postos o sexo feminino conquista na cúpula do governo, mais igualitário tende a ser aquele país – ou, pelo menos, mais preocupados os governos estão em reduzir as diferenças entre homens e mulheres. (POLITIZE, 2017 s/p.).

Além dos dados apresentados pelo Fórum Econômico Mundial, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também analisou indicadores entre 2005 e 2015 sobre as condições de vida do brasileiro, o que resultou em uma Síntese de Indicadores Sociais.

Nesta Síntese de Indicadores Sociais observa-se que as mulheres trabalham seis horas semanais menos do que os homens – trabalho remunerado –, mas dedicam duas vezes mais tempo às atividades domésticas que eles. Portanto, elas têm uma jornada de 55,1 horas semanais, enquanto eles 50,5 horas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016).

Sousa e Guedes (2016, p. 124) afirmam que as atividades domésticas não são consideradas, no entanto, como trabalho e isto “silenciou e tornou invisível, por muito tempo, as relações assimétricas e de poder entre os sexos”. Também Diogo e Coutinho (2006) afirmaram que os afazeres domésticos se baseavam nas relações de casamento e de reciprocidades parentais nas quais ficava velada a submissão e a opressão feminina.

O homem é valorizado socialmente por ser o “chefe de família” e encarregado por sua manutenção. Desta forma, o trabalho de mulheres e crianças, é complementar e irrelevante, “cabendo, nestes casos, uma remuneração que apenas “ajuda” a composição do orçamento familiar” (PAULILO, 1987, p. 7). Percebe-se então, a desvalorização deste trabalho “leve”, uma vez que a remuneração é balizada de acordo com a hierarquia familiar.

Paulilo (1999, p. 244) observou outra questão a respeito do trabalho executado por homens e mulheres, a distinção do trabalho feita de acordo com o sexo, o trabalho “pesado” é realizado pelos homens e o trabalho “leve”, já mencionado, é realizado pelas mulheres independente do esforço necessário para executá-lo. Deste modo, todo o trabalho feito pelas mulheres é considerado “leve” mas possui um grande peso porque podem ser atividades desagradáveis, morosas, cansativas e, ainda, nocivas à saúde. São os serviços, no entanto, que “mulheres e as crianças” podem realizar (PAULILO, 1987, p, 66).

Por outro lado, pode-se observar nos estudos de Paulilo (2004) a exclusão das mulheres em outras áreas do direito social como ao voto e à terra. O direito ao voto só teve sua situação modificada em 1932 no Brasil e o direito à herança com relação as terras da família apenas na Constituição de 1988.

Paulilo (2004, p. 234) afirmava “com segurança que são principalmente os filhos homens que herdaram a terra”, fato este que deixa as mulheres “revoltadas com tal discriminação”, uma vez que trabalharam como seus irmãos para manter e expandir o patrimônio dos pais, portanto, mereceriam igual tratamento na partilha das terras.

A exclusão das mulheres acontece também nas questões relacionadas ao acesso à terra pois são desconsideradas frente às políticas públicas; são impactadas pela previdência rural, com relação a aposentadoria, a concessão e ao recebimento de benefícios, de acordo com Paulilo (1999) e ao que afirma Deere (2018, s/p.) que:

[...] Constituição de 1988 estabeleceu que, no processo da reforma agrária, a terra deveria ser alocada a homens, mulheres, ou de forma conjunta a casais. Ainda que uma legislação específica nunca tenha sido aprovada, duas importantes diretivas foram adotadas pelo ministério encarregado de implementar a reforma agrária. A primeira, em 2003, tornando obrigatória a adjudicação conjunta da terra a casais e a segunda, em 2007, dando prioridade a mulheres chefes de família no processo de seleção de beneficiários

Estas são questões iminentes e os direitos legais à terra pelas mulheres, a forma como os regimes de casamento ou de heranças impactam diretamente na elaboração de políticas públicas, refletem em outras searas.

Na atividade pesqueira, essa invisibilidade do trabalho das mulheres se acentua à medida em que os homens são vistos como profissionais da pesca e elas simplesmente como participantes da comunidade (GERBER, 2015; MOTTA-MAUÉS, 1999). Há uma percepção por parte das mulheres pescadoras profissionais artesanais de que tanto o poder público, como em alguns contextos externos a eles, a invisibilidade também se faz presente com relação aos homens pescadores, conforme reiteram Mendes (2016), Gerber (2015) e Motta-Maués (1999).

A invisibilidade, e a exclusão das mulheres, é perceptível quando se analisa os dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016) pois, além da carga horária de trabalho, a remuneração das mulheres é menor do que a dos homens para 76% das mulheres trabalhadoras. No entanto, em 40%

das famílias com filhos, são elas as chefes de família, responsáveis pela manutenção e pelo sustento da casa.

Essas são situações e atores que compõem a sociedade nas quais se percebe a indiligência com a condição da mulher e a inobservância com relação ao poder exercido pelo gênero masculino e também pelos objetos que se integram ao tecido social podendo ser vistos – situações e atores – de modo naturalizado, desaparecendo na paisagem, conforme afirma Wajcman (2004).

Outra questão há que se trazer à tona: a identidade e a diferença no grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais. Hall (2000) revela que a identidade se desenvolve por meio das diferenças simbólicas e sociais. Portanto, a identidade se faz pelas diferenças e, em determinados grupos étnicos algumas diferenças são mais relevantes que outras, principalmente em lugares e momentos específicos. Identidades e diferenças estão sempre em elaboração e construção, nunca são finalizadas. As pessoas são formadas pelas histórias que desempenham ao longo da vida. Suas identidades são construídas, pelas práticas, pelos discursos, pelos conhecimentos que adquirem, por toda a bagagem de vida que trazem e também por meio das relações que possuem com as demais pessoas (HALL; CERNICCHIARO, 2016).

As identidades coletivas estabilizavam e organizavam o discernimento que os indivíduos têm de si mesmos, enquanto os coletivos de classe, de gênero e de raça estão enfraquecidos pela expansão dos movimentos sociais e políticos. No entanto, se as pessoas fazem parte de um universo, elas “possuem identidades de vizinhança e são cidadãs do mundo” (HALL; CERNICCHIARO, 2016, p. 321) então, elas só podem dizer quem são se fizerem parte de uma comunidade .

Portanto, as pessoas possuem múltiplas identidades e estas são perceptíveis pela forma como os outros as reconhecem e, a linguagem, é um dos meios pelos quais a identidade e a diferença são criadas e identificadas, tanto social como culturalmente (HALL, 2000).

Identidade e diferença são definidas e também impostas, elas não convivem harmoniosamente lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. Estão diretamente conectadas com as relações de poder: “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença nunca são inocentes” (HALL, 2000, p. 81).

Desta forma a identidade e a diferença devem ser representadas para que façam sentido pois, é pela representação que elas se coalescem ao sistema de poder e aquele que possui o poder de representar, possui o poder de definir e de impor a identidade (HALL, 2000).

A relação de desigualdade que existe entre homens e mulheres que trabalham na área de pesca, elemento circunstancial desta pesquisa, também chama a atenção pela nítida discrepância, com atividades bem demarcadas para o homem e para a mulher, sendo a pesca considerada atividade essencialmente masculina (MENDES, 2016). Percebe-se, contudo, que atrás desta atividade masculina, muitos afazeres pertencem exclusivamente às mulheres e que estes afazeres não são vistos como parte do trabalho que mantém a sustentabilidade da família (ARNS *et al.*, 2016). O fato de a mulher não estar embarcada⁷, não significa e nem se pode afirmar que ela não é profissional da pesca, uma vez que as mesmas trabalham com o pescado (incluindo-se peixes, crustáceos e moluscos), seu processamento, a elaboração de rações, os cuidados com os equipamentos de pesca, além dos conhecimentos que possuem a respeito do tempo, das luas e das marés, como verifica-se no registro realizado por Verschleisser (1990, p. 60):

Di noche tem mais pêxe que di dia, a lua chama os pêxe pra cima (A.M.) Em noite de lua nova dá prá ver o peixe na flor d'água iluminado pela 'ardentia' fosforescência própria dos peixes. Quando se formam nuvens altas como montanhas no horizonte é porque vem tempestade e com ela o vento sul. O vento sul agita muito as águas e o peixe desaparece. Maré enchendo traz peixe. Maré vazando tira o peixe.

Apesar de possuírem estes conhecimentos e realizarem trabalhos semelhantes aos dos pescadores, o trabalho das mulheres ainda permanece invisível, conforme Arns *et al.* (2016, p. 29) afirmam:

[...] a atenção para a nítida desigualdade existente nesse campo, com atividades bem demarcadas para o homem e para a mulher, sendo a pesca considerada, geralmente, como atividade masculina. Assim, o trabalho da mulher é invisibilizado, não sendo reconhecido, em algumas ocasiões, pelas próprias mulheres que o desempenham. Essa concepção parte de uma visão fragmentária da atividade da pesca, já que desconsidera a multiplicidade de atividades que também são fundamentais para o seu resultado final.

⁷ Que está viajando em qualquer meio de transporte. Aquele que está em serviço a bordo: marujo embarcado (MICHAELIS, 2018).

A grande adversidade é a falta de reconhecimento da mulher como uma profissional da pesca, uma vez que auxiliam na confecção dos artefatos para a pesca, na preparação dos peixes, das ostras, dos camarões, dos caranguejos, inclusive com a comercialização destes produtos (CÔRTEZ; ZAPPES; DI BENEDITTO, 2014; GERBER, 2015). Essa falta de identidade como pescadoras as prejudica, pois seus direitos sociais e previdenciários são tolhidos porque o homem é considerado o pescador e ela, apenas a mulher de pescador, conforme afirmam Calhoun, Conway e Russel (2016), Gerber (2015) e Maneschy (2000).

Outra preocupação é com relação aos direitos já conquistados e, percebe-se um retrocesso com relação aos direitos dos pescadores e pescadoras quando é apresentada a divisão e a classificação do trabalho de pesca e, esta, coloca como profissional da pesca somente o indivíduo que captura o pescado. A mulher é aquela que dá suporte e apoio à pesca, realizando o beneficiamento do pescado e não é considerada como uma profissional da pesca.

Moreno (2015) acrescenta ainda que a medida imposta pela legislação impactou diretamente na identidade das pescadoras artesanais e nos benefícios que possuíam como o seguro defeso⁸, a aposentadoria e o auxílio maternidade. A autora deixa evidente que quando da criação de uma nova categoria de trabalho:

[...] a de trabalhador/trabalhadora de apoio à pesca, ou seja, num sentido de inferiorizar os pescadores e principalmente as mulheres pescadoras que auxiliam no beneficiamento do pescado, na confecção e reparo das artes e petrechos da pesca e em outras atividades, afetando assim a identidade do pescador e da pescadora artesanal. Além disso, no Art.2.º ao se definir o pescador e pescadora artesanal, se destaca que estes podem utilizar embarcação com arqueação bruta menor ou igual a 20, o que na visão dos pescadores artesanais, conforme exposta na carta de repúdio ao governo brasileiro escrita por MPP et. al (2015a), representa uma flexibilização e abertura explícita ao empresariado. (MORENO, 2015, p. 32).

Ante a estes problemas, as mulheres pescadoras profissionais artesanais continuam com sua rotina diária, fazendo ou consertando os artefatos de pesca, colocando barcos na água, passando os ensinamentos e os conhecimentos

⁸ O pescador ou a pescadora artesanal, recebe o seguro desemprego, ou o seguro defeso, como é comumente conhecido, no período de reprodução das espécies, porque a pesca é proibida, impedindo desta maneira, que a espécie desapareça (MORENO, 2015).

tradicionais para seus filhos e demais membros da comunidade, mas ainda invisibilizadas.

Contudo, ao aproximar-se de assuntos como o direito da mulher, a igualdade e o profissionalismo, essas pescadoras começaram a se envolver nos programas existentes na comunidade, até então de responsabilidade específica dos homens (ARNS *et al.*, 2016). Começaram a se perceber como profissionais da pesca, uma dimensão de seu trabalho que não distinguiam, mesmo participando e exercendo atividades específicas desta área, mas até então se consideravam somente como donas de casa, sem o conhecimento especializado e valorizado. Conhecimento, no entanto, real e de igual importância de ser entendido e apreciado na rede heterogênea vislumbrada.

Neste cenário, apresenta-se a seguinte pergunta de pesquisa:

Qual a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional de uma comunidade de prática de mulheres pescadoras da região de Guaraqueçaba?

A pesquisa irá confirmar se este grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba pode ser definido como uma CoP, visto que suas integrantes se envolvem e participam das práticas da comunidade, construindo uma identidade social, possuindo o sentimento de pertencimento, inclusive profissional e participando dos diversos níveis de uma CoP, conforme preconiza Wenger (1998). Igualmente, acredita-se que esta comunidade, um coletivo diferenciado, tem seu processo de criação do conhecimento próximo do Modelo SECI de Nonaka (1994) tratado para organizações formais.

Esta é a tese que se pretende comprovar e defender porque nesta estrutura social compartilham-se os mesmos códigos de comunicação, fazendo com que o conhecimento se processe. Como consequência, são construídas e reconstruídas as percepções com relação ao contexto e a forma como vivem, e qual relevância possuem nele. Estas situações fazem com que se crie um movimento de

empoderamento⁹, que inicia individualmente, com a melhoria da autoestima e da autonomia das mulheres. O sentimento de empoderamento na comunidade se dá por meio da participação das mulheres no planejamento e na viabilização dos objetivos comuns do grupo; pelo sentimento de pertencimento não só na CoP, mas também com participação efetiva no grupo principal desta CoP, colaborando com as decisões do grupo e criando conhecimento da mesma forma que outros indivíduos.

Esta afirmação é corroborada por Certeau (1996), de que pessoas ou grupos possuem a habilidade de se organizarem eficientemente para solucionar uma dificuldade ou necessidade. Este movimento do grupo, denominado pelo autor de tática, é espontâneo, e não subjuga, porque eles possuem consciência de sua fragilidade, eles agem se utilizando da aparência frágil que possuem para paralisar ou anular uma estratégia, ou de uma proibição, como é o caso da pesca de algumas espécies de peixes no estado do Paraná, ou seja, não se conformam com determinada situação, a não ser para modificá-la. A inteligência e a criatividade daqueles ditos mais fracos diante de certas situações é chamada por Certeau (1996) de liberdade gazeteira das práticas, ou seja, a aparência é de obediência, no entanto estes grupos se utilizam de táticas e estratégias silenciosas e sutis de posicionamento.

Portanto, acredita-se que, por meio desta pesquisa, pode-se desvelar como se formam as redes e o processo de conhecimento neste coletivo peculiar; como

⁹ Em 1977, o psicólogo norte-americano Julian Rappaport cunhou o termo “empowerment” a partir da palavra “power” (“poder”) para defender que era preciso dar ferramentas a certos grupos oprimidos para que eles tivessem condições e autonomia de se desenvolver. O educador brasileiro Paulo Freire criou sua versão do termo para debater a proposta de Rappaport (1977): para ele, eram os próprios grupos desfavorecidos que deveriam empoderar-se a si próprios, uma noção que se tornou popular entre educadores e sociólogos. A palavra foi adotada por movimentos sociais e hoje é largamente utilizada, inclusive por entidades como a Organização das Nações Unidas – ONU (JORNAL NEXO, 2016). A ONU Mulheres e o Pacto Global (2018) criaram os sete Princípios de Empoderamento das Mulheres:

1. Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível.
2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação.
3. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa.
4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres.
5. Apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing.
6. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social.
7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.

acontece a transformação do modo de pensar, e qual a percepção que estas mulheres possuem de si e de seus trabalhos.

Pressupõe-se que as mulheres pescadoras profissionais artesanais são também, tanto quanto os homens, o núcleo da CoP, elas podem não ter a função de líderes, mas são especialistas em seu conhecimento tradicional (CÔRTEZ; ZAPPES; DI BENEDITTO, 2014), possuem o saber fazer e aqui pode-se citar como exemplo a captura ao caranguejo realizada, em algumas situações, com a redinha, ou mesmo com a mão, o cerco, a retirada de ostras do mangue, além de outras atividades específicas. Salienta-se que de acordo com o Decreto 8.425 de 31 de março de 2015, o profissional que exerce a captura de caranguejos, mariscos e outros e atua no processo de pesca de forma embarcada ou desembarcada, também é considerado um profissional – pescador. Logo, são elas profissionais pescadoras.

Estes processos se efetivam por meio da interação social na qual se constrói os relacionamentos e os laços que formam a rede (GRANOVETTER, 1973). Aliás, estas mulheres estão inseridas em um espaço que permite criar e ressignificar o conhecimento, um contexto capacitante, um *ba*, um espaço físico, como também suas ideias, suas experiências, seus conhecimentos (NONAKA; KONNO, 1998). No contexto da pesca os conhecimentos se articulam e isso influencia os integrantes, pois existe a troca, a construção e a reconstrução dos saberes. Nesta dinâmica, Gerber (2015, p. 288, 340) reitera que o conhecimento é todo o acúmulo de experiências e “neste sentido que entendo que há saberes-fazeres locais de homens e mulheres, pescadores e pescadoras”, e que tanto o conhecimento científico quanto o conhecimento tradicional são culturalmente construídos. Essas mulheres fazem parte desta conjuntura e estão inseridas desde o momento em que seus pais começaram a compartilhar os saberes e ensinar-lhes o fazer na vida do mar.

Diante deste contexto, pressupõe-se, igualmente, que o modelo estabelecido de interação é um modelo de CoP e segue o processo de criação de conhecimento proposto por Nonaka (1990, 1991, 1994) e Nonaka e Takeuchi (1995). Presume-se, também, que esse processo ocorre em diferentes contextos capacitantes, ou *ba*, não somente dentro das organizações e o Modelo SECI, de conversão do conhecimento, também pode ser aplicado neste cenário.

A Teoria Ator-Rede – TAR, de forma transversal, auxiliará a caracterizar a rede de atores humanos e não humanos. Por meio deste cenário o conhecimento é

construído e a partir de sua apropriação as pescadoras terão o discernimento de quem são e que importância têm na comunidade da qual fazem parte.

Portanto, esta será a abordagem para a dinâmica considerada neste processo, destacando a afirmação de Müller (2018, p. 28), que dinâmica é “o movimento dos atores dentro do contexto da construção das redes de conhecimento”, conceito este incorporado para este estudo.

1.4 OBJETIVOS

Para chegar à resposta do questionamento, se traçou os seguintes objetivos.

1.4.1 Objetivo Geral

Estabelecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional em uma CoP de mulheres pescadoras profissionais artesanais à luz da Teoria Ator-Rede, com vistas à aproximação dos modelos tradicionais de Gestão de Conhecimento, especialmente o Modelo SECI.

1.4.2 Objetivos Específicos

- a. Descrever as redes dos elementos humanos e não humanos, à luz da TAR, em que se inserem as mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba – PR.
- b. Levantar as características que aproximam o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais dos conceitos e características das Comunidades de Prática.
- c. Mapear, por meio de redes, o processo de conhecimento das mulheres pescadoras profissionais artesanais.
- d. Estabelecer comparativo, entre o modelo de criação de conhecimento proposto nesta comunidade e o Modelo SECI, revelando as semelhanças e diferenças da sua dinâmica.

1.5 JUSTIFICATIVAS TEÓRICO-PRÁTICAS

As justificativas abordadas das questões teóricas e práticas, são apresentadas na sequência.

1.5.1 Justificativas teóricas

O conhecimento é uma das capacidades do indivíduo, é o único meio significativo para os dias atuais porque quem o tem possui, também, o poder, segundo Drucker (1993, 1970); o conhecimento é o sustentáculo para a solução de problemas (GOMES, 2018; MÜLLER, 2018; POLANYI, 1958).

O conhecimento, igualmente, é inerente às Comunidades de Prática – CoP – porque subsidia a compreensão da cultura do grupo (DEB, 2018). O resultado das práticas, mais as estruturas sociais e as relações de poder, oportunizam as circunstâncias em que ocorrem a aprendizagem (COMARELLA, 2009; LAVE; WENGER, 1991).

Lave e Wenger (1991), ao agregarem participação e significado às CoPs proporcionaram, aos seus membros, além da aprendizagem, o senso de pertencimento e a identidade social. Olhando sob o aspecto aprendizagem, na pesca, compartilhar conhecimentos com filhos e filhas, significa também ensinar-lhes uma profissão que auxiliará na sobrevivência da família, de acordo com o que descrevem Martins e Alvin (2016). Afirmam Lave e Wenger (1991) que a aprendizagem é dinâmica porque conforme o membro da comunidade se apropria da prática, fortalece sua identidade e o sentimento de pertencimento ao grupo, retratando sua história na comunidade de prática (DEB, 2018), que tem como propósito “a intensificação da aprendizagem e a disseminação do conhecimento entre os seus membros”, conforme também descreve Comarella (2009, p. 20). Deste modo, pessoas, atitudes e o ambiente em que estão inseridos, estão envolvidos em “pensamentos, expressões, conhecimento e aprendizagem” (LAVE; WENGER, 1991, p. 52).

Desde o conceito de Lave e Wenger (1991, p. 98) para comunidades de prática, que representam um “sistema de atividades no qual participantes compartilham entendimentos sobre o que fazem, e o que isso significa em suas vidas e para a sua comunidade”, até os dias atuais, as pesquisas indicam que o constructo “comunidades

de prática” vem sendo estudado como ferramenta ou como estratégia da gestão do conhecimento, conforme afirmam as autoras Wilbert, Dandolini e Steil (2018).

Wilbert, Dandolini e Steil (2018, p. 103), asseveram que as “publicações revelam que são várias as áreas da ciência que investigam CoPs, por exemplo, saúde, educação, gestão organizacional, gestão do conhecimento, sociologia, dentre algumas”, e que por ser um assunto interdisciplinar desperta o interesse das diversas áreas do saber.

Com base nessa assertiva, pode-se afirmar que o tema comunidades de prática é um assunto significativo para pesquisadores porque, além da interdisciplinaridade, ele auxilia as organizações a se tornarem dinâmicas porque proporcionam que pessoas de diferentes empresas, locais ou países, possam auxiliar no desenvolvimento de produtos e na solução de problemas da organização, impactando em retorno financeiro por gerar, compartilhar e transformar o conhecimento (WILBERT; DANDOLINI; STEIL, 2018).

De outra parte, Polanyi (1962, p. 181)¹⁰ registrava que a ciência e o indivíduo estão comprometidos com a realidade, pois ele acreditava que há um solo fecundo de informações encoberto quando se associa o “pessoal” e o “subjetivo”. Polanyi (1962) afirmava que as hipóteses de um cientista advêm da imaginação em busca de uma solução, se origina da imaginação criativa, do encanto e da surpresa de uma descoberta pressuposta. Estes são estímulos naturais do ser humano, como também é o engajamento fascinado do cientista por suas inferências (POLANYI, 1962).

Complementarmente a este recorte teórico, e a partir das publicações científicas elencadas por meio de um levantamento bibliométrico, realizado em base de dados nacionais e internacionais, concernentes ao alinhamento desta investigação, observa-se, outrossim, que estas proporcionam contribuições que reforçam a tese e a originalidade do tema, conforme se procura demonstrar na Tabela 2, que apresenta os principais resultados do levantamento feito.

¹⁰ Science is a system of beliefs to which we are committed. Such a system cannot be accounted for either from experience as seen within a different system, or by reason without any experience. Yet this does not signify that we are free to take it or leave it, but simply reflects the fact that it is a system of beliefs to which we are committed, and which therefore cannot be represented in non-committal terms. (POLANYI, 1962, p. 181).

Nesta pesquisa relembra-se que serão tratados os seguintes temas: a construção do conhecimento, a pesca artesanal e as pescadoras, as comunidades e prática, os contextos capacitantes e as redes sociais, bem como a Teoria Ator-rede. Em abril de 2018, para o início desta tese realizou-se um levantamento bibliométrico, feito em janeiro de 2020.

As bases de dados utilizadas foram Web of Science, Scopus, Science Direct, Portal Oásis e Portal de Periódicos Capes. Utilizou-se os seguintes critérios de busca: Artigos científicos revisado por pares, no período de 01/01/2015 a 31/12/2019, feito e atualizado em janeiro de 2020, em língua inglesa e portuguesa, de acordo com a origem da base. Na base de dados Web of Science buscou-se na área de Ciências Sociais e Interdisciplinaridade, na base de dados Scopus e no Portal de Periódicos Capes e Oásis buscou-se em Ciências Sociais. Salienta-se que na base de dados Science Direct os artigos são separados por título de publicação e registrou-se aqui os da Procedia – Social and Behavioral Sciences. A Procedia é uma coleção de textos de anais de conferências que foi descontinuada em 2018.

Verificou-se que, quando realizada a busca simples pelos assuntos tratados individualmente, obtém-se números significativos de retorno de pesquisas, conforme registros na Tabela 2: 434 artigos apenas na base Scopus, outros 111 no Portal Oasis. Porém quando realizada a busca combinada, associando as palavras-chaves, cujos termos são o enfoque desta tese, os retornos são nulos, evidenciando a particularidade da percepção que se requer. No entanto, existem estudos precursores: a combinação das palavras-chave “Knowledge Construction and Community of Practice” apresentou, na base de dados Scopus por exemplo, na qual houve maior retorno, somente 6 estudos, pouco representativos para esta tese, contudo, porque se tem nesta, como foco, a construção do conhecimento em comunidades de prática de mulheres pescadoras profissionais artesanais, e os estudos encontrados foram sobre a construção de conhecimento em diversos tipos de CoP, porém nenhum especificamente em CoP de mulheres pescadoras profissionais artesanais, ou pelo menos com o fulcro em mulheres, pelo menos. Achados como este revelam lacunas de pesquisa, uma potencial originalidade do tema, e a oportunidade de estudos nesta área.

Na base de dados do Portal Oasis¹¹ a pesquisa também foi realizada com os termos em inglês, para manter a homogeneidade da investigação, estes termos foram pesquisados em todos os campos disponíveis da base de dados e como os títulos e resumos são elaborados também em língua inglesa, obteve-se resultados de estudos que estão registrados nas Tabela 2 e 3, assim como os artigos localizados em língua portuguesa. Salienta-se que, no Capítulo 5 os dados estão apresentados de forma detalhada.

Tabela 2 – Principais resultados do levantamento bibliométrico

PALAVRAS-CHAVE	WEB OF SCIENCE	SCOPUS	SCIENCE DIRECT	OASIS	CAPES
Knowledge construction	39	434	84	111	0
Actor-network theory	59	665	0	47	287
Artisanal fishing + fisherwomen	10	46	0	26	0
Actor network theory + enabling context	0	0	0	0	0
Artisanal fishing + enabling context	0	0	0	0	0
Artisanal fishing + collaborative networks	0	1	0	0	1
Knowledge construction + community of practice + actor-network theory + fisherwomen + social networks + enabling context	0	0	0	0	0
Knowledge construction + community of practice + actor-network theory + fishing or fisherw* + collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks	634	0	591	0	0
Knowledge construction + community of practice + actor-network theory + fisherwomen	1	0	0	0	0
Knowledge construction + community of practice + actor-network theory	0	0	0	0	13
Knowledge construction + community of practice	0	6	3	1	0

Fonte: Autoria própria com base em dados da pesquisa (2020).

Após o levantamento nas bases de dados Web of Science, Scopus, Science Direct, no Portal Oasis e no Portal de Periódicos Capes, e da análise das palavras

¹¹ Oasisbr é um portal de busca multidisciplinar com acesso aberto. As produções científicas são de autores, universidade e institutos de pesquisa brasileiros, mas também com acesso a materiais portugueses.

chave e suas variações, definiu-se pelos descritores finais, conforme demonstrado na Tabela 3, que foram o sustentáculo desta pesquisa e a base para a análise de conteúdo. São eles: comunidades de prática, construção do conhecimento, contexto capacitante, pesca artesanal e pescadoras, redes sociais e a Teoria Ator-Rede, todos temas com resultados significativos de publicações.

Estes dados são aprofundados no Capítulo 5, juntamente com o resultado do teste de aderência.

Tabela 3 – Descritores finais

Descritores	WEB OF SCIENCE	SCOPUS	SCIENCE DIRECT	OASIS	CAPIES
<i>Actor-network theory</i> (Teoria ator-rede)	59	752	630	138	168
<i>Artisanal fishing and fisherwomen</i> (Pesca artesanal e pescadoras)	9	67	547	322	464
<i>Communities of practice</i> (Comunidades de prática)	30	1.566	3.404	108	107
<i>Enabling context</i> (Contextos capacitantes)	0	13	0	2	4
<i>Knowledge construction</i> (Construção do conhecimento)	39	475	926	809	803
Social network (Redes sociais)	389	9.568	578	4	1.848
Total por base de dados	526	12.441	6.085	1.383	3.394

Fonte: **Autoria própria (2020).**

Tendo realizado e apresentado este levantamento de dados, apresenta-se os elementos práticos que justificam esta pesquisa, dentro do universo do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade e dos trabalhos desenvolvidos pela professora orientadora.

1.5.2 Justificativas práticas

Um momento ímpar, no processo de pesquisa, infere-se, que é aquele quando se tem a certeza de que se aprendeu algo. É exatamente este momento de percepção que motivou a realização desta pesquisa. Este fato aconteceu em um projeto de

extensão intitulado *Mulheres das Ilhas do Litoral do Paraná: resgate de saberes e empoderamento* (BORGES, 2016), do qual a autora participou ativamente nas oficinas proporcionadas. Constatou-se que, após as oficinas realizadas pelos professores do Instituto Federal do Paraná – IFPR, instituição de ensino pública ofertante, estas mulheres começaram a se considerar como profissionais da pesca. Suas atividades não se limitavam somente aos afazeres de casa, havia muito mais, porém não era percebido por elas, e tão pouco, valorizado.

A relação deste grupo de mulheres com os professores da instituição de ensino pública desvelou, conforme Silva (2004), que o processo de criação de conhecimento é privilegiado quando constituído por indivíduos com conhecimentos díspares e que possuam uma compreensão diferente do mundo.

A pesquisadora em questão conviveu com as pescadoras para auxiliar no desenvolvimento do projeto de extensão do Instituto Federal do Paraná por meio de oficinas. Nestas oficinas era compartilhado com as mulheres pescadoras profissionais artesanais informações a respeito de pontos de bordados, para que elas pudessem desenvolver seus artesanatos, questões relativas à culinária como doces, compotas, conservas, *pizzas* e bolos. Isso fez com que uma relação de afinidade se criasse e muitas conversas e trocas de informações fossem realizadas, criando interesse a respeito daquelas comunidades e de como vivem. Estes contatos periódicos fizeram com que a pesquisadora adquirisse um conhecimento mínimo do cotidiano das comunidades que conviveu. Conhecimento este carregado de uma carga de valores que também estão presentes nesta tese, situações vivenciadas e que em sua construção como pesquisadora possibilitou vislumbrar e desvelar o objeto de pesquisa que apoiou a escolha do tema.

Nestas relações, em específico entre entrevistadas e pesquisadora, evidencia-se o processo de afetamento inerente aos sujeitos envolvidos no trabalho de pesquisa: é um afetar e ser afetado pelas relações, pelos acontecimentos e, principalmente, pelas histórias de vida destas pescadoras. Favret-Saada (2005, p. 160) afirma que quando:

[...] se aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível.

Evidenciados estes matizes percebe-se relevância do estudo a respeito da criação do conhecimento na comunidade citada, corroborando-se em Nonaka e Takeuchi (1997) e Fletcher (2014) quando estes afirmam que o conhecimento depende da interação social, da troca de conhecimentos tácitos e explícitos, resultando na conversão do conhecimento.

Em relação aos propósitos do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade – PPGTE, estes de forma geral postulam que a “sociedade modela a ciência e a tecnologia e essas, por sua vez, modelam a sociedade e o ambiente” (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE), 2019, *online*). Ao estudar as mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba, suas histórias e trajetórias (re)modeladas, seu contexto material e cultural, faz-se a aproximação com o escopo do PPGTE uma vez que a atividade humana vem da cultura, do conhecimento tecnológico, produzido socialmente e compartilhado, deste modo,

[...] a tecnologia perpassa todas as formações sociais porque na produção das condições materiais de vida, necessárias a qualquer sociedade é imprescindível a criação, apropriação e manipulação de técnicas que carregam em si elementos culturais, políticos, religiosos e econômicos próprios da existência social. (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 2018, *online*).

A tecnologia será benéfica à medida em que o ser humano gastar menos tempo se esforçando para viver ou sobreviver e tiver a possibilidade de realizar seus sonhos e de se realizar como indivíduo, pois como afirma Marcuse (1999, 104), “todo apetite e paixão da natureza humana são bons e belos e se destinam a ser plenamente usufruídos”.

Ciência e tecnologia se fazem presente neste coletivo, que também gera conhecimento, conforme afirma Duarte (2018, p. 88), que é produzido pelo grupo de pescadoras artesanais e caiçaras sobre suas formas de vida, suas concepções políticas e identitárias, as quais são mediadas dentro de seu território e

territorialidades “nos conflitos ali vividos, nas práticas sociais que ali se desenvolvem e ganham sentido”. Esta é, também, uma ligação com o viés ideológico condutor do PPGTE.

Outro aspecto teórico-prático que justifica este estudo é que se realizará na Linha de Tecnologia e Desenvolvimento, que contempla aspectos dos processos de apropriação e de transformação do conhecimento, de atores integrados em redes de relações sociais, culturais e econômicas, destacando a Gestão do Conhecimento e a Territorialidade.

A comunidade estudada pertence a Guaraqueçaba, um espaço geográfico singular de grupos que se representam, com suas histórias e especificidades e são o suporte de uma identidade coletiva (DI MEO, 2000), representada por determinadas ideias, valores e crenças de organização e de utilização de recursos (NASCIMENTO, 2011).

Para esta pesquisa, utiliza-se o conceito de que território é o espaço material demarcado e composto pela natureza, pela ação humana (SACK, 1986), pelo sentimento de pertencimento (WENGER, 1998) e pelos laços existentes, que também formam uma rede, um enraizamento, como postula Granovetter (1983). Todos estes elementos permitem construir a territorialidade, conectando pontos onde “a aprendizagem local é essencial”, conforme reitera Mior (2006, p. 285).

O território, também é constituído por meio das interações e das diversidades, onde caminhos e histórias coexistem em um sistema físico e sêmico, em que as relações entre pessoas e espaço definem o ambiente, como também este ambiente, por sua vez, define estas relações. Logo, território é constituído no campo da ação no qual pessoas ou comunidades praticam sua territorialidade (SACK, 1986).

Almeida (2012) traz dois aspectos com relação ao conceito de território: o da proteção e o do protecionismo. A proteção direcionada para as minorias e, o protecionismo ligado ao Estado que busca proteger seus interesses, nada inocentes. Almeida (2012) traz a visão de território junto com a visão de segurança, na qual o Estado busca uma adaptação dizendo o que pode ser o território tradicional, e as comunidades tradicionais, por sua vez aceitam o que é determinado para que não percam o direito que ainda possuem de viver naquele espaço. Isso faz com que estas comunidades tradicionais ressignifiquem estes espaços da maneira como o concebem e o ocupam.

Esta proposta atenderá as aspirações da autora e as pesquisas da professora orientadora desta tese, pois seus estudos são na linha de Gestão do Conhecimento, interesse também do Grupo de Pesquisa Território - Redes, Políticas, Tecnologia e Desenvolvimento, que integram a linha de pesquisa Tecnologia e Desenvolvimento, dentro do PPGTE.

De forma prática, justifica-se a aderência deste estudo à linha de pesquisa, na qual a professora orientadora está inserida e ao trabalho de pesquisa que desenvolve. Os autores estudados da área de Gestão do conhecimento como Polanyi, Nonaka e Takeuchi, da área da Teoria Ator-Rede Latour, Callon; Lave e Wenger com as Comunidades de Prática e Wajcman da área de Gênero, além de Bardin e outros, utilizados na linha de Ciência Tecnologia e Sociedade do PPGTE, também são utilizados na tese o que enfatiza a aderência desta pesquisa.

Finalmente, o estudo de como se dá a criação do conhecimento, irá subsidiar a autora da pesquisa para que consiga mapear este processo específico do conhecimento no grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais verificando o processo e como ele se configura nesta comunidade de prática.

O próximo item apresentará a abordagem metodológica desta pesquisa, principalmente qualitativa e que será apresentada de forma detalhada no Capítulo 5 Metodologia da Pesquisa.

1.6 ABORDAGENS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

É importante apresentar os paradigmas de pesquisa que sustentam esta tese, para na sequência, expor o método de investigação. Pode-se dizer que paradigma é um padrão, são crenças que os indivíduos possuem a respeito da realidade “sobre como as coisas são (ontologia) e sobre a forma como acreditamos que o conhecimento humano é construído (epistemologia)” de acordo com Saccol (2009, p.251). O paradigma daquilo que se acredita é o que norteará o método de pesquisa a ser utilizado e, conseqüentemente, as técnicas de coleta e análise de dados.

A ontologia delimitará o problema de pesquisa, o que demonstrará como o investigador percebe os fatos sociais ou físicos. Ela pode ser realista, idealista ou ainda a ontologia que preza pela interação sujeito-objeto (SACCOL, 2009).

A epistemologia por sua vez, ramifica-se em três linhas de pensamento: a objetivista - quando os significados existem independente do ser humano, a subjetivista - quando os significados são instituídos pelo indivíduo e, a construtivista – quando os significados são construídos por meio do envolvimento com o mundo. E esta pesquisa se caracteriza como subjetivo-construtivista porque os significados são elaborados e construídos pelas pessoas por meio de seus conhecimentos de mundo.

Esta foi uma pesquisa fundamentalmente qualitativa e usou, quanto ao método, sobretudo da pesquisa bibliográfica, mas também se valeu de levantamentos em pesquisa de campo, junto ao grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais por meio de participação observante¹², metodologia em que o entrevistador se insere e interage como um elemento da comunidade, que possui ciência dos propósitos da investigação. É ainda o processo em que o entrevistador se torna a sombra do entrevistado, neste caso, a sombra das pescadoras, que por sua vez, serão a luz para a pesquisadora, tendo como pano de fundo o diálogo e o afetamento para chegarem a um objetivo comum (GERBER, 2015). Foi um mergulhar naquele contexto, no tempo, no conhecimento que vem da prática, e um trazer para a superfície as experiências de vida destas mulheres.

Todos esses são procedimentos que possibilitam perceber as especificidades dos espaços que as mulheres ocupam e que muitas vezes são invisíveis em um primeiro olhar (GERBER, 2015). Os resultados da pesquisa neste escopo, obrigatoriamente devem ser apresentados para a comunidade, para que tomem deles conhecimento, é uma devolutiva do processo do qual participaram (PERUZZO, 2017).

Tem a condução da pesquisa um Protocolo de Observação – Quadro 3, que conjuntamente com o instrumento de coleta de dados – Roteiro de Entrevistas – Quadro 12, direcionaram a entrevista em profundidade, também chamada de entrevista prolongada que, de acordo com Peruzzo (2017), configura-se como história oral. Esse é o método de pesquisa em que “o entrevistador se mantém em uma situação flutuante que permite estimular o entrevistado a explorar o seu universo cultural sem questionamento forçado” (THIOLLENT, 1982, p. 86). É um método qualitativo que coleta dados por meio da observação do pesquisador, das atividades

¹² “É um neologismo de pesquisa participante como forma de clarificar sua distinção de observação participante, pois trata-se de um enfoque que admite e pressupõe um nível mais elevado de participação ou envolvimento do investigador no grupo pesquisado.” (PERUZZO, 2017, p. 161).

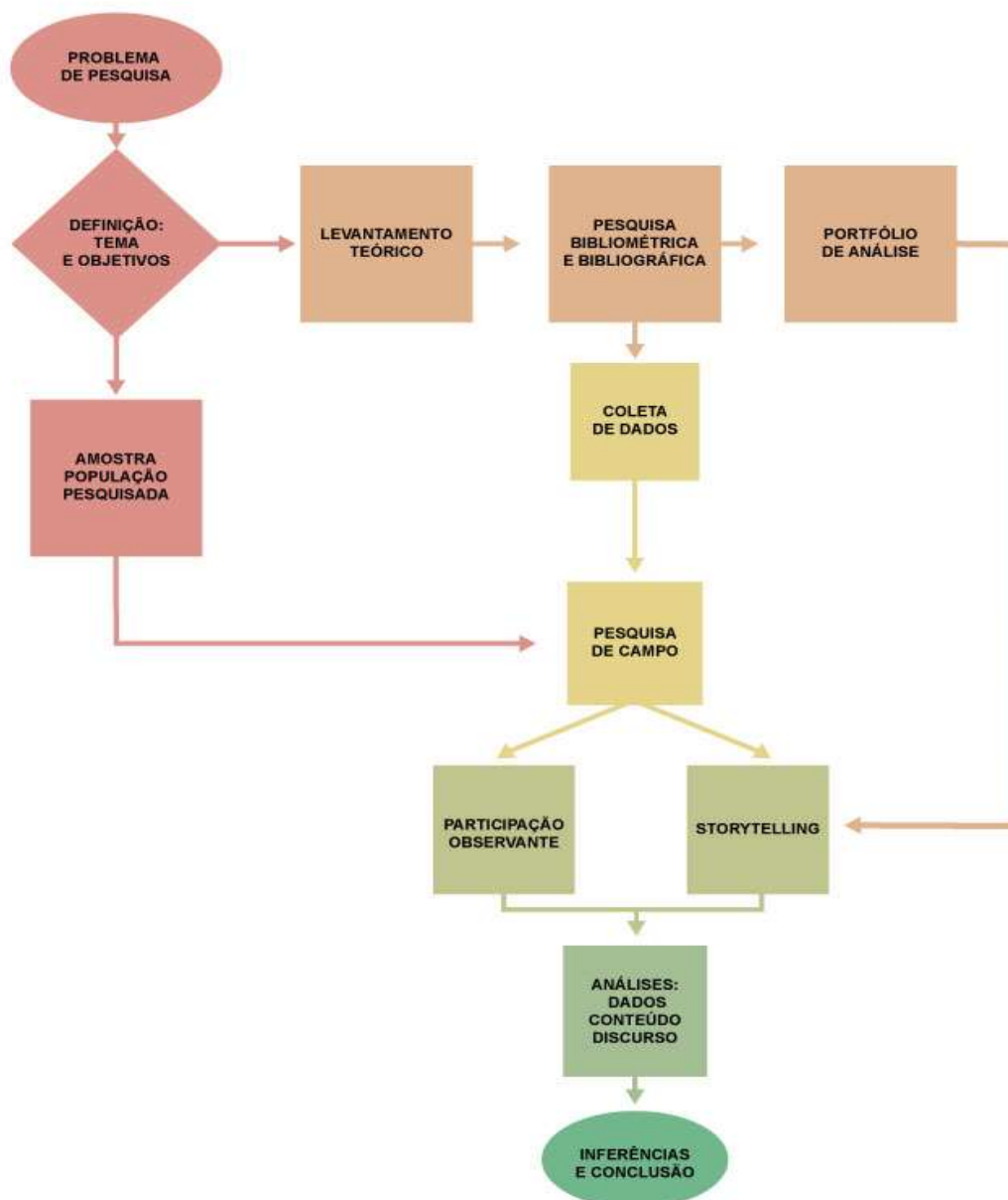
do dia a dia de uma comunidade, com o intuito de estudar algum aspecto específico do contexto social do grupo (GIVEN, 2008). A técnica de coleta privilegiou a história de vida que, conforme Goy (1980), é um acervo enredando o que é real, o que se vive, o que se possui, o que se imagina, se idealiza, se supõe. A história de vida incorpora as vivências individuais aos contextos sociais (PAULILO, 1999). Além de tudo isso, deve-se “escutar com os olhos”, se transformar em sombra destas mulheres para apreender as sutilezas de suas práticas, de seus dias, observando e participando intensamente, conforme relata Gerber (2015).

Latour (2006) diz que o pesquisador desenvolve experiências a partir de seu objeto de investigação utilizando-se de diversas ferramentas para a construção do conhecimento. Esta afirmação representa, de forma sucinta, o processo orientador desta pesquisa, juntamente com o que preconiza Favret-Saada (2005) pois, há um envolvimento, do pesquisado e do pesquisador que gera um afetamento entre as partes o que faz ser essencial o método de pesquisa de participação observante, conforme registra a autora:

No começo, não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado (FRAVET-SAAD, 2005, p. 157).

Por ora, demonstra-se resumidamente, por meio da Figura 4 as etapas que a pesquisa irá percorrer, iniciando com o problema de pesquisa, salientando que o detalhamento dos procedimentos de pesquisa é encontrado no Capítulo 5, incluindo às questões pertinentes ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Figura 4 – Etapas da pesquisa



Fonte: Autoria própria (2017).

Observa-se que a pesquisa perpassa pela Pesquisa Bibliográfica, com a Análise de Conteúdo e, em seguida, a pesquisa de campo e, de posse dos dados coletados, estes foram analisados, resultando nas inferências e conclusões. Na sequência, apresenta-se as teorias utilizadas que subsidiam a questão norteadora e atende aos objetivos estipulados.

1.7 MARCO TEÓRICO

A criação, a construção e o compartilhamento do conhecimento são assuntos abordados neste trabalho sob a perspectiva de Polanyi (1966) e de Nonaka (1994), especialmente por meio do modelo tradicional de Gestão do Conhecimento, com seus processos de conversão, o Modelo SECI. Estes assuntos estão relacionados com as discussões e inferências aqui desenvolvidas. As questões relativas às comunidades de prática foram desenvolvidas a partir dos conceitos de Lave e Wenger (1991).

A Teoria Ator-Rede, fundamentando e interligando esses elementos e contribuindo nas análises de interações dos diferentes atores enredados nas dinâmicas das relações, auxiliou como viés construtor metodológico. Para este embasamento, utilizou-se dos conceitos de Callon (1989) e de Latour (2011, 2012) pertinentes a TAR, pautados no princípio de simetria, de tradução e de como os atores estão conectados a uma rede heterogênea, compondo o tecido social.

Concluindo, utilizou-se para embasar a metodologia desta pesquisa os estudos de Bardin (2011), Gil (2010), Lakatos e Marconi (1996 e 2011) e Vergara (2005). O embasamento teórico e o metodológico serão discutidos em capítulos específicos, segundo uma estrutura descrita em continuidade.

1.8 ESTRUTURA DO TRABALHO

A estrutura da presente tese está organizada em Capítulos. No capítulo 1 apresenta-se o viés filosófico, as teorias de base e os desdobramentos, como tema de pesquisa, o problema, os objetivos, os procedimentos metodológicos e a estrutura do trabalho.

O Capítulo 2 apresenta a Criação do Conhecimento com as etapas sobre a evolução do conhecimento, os conhecimentos tácito e explícito, a conversão do conhecimento, a capacitação para a criação do conhecimento e os ambientes de criação do conhecimento; o Capítulo 3 compreende as CoPs, conceitos, estruturas, princípios e tipologias e os ciclos de vida das CoPs. O alinhamento conceitual da pesquisa consta do Capítulo 4 com os conceitos da TAR, que permitem rastrear redes e a verificar a intensidade dos seus laços.

A metodologia está descrita no Capítulo 5 com o alinhamento metodológico, a Análise de Conteúdo, a operacionalização, o método e o formato da pesquisa, o Protocolo de Observação – Quadro 3 e o Roteiro de Entrevistas – Quadro 12, para fundamentar a entrevista em profundidade. A apresentação dos dados e Resultados constarão do Capítulo 6 e, por último, o Capítulo 7 onde serão expostas as Considerações Finais.

2 CONHECIMENTO – DA CONCEITUAÇÃO A CONVERSÃO

O conhecimento era o alimento da alma para Platão (HALL, 1980) porque é por meio dele que as pessoas compreendem a realidade, são capazes de interpretá-la e, a partir disso, se empoderam, conquistando sua liberdade. Platão, com base na Alegoria da Caverna¹³, descreve que o indivíduo pode viver entre as sombras, em sua ignorância, ou na luz da sabedoria e do conhecimento (HALL, 1980). Nonaka (1991) afirmava que as instituições organizacionais são elementos vivos porque delas fazem parte, os indivíduos, possuidores de *insights*, intuição, ideais, ideias tácitas e subjetivas, capazes de converter esses aportes em elementos significativos para a instituição, na forma de conhecimento. Esse autor reitera que o conhecimento é uma vantagem competitiva no mercado globalizado. No entanto, os gerentes ocidentais entendem que o conhecimento benéfico é aquele que surge da análise de dados mensuráveis, ou dados brutos, enquanto que os orientais veem os indivíduos como trabalhadores do conhecimento, valorizando a forma sistêmica de criação do conhecimento, tornando este elemento eficaz para as organizações (NONAKA, 1991).

Nonaka e Takeuchi (1997, p. 62) salientavam que a instituição cria, compartilha e utiliza o conhecimento por meio dos indivíduos, convertendo-o de tácito para explícito; este conhecimento perpassa diversas esferas organizacionais, como a individual, a grupal, a organizacional e a interorganizacional, em um processo ontológico.

Tendo como foco o conhecimento, portanto, este Capítulo apresenta, nas Seções que se seguem, seus conceitos, suas tipologias, o processo de criação e de conversão do conhecimento e os ambientes de criação do conhecimento ou contextos capacitantes ou *ba*.

¹³ A Alegoria da Caverna foi apresentada pelo filósofo grego Platão em sua obra República (514a-520a) para comparar os efeitos entre a educação e a falta dela na natureza. Está escrito como um diálogo entre o irmão de Platão, Glaucon, e seu mentor, Sócrates. A aceitação de crenças não comprovadas era um estado de escuridão (HALL, 1980).

2.1 CONCEITUAÇÃO DE CONHECIMENTO

Duas escolas da filosofia ocidental se empenharam em entender o que é o conhecimento: o empirismo e o racionalismo. Para o empirismo o conhecimento não é pressuposto, é adquirido por meio das experiências e pela indução (MÜLLER, 2018; NONAKA; TAKEUCHI, 2008; WIERINGA, *et al.*, 2018). Já para o racionalismo, o conhecimento é produto do processo mental, obtido pela dedução (TATTO; BORDIN, 2016; NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

Outros estudos focam em tipos diferentes de conhecimento existentes na sociedade, como o conhecimento científico e o conhecimento popular (LAKATOS; MARCONI, 1982). O científico baseia-se na lógica, no pensamento crítico e analítico, comprovando a fidedignidade ou não dos fatos. Já o conhecimento popular, empírico ou de senso comum, é adquirido por meio da observação, da interação e da dedução do indivíduo tendo como base as experiências pessoais. No entanto, há que se evidenciar que não há hierarquia entre esses conhecimentos, nenhum é superior ou inferior ao outro, mas possuem relevância e serventia em seus contextos (LAKATOS; MARCONI, 1982; SCHEID; FERRARI; DELIZOICOV, 2016; WIERINGA, *et al.*, 2018;

Drucker (1993, p. 214) conceitua conhecimento como “informação que modifica algo ou alguém – seja inspirando ação, seja tornando uma pessoa (ou uma instituição) capaz de agir de maneira diferente e mais eficaz”. O indivíduo conquista o conhecimento e, de posse dele, pode se destacar, utilizando-se das informações da melhor maneira. Castells (1999) argumentava que o conhecimento se dá pela informação e tem o objetivo de atender às necessidades dos indivíduos e das organizações para melhoria da qualidade de vida.

Em Davenport e Prusak (1999, p. 6) “conhecimento é uma mistura fluida de experiência condensada, valores, informação contextual e *insight* experimentado, a qual proporciona uma estrutura para avaliação e incorporação de novas experiências e informações”, isto é, o conhecimento descende das informações concebidas, entendidas e guardadas cognitivamente, pois a soma dos dados mais a informação, conectados aos processos mentais, se traduzem em conhecimento (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001; WIERINGA, *et al.*, 2018;).

Nos estudos de Wieringa, *et al.* (2018, p. 3, 7) foi utilizado o conceito de *Mindlines* de que o conhecimento tácito é internalizado e reforçado coletivamente por meio das

interações sociais e de outras fontes de conhecimento, em grande parte tácito, baseado em treinamentos e nas experiências práticas. *Mindlines* são linhas mentais não somente retas, mas um labirinto de linhas que devem ser vistas como um sistema aberto e imensurável – a ideia aproxima-se de Latour (2001, p. 205) – que apresenta a mediação técnica que ocorre entre atores humanos e não humanos e o “que as coisas nos levam a fazer”. Este conceito aborda como a crença que se possui afeta a compreensão de como este processo se desenvolve nos coletivos (humanos e não humanos). Latour (2001) afirma que neste coletivo a mediação técnica se faz por meio de quatro significados: a interferência, a composição, o entrelaçamento do tempo e do espaço e a transposição da fronteira ente signos e coisas.

O conhecimento é mutável e pode assumir diferentes perspectivas nas organizações, como sendo uma crença verdadeira e justificada, ele depende do significado que o indivíduo lhe dá, de acordo com o benefício que lhe trará (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001).

Polanyi (1962, p. 192, tradução nossa) e Nonaka e Takeuchi (1997, p. 63) se apropriam da ideia de Platão (427a.C. – 347a.C.), de que “conhecimento é fé verdadeira e justificada”, reforçando o pensamento de que o indivíduo possui a certeza de ser verdadeiro aquilo que conhece.

Portanto, quando o indivíduo se compromete fortemente com uma crença, tal crença pode não ter relação com a realidade, mas esta crença será verdadeira quando existir um fato correspondente, ou será falsa quando não existir tal fato. Polanyi (1958, p. 68) complementa afirmando que a fé ou a crença de um indivíduo em uma teoria não consiste em um fiel e autêntico conhecimento a respeito dela, pois sempre haverá a possibilidade desta teoria ser modificada, não configurando um conhecimento inteiramente verdadeiro.

Para complementar, apresenta-se a visão de Stewart (1998) de que conhecimento é um ativo intangível que forma o capital intelectual da organização e reitera:

O capital intelectual é a soma do conhecimento de todos em uma empresa, o que lhe proporciona vantagem competitiva. Ao contrário dos ativos, com os quais empresários e contadores estão familiarizados – propriedade, fábricas, equipamentos, dinheiro -, o capital intelectual é intangível (STEWART, 1998, p. 5).

Muitos são os conceitos de conhecimento e os esforços para compreendê-lo, portanto buscou-se alguns conceitos de autores concernentes a esta pesquisa, que estão compilados no Quadro 1.

Quadro 1 – Conceito de conhecimento

Autor	Conceito de conhecimento
Brown, Collins e Duguid (1988, p. 32)	Ele é situado, ocorre a partir do contexto e da cultura, sendo resultado da atividade e das situações experienciadas.
Castells (1999, p. 123-124)	É o conjunto de informações reunidas sobre episódios ou ideias, apresentadas de forma sensata, por meio de comunicação, a outras pessoas.
Davenport e Prusak (1999, p. 6)	É uma mistura espontânea das situações vividas, baseadas em valores, no contexto e nas percepções que possibilitam uma organização para a avaliação e inclusão de novas situações. Sua gênese parte da mente daquele que conhece.
Drucker (1991, p. 214)	É a informação capaz de modificar algo ou alguém, motivando-os para ação, tornando-os (pessoa ou instituição) capazes de atuar de forma diferente e eficaz.
Lave e Wenger (1991, p. 211)	A natureza da aprendizagem, ¹⁴ advém da interação social, da competência com relação a empreendimentos valorizados ¹⁵ , da participação e engajamento ativo no mundo, inserindo princípios, conceitos e comportamentos e resulta em conhecimento. O conhecimento é o substrato que se obtém do processo.
Nonaka e Takeuchi (1997, p. 63)	Conhecimento é um procedimento dinâmico do ser humano para justificar uma crença verdadeira, relaciona-se à ação, à atitude e a intenção.
Polanyi (1962, p. 182)	É um sistema de crenças enraizados em nossa história, que aparecerão na ciência, com a qual estamos comprometidos verdadeiramente.
Stewart (1998, p. 5)	É o capital intelectual da organização, portanto, um ativo intangível.
Von Krogh; Ichijo e Nonaka (2001, p. 15)	O conhecimento é mutável, tácito, explícito, parte de uma crença verdadeira e justificada, sua eficiência necessita de um contexto capacitante.

Fonte: Autoria própria (2018).

Com base nos conceitos do Quadro 1, deduz-se que os conhecimentos tácito ou explícito são dinâmicos, sem existência física ou material. Obtém-se estes conhecimentos por meio de interações sociais, de experiências em contextos capacitantes adequados que possam atender às necessidades dos indivíduos, das organizações e da coletividade, desde que estes partilhem de um mesmo objetivo.

¹⁴ Lave e Wenger (1991) utilizaram a expressão *learning* que significa aprendizagem, porém neste contexto faz-se a relação com “conhecimento”.

¹⁵ Lave e Wenger (1991) utilizam a expressão “empreendimentos valorizados”, para estes autores significa o fato de cantar com propriedade, realizar descobertas, construir objetos, ser feliz e assim sucessivamente.

Nonaka e Takeuchi (1997) direcionam seus estudos sobre a criação do conhecimento nas organizações e, a partir deles, evidenciam algumas reflexões a respeito, como também, ressaltam a importância fundamental da teoria do conhecimento na diferenciação entre conhecimento tácito e explícito, e que o segredo para a criação do conhecimento está na mobilização e na conversão do conhecimento tácito em explícito.

2.2 CONVERSÃO DO CONHECIMENTO: TIPOLOGIA E PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO

Esta seção está estruturada da seguinte forma: apresenta-se a tipologia do conhecimento, os processos de criação e de conversão do conhecimento, finalizando com os ambientes de criação do conhecimento, conhecidos também como contextos capacitantes ou *ba*. Aproxima-se, desta forma os conceitos de Polanyi (1962) e Nonaka (1994).

2.2.1 Tipologia do Conhecimento

Em 1958, o filósofo Michael Polanyi (1958) publicou o livro *Personal Knowledge*¹⁶. A partir desse momento, de acordo com Oliveira (2005), foi inserido nos estudos acadêmicos o conceito de conhecimento tácito – a expressão qualificadora tácito é derivada do latim *tacitus*, que significa o conhecimento que muitas vezes não é gerenciável, também não é de fácil formalização ou expressão, está ligado às habilidades motoras, técnicas, comportamentais e à cognição, e se desenvolve por meio da vivência, das experiências (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

O conhecimento tácito é inerente às pessoas porque são elas que concebem e determinam seu universo por meio de modelos mentais, de referências, de procedimentos, de crenças e de pontos de vista; pode-se chamar este conhecimento também de fundamentos cognitivos ou de inteligência não-articulada (POLANYI,

¹⁶ POLYANI, Michael. *Personal knowledge. Towards a post-critical philosophy*, London, 1958.

1958; WIERINGA, *et al.*, 2018;). Essa é uma primeira inteligência que surge e equipara-se com a dos animais. Porém, o ser humano, demonstra sua superioridade intelectual por meio da fala e do discurso. A linguagem aumenta a capacidade cognitiva do indivíduo (POLANYI, 1958, p. 80-81 tradução nossa):

Reconhecidamente, a linguagem é primária e interpessoal e, em algum grau, passional; exclusivamente se tratando de expressão emocional (comunicação passional) e do discurso imperativo (ação, ou ordem, passados por meio da fala), mesmo em declarações afirmativas há um propósito (comunicar) e paixão (expressar crença). De fato, é precisamente o ingrediente da crença pessoal, inerente e necessário, até mesmo às formas menos pessoais de expressão, que meu argumento procura expor. Mas, as atribuições intelectuais peculiares, conferidas pela articulação, podem ser reconhecidas claramente se desconsiderarmos, por um momento, essa possibilidade e atendermos, principalmente, ao simples uso indicativo e solitário da linguagem¹⁷.

Polanyi (1958) afirma, ainda, que se percebe muito além do que se é capaz de expressar. Em essência, esse autor afirma que o conhecimento possui dois enfoques intimamente dependentes que estão em uma relação de complementaridade. Tais enfoques estão no conhecimento tácito e o no conhecimento explícito.

O conhecimento tácito é o conhecimento pessoal, a visão de mundo que cada pessoa possui, suas crenças e valores, é o conhecimento que pertence àquela pessoa específica, conforme assevera Polanyi (1958). Este autor exemplifica esta situação descrevendo o processo de como se aprende a andar de bicicleta uma vez que o ciclista não possui os conhecimentos da física para manter o equilíbrio, ou a questão da força centrífuga e de como aplicá-los nesta empreitada. Ele sustenta que se aprende a andar de bicicleta e mantê-la em equilíbrio, simplesmente andando de bicicleta.

¹⁷ Admittedly, language is primarily and always interpersonal and, in some degree, impassioned; exclusively so in emotional expression (passionate communication) and imperative speech (action by speech), while even in declaratory statements of fact there is some purpose (to communicate) and passion (to express belief). In fact, it is precisely the ingredient of personal passion inherent in and necessary to even the least personal forms of speech which my argument seeks to exhibit. But the peculiar intellectual powers conferred by articulation can be recognized more clearly if we disregard this possibility for the moment and attend principally to the bare indicative solitary use of language (POLANYI, 1958, p. 80-81).

Um problema é um desejo intelectual e, como todo desejo, postula a existência de algo que possa satisfazê-lo; no caso de um problema, sua solução é satisfatória. Como todo desejo estimula a imaginação a se debruçar sobre os meios de satisfazê-lo, e por sua vez é despertado pelo jogo da imaginação que promoveu, também se interessando por um problema, começamos a especular sobre sua possível solução e, ao fazê-lo ficamos mais envolvido com ele (POLANYI, 1958, p. 135, tradução nossa)¹⁸.

Polanyi (1958) diferencia, quando se refere às habilidades – o fazer – de *connoisseurship*¹⁹ ou *expertise*²⁰ que é o saber. Esse autor exemplifica utilizando-se do fato que as pessoas aprendem a andar de bicicleta independente de regras, se aquelas fossem seguir as regras de como andar de bicicleta, e executá-las tal qual determina o manual, muito provavelmente, o resultado seria desastroso. Porém, quando não se pensa nas regras, a *performance* é ainda melhor, isso porque as regras estão internalizadas e desenvolve-se a atividade sem o discernimento que se está seguindo um conjunto de regras e muitas vezes este processo é realizado inconscientemente (POLANYI, 1958).

Polanyi (1958, p. 49, tradução nossa) afirma que o objetivo de possuir um desempenho hábil é alcançado pelo cumprimento de um conjunto de regras que não são conhecidas como tal pelas pessoas que as seguem²¹. Pode-se afirmar que, nesta situação, em que a pessoa possui a *expertise*, a respeito de um determinado assunto, seu conhecimento tácito será maior e ele se torna o *connoisseurship*.

O método utilizado para se fazer o retrato falado de uma pessoa é outro exemplo efetivo do assunto tratado: mesmo com a escolha de tipos de bocas, de nariz e de formatos de rosto, o ato de comunicar/mostrar este retrato para o conhecedor demonstra que se busca a informação no conjunto de conhecimentos tácitos possuídos. Ao fazer estas buscas, que derivam das lembranças e do conhecimento tácito, as pessoas não são capazes de descrever como possuem essa sabedoria. “O conhecimento de traços característicos é valiosíssimo como máxima para a

¹⁸ A problem is an intellectual desire and like every desire it postulates the existence of something that can satisfy it; in the case of a problem its satisfier is its solution. As all desire stimulates the imagination to dwell on the means of satisfying it, and is stirred up in its turn by the play of the imagination it has fostered, so also by taking interest in a problem we start speculating about its possible solution and in doing so become further engrossed in the problem (POLANYI, 1958, p. 135).

¹⁹ Connoisseurship = conhecedor.

²⁰ Expertise = especialidade, perícia, opinião.

²¹ “the aim of a skilful performance is achieved by the observance of a set of rules which are not known as such to the person following them” (POLANYI, 1958 p. 49).

identificação de espécimes, mas como todas as máximas só é útil para aquele que possui a arte de aplicá-la” (POLANYI, 1958 p. 351). Complementa ainda, esse autor, que os saberes subentendidos, quando desvendados, podem produzir novos conhecimentos ao serem explicitados.

O conhecimento é tácito, explícito e cultural, conforme afirmam Nonaka e Takeuchi (1997) e convive no cognitivo como também entre as pessoas dinâmicas e desenvoltas que compartilham um esforço coletivo e simultâneo de um determinado objetivo.

O conhecimento explícito é passível de ser compartilhado por meio da linguagem formal e sistematizado em documentos, manuais, multimídias e signos. Ele resulta da educação formal e da compreensão dos fatos (NONAKA; KONNO, 1998). Este conhecimento, por ser objetivo, é de fácil compartilhamento, simplificando sua propagação dentro das organizações, o que é um aspecto positivo do aspecto gerencial.

Para Nonaka e Takeuchi (1997) os ocidentais privilegiam mais esse tipo de conhecimento, o explícito, por entenderem que o conhecimento formal seja mais importante. Os orientais, por sua vez, enfatizam o conhecimento tácito por entenderem que o importante é a criação social.

Polanyi (1962) afirmava que as pessoas acreditam em determinados pressupostos explícitos porque descobrem que eles estão implícitos em suas crenças e exteriorizam, de forma natural, estes conhecimentos explícitos por meio da linguagem e das mais diversas formas de comunicação, verbal, visual, escrita e virtual.

Em Nonaka e Takeuchi (2008) e Bertagnolli (2018), igualmente, o conhecimento explícito, se apresenta organizado, metódico e categórico, podendo ser comunicado e compartilhado facilmente por meio da linguagem, de códigos, de documentos, de normas, de regras e salientam que este conhecimento se transforma em informação.

O conhecimento explícito resulta dos pressupostos que se possui, dos conhecimentos e saberes tácitos dos indivíduos que, por meio de interação social, trocam e produzem o conhecimento explícito. Esta troca entre o grupo faz com que aumente a produção de conhecimento explícito, o que representa uma oportunidade de construção de conhecimento coletivo, compartilhado e divulgado formalmente na organização (BERTAGNOLLI, 2018; NONAKA; TAKEUCHI, 2008).

A recomendação de Nonaka e Takeuchi (1997, p. 285) é de que as organizações busquem o equilíbrio dando “a atenção ao lado menos formal do conhecimento e

sistemático do conhecimento [...] [concentrando-se] mais nos insights, intuições e palpites altamente subjetivos obtidos através da experiência ou do uso de metáforas ou imagens”. A criação do conhecimento é, portanto, o resultado do vínculo entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito que facilitam o processo de conversão a partir do individual para o organizacional. As organizações que conseguem estruturar esta relação tendem a ser mais competitivas (MAROUF; KHALIL, 2015).

Nonaka e Takeuchi (1997) ressaltam que o primordial da teoria de criação do conhecimento é a diferenciação entre conhecimento tácito e explícito, e que o segredo para a criação do conhecimento está na mobilização e na conversão do conhecimento tácito em explícito criando processos de conversão e ampliação do conhecimento.

Nonaka e Konno (1998), apresentam o Modelo SECI como uma representação da dinâmica existente entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito descrevendo o processo de conversão destes. Este modelo se retroalimenta, pois, quando o conhecimento tácito se manifesta ele se converte em conhecimento explícito, redefinindo-se de forma sistematizada para que, na sequência, gere novos conhecimentos que, por sua vez, são internalizados.

Wieringa, *et al.* (2018) afirmam que os processos de socialização, externalização, combinação e internalização contribuem para explicitar as linhas mentais que se formam na conversão do conhecimento. Na seção seguinte o processo de conversão do conhecimento será detalhado.

2.2.2 Processos de criação e de conversão do conhecimento

Nonaka (1994) apresentou a Espiral do Conhecimento e os Modos de Criação do Conhecimento evidenciando que o conhecimento é individual. No entanto, na medida em que for explicitado, pode ser compartilhado transformando-se em conhecimento de grupo e até mesmo da sociedade.

Quando um modelo mental compartilhado é formado no campo de interação, a equipe auto-organizada expressa esse modelo através do diálogo contínuo, sob a forma de reflexão coletiva. O modelo mental tácito compartilhado é verbalizado em palavras e frases e, finalmente, cristalizado em conceitos explícitos. (NONAKA, 1994, p.98, tradução nossa).

A espiral do conhecimento é um processo organizacional que faz com que a instituição gere conhecimento. A espiral do conhecimento depreende quatro processos de conversão que são:

1 Socialização – do conhecimento tácito para o conhecimento tácito

O compartilhamento de experiências, a socialização é onde se cria o conhecimento tácito, que é construído por meio da observação, da imitação e da prática (NONAKA; TAKEUCCHI, 2008). Os autores observaram empresas japonesas e descreveram que este processo acontece por meio de discussões detalhadas, em: “*fórum* para o diálogo criativo [...] que compartilha experiências e fortalece a confiança mútua entre os participantes” (NONAKA; TAKEUCCHI, 2008, p. 61); na observação de determinada atividade, na qual um indivíduo possui a experiência e outro necessita desenvolver tal habilidade. É a relação mestre-aprendiz, em que o aluno necessita destes conhecimentos práticos (STRAUHS *et al.*, 2012; STRAUHS; XAVIER, 2019), por exemplo. Os momentos de socialização estabelecem novos padrões cognitivos e levam os indivíduos aprendizes a conhecer e adquirir uma habilidade (NONAKA; TAKEUCCHI, 2008).

2 Externalização – do conhecimento tácito para o conhecimento explícito

É o processo no qual se externaliza os conhecimentos tácitos em conceitos explícitos por meio de metáforas, de analogias, de conceitos, de conjecturas ou de exemplos. Quando se quer descrever uma imagem por meio da linguagem pode-se deixar lacunas entre a imagem e o que se tenta descrever. Este procedimento oportuniza a reflexão e a interação (NONAKA; TAKEUCCHI, 2008). O processo de criação de conceitos por meio do diálogo e da reflexão coletiva sistematiza o conhecimento tácito que, por sua vez, se transforma em explícito. Este é o modo de conversão do conhecimento chave para a criação do conhecimento no qual a metáfora torna-se um mecanismo para a “criação de uma rede de novos conceitos” (NONAKA; TAKEUCCHI, 2008 p. 65).

3 Combinação – do conhecimento explícito para o conhecimento explícito

É o processo no qual os conceitos são sistematizados gerando um conjunto de conhecimentos. O modo de combinação se utiliza de documentos, de diálogos,

da comunicação eletrônica que, separados, combinados, classificados, geram um novo conhecimento (TAKEUCHI; NONAKA, 2008). “Esse compartilhamento de informações, com vistas à criação do conhecimento, em geral é uma troca entre iguais” (STRAUHS *et al.*, 2012, p. 40-41).

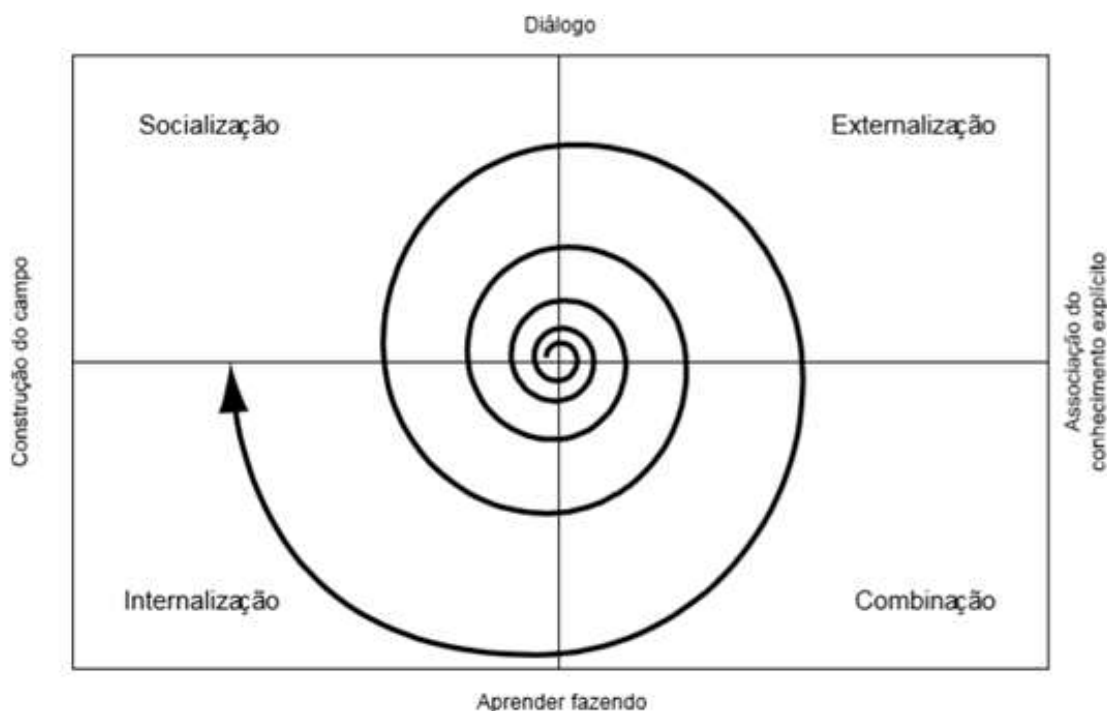
4 Internalização – do conhecimento explícito para o conhecimento tácito

Incorporar o conhecimento explícito, introjetá-lo inconscientemente faz com que se crie conhecimento tácito. Situações vivenciadas por meio da socialização, da externalização e da combinação são internalizadas nos padrões cognitivos do indivíduo (NONAKA; TAKEUCCHI, 2008). Este processo está ligado a capacidade de reproduzir e de recriar criticamente um trabalho (STRAUHS *et al.*, 2012).

Para que o conhecimento explícito seja tácito sugere-se que sejam utilizados manuais, diagramado em documentos para que auxiliem a internalização das situações que experienciaram e, posteriormente, compartilhar estas vivências com outros indivíduos (NONAKA; TAKEUCCHI, 2008)

Este processo, também conhecido como Modelo SECI, resultando do acrônimo das quatro primeiras letras dos modos de conversão (**S**ocialização, **E**xternalização, **C**ombinação, **E**xternalização), deve ser realizado até completar uma espiral, conforme se apresenta na Figura 5.

Figura 5 – Modelo SECI de criação do conhecimento



Fonte: Adaptado de Nonaka e Takeuchi (1997, p. 80)

O processo de criação do conhecimento “é frágil”, portanto, necessita de sustentação de diversos procedimentos para que ocorra eficazmente, afirmam Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001, p. 29). Nas organizações, este processo é sustentado por múltiplas atividades, podendo envolver todos os *stakeholders*²².

Cinco capacitadores são evidenciados e influenciam assertivamente na criação e nivelação do conhecimento e demonstram que “a capacitação do conhecimento deve ser vista de maneira circular” tendo como objetivo o aumento iminente do potencial de criação do conhecimento (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001, p. 17).

- **Capacitador 1: Instilar a visão do conhecimento**

À organização deve possuir uma visão clara do mercado e o que o futuro reserva para o segmento em que ela está inserida. Deve-se inculir, na organização, estratégias de como enfrentar os desafios e se manter competitiva. “A visão do conhecimento está atrelada com firmeza a uma estratégia de avanço que enfatize

²² *Stakeholders* = partes interessadas.

o desempenho e o sucesso da empresa no futuro” (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001, p. 130).

- **Capacitador 2: Gerenciar conversas**

Este capacitador está associado aos relacionamentos e à solicitude. Ele influencia as cinco fases da criação do conhecimento. O ambiente de solicitude é essencial e estimula que os membros se envolvam e compactuem com as ideias do grupo. Quando eficazes, estas conversas auxiliam no desenvolvimento da criatividade, estimulam o compartilhamento, a criação de conceitos e as justificativas destes. A construção do conhecimento se efetiva nas conversas gerenciadas que, por sua vez, perfazem os princípios que: (i) estimulam a participação; (ii) estabelecem um código para o diálogo; (iii) editam adequadamente o conteúdo da conversa; (iv) estimulam a conversa transformadora (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001).

- **Capacitador 3: Mobilizar ativistas do conhecimento**

Evidencia as pessoas que gerenciam e coordenam os processos de criação do conhecimento auxiliando na justificação dos conceitos, estimulando as microcomunidades, detectando sinergias e redundâncias no novo conhecimento explícito. Desta forma auxilia as comunidades a alinhar seus trabalhos com a visão da organização (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001, p. 19).

- **Capacitador 4: Criar o contexto adequado**

O contexto capacitante ou *ba* adequado precisa existir porque, conforme Nonaka e Konno (1998, p. 40) e Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001, p. 66), o *ba* é também uma “rede de interações determinada pela solicitude e pela confiança dos participantes”. Portanto, infere-se que o contexto não depende de um lugar físico e o ponto central são as pessoas e o envolvimento com as ideias do grupo, conforme propõem também Sencioles (2014) e Gomes (2018). Dentro das organizações o contexto tem como base a estrutura organizacional e está alinhado com a estratégia da empresa. Neste contexto, é essencial que se empregue as condições capacitantes e as fases de compartilhamento do conhecimento com o propósito de converter o conhecimento tácito em explícito ou social para ser utilizado na organização (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001; FLETCHER, 2014).

- **Capacitador 5: Globalizar o conhecimento**

Este capacitador dissemina o conhecimento para a organização e para além dela quando esta possui atuação global. Ele “é mais importante quando a criação e utilização de conhecimento estão segregadas no tempo e no espaço sendo fundamental, neste caso, para fomentar o conhecimento organizacional” (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001, p. 20). Infere-se que este elemento atenda diversos tipos de organizações, incluindo informais e institucionais. A difusão do conhecimento é apoiada pela presença de ativistas do conhecimento que estimulam, coordenam e divulgam uma visão ampla a respeito do conhecimento fazendo com que o processo de capacitação do conhecimento integre o grupo de capacitadores de forma circular pretendendo, com isso, que a criação do conhecimento possa ser nivelada e aumentada, de acordo com Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001).

Por conseguinte, a conversão do conhecimento é compreendida como um processo social e o conhecimento, tanto o tácito quanto o explícito, se amplificam em termos de quantidade e qualidade (NONAKA; TAKEUCHI, 2008). No entanto, o processo de criação e compartilhamento do conhecimento necessita de ambientes favoráveis para que o processo se efetive, conforme afirma Fletcher (2014, p. 77), sendo tais ambientes também “uma oportunidade para adaptar-se e moldar práticas, transcender as próprias perspectivas limitadas e contribuir para o estabelecimento de um nível de engajamento relacional que facilite um contexto habilitando o conhecimento”. Portanto, no item a seguir demonstra-se estes contextos capacitantes.

2.2.3 Ambientes de criação do conhecimento, ou contextos capacitantes, ou *ba*

Infere-se que a criação do conhecimento nas organizações expande e fortalece o conhecimento gerado pelos indivíduos solidificando-o entre as diversas conexões das organizações. O conhecimento novo só pode ser criado por meio da discordância e da interação intensiva entre ambiente externo e interno, do compartilhamento e da internalização de habilidades e de aprendizados de outros e de seu ajuste à identidade organizacional ou institucional (NONAKA, 1991; NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

Takeuchi e Nonaka (2008, p. 95-96) estudaram os Sistemas de Criação do Conhecimento utilizando como base a Teoria da Estruturação de Giddens (1984) que explora a maneira como os sistemas sociais são elaborados e reelaborados por meio da interação social.

A Teoria da Estruturação de Giddens (1984) postula que os humanos desenvolvem e executam papéis e normas, conforme a visão que possuem da realidade do contexto onde estão inseridos. Esse autor considera que as ações humanas se adequam às regras e às normas específicas de cada estrutura social que compreendem a demarcação, o tempo e o espaço de sistemas sociais, bem como os espaços que possibilitam as práticas sociais (GIDDENS, 1984, p.13).

Takeuchi e Nonaka (2008) asseguram que a estrutura e o ser humano são formas de conceber a ação social. Para eles, os ambientes influenciam os seres humanos e estes, por sua vez, os recriam de modo contínuo por meio da interação social, ou seja, o ser humano e as estruturas interatuam na significação e na formação um do outro. Ressalta-se aqui a relação existente entre homem e mulher na pesca. A pesca não existe sem as mulheres e são estes indivíduos, homens e mulheres que criam o conhecimento.

Os indivíduos realizam atos por meio da consciência prática (nível de conhecimento em que elas não pensam para agir) e da consciência discursiva (ações pensadas em um nível consciente do conhecimento). Portanto, a consciência prática equivale ao conhecimento tácito e a consciência discursiva ao conhecimento explícito (GIDDENS, 1984; TAKEUCHI; NONAKA, 2008). Desta forma, os seres humanos e as estruturas são ambientes de criação do conhecimento onde as ações e as interações dos seres humanos com o ambiente criam e aumentam o conhecimento (TAKEUCHI; NONAKA, 2008).

O ambiente, conforme Nonaka e Konno (1998), compreende o espaço físico, o espaço virtual e o espaço mental. Este espaço mental é composto pelo compartilhamento de ideias, de valores, de crenças, de experiências e de motivações. O ambiente somado às ações e às interações resulta na criação e no compartilhamento do conhecimento.

Essas ações devem ser pautadas na ética. Por este motivo, muitas organizações adotam políticas de gestão de pessoas para que a interação e a confiança mútua sejam estimuladas, pois esta é forma com que as pessoas compartilham conhecimento quando percebem que o que tem a dizer será ouvido pelo outro e suas

ideias e sugestões serão respeitadas (VON KROGH *et. al.*, 2001; MAROUF; KHALIL, 2015). Estes são fatores que esclarecem a importância de um ambiente próprio ou de um contexto capacitante que, para Von Krogh *et. al.* (2001, p. 220). “[...] é um espaço de conhecimento compartilhado que encoraja e fomenta a participação em muitos níveis diferentes promovendo a convivência em organizações de alta solicitude”. Este espaço compartilhado, de interação social, agrega a criação do conhecimento por excelência, é uma rede que se movimenta e se modifica, e também é chamado de contexto capacitante ou *ba* (NONAKA; KONNO, 1998).

Kitaro Nishida foi o primeiro a apresentar o conceito de *ba*, que significa lugar, espaço, ou um contexto que acomoda significados, um espaço compartilhado onde se dá a criação do conhecimento, é “um contexto compartilhado em movimento, no qual o conhecimento é partilhado, criado e utilizado” (NONAKA; TOYAMA, 2008, p. 99). O *ba* proporciona a base em que os conhecimentos pessoais ou de grupo são efetivados a partir de interações sociais entre indivíduos que possuem um objetivo comum, estimulando a criação do conhecimento (NONAKA; KONNO, 1998).

Para as organizações é o lugar no qual centraliza-se os processos de criação do conhecimento, vistos como ativos intangíveis. Manifesta-se nas diversas áreas da instituição, nas equipes de trabalho, nas relações informais, em fóruns de discussão, na troca de *e-mail*, nas relações com os clientes e os fornecedores, reunindo os conhecimentos e formando o ambiente de criação do conhecimento (NONAKA; KONNO, 1998).

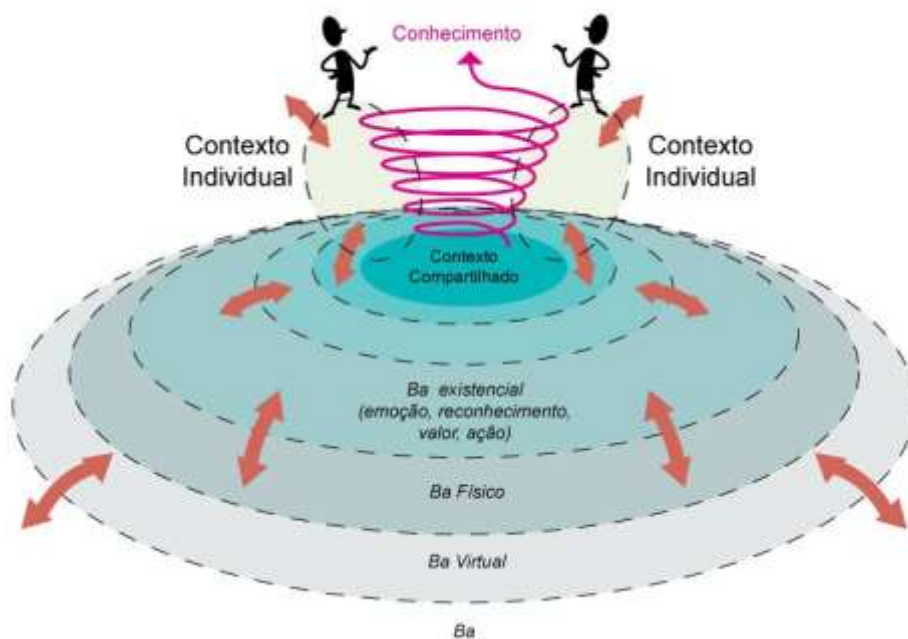
O *ba* pode ser físico (salas, escritórios), virtual (*e-mails*, videoconferências), mental (ideias e experiências compartilhadas), ou ainda a combinação de um ou mais *ba*, local onde os indivíduos podem interagir e refletir coletivamente, explicitando e concebendo novos conhecimentos. Esses, por sua vez, serão cristalizados por meio de processos ou sistemas organizacionais (NONAKA; TAKEUCHI 1997). Se não houver um *ba*, para esses autores, o processo de conversão do conhecimento não se realiza, pois, o conhecimento permanece somente no indivíduo que o possui.

Gomes (2018, p. 46,) exemplifica o *ba* como sendo:

Um exemplo de como esses três elementos podem ser integrados é pensar um conjunto de ambientes, como salas de reunião (espaço físico), uso de rede de computadores (espaço virtual) e metas e valores comuns (espaço mental), que conjuntamente podem formar o *ba* de uma organização.

Nonaka e Konno (1998) afirmam que o *ba* é o sustentáculo para a criação do conhecimento, e que um *ba* independente, pode se conectar a outros *ba*, ampliando o conhecimento. Mencionam ainda que um *ba* apropriado aprimora a criação de conhecimento podendo ser motivado pelas organizações. A Figura 6, representa graficamente o conceito de *ba*.

Figura 6 – Representação conceitual do *ba*



Fonte: Adaptado de Nonaka e Takeuchi (2008, p. 96) e Nonaka e Konno (2000, p. 14)

Nonaka e Konno (1998) a partir do Modelo SECI (Socialização, Externalização, Combinação e Internalização), sugerem diferentes ambientes capacitantes ou diferentes *bas* como alicerces para a criação do conhecimento. Cada *ba* é especialmente adequado para um dos quatro modos de conversão do conhecimento, que são:

1. *ba* de criação: O espaço físico é importante para facilitar a criação do conhecimento por meio da socialização, do compartilhamento de sentimentos, de emoções, havendo empatia para que haja confiança. Este é o *ba* fundamental.
2. *ba* de interação: construído conscientemente por meio do diálogo, da reflexão e da análise, representa o processo de externalização. Neste espaço capacitante os indivíduos partilham seus modelos mentais, além de refletir e analisar o seu próprio modelo intrínseco.

3. *Cyber ba*: é o local de interação com o virtual que representa a fase de combinação; neste novos conhecimentos explícitos se agregam às informações e aos conhecimentos pré-existentes.
4. *ba* de exercício: onde ocorre a internalização do conhecimento, a conversão do conhecimento explícito em conhecimento tácito. Consiste em exercícios que priorizam determinados padrões refinando o processo de internalização.

Nonaka e Konno (1998) afirmam que o conhecimento é intangível, sem fronteiras, dinâmico e, se não for usado em um tempo e lugar específicos, não terá valor. Portanto, o conhecimento se relaciona com a ação. Neste sentido, infere-se que as CoPs são ambientes de criação do conhecimento, tomando como referências Nonaka e Konno (1998), porque estas são ambientes que possuem uma rede de relacionamentos, com convívios, com contatos e que seus integrantes estão constantemente recebendo e compartilhando informações, construindo o conhecimento, pois a cultura e a linguagem destes actantes são similares. Esta rede de relacionamentos se conecta com os atores humanos e não humanos, presentes neste contexto e observa-se que a identificação social, e a relação de confiança, é fator de mediação na criação e no compartilhamento de conhecimento (HO; KUO; LIN, 2012; MOORE, KOSUT, 2014; GOMES, 2018).

O conhecimento, então, pode ser criado e produzido em um contexto capacitante adequado como, por exemplo, as comunidades de prática, assunto este abordado no Capítulo 3, em sequência.

3 COMUNIDADES DE PRÁTICA

O conceito de CoPs evoluiu desde a sua criação por Lave e Wenger (1991) e as organizações se utilizaram deste recurso como estratégias de gestão de conhecimento e de gestão organizacional. Atualmente, as CoPs são alvo de pesquisas nas áreas de Gestão, Ciências Sociais, Ciências Exatas, Ciências da Saúde, Ciências Humanas e Ciências Econômicas conforme afirmam Wilbert, Dandolini e Steil (2018).

Lave e Wenger (1991), em seus estudos, realizaram observações em grupos de profissionais como alfaiates, marceneiros, parteiras e outros, que se reuniam para ensinar seu ofício a terceiros. Estes, por sua vez, aprendiam fundamentados nas experiências e na observação de práticas de seus mentores, que compartilhavam técnicas e aspectos da cultura em que estavam inseridos. A análise destes grupos deu origem às Comunidades de Prática – CoPs – que, conforme Lave e Wenger (1991), são contextos práticos de aprendizagem situada, nos quais ela, a aprendizagem, é o resultado de um evento social.

A partir desta abordagem, infere-se que as CoPs são coletivos de humanos e não humanos conectados em rede. Latour (1999) faz uma analogia quando se utiliza do Mito de Dédalo para apresentar um coletivo de humanos e não humanos propondo uma mudança de paradigma, deixar de pensar de forma retilínea e pensar em redes, como uma forma de evolução. O ponto de partida desta mudança são os caminhos tortuosos da criação do conhecimento; referindo-se, neste caso, à aproximação do conhecimento técnico e das conexões de humanos e não humanos que formam redes, que se assemelham a labirintos.

Neste Capítulo 3 aborda-se assuntos correlatos a comunidades de prática, como seus conceitos, princípios e tipos, os níveis de participação dos atores envolvidos nas CoPs, os ciclos de vida destas e a aprendizagem social.

3.1 APRENDIZAGEM SOCIAL

Lave e Wenger (1991) se fundamentaram na Teoria da Aprendizagem Social, desenvolvida por Bandura (1962) que, por seu turno, partiu da observação do comportamento e da prática de outras pessoas, resultando em aprendizado. Nesta

teoria o indivíduo compreende a perspectiva de agência²³, ou seja, o indivíduo é capaz de "influenciar o próprio funcionamento e as circunstâncias de vida de modo intencional" (BANDURA, 2009, p. 15).

A teoria postulada por Lave e Wenger (1991, p. 59-87) trata da aprendizagem situada por meio da participação periférica legítima em comunidades de prática. A proposta destes autores é de uma visão sociocultural da aprendizagem na qual a cognição é um dialeto entre os aprendizes. O ambiente em que os indivíduos estão inseridos são locais onde problemas e soluções são gerados a partir de conflitos centrais na pesca e de contradições que ocorrem, naturalmente, quando as pessoas estão envolvidas em várias atividades do mundo real (KHALIL; ARDOIN; WOJCIK, 2017; LAVE; WENGER, 1991).

O aprendizado não está meramente situado na prática - como se fosse algum processo independentemente reificável²⁴, ou como se estivesse localizado em algum lugar. A aprendizagem é parte integrante da prática social, é um processo individual, com início e fim, é um fenômeno social que envolve as experiências vividas (LAVE; WENGER, 1991, p. 34-35).

Para Bandura (2009), a aprendizagem advém da observação e principalmente da ação, que decorre das experiências, das reflexões e das avaliações de situações do dia a dia. As consequências destas situações, quando analisadas, demonstram os efeitos da ação, motivando e reforçando o comportamento do indivíduo.

Isto posto, Wenger (1998, p. 4) destaca quatro aspectos importantes para a aprendizagem e para a natureza social do conhecimento:

1. o ser humano é fundamentalmente social, aspecto este primordial para a aprendizagem;

²³ Agência é a influência que os actantes, denominação para humanos e não humanos, exercem uns sobre os outros dentro do tecido social (LATOURET, 2012). A agência possibilita que os actantes atuem e promovam mudanças de intermediários (CALLON, 1986).

²⁴ Wenger (1998, p. 59) utiliza o termo reificar porque nele está contido as ações de "fazer, desenhar, representar, nomear, codificar e descrever, tanto como perceber, interpretar, utilizar, reutilizar, decodificar e reestruturar". As experiências reificadas se tornam autônomas em conformidade com a situação, processo ou um produto, tornando-se base para novas ações, decisões ou situações. A reificação por ser um processo significativo, deixa traços intencionais ou não no mundo físico. Estes traços por sua vez, podem se reintegrar como reificação em novas situações e em circunstâncias de negociação de significados. É por meio destas ações que se experiencia o mundo e consequentemente o reificamos.

2. conhecer é possuir qualidades e atitudes específicas essenciais à prática de uma atividade, o que promove a competência;
3. conhecer é uma questão de participar na busca de tais empreendimentos, isto é, de engajamento ativo no mundo;
4. conhecer é possuir a capacidade de experimentar o mundo, envolvendo-se com ele, produzindo significados.

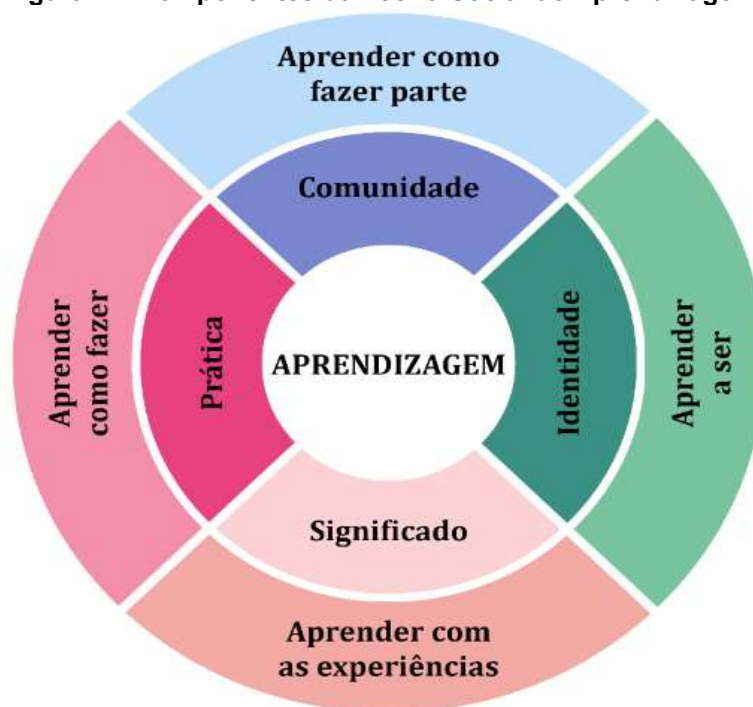
Lave e Wenger (1991) afirmam que qualquer configuração de conhecimento se situa adjacente ao poder para intermediar a interpretação do passado e do futuro, reconstruindo significado no momento presente.

Alguns aspectos, para Wenger (1998), são necessários para que a aprendizagem se efetive:

- o significado: demonstrar habilidade, individual e coletiva. Os significados são produzidos, redirecionados, reinterpretados, se modificam ou se consolidam; a vida é uma negociação constante de significados.
- a prática: é o fazer, o envolvimento na ação; é compartilhar os recursos históricos e sociais, as estruturas e perspectivas para sustentar o envolvimento mútuo na ação;
- a comunidade: são configurações sociais nas quais as iniciativas se definem como dignas de serem seguidas e a participação é reconhecida como competência;
- a identidade: a aprendizagem muda os indivíduos e cria histórias pessoais no contexto das comunidades.

Os aspectos citados – prática, comunidade, identidade, significado – estão interconectados e definem-se mutuamente. Eles são intercambiáveis com a aprendizagem. A aprendizagem pode ser central ou periférica, mas permanece sempre como o componente mais importante do processo, conforme ressalta Wenger (1998) e se apresenta na Figura 7.

Figura 7 – Componentes da Teoria Social de Aprendizagem



Fonte: Adaptado de Wenger (1998, p. 5)

Os estudos etnográficos de Lave e Wenger (1991) sobre aprendizagem situada foram realizados com grupos de parteiras de Yucatã, de alfaiates das tribos de Vai e de Goa, de intendentess navais, de açougueiros e alcoólatras anônimos que permitiram fundamentar a Teoria Social da Aprendizagem. Com base nestes estudos, Flach e Antonello (2011, p. 3) afirmam que “os aprendizes aprendem e se tornam praticantes instruídos ou *practitioners* por meio da participação nas relações sociais e no contexto de trabalho”.

Nestas situações, as pessoas inicialmente se juntavam às comunidades, mas se mantinham na periferia e, à medida que se tornavam mais competentes, aproximavam-se do centro da comunidade. Assim, a aprendizagem não era vista como a aquisição de conhecimento pelos indivíduos, mas como um processo de participação. A natureza da situação como o contexto social, impacta significativamente sobre o processo de aprendizagem e participação na comunidade, pois, conforme afirmava Silva (2004, p. 73), mais que um grupo de aprendizes, uma comunidade de prática também é uma comunidade que aprende”.

Neste contexto, os aprendizes cooperam e a aprendizagem se efetiva quando estes aprendizes, os novos membros, apoderam-se do processo, demonstrando habilidades e atitudes que legitimam a aprendizagem (LAVE; WENGER, 1991).

A aprendizagem é, portanto, uma prática, ou uma ação realizada em um determinado contexto possuindo como principal característica o sistema de participação periférica legítima (LAVE; WENGER, 1991). Ela, a aprendizagem, é um processo de atuação que se inicia periférica e aumenta com a complexidade e o envolvimento nas comunidades de prática.

O aprendizado, nesta teoria, é um entendimento social, histórico e cultural no qual o indivíduo é visto de forma sistêmica pela comunidade.

A teoria interpreta a prática, ou a ação no mundo, percebendo aquele que age, percebendo também a prática e o mundo. Todos estes elementos se constituem e se inter-relacionam. Conforme observa-se em Lave e Wenger (1991, p. 52), as “pessoas, ações, e o mundo estão implicados em todos os pensamentos, expressões, conhecimentos e aprendizagem”. É importante que a aprendizagem seja contextualizada e que suas características sociais, culturais, econômicas, históricas e políticas sejam delineadas para não deslocar o processo de aprendizagem do local em que ele se realiza uma vez que o significado, aspecto esse necessário para que haja a aprendizagem, existe “na relação dinâmica da vivência no mundo”, conforme afirma Wenger (1998, p. 54).

Existem pontos essenciais que interferem no processo de aprendizagem dos integrantes da CoP como: as conversas entre as pessoas, as histórias contadas, o diálogo, a observação, as influências sociais, as culturais e as ambientais. Neste contexto, as relações são compostas pela compreensão e pela experiência que interagem e se constituem mutuamente. Portanto, “a compreensão da aprendizagem nos termos da participação foca a atenção nos modos pelos quais a participação está em evolução e no conjunto de relações que é constantemente renovado” (LAVE; WENGER, 1991, p.50).

A visão de Lave e Wenger (1991) a respeito de CoPs, em síntese, é a de um grupo de indivíduos com interesses em comum, no aprendizado e na sua aplicabilidade. Estes indivíduos sentem a necessidade de aprender uma atividade, e nas reuniões da comunidade eles se envolvem na dinâmica do aprendizado prático para dominarem o ofício, compartilhado pela comunidade.

Na CoP, Lave e Wenger (1991) recomendam que a participação seja absoluta abrangendo o conhecimento e as práticas do grupo, privilegiando assim, a diversidade de relações existentes no grupo de trabalho. Porém, a participação periférica não é restrita porque ela possibilita a compreensão da aprendizagem que está ligada às

práticas sociais da CoP. A participação periférica refere-se ainda às identidades construídas por meio das práticas, nas reproduções e transformações das CoP, ou seja, esta é uma das maneiras de efetivar um membro.

Lave e Wenger (1991) recomendam o uso de uma agenda²⁵ de aprendizagem, uma vez que os conhecimentos dos membros aumentam, e eles desenvolvem suas práticas com propriedade, ao mesmo tempo em que se aproximam do núcleo da CoP. Esta agenda de aprendizagem é desenvolvida nas oportunidades existentes para que o aprendiz obtenha conhecimento e se engaje, pois, como participante periférico, ele desenvolve uma visão do todo na comunidade (LAVE; WENGER, 1991), compartilha ainda as práticas de trabalho como também as experiências do dia a dia, as trocas existentes nas relações e desenvolvem uma proximidade entre mestre e aprendiz.

Nas CoPs existe uma gama de atores além da relação mestre e aprendiz. Portanto, existem outras formas de convívio e de atuação, conforme descrevem Lave e Wenger (1991, p. 56): “a comunidade de prática interage com o aprendiz, os jovens mestres com aprendizes, os jovens mestres tornando-se mestres e os novatos veteranos em relação aos novos novatos”.

Pode-se ilustrar com o exemplo do grupo de parteiras, com o que acontece no dia a dia de suas vidas, em que a avó ou a mãe compartilham o que sabem a respeito do ato de parir, com suas filhas ou netas. Estas, por sua vez, absorvem a essência desta prática e dos saberes tradicionais como a utilização de algumas ervas, de técnicas para aliviar a dor, fazendo com que a mulher caminhe, enquanto conversa e brinca com ela, conforme afirma Aires (2005, p. 5-6), que:

Essa técnica se mostra altamente inteligente, uma vez que estará sempre disponível, é absolutamente segura e não apresenta nenhum efeito colateral. Enquanto a mulher anda, o bebê vai se posicionando, vai “escorregando” para baixo, para se “encaixar”. À medida que a parteira “brinca” com a parturiente, esta relaxa e descontrai, favorecendo todo o processo do nascimento.

²⁵ “A learning curriculum is a field of learning resources in everyday practice viewed from the perspective of learners” (Lave and Wenger, 1991, p. 97). O termo “learning curriculum” foi traduzido no texto como agenda de aprendizagem, por ser a forma mais usual de tradução nos textos pesquisados. Observa-se que a tradução também pode ser “currículo de aprendizagem”. Este é um exemplo de tradução conforme descreve Law (1997) cada um traduz de acordo com sua interpretação e conhecimento.

As mulheres mentoras consideram que para as meninas aprendizes, esse conhecimento será útil porque elas poderão substituí-las, quando necessário. A carga de trabalho vai aumentando com o passar do tempo e as aprendizes tornam-se as mentoras, conforme declara Lave (1991).

A exposição contínua à prática demonstra o objetivo que os aprendizes almejam, um ofício, e espera-se que eles se modifiquem, que o conhecimento e as habilidades se desenvolvam no processo e durante este se tornem mestres em uma comunidade de prática (LAVE, 1991, p. 71). Portanto, a participação periférica legítima oferece uma ponte de mão dupla entre o desenvolvimento da habilidade, da identidade e da reprodução das CoP.

Lave e Wenger (1991) embasaram sua teoria nas observações de diferentes grupos de aprendizes, conforme já citado anteriormente, e detectaram diferentes formas de aprendizagem de acordo com o fluxo de informações e as trajetórias das pessoas por meio de diversas maneiras de participação nas tarefas considerando que o acesso dos aprendizes é um recurso primordial para a aprendizagem.

A importância da linguagem é outro elemento a ser considerado, esta é parte da prática e por meio dela se faz a construção da identidade. O diálogo é um meio de transformação, é na prática que as pessoas aprendem (LAVE; WENGER, 1991).

Quem aprende é porque cria, elabora, vivencia e compartilha suas experiências com o grupo desenvolvendo negociações entre o saber e o aprendido. Essa negociação de significados existirá na CoP, enquanto existir o engajamento mútuo, o objetivo em comum e as relações forem de confiança (SILVA, 2004). A seguir apresenta-se a conceituação de comunidades de prática.

3.2 CONCEITOS, PRINCÍPIOS E TIPOS

Apresenta-se, na sequência, os conceitos, princípios, tipos, bem como o ciclo de vida de uma CoP.

3.2.1 Conceitos e Princípios

Para Wenger (1998), a conceituação de CoP era a de um grupo composto, informalmente, por profissionais que tivessem um objetivo em comum. Em 2000, Wenger e Snyder, segundo Wilbert, Dandolini e Steil (2018) reelaboram o conceito para: um grupo de pessoas com o mesmo objetivo, um conjunto de problemas ou uma paixão por algo, que elaboram o conhecimento a partir destes elementos em interações constantes.

A expressão CoPs foi popularizada a partir do trabalho de Lave e Wenger (1991) Outros autores se utilizaram de nomes diferentes para conceituar comunidades de prática, porém a essência do conceito de Lave e Wenger (1991) se manteve. Alguns dos nomes que foram utilizados para denominar as CoPs passam por redes de aprendizagem, grupos temáticos ou clubes de tecnologia (WENGER, 2011, p. 3).

A partir destas informações, realizou-se uma busca no período de 1991 a 2017 com o termo “comunidade de prática” e “*community of practice*” para apresentar um panorama geral da visão de diversos autores retratando os conceitos e visões com relação a este assunto. Este levantamento consta do Apêndice A. Enfatiza-se o conceito de Brown e Duguid (1991) por possuir uma média de citações por item de 72,17, sendo que a soma do número de citações é de 5.557, cujo índice h^{26} é 11. Igualmente o conceito de Lave e Wenger (1991) se sobressai possuindo uma média de 37,33 citações e a soma do número de citações é de 10.750 tendo índice h de 50 (WEB OF SCIENCE, 2018).

Os autores Lave e Wenger (1991) e Brown e Duguid (1991) direcionaram o conceito para as organizações e correlacionaram com a inovação, que é um diferencial entre as empresas porque apresentam oportunidades de crescimento e garantem a competitividade, conforme também afirmam Wilbert, Dandolini e Steil (2018). Jeon, Kim e Koh (2011) afirmavam que Brown e Duguid (1991) são referências na área de gestão de negócios. Deduz-se, no entanto, que as afirmações destes autores podem ser trazidas para outros coletivos e ambientes em razão da amplitude que possuem os conceitos de conhecimento e de inovação.

²⁶ Índice h ou h-index: Indicador que demonstra a produtividade e o impacto do que é produzido por um cientista, tomando por base seus trabalhos mais citados (WEB OF SCIENCE, 2018).

Na pesquisa de Wilbert, Dandolini e Steil (2018) constata-se que os objetivos para a criação e a manutenção de uma CoP baseiam-se na aprendizagem demonstrando que o conceito de Lave e Wenger (1991) permanece atual, pois a aprendizagem situada é o motivo da existência de uma CoP.

O conceito que está em consonância com a abordagem desta tese é o de Wenger, McDermott e Snyder (2002, p. 4-5):

Comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham um interesse, um problema em comum ou uma paixão sobre determinado assunto e que aprofundam seu conhecimento e expertise nesta área através da interação contínua numa mesma base. Estas pessoas não necessariamente trabalham juntas todos os dias, mas se encontram porque agregam valor em suas interações. [...] Elas também desenvolvem relações pessoais e instituem formas de interação. Podem também desenvolver um senso comum de identidade. Elas tornam-se então uma Comunidade de prática.

Com base neste conceito verifica-se que os autores não se limitam apenas aos ambientes organizacionais, pois Wenger (1998) afirma que todas as pessoas pertencem a uma CoP, em casa, no trabalho, na escola, enfim, pertencem a várias CoPs em momentos e lugares diferentes. As CoPs às quais pertencem se modificam ao longo de suas vidas. Por consequência, estão em toda parte. As famílias se empenham para construir uma forma de vida, desenvolvem suas próprias práticas, rotinas, artefatos, convenções e histórias. Existe amor e rancor entre os membros de uma família, eles concordam e discordam, e fazem o que é necessário para continuarem. Quando a família desmorona, seus integrantes buscam uma forma de reestabelecer a união. Sobreviver em conjunto é uma iniciativa importante uma vez que a manutenção da vida representa a busca pelo alimento ou pelo abrigo, ou ainda pela busca de uma identidade possível (WENGER, 1998, p. 212).

As CoPs podem se formar em qualquer lugar, físico ou virtual, porém as premissas descritas para que se configure uma CoP, elencadas por Wenger, McDermott e Snyder (2002), são:

- a existência de grupo de pessoas que comungam do mesmo interesse;
- a interação contínua com aperfeiçoamento das relações pessoais;
- as pessoas se reúnem porque agregam valor com a aprendizagem que encontram no grupo e acumulam conhecimento;
- as pessoas ajudam umas às outras a resolver problemas;

- as pessoas podem criar ferramentas e documentos para organização do conhecimento e da comunidade;
- o envolvimento na CoP resulta em satisfação pessoal;
- desenvolvem o senso comum de identidade.

O ser humano é social e o trabalho é a forma de manter essa relação social (WENGER, 1998; BROWN; DUGUID, 2001), o que pode acontecer na realização de tarefas e nas interações sócio emocional, que podem ser descritas como intuição, impressão e contentamento.

Em diversos tipos de agrupamentos humanos existem dinâmicas que determinam a cultura e o clima “que resultam da interação entre os membros, refletem o ambiente psicossocial interno e a imagem do conjunto” (MOSCOVICI, 1996, p.37).

Neste escopo, observa-se que se dá o nome de CoP para equipes de trabalho, arranjos coletivos, redes de relacionamento, o que é equivocado porque “em muitos casos, se percebe que a vivência em grupos é indiscriminadamente tratada como um relato de Comunidades de Prática (LAVE, CHAIKLIN 2004, s/p)”. Portanto, este grupo de pessoas deve ter atributos específicos que o caracterizem como uma CoP. Na Seção seguinte, serão abordados os reais tipos de CoPs na acepção do *corpus* teórico.

3.2.2 Tipos de Comunidades de Prática

Na literatura pode-se verificar diversos tipos de comunidades significativas para a gestão do conhecimento com ênfase na criação e na exploração do conhecimento, como as Redes de Prática (BROWN; DUGUID, 2001), as Comunidades de Prática (LAVE; WENGER, 1991) e as Comunidades Epistêmicas, conforme descrito por Amin e Roberts (2008).

O termo comunidades epistêmicas, na área de ciências sociais, foi abordado primeiramente por Haas (1992) que descreveu como um conjunto de indivíduos dispersos nos órgãos do governo, nas áreas de pesquisa, nos partidos políticos, nas

organizações do terceiro setor,²⁷ e nos grupos envolvidos com a área de políticas públicas (QUERETTE, 2016). Porém não se aprofundará este item por não ser o foco desta monografia.

Amin e Roberts (2008), com base nos estudos destas comunidades de prática, reestruturaram uma classificação destas comunidades, como sendo: *Craft-based*, *Professional*, *Expert/Creative*²⁸ e *Virtual*.

A *Craft-based* se assemelha às comunidades de prática que replicam e preservam o conhecimento por meio da expressiva relação entre os membros, da identidade e dos fortes laços sociais, porém, seu foco, não é a inovação (AMIN; ROBERTS, 2008, p.360).

Nas comunidades *Craft-based*, o conhecimento tácito está contido nas práticas exercidas pelos membros, nos artefatos utilizados, na cultura e na linguagem, é compartilhado por meio da interação social localizada e o aprendizado se dá por meio da participação periférica legítima, no cenário mestre e aprendiz.

As comunidades *Professional* dizem respeito aos tipos de conhecimentos adquiridos, criados e propagados pelos profissionais, essa situação requer o domínio de conhecimentos tácito e explícito. Uma considerável parte deste conhecimento codificado pode ser absorvido por meio dos estudos acadêmicos, já o conhecimento tácito se adquire por meio da prática, do aprender fazendo, como é o caso da atividade da pesca (AMIN; ROBERTS, 2008, p.359).

Em relação à comunidade *Virtual*, Kimmerle e Thiel, (2013), como também Amin e Roberts (2008, p. 363), atestam que o espaço virtual não pode ser considerado como um local da prática situada e que gera o conhecimento, embora a interação virtual tenha sido entendida como um local que possibilita a troca de informações. Dois tipos de interação *online* merecem atenção como espaços do saber situado, são projetos que buscam a inovação e que podem envolver um grande número de participantes e os grupos de interesse relativamente fechados que enfrentam problemas específicos

²⁷ Organizações do Terceiro Setor são compostas por associações e entidades sem fins lucrativos. É “uma iniciativa privada de cidadãos que interpretam a questão social de forma solidária, orientando-se por valores expressos em uma missão, e que se dispõem a gerir formas de produção de bens públicos em um espaço público intermediário que congrega uma mistura de proteção social”. (CABRAL, 2017, s/p.).

²⁸ Artesanal, Profissional e Especialista / Criativo – tradução nossa.

e são conscientemente organizados como comunidades de conhecimento, conforme apontado nos estudos de Murasse (2019).

As comunidades *Expert/Creative*, de conhecimento epistêmico e criativo, traçam um caminho inovador, com a colaboração entre especialistas, que experimentam novos conhecimentos, de acordo com Amin e Roberts (2008). São comunidades organizadas para liberar energia criativa em torno de projetos exploratórios, envolvendo coalizões com especialistas de diferentes áreas. Estes indivíduos possuem autonomia junto às suas redes de contato e suas práticas colaborativas ultrapassam os limites organizacionais. Estas comunidades se compõem por laços fracos e a *expertise* e a reputação são os elementos primordiais para a confiança (AMIN; ROBERTS, 2008).

Amin e Roberts (2008) salientam que não se pode pressupor que a dinâmica do conhecimento na prática situada seja homogênea. Eles concluem que quatro conjuntos, com propriedades distintas, poderiam identificar os agrupamentos que variam em termos da natureza e da centralidade da inovação. Por exemplo, comunidades epistêmicas, que trazem especialistas, explicitamente para desenvolver novos conhecimentos, e exibem alta propensão para inovar (PATTINSON; PREECE; DAWSON, 2016). Comunidades de físicos e biólogos moleculares reunidos em torno de projetos específicos para modificar e criar novos paradigmas enquanto comunidades artesanais, baseadas em tarefas, como fabricantes de flauta e administradores de sinistros, estão mais preocupados com a preservação de habilidades, ao invés de inovações radicais (AMIN; ROBERTS, 2008, p. 356).

O argumento apresentado por Amin e Roberts (2008), para a proposição de novos nomes e subdivisões, é de que o uso do termo Comunidade de Prática como um representante das formas de conhecimento situado é improdutivo porque a dinâmica das comunidades artesanais estudadas pelos criadores do termo – Lave e Wenger, parece ser pouco replicada em configurações de alta criatividade, de aprendizagem epistêmica, profissional, virtual ou de criação de conhecimento. Amin e Roberts (2008, p. 355), sugerem a criação de um léxico que sirva de fundamento para que se capture a forma genérica de aprendizagem, o conhecimento em ação ou prática e que estimule o esforço para nomear suas várias formas com clareza e precisão.

Wenger, McDermott e Snyder (2002) realizaram uma comparação dos arranjos sociais existentes nas organizações com as Comunidades de Prática, conforme

demonstra-se no Quadro 2. Observa-se um maior envolvimento dos indivíduos nas CoP enquanto nos arranjos sociais as ações são estanques.

Quadro 2 – Comunidades de prática e arranjos sociais

COMUNIDADES DE PRÁTICA E ARRANJOS SOCIAIS				
	Qual o propósito?	A quem pertence?	O que os mantém juntos?	Quanto tempo dura?
CoPs	Desenvolver capacidades dos integrantes para construir e trocar conhecimento	Membros que selecionam	Paixão, comprometimento e identificação com a expertise do grupo	Enquanto houver interesse em manter o grupo
Grupo formal de trabalho	Entregar um produto de serviço	Todos que se reportam ao gerente do grupo	Requisitos de trabalho e objetivos comuns	Até a próxima reorganização
Equipe de projeto	Realizar uma tarefa específica	Funcionários designados pela alta gerência	Limites e objetivos do projeto	Até a conclusão do projeto
Rede informal	Reunir e transmitir informações do negócio	Amigos e conhecidos do trabalho	Necessidades mútuas	Enquanto houver um motivo para que as pessoas se conectem

Fonte: Adaptado de Wenger e Snyder (2000. p. 142)

Os elementos que permitem analisar e classificar as comunidades em uma CoP são: **domínio, comunidade e prática**, conforme a Figura 8. Estes itens retratam diferentes enfoques de atuação, que estimulam as pessoas a se envolverem em uma CoP (WENGER; McDERMOTT; SNYDER, 2002).

Figura 8 – Características de uma comunidade de prática



Fonte: Adaptado de Wenger (2011, p. 1-2)

O **domínio** cria a base comum e o senso de identidade. Ele legaliza os propósitos e os valores dos membros da comunidade (WENGER; McDERMOTT; SNYDER, 2002). Para que se mantenha o interesse e a criatividade, o “domínio” deve ser ampliado continuamente, esse processo faz com que as pessoas se tornem “profundamente curiosas, continuamente comprometidas a ver a realidade de forma cada vez mais precisa”. Sentem-se conectadas aos outros “... acreditam ser parte de um processo criativo maior” (SENGE, 2004, p.170).

A **comunidade** é “uma configuração social, na qual os empreendimentos são definidos como valor perseguido e a participação dos indivíduos é reconhecida como competência” (WENGER, 1998, p.5). Nestas relações se constrói a confiança fazendo com que os participantes compartilhem suas experiências, negociem seus pontos de vista e se desenvolvam. A literatura demonstra que este sentimento é essencial para o desenvolvimento harmonioso do grupo (COAKES, 2005; GARAVAN; CARBERY; MURPHY, 2007; GONGLA; RIZZUTO, 2001). A relação de confiança entre líderes e os integrantes da comunidade de prática deve ser trabalhada para que as relações se tornem duradouras e sólidas (CONNAUGHTON; DALY, 2004), enquanto houver um objetivo em comum e interesse por parte dos integrantes em manter o grupo.

A **prática** compreende o conhecimento tácito e explícito, um modo de se comportar, um jogo de como fazer as coisas socialmente definidas, em um domínio específico. Práticas são padrões para a ação, a comunicação, as responsabilidades,

os desempenhos e a solução de problemas, o que requer grande quantidade de conhecimentos tácitos e explícitos dos integrantes, que podem ser encontrados em histórias, casos, ferramentas, lições aprendidas e nas práticas existentes (WENGER; McDERMOTT; SNYDER, 2002).

Uma prática efetiva evolui com a comunidade como um produto coletivo. É integrado no trabalho de pessoas. Organiza conhecimento de certo modo, isso é especialmente útil aos profissionais porque reflete sua perspectiva. Cada comunidade tem um modo específico de fazer sua prática visível pelos meios que desenvolve e compartilha conhecimento (WENGER, McDERMOTT, SNYDER, 2002, p.39).

De acordo com Wenger (1998), uma CoP se define também em três dimensões relacionadas à prática em si: o engajamento mútuo, um empreendimento em comum e o repertório compartilhado.

Wenger (1998) afirma que quando indivíduos se aproximam por possuírem um determinado objetivo, eles começam a desenvolver um empreendimento em comum, elaboram formas de trabalhar e de se relacionar, estruturam uma **prática** para que os auxilie a atingir os objetivos do grupo. Este empreendimento comum faz com que haja conformidade entre os integrantes, por este motivo as negociações são constantes, o que faz com que a aprendizagem e o conhecimento se façam continuamente.

O grupo que possui um empreendimento em comum está vinculado entre si por meio das práticas. A partir destas práticas de negociação constantes, da aprendizagem e do compartilhamento do conhecimento, é criado um repertório próprio deste grupo e que é compartilhado entre os membros, formando uma rede de elementos e de recursos utilizados pela comunidade. “O repertório de uma CoP inclui rotinas, palavras, ferramentas, formas de fazer as coisas, histórias, gestos, símbolos, gêneros, ações ou conceitos que a comunidade produziu ou adotou no curso da existência” (WENGER, 1998, p. 83).

Nesta rede de recursos e elementos encontra-se o barco, o actante indispensável, e o mar ponto de passagem obrigatória (PPO), é este actante que levará os demais actantes a dirigirem-se simultaneamente para um mesmo ponto, fazendo com que todos atinjam seus objetivos (CALLON, 1986).

O engajamento mútuo encontrado nas CoP é gerado a partir das interações nos momentos de trabalho, parte essencial de qualquer prática. Trabalhar em conjunto é complexo e o engajamento mútuo envolve a utilização das competências de todos os

membros buscando relações de harmonia, conforme destacam Pattinson, Preece e Dawson (2016), Silva, (2004 p. 84) e Wenger (1998, p. 74).

Cada membro possui lugar e identidade específicos determinados pelo engajamento mútuo. “Essas identidades tornam-se inter-relacionadas e articuladas com outras pelo engajamento mútuo, porém não se fundem. Quando as atribuições são semelhantes, as pessoas se ajudam mutuamente e torna-se importante saber dar e receber ajuda (SILVA, 2004, p. 84).

Conforme Silva (2004, p. 79) a consequência do engajamento leva a um compromisso nas relações internas, externas e nas conexões de fronteira, pois as CoP “não estão isoladas do mundo”. As pessoas que integram esta CoP, bem como os artefatos, não estão sozinhos, eles possuem histórias, “de articulação com o resto do mundo” (WENGER, 1998, p. 103).

Na sequência, traz-se os níveis de participação e os atores de uma CoP.

3.3 NÍVEIS DE PARTICIPAÇÃO E OS ATORES DE UMA COP

Apresenta-se nesta seção, os atores e seus níveis de participação em uma CoP, pontuando que “o envolvimento dos membros nas CoPs ocorre voluntariamente e por diferentes motivos e interesses, seja pelo conhecimento em um tema específico, pelos relacionamentos estabelecidos ou por uma prática que pretendem conhecer”, conforme assegura Fernandes (2018, p. 74), corroborando Khalil, Ardoin e Wojcik (2017), Wenger, Mcdermott e Snyder (2002).

A participação em uma Cop possui uma flexibilidade maior com relação aos limites existentes e exigidos nas organizações. As categorias de associação e participação, conforme Fernandes (2018) e Wenger, Mcdermott e Snyder (2002), são apresentados na Figura 9. Os níveis de participação dos atores em uma CoP, conforme Figura 9, divide-se em: grupo principal, participantes ativos, participantes ocasionais, participantes periféricos e os participantes transacionais, descritos na sequência – Figura 9.

Figura 9 – Níveis de participação e os atores de uma CoP



Fonte: Adaptado de Wenger (2011, *online*).

- **Grupo principal:** formado por poucas pessoas, cuja paixão e envolvimento contagiam e envolvem a comunidade (10 a 15% da comunidade).
- **Participantes ativos:** definem a comunidade e estão em constante atividade prática (15 a 20% da comunidade).
- **Participantes ocasionais:** são as pessoas que se envolvem somente quando o assunto lhes interessa.
- **Participantes periféricos:** pessoas com pouco envolvimento e pouca autoridade dentro da comunidade, mas mantem um vínculo contínuo.
- **Participantes transacionais:** pessoas que não fazem parte da comunidade, porém esporadicamente interagem sem se tornarem membros.

Wenger (2011) afirma que há um fluxo constante das pessoas nas diferentes camadas que integram a CoP e que as interações e os fluxos de conhecimento fazem com que sejam criadas novas oportunidades de conhecimento demonstrando que a comunidade é saudável. Fernandes (2018, p. 75) afirma que os integrantes das CoPs auxiliam com suas habilidades, suas competências e seus conhecimentos. Os conhecimentos são compartilhados com os demais membros onde estiverem realizando suas atividades.

A estrutura de participação em camadas, nas comunidades de prática, não costuma representar um problema, porém quando é evidente a separação dos membros, como os que estão no grupo central e aí permanecem por longo período de tempo, isso gera um desconforto nos demais membros e uma ação corretiva deve ser realizada como, por exemplo, dar um papel ativo na administração da comunidade a um membro que esteja em outra camada. Mais um ponto a ser ajustado é quando não há movimento entre os níveis, isso deve ocorrer para que haja harmonia e maior interação entre os membros (WENGER, 2011, *online*).

Equilíbrio é essencial, os participantes periféricos não devem ser marginalizados como também o grupo principal não pode ser oprimido pelas exigências dos demais participantes. Atender todas essas necessidades dos membros é a “parte fundamental da arte de cultivar comunidades e redes (WENGER, 2011, *online*; FLETCHER, 2014).

Comarella (2009, p.40) afirma que o incentivo à participação nas CoP é importante, pois os participantes periféricos estão aprendendo qual é a prática da comunidade. Quanto maior a dedicação neste aprendizado, maior será a participação deste indivíduo na mesma.

Os níveis de participação na CoP serão diferentes para cada pessoa visto que esta não é a atividade principal delas. É comum a comunidade ter um núcleo menor em que os membros se identifiquem fortemente e contribuam com a maior parte da atividade na comunidade (KITTINGER, 2013; WENGER, 2011, *online*).

Em seguida, para complementar a teoria sobre Comunidades de Prática, aborda-se a questão dos ciclos de vida das CoPs.

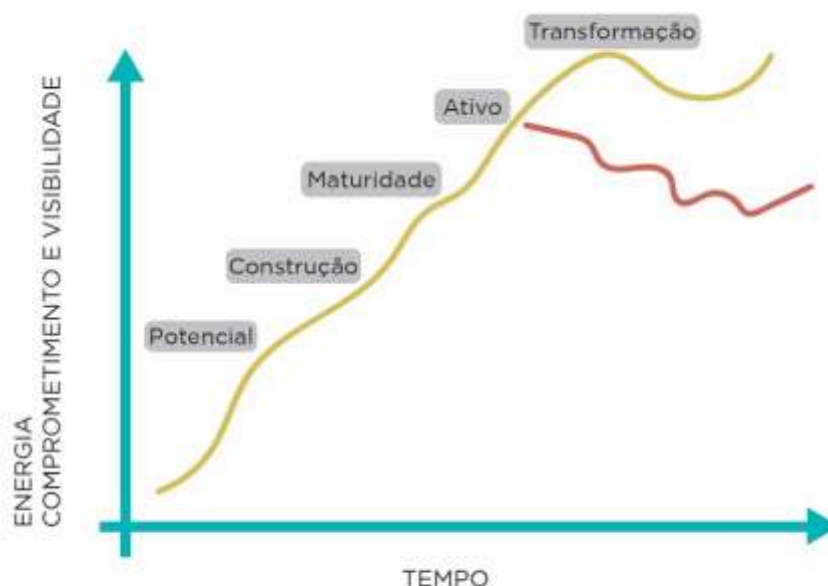
3.4 CICLO DE VIDA DAS COP

Compreender os estágios do ciclo de vida de uma CoP auxilia as organizações a reconhecer as necessidades que esta comunidade possui de acordo com o objetivo que une o grupo, podendo apoiar no momento correto e tornando-as prósperas (COAKES, 2005; GONGLA; RIZZUTO, 2001).

O desenvolvimento das CoPs passa por estágios que configuram as formas de relacionamento em cada fase do ciclo de vida. Cinco estágios foram evidenciados por Wenger, McDermott e Snyder (2002) e são representadas na Figura 11:

1. **Potencial:** fase inicial, a comunidade começa a ser formada, momento em que vínculos de confiança são desenvolvidos, essenciais para que a comunidade se consolide. Indivíduos lidam com problemas semelhantes e buscam soluções.
2. **Em construção:** fase de crescimento da CoP, quando se reforçam as conexões entre os membros e estes se envolvem nos exercícios de aprendizagem, momento em que seus objetivos começam a ser estruturados.
3. **Maturidade:** realiza-se e se aperfeiçoam os processos, começa a ter visibilidade e reconhecimento e o número de integrantes aumenta. Imprescindível a organização dos processos, dos membros, do registro de conhecimento elaborado pela comunidade e do foco estratégico.
4. **Ativo:** a comunidade adquire a compreensão da gestão do próprio conhecimento e da prática compartilhada tendo consciência de seus benefícios.
5. **Transformação:** momento de adaptação em que os membros diminuem seu envolvimento com a comunidade, ela deixa de ser primordial. Esta CoP busca outra direção, outro enfoque, ou se extingue.

Figura 10 – Ciclo de vida das CoPs



Fonte: Adaptado de Wenger, McDermott e Snyder (2002)

No início da formação de uma CoP muito do que é compartilhado pelos membros é pouco aderente aos objetivos da comunidade porque os indivíduos buscam soluções para seus próprios problemas. Portanto, “o conhecimento é compartilhado conforme a necessidade de cada indivíduo”, conforme descreve Ray (2005, p. 324). Porém, quando a CoP é estruturada e seu núcleo definido, eles se envolvem no processo e compartilham do que conhecem com os demais membros. Este é o momento, dentro do ciclo de vida de uma CoP, em que uma rede social se torna uma rede de conhecimento²⁹, e começa-se a formalizar o compartilhamento do conhecimento. Inicia-se, nesta fase, a conversão do conhecimento tácito para explícito como também a criação de novos conhecimentos, processo este que demonstra as etapas ativas do ciclo de vida de uma CoP (RAY, 2005). Portanto, para Wenger (1998), as CoP são celeiros de conhecimento, não morrem, porém, seus objetivos podem enfraquecer.

Nas organizações, as CoPs agregam valor. Lee e Valderrama (2003) afirmam que a instituição deve apoiar a formação do grupo por meio de um plano de gestão do conhecimento privilegiando os seguintes aspectos, (i) a formação da CoP deve estar alinhada com os objetivos estratégicos da organização; (ii) os dirigentes devem apoiar e defender a CoP e seu valor e (iii) deve-se documentar o objetivo, a finalidade da CoP e afirmar seu valor para a organização.

Lave (1991) ainda comenta sobre a prática social situada que enfatiza a relação de interdependência entre os membros, o mundo, as atividades, os significados, a cognição, a aprendizagem e o conhecimento. Afirma também que aprender, pensar e conhecer são relações entre pessoas engajadas na atividade e com o mundo social, culturalmente estruturado, um mundo socialmente constituído.

Em um grupo de mulheres pescadoras, objeto de estudo dos autores Alves, Queirós e Batista (2017), pode-se verificar que estas atividades fazem parte da identidade profissional destas pescadoras, que iniciam a aprendizagem enquanto pequenas com alguns ensinamentos e, com o tempo, se apropriam da atividade. Wenger (2008) afirma que os membros principiantes de uma comunidade profissional

²⁹ Uma rede de conhecimento é construída dentro de uma atividade, de um contexto e de uma cultura. Este conhecimento é social e não isolado, pois as pessoas aprendem enquanto interagem umas com as outras por meio de atividades compartilhadas e através da linguagem, enquanto discutem, compartilham conhecimento e solucionam problemas durante essas tarefas. (BROWN; COLLINS; DUGUID, 1988).

começam na periferia. Alves, Queirós, Batista (2017, p. 176) complementam ainda, que por meio

das interações e relações estabelecidas com os membros mais antigos, é-lhes concedido acesso ao domínio da CoP, ao seu conhecimento e à sua prática. O processo de (re)construção da IP decorre, então, em relação a essa CoP, através do compromisso, da imaginação e do alinhamento.

Portanto, a estruturação da identidade profissional acontece quando os aprendizes se expõem às práticas nas CoP, local de reflexão e produção, onde o diálogo e as interações constroem novos conhecimentos (ALVES, QUEIRÓS, BATISTA, 2017, p. 177). As CoPs de acordo com Ingold (2012), é um espaço “bom para pensar”, uma vez que é na prática, na fala, no conviver e no aprender diariamente que o conhecimento da pesca se cria e se compartilha e que a identidade profissional se firma.

No próximo Capítulo será apresentada a linha teórica utilizada conectada a proposta de pesquisa desta tese.

4 ALINHAMENTO CONCEITUAL E PROPOSTA INICIAL

Inicia-se este Capítulo, referente ao Alinhamento Conceitual dissertando-se sobre a pesca artesanal: seus atores e suas redes, discorre-se também a respeito do conhecimento, das comunidades de prática, da pesca artesanal e da formação de redes; acrescenta-se, ainda, os ambientes de criação e de compartilhamento do conhecimento. Traz-se, na sequência, a formação de redes, o papel e a agência das mulheres, do barco e do **mar**, sendo este o ponto de passagem obrigatório - PPO. Dando continuidade, aborda-se sobre as comunidades de prática, a relação com o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais e o Modelo SECI e, por fim, anuncia-se a proposta de pesquisa.

Trata-se também sobre a Teoria Ator-Rede, assunto este que será analisado de forma transversal aos demais temas inerentes a esta Tese. A TAR será utilizada como um viés metodológico de abordagem no momento de mapear as redes de atores humanos e não humanos – os coletivos. Vincula-se a TAR como tecido subliminar unindo o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais às comunidades de prática e ao Modelo SECI de criação do conhecimento.

Por fim, apresenta-se a proposta desta Tese que pretende estabelecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional em uma CoP de mulheres pescadoras profissionais artesanais, à luz da Teoria Ator-Rede, com vistas a aproximação dos modelos tradicionais de Gestão de Conhecimento, especialmente o Modelo SECI.

4.1 A PESCA ARTESANAL: SEUS ATORES E SUAS REDES

Caracteriza-se de pesca artesanal aquela realizada em escala limitada, com embarcações pequenas sendo que a atividade de captura de moluscos se insere nesta categoria de pesca, que é realizada essencialmente por famílias de pescadores, como afirmam Gerber (2015) e Coetzee, *et al.*, (2015). É uma prática de baixo investimento e pouco lucro financeiro, pois a finalidade do pescado é para a subsistência e para venda no mercado local, para outras famílias e para turistas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2016).

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura – FAO (2016, *online*, tradução nossa), descreve pesca artesanal com uma visão abrangente, sendo:

[...] pesca tradicional envolvendo famílias de pescadores (em oposição a empresas comerciais), usando pequena quantidade de capital e energia, embarcações de pesca relativamente pequenas, fazendo viagens curtas, perto da costa, principalmente para consumo local. [...] A pesca artesanal pode ser uma pesca de subsistência ou comercial, proporcionando o consumo local ou a exportação. Por vezes são referidas como pescarias de pequena escala.

Atta-Mills, Alder e Sumaila (2004) descrevem que a finalidade é característica fundamental para diferenciar a pesca industrial da pesca artesanal. Normalmente, o objetivo de uma pescaria industrial é capturar o maior número de peixes possível para obter ganhos econômicos. Isso acarreta vários riscos, como a sobrepesca de uma população de peixes. Embora seja verdade que os pescadores artesanais podem vender uma parte de seus pescados para os mercados, normalmente, os peixes são principalmente para a subsistência, conforme afirma a Organização das Nações Unidas – ONU (2016) e Fiorella, *et al.*, (2016).

Para Cinner e McClanahan (2006), a pesca artesanal é realizada para que haja comida suficiente para alimentar as famílias de pescadores e outras pessoas em sua comunidade. Essa escala menor tem um objetivo ecologicamente correto, implica menos risco de pôr em perigo as populações de peixes, embora isso não signifique que todas as pescarias artesanais sejam "melhores" do que as pescarias industriais.

A prática é difundida em todo o mundo e possui relevância para os governos; no Brasil, em 2013, a população de **pescadores e pescadoras artesanais** eram de 1.084 milhão e possuíam uma produção de 765 mil toneladas de pescado, conforme informação do Portal Brasil (2015).

Constata-se, porém, que a pesca é considerada como uma incumbência fundamentalmente masculina sendo esta assertiva um “consenso na literatura acadêmica que trata da temática pesqueira” (MACHADO, 2009, p. 3) e os pescadores homens não enxergam as mulheres no processo da pesca. Esta afirmação é

corroborada pela pesquisa de Rabbitt *et al.* (2019, p. 2 – tradução nossa)³⁰, na qual consta:

A pesca tem sido considerada uma atividade masculina, devido em parte à tendência de negligenciar as pescarias de pequena escala e próximas à costa em dados oficiais de captura. Onde temos dados, eles raramente incluem uma discriminação de gênero. Isso perpetua uma subavaliação do papel que as mulheres desempenham nas pescarias, incluindo sua contribuição para a segurança alimentar das famílias.

Normalmente os pesquisadores homens buscam seus temas de pesquisa no universo masculino, não percebendo os problemas femininos (informação verbal)³¹. A força e a resistência são atributos masculinos, sempre lembrados em argumentações que certificam os homens como trabalhadores capazes, de acordo com Machado (2009), que registra ainda em seu trabalho a visão de Motta-Maués (1999) de que as mulheres não poderiam participar desta atividade que é específica dos homens e a visão de Diegues (2001) que concorda com a afirmação de que a pesca é função masculina, porém que em alguns lugares as mulheres “colaboram” puxando a rede.

A integração das mulheres na pesca artesanal é retratada nos estudos de Vasconcellos *et al.* (2007) e Ramalho (2006) que afirmam que este fato se origina de razões como a perda de seus maridos, o desemprego, o rendimento familiar insuficiente ou à falta de um outro local de trabalho. Alencar (2014) e Martins (2013) salientam que este envolvimento se dá para assistir as deficiências de subsistência visto que o fruto de seu trabalho é destinado para a comercialização e o consumo.

Martins e Alvim (2016, *online*) afirmam que o envolvimento aludido “ocorreu inicialmente de forma indireta, quando a elas cabia a responsabilidade do beneficiamento e da comercialização do pescado, além da confecção e do reparo dos instrumentos utilizados pelo homem para a realização da atividade”. Esta situação fez com que as mulheres desenvolvessem novos espaços apropriando-se do universo, até então, dominado pelos homens (CALHOUN; CONWAY, RUSSEL, 2016). Universo este que lhes permite, por meio da pesca artesanal, suprir as necessidades de

³⁰ Fishing has traditionally been considered a male activity, owing in part to a tendency to overlook small-scale and nearshore fisheries in official catch data. Where we do have data, they rarely include a breakdown of gender. This perpetuates an under-valuation and under-appreciation of the role women play within fisheries, including their contribution to household food security (RABBITT, *et al.* 2019, p. 2).

³¹ Comentário proferido por Rose Mary Gerber na Banca de Qualificação desta tese em Curitiba - PR, em 04/07/2019.

sobrevivência e estabelecer interações com os demais moradores daquela localidade (ZACARKIM *et al.*, 2015). Constroem suas experiências e histórias de vida que, ao mesmo tempo se misturam com a história da comunidade, desenvolvendo, portanto, um sentimento de pertencimento, de afeição pelo lugar, que se constitui em um universo único e específico, com características próprias, o que lhes confere uma identidade peculiar, conforme asseguram Martins e Alvim (2016).

Tal prática proporciona o estabelecimento de um modo de vida particular, fundamentado nos saberes tradicionais, nas relações de parentesco, amizade e vizinhança, possibilitando, assim, o surgimento de ricas relações sociais e afetivas em relação ao lugar de vivência e ao trabalho. (MARTINS; ALVIM, 2016, *online*).

Flach e Antonello, (2011, p. 3-4) acrescentam ainda que as pessoas não percebem o aprendizado que adquirem no trabalho porque ele está inserido em suas práticas e nas interações, este discernimento de que se aprendeu algo se dá quando se modifica a percepção a respeito de determinado fato.

Improvisar também pode ser considerada uma ferramenta nos “estudos da aprendizagem nas organizações”, porque sob a ótica da aprendizagem situada que considera o cognitivo, o comportamental, o contexto, a socialização, a formação da identidade e o engajamento, a aprendizagem contribui também para a constituição da personalidade e da individualidade. Neste processo o aprendiz modifica sua visão de mundo e age diferentemente “no sistema de relações em que o processo de aprendizagem ocorre” e sob esta perspectiva afirmam que “a improvisação é elemento que pode coexistir ou estar articulado aos processos de aprendizagem” (FLACH; ANTONELLO, 2011, p. 3-4).

A Teoria Social da Aprendizagem de Lave e Wenger (1991) vêm legitimar o que afirmam Martins e Alvim (2016) pois, a aprendizagem nada mais é que a prática realizada, a princípio, periféricamente e se expande com sua heterogeneidade e o envolvimento dos membros e da comunidade.

As mulheres pescadoras profissionais artesanais colaboram com a renda e o sustento da família e, conforme visto, suas atribuições dentro deste contexto profissional da pesca, envolvem ser mãe, esposa, dona de casa e mantenedora do lar, conforme Ludermir (2000, p. 656) descreveu, que a mulher “[...] assumia também as responsabilidades de esposa, mãe e trabalhadora e empreendia dois trabalhos: o

remunerado e o não-remunerado, geralmente não reconhecido dentro de casa”, acumulando funções e promovendo a dupla jornada de trabalho.

As mulheres, acordam seus maridos para iniciarem suas atividades diárias, somente após terem organizado o café, para ele e para os filhos e, após deixar pronta a refeição que será levada no barco, conforme afirmam Thompson, Heyman, Peckham, Jenkins (2017), Gerber (2015) e Leitão (2013).

[...] a mulher não é ainda reconhecida por si só, mas tomada como uma espécie de apêndice de um homem. Pensar a mulher como um sujeito – mulher/pescadora – que trabalha em terra ou que embarca, remenda ou faça redes, limpe, eviscere, tanto quanto ou, em alguns casos, mais do que ele, ainda parece estar longe de ser uma conquista efetiva para as mulheres que atuam nas pescas, assim como parece estar longe reconhecer como pesca as muitas atividades que estão além do ato de trazer seres vivos de ambientes aquáticos. (GERBER, 2015, p. 99).

Neste contexto da pesca artesanal existe, portanto, o desafio da invisibilidade, conforme mencionado por alguns autores tais como Mendes (2016) Gerber (2015 p, 102) e Motta-Maués (1999, p. 382) em que os homens são vistos como pescadores e as mulheres, vistas como partícipes das comunidades de pesca, e estas percebem a invisibilidade concernente aos pescadores de forma geral, que advém também de contextos externos, como o poder público.

Com relação às mulheres, salienta-se que a invisibilidade se estabelece internamente quando está relacionada à hierarquia existente entre homens e mulheres, e também com relação à homologia na qual os homens, hierarquicamente, estão acima das mulheres, impactando-as também nas relações de forma externa. Esta invisibilidade pode-se observar também com relação aos objetos tecnológicos que se ajustam e são ajustados conforme interesses e identidades de gênero, o que caracteriza o determinismo tecnológico (TESTA, 2015; WAJCMAN, 2006).

O fato de que as atividades femininas estão direcionadas para múltiplas direções, inversamente às masculinas, acentua a invisibilidade do trabalho feminino e confunde sua identificação como trabalhadora, motivo este que acarreta a exclusão delas dos direitos sociais e previdenciários, “enquanto o homem é considerado como o pescador, ela é mulher de pescador” (GERBER, 2015, p. 99; MANESCHY, 2000, p.86).

Outra atividade predominantemente das mulheres, junto às comunidades de pescadores é a agrícola. Porém, com a proibição de extração de fauna e flora da Mata

Atlântica, em territórios de área do Parque Nacional de Superagui, contexto deste estudo, as hortas praticamente se extinguíram. Atualmente, a pesca é a atividade de maior importância para a comunidade, conforme revelam Coutinho *et. al.* (2013) e Hauzer *et. al.* (2013).

Os autores Thompson *et. al.*, (2017), Gerber (2015) e Hauzer *et al.*, (2013), afirmam que muitas são as atividades desenvolvidas pelas mulheres e que a cozinha é locus privilegiado onde se desenvolve a questão do aprendizado, mas há muitos outros, como ranchos, praias e embarcações. Neste ambiente, parte do território destas mulheres, entre peixes, ostras, camarões e panelas, se concebe e se desenvolve produtos e receitas a partir da transformação dos peixes. É um *ba* onde o conhecimento se cria, se amplia e é compartilhado por meio das interações entre essas mulheres. Aprende-se a transformar o peixe em um outro produto, agregando-lhe diferenciais. As mulheres aprendem como se realiza o beneficiamento dos insumos naturais que advém das pescarias, separando aqueles que se destinam para a subsistência daqueles que devem ser preparados para a comercialização. Aprendem as técnicas de descamar, eviscerar, limpar, descascar, cozinhar, enfim, todas as atividades relacionadas a estes produtos.

É o momento em que o conhecimento se mescla a “matéria e memória, presente e passado, invenção e necessidade na forma de gostos, cheiros, cores, sabores, formas, consistências, especiarias e condimentos”, conforme asseveram Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 296), estabelecendo redes e significados. A seção seguinte aborda, então, o conhecimento, as comunidades de prática, a pesca artesanal e a formação de redes.

4.2 O CONHECIMENTO, A COMUNIDADE DE PRÁTICA E A PESCA ARTESANAL: FORMANDO REDES

Esta seção está dividida em Comunidade de Prática – CoP e a pesca artesanal, conectadas por meio de redes sociais - TAR.

4.2.1 Comunidades de prática e a pesca artesanal

O conceito apresentado por Lave e Wenger (1991) define comunidades de prática como um grupo de indivíduos com interesses em comum, no aprendizado e na sua aplicabilidade. Este conceito foi reelaborado por Wenger, McDermott e Snyder (2002, p. 4-5, grifo nosso, tradução nossa), evidenciando que:

Comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham um interesse, um problema em comum **ou uma paixão sobre determinado assunto** e que aprofundam seu conhecimento e *expertise* nesta área através da interação contínua em numa mesma base. Estas pessoas não necessariamente trabalham juntas todos os dias, mas se encontram porque agregam valor em suas interações. Como passam algum tempo juntas, elas compartilham informações, *insights* e conselhos. **Ajudam umas às outras a resolver problemas, discutem suas situações, aspirações e necessidades.** Elas consideram pontos de vista em comum, exploram ideias e ações, assim como sondam os limites. Podem criar ferramentas, padrões, desenhos genéricos, manuais e outros documentos – ou podem simplesmente desenvolver uma tácita compreensão do que é compartilhado. Porém **elas acumulam conhecimento**, torna-se informalmente a fronteira (do conhecimento) pelo valor que agregam na aprendizagem que encontram juntas. Este valor não é meramente instrumental para o seu trabalho. Resulta também na satisfação pessoal de conhecer colegas que compreendem as perspectivas uns dos outros e de pertencer a um interessante grupo de pessoas. Com o passar do tempo, **elas desenvolvem uma perspectiva única** sobre seus tópicos bem como **formam um corpo comum de conhecimento, práticas e teorias.** Elas também desenvolvem relações pessoais e instituem formas de interação. Podem também **desenvolver um senso comum de identidade, inclusive com relação as questões de gênero como é o público desta pesquisa.** Elas tornam-se então uma Comunidade de prática.

Sob este viés teórico as comunidades de pesca artesanal criam, igualmente, um arcabouço de conhecimentos e de cultura com relação aos seus modos de vida, ao cultivo da terra e às técnicas de pesca que são usados diariamente, compartilhado com filhos e filhas, ou com as pessoas mais próximas da família (THOMPSON, HEYMAN, PECKHAM, JENKINS, 2017; DIEGUES, 2001). Este contato realizado desde a infância sobre os ciclos naturais, o hábito de cada espécie de peixes, os artefatos que devem ser utilizados e de que forma, demonstra que existe um compartilhamento de conhecimentos entre as gerações. São conhecimentos tradicionais preservados por meio do diálogo, assim como preserva-se a atividade da pesca artesanal (KITTINGER, 2013). Compartilhar estes conhecimentos com os filhos e filhas, significa, também, ensinar-lhes uma profissão, que auxiliará na sobrevivência da família, de acordo com o que descreve Martins (2016).

Estas comunidades se auxiliam, se ajudam mutuamente, pois conforme Gerber (2015) relata, mesmo que as comunidades estejam em regiões diferentes ou distantes, uma rede de relações intensas é desenvolvida. Apesar do sentimento de comunidade que delimita cada uma delas, existe uma integração para que possam realizar seus objetivos.

Percebe-se, igualmente, das assertivas teóricas, que uma CoP é um ambiente que une as pessoas que possuem paixão por um propósito em comum. A partir desta paixão e de interações aprofundam seus conhecimentos, dividem informações, instruções, solução de problemas e se ajudam mutuamente (WENGER, 2008). As ideias, as sugestões e as ações, colocados para o grupo, são ponderadas e integradas na aprendizagem. A consequência deste processo é o bem-estar pessoal, o sentimento de pertencimento a este grupo e a construção de uma identidade em comum. Com o tempo, o grupo desenvolve uma visão específica sobre seus propósitos, fundamentando e tornando o conhecimento criado mais consistente, como também as suas práticas (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002).

De outra parte, o conhecimento é dinâmico, específico ao contexto; se relaciona à ação e à intenção do ser humano que busca confirmar aquilo em que acredita, segundo o conceito de Nonaka e Takeuchi (1997). O conhecimento tácito criado se manifesta por meio das práticas desenvolvidas (DIEGUES, 2001).

Um exemplo de conhecimento tácito, registrado na pesquisa de Diegues (2001) está no relato de um pescador de nome Valdino, sobre a forma que se reencontra um pesqueiro, descoberto anteriormente:

Aprendi a marcação com meu pai. A vista dele estava ruim e então ele me perguntava onde estava a serra, o morro está assim, assim. Quando a serra encosta no morro de Exu-Queimado. Quando cruzasse, ele dizia: o caminho é esse. Segure o caminho. Cabeço³² de André (cabeço seco, em cima dela), ela não aparece, mas é alta e é seca. Risca Magra a Urca da Conceição, de Cotia, do Tubarão. Cabeço de Cassiano. A gente sassanga³³, com chumbo, e marca a linha por braça. Sassanga por baixo, por fora e por barra-vento³⁴. Só tem peixe na pedra, na lama não dá. (DIEGUES, 2001, p. 392).

Observa-se no conhecimento tácito deste pescador um acervo importante para os demais. Diegues (2001, p. 396) afirma que ele é conhecido em sua comunidade como mestre por possuir “conhecimento de técnicas de pesca e navegação, o saber cuidar do bote, saber navegar pelas estrelas e saber encontrar as pedras pela marcação”.

Pode-se criar e compartilhar o conhecimento, portanto, por meio da interatividade em contextos capacitantes, como no caso dos pescadores que compartilham oralmente com seus parentes próximos, e também no caso de comunidades de prática.

Estas comunidades se constituem e se inserem em uma rede de relações formando um coletivo complexo quando associa-se aos objetos que agem e sofrem a agência dos demais atores. São locais em que o conhecimento se faz a partir da percepção de mundo, por meio das experiências vividas, conforme propõe Latour (2012).

Para Latour (2012), as redes são formadas por conexões entre pessoas e objetos, ambos competentes em criar sentidos e significados. Entende-se ainda que as redes são formadas por fios que as interligam, sem que isso se unifique, ou forme uma unidade. Forma-se, entretanto, um sistema de sucessivas associações, inclusive virtuais, de acordo com Prado e Baranauskas (2013).

³² Cabeço: nome dado a pedra que aparece no mar. O pescador que a descobrisse colocava o seu nome: O cabeço do Zé Marinheiro, do Zé Alexandre, do Zé Firmino... (DIEGUES, 2001, p. 394)

³³ Sassanga: instrumento feito de um fio grosso com um peso na extremidade. É usado pelos pescadores artesanais do Nordeste para medir a profundidade do local de pesca, facilita ou possibilita que o pescador ancore o barco de pesca na profundidade desejada. A medida usada é a "braça", de maneira que ao chegar em alto mar eles decidam pescar nas 60 braças, a sassanga é atirada ao mar e ao recolhê-la o pescador vai medindo as braças e se não estiver no local correto, o barco será movimentado até que se chegue nas 60 braças desejada (DICIONÁRIOINFORMAL, 2019).

³⁴ Barravento: Termo de origem ainda incerta. É termo náutico já registrado pelo Barão de Angra, com o significado de "lado donde sopra o vento" (DICIONÁRIOINFORMAL, 2019).

Tanto o humano quanto os objetos ou artefatos, chamados também por Latour (2012) de não humanos, são os atores ou actantes, que conectam a rede e deve-se observar as associações realizadas por eles. Um ator para a TAR é qualquer coisa que atue ou modifique uma situação ou uma conjuntura. Sendo assim, deve-se rastrear as pistas deixadas por eles para poder observar-se o contexto social, pois “é como se disséssemos aos atores: não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham aos seus próprios mundos, e só então, pediremos explicação sobre o modo como se estabeleceram” (LATOURE, 2012, p. 44). Reconhecer a capacidade de agência destes actantes (humanos e não humanos), que moldam os acontecimentos e a realidade, é necessário para que se possa descrever seus papéis e rastrear as conexões sociais.

A perspectiva de Latour (2012) é de que os objetos, nas circunstâncias tratadas, possuem materialidade e produzem agência. Por consequência, eles estão “associados de tal modo que fazem outros atores fazerem coisas” (LATOURE, 2012, p. 158). E ao fazer coisas, ressignificam-se situações e cria-se o conhecimento nos coletivos ou nas comunidades.

Entende-se por ressignificação o processo em que um ator é capaz de dar um novo significado, uma nova história e uma nova identidade a outro actante. Este por sua vez, terá uma releitura dos demais atores. Callon (1986) e Latour (1987) definem este processo como tradução.

4.2.2 O conhecimento em comunidades de prática

O conhecimento tácito como o conhecimento explícito, não tem uma existência física, mas possui valor e agrega vantagem competitiva às organizações, portanto é um ativo intangível (STEWART, 1998, p.5), dinâmico (NONAKA; TAKEUCHI, 1997), que advém da interação social (LAVE; WENGER, 1991), das experiências, de valores, de crenças comprovadas, de atitudes e ações em diferentes contextos capacitantes (BROWN; COLLINS; DUGUID, 1988; DRUCKER, 1991; NONAKA; TAKEUCHI, 1997; VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001; POLANYI, 1962), objetivando atender as necessidades dos indivíduos e das organizações (DAVENPORT; PRUZAK, 1999). Brown, Collins e Duguid (1988), afirmam que é por meio destas interações sociais que as relações são fortalecidas e o conhecimento se torna permanente.

A partir deste contexto, se entende que o conhecimento possui valor, se dá por meio das interações com a finalidade de atender aos desígnios do ser humano; recorre-se, igualmente, a Diegues (2001) para demonstrar que o conhecimento tácito é de grande valia no contexto da pesca artesanal e seus atores porque ele está implícito em diversas de suas ações.

Diegues (2001) afirma que os mestres de pesca artesanal possuem conhecimentos e práticas que lhes auxiliam na navegação com relação a orientação no mar, exemplos são as pedras e os baixios³⁵ descobertos e apontados por pescadores mais idosos, parentes ou amigos, que servirão aos novos pescadores, conforme já citado. “O conhecimento destes locais privilegiados de pesca é guardado em segredo e constitui um acervo de grande importância que em geral, somente é transmitido aos filhos ou pessoas de confiança dos mestres de pesca” (DIEGUES, 2001 p. 389). Essa comunicação é realizada oralmente pelas pessoas de mais idade para os filhos, e estes desejam que os mais novos compartilhem estes conhecimentos e os coloquem em prática para assegurar que se chegue ao pesqueiro e se realize uma boa pescaria, e ainda, que concluam a viagem com segurança, conforme declara Diegues (2001).

O conhecimento tácito se torna valioso para os pescadores, que convivem em comunidades e compartilham das informações com os demais. Infere-se, então, que eles estão situados em um ambiente de criação de conhecimento, assunto este que será apresentado no próximo tópico.

4.3 AMBIENTES DE CRIAÇÃO E DE COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO

O conhecimento é construído socialmente (POLANYI, 1958) e tendo isso como fundamento as organizações buscam inculcar a visão de conhecimento como estratégia. Um dos capacitores ou facilitadores do conhecimento muito utilizado é gerenciar conversas e conforme Von Krogh, Ichijo, Nonaka (2001, p. 125) “boas conversas são o berço do conhecimento social em qualquer organização”. Portanto

³⁵ Banco de areia ou rochedo oculto sob a água; lugar raso no mar, rio ou outra extensão de água (MICHAELIS, 2018).

as conversas são essenciais para que se incutam as crenças, as ideias, as ações, os *feedbacks*. Enfim esta é uma ferramenta utilizada nas comunidades para compartilhar conhecimento tácito. Em um grupo, as conversas servem para confirmar um conhecimento já adquirido ou criar novos conhecimentos.

Com efeito, os pescadores, de modo geral, homens e mulheres, estão inseridos em um ambiente de práticas sociais que, para Diegues (2001), também é um ambiente de criação e de compartilhamento de conhecimento, ou um *ba* na visão de Nonaka e Konno (1998); estes contextos capacitantes são seus territórios, que abrangem tanto a terra quanto o mar. Tais locais, onde hábitos e condutas se ajustam à obtenção dos recursos e ao poder de diferentes forças, confirmam que, nestes espaços, não são neutras as relações humanas, conforme afirmam Kimmerle e Thiel, (2013) e Sack (1986).

Gerber (2015, p. 253) evidencia que o “rancho”, local onde são guardados os barcos, é onde se realizam encontros, reuniões, lanches da comunidade, como também a cozinha das casas das pescadoras onde elas se reúnem, avós, mães, filhas, tias, para cozinhar e prepararem os produtos da pesca. Portanto estes são espaços de interação, de sociabilidade entre pescadores e pescadoras. São ambientes onde há movimentação, conversas, discussões e negociações entre os membros do grupo.

Takeuchi e Nonaka (2008) afirmam que os seres humanos, com suas estruturas cognitivas e físicas, também são ambientes onde se pode criar o conhecimento. A criação e o aumento do conhecimento são o resultado das ações e das interações do ser humano com o ambiente que, para Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001), além de ser um contexto capacitante, igualmente, é um espaço que possibilita a convivência, que encoraja e promove a participação das pessoas.

Nonaka e Konno (1998) declaram que as estruturas, as ações e as interações sociais estão inseridas em espaços físicos, mentais e virtuais, que formam um ambiente, um contexto capacitante ou ainda um *ba*, profícuo para a criação e o compartilhamento do conhecimento.

Nonaka e Takeuchi (1997) afirmam que o conhecimento tácito se expande por meio de interações sociais fazendo com que o indivíduo aprenda. Complementam assegurando que a mudança ocorre com a transformação do indivíduo e do meio em que ele vive, por meio do processo de conversão do conhecimento.

A interação do conhecimento tácito com o conhecimento explícito concebe os quatro modos de conversão de conhecimento, já citados: socialização (tácito em tácito), externalização (tácito em explícito), combinação (explícito em explícito) e internalização (explícito em tácito).

Neste escopo, outro ambiente de criação do conhecimento é, igualmente, o barco, porque durante as pescarias, há a troca de saberes entre pais e filhos, momento em que os pais relatam sobre os conhecimentos e os saberes que possuem sobre o mar, sobre a lua e sobre as pescas, interações estas que acontecem constantemente, conforme apresenta Diegues (2001).

Nestes ambientes de criação e de compartilhamento, fazem parte da rede os elementos não humanos, que também agem e interferem no processo, usando de sua agência no elemento humano. Um fato específico que se pode observar é o processo da maré que, em certos momentos, está baixa e não permite que os indivíduos se dirijam a qualquer lugar que queiram devido a presença de baixios, lugares em que o barco encalha por haver grande concentração de areia e pouca água. Portanto, este ator não humano interfere na atividade do humano que, neste caso, não é o protagonista da ação.

Estes contextos capacitantes em que os coletivos realizam suas atividades, são condizentes com aspectos físicos como o rancho, a cozinha e, por extensão, o barco, bem como com aspectos mentais como os valores, as experiências, os saberes e o compartilhamento de ideias, como caracterizaram Nonaka e Konno (1998).

Observa-se que as mulheres pescadoras profissionais artesanais estão inseridas em uma rede interativa de elementos humanos e não humanos, com atores externos a este ambiente, como os professores da instituição de ensino, que estão inseridos em outro contexto capacitante, porém que se conectam em rede por meio das interações, criando e compartilhando informações, saberes e experiências, gerando novos conhecimentos e associações, conforme afirma Latour (2012, p. 52) “não há grupo relevante ao qual possa ser atribuído o poder de compor agregados sociais e não há componente estabelecido a ser utilizado como ponto de partida incontroverso”. Assim sendo, todos os elementos que constituem a rede possuem relevância para a Teoria Ator-Rede, bem como as informações que estão conectadas entre si. São atores que agem e participam da configuração da rede (LATOUR, 2012).

Após ter exposto estas informações, apresenta-se a formação de redes, o papel e a agência das mulheres e de outros artefatos – um coletivo de humanos e não humanos.

4.4 FORMAÇÃO DE REDES, O PAPEL E A AGÊNCIA DAS MULHERES

Os estudos de Callon (1986) e Latour (1987) estabeleceram a Teoria Ator-Rede (TAR) ou em inglês *Actor-Network Theory* (ANT), que possibilita explorar a ciência, a tecnologia e a sociedade.

A TAR traz, enfaticamente, a ideia de que humanos e não humanos estão ligados a uma rede social de elementos. Os atores humanos e não humanos agem mutuamente, interferem e influenciam o comportamento um do outro, com a diferença de que o humano poderá ajustar o elemento não humano, de acordo com sua necessidade. Portanto, é o ator-rede, chamado também de actante, por Latour (2012).

Callon afirma que, para a TAR, o ator é um ser humano, um grupo de indivíduos, uma organização, uma tecnologia, um artefato ou um objeto, contanto que haja movimentação e ressignificação, estendendo à tradução³⁶ para novos atores (CALLON, 1989; MOORE, KOSUT, 2014; MARTIN, SCHOUTEN, 2013).

A TAR descreve os atores que constituem a rede porque eles interagem e exercem influência uns sobre os outros. Esta mobilidade entre os seres e coisas confronta a sociedade, o ator e a rede (LATOURE, 2006). Portanto, uma rede forma-se por tudo aquilo que pode contribuir para a sua interação e para obtenção de um produto chamado conhecimento (LATOURE, 2006). A relação existente entre as mulheres e os elementos não humanos, que não são atores completos, conforme preconiza Latour (2012), bem como Prado e Baranauskas (2013), porém ambos estão incorporados ao cotidiano, sofrem as interferências da sociedade e do poder, ao

³⁶ Conforme Callon (1992, p. 82), o processo de tradução possui duas características específicas, a primeira, representada por um ator sobre outro ator conferindo “interesses, projetos, desejos, estratégias, reflexões e pensamentos”. Na segunda característica, a tradução acontece de um ator sobre determinadas situações, como por exemplo, “discussões, declarações públicas, textos, objetos técnicos, perícias incorporadas ou dinheiro” (CALLON, 1992, p. 82).

mesmo tempo em que influenciam o espaço, os atores e as maneiras como estes se comportam e interagem na rede.

Portanto, as experiências práticas do convívio humano com os objetos, resultantes da percepção e da apreensão de significados, integra a formulação de conhecimento de Polanyi (1958) e, a partir disso, infere-se que este conhecimento de grupo pode ser criado e elaborado por meio de um sistema no qual o grupo de mulheres compartilham o que fazem tendo significado para suas vidas e para a comunidade. É por meio de negociações e de interações que o conhecimento se dá, que se aprende com as pessoas mais experientes participando plenamente da comunidade e incorporando seus fazeres e saberes, sua prática (LAVE; WENGER, 1991).

Latour (2006) apresenta e expande o princípio de simetria que integra o humano e o não humano ao mesmo arcabouço conceitual, possuindo quantidades iguais de agência dentro da rede. Desta maneira, obtêm-se uma descrição detalhada da agência dos actantes que preservam a rede unida, possibilitando uma análise imparcial dos atores (CALLON, 1986; LATOUR, 1987; 2012). Assim, os mesmos exemplos de causas explicam as crenças verdadeiras e falsas – o que permite que todos os grupos construam simultânea e simetricamente sua realidade natural e social. Portanto, se crê que os atores humanos e não humanos se auxiliam para desenvolverem uma nova situação. Estes actantes possuem o mesmo poder na relação, nenhum é superior ou inferior ao outro e estabelecem, entre si, um conjunto sistêmico e complexo de interações e de identidades.

“Há mais coisa na experiência do que aquilo que nos chega aos olhos” (LATOUR, 2006, p.160) e, a partir desta afirmação, se faz o alinhamento com a TAR uma vez que esta não possui uma configuração pré-estruturada ou fechada de rede.

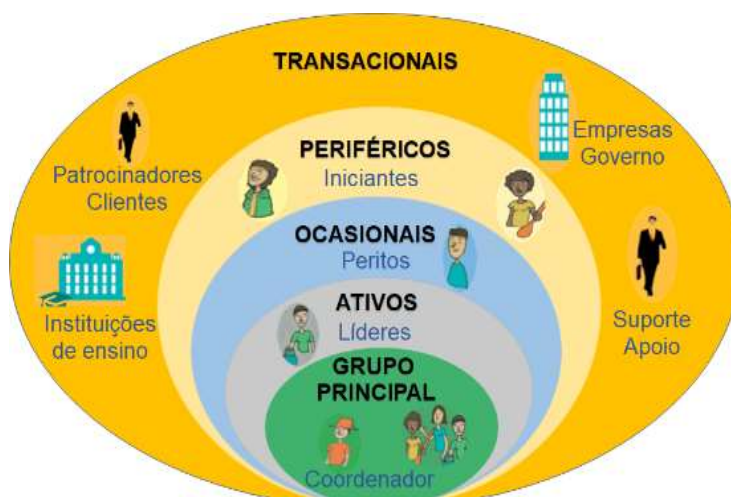
Acredita-se que esta configuração existe no grupo de mulheres, identificando-as como pescadoras. Esta é uma rede social heterogênea que remete à ideia de coletivo, formada pelos indivíduos, pelas comunidades e pelos objetos, pois, conforme afirmam Callon e Law (1997, p. 101), “todos esses materiais contribuem à criação e à transformação da ordem social”.

Latour (1999) afirma que nos coletivos os humanos e não humanos se conectam em rede e se constroem mutuamente. Este processo de formação de grupo é contínuo porque são formados por laços fortes e fracos, conforme reitera Granovetter (1973), que integram a rede, neste caso, composto pelo grupo de mulheres, pelo barco, pela

rede, pelo tempo, pelos peixes. Infere-se, portanto, que muitos são os componentes nesta rede de mulheres, que se configuram como pescadoras e como uma CoP e que geram conhecimentos que são compartilhados e ressignificados entre pais e filhas, ou sobrinhas, fortalecendo os laços existentes nestas relações de mestre e aprendiz, consolidando assim, suas identidades.

Neste cenário, remete-se, novamente, aos níveis de participação dos atores em uma CoP observando-se que, neste coletivo, as mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba iniciam no nível periférico, e neste nível começam a aprender as práticas exercidas pela comunidade (COMARELLA, 2009), e quanto maior for o envolvimento e a cooperação do indivíduo nestas práticas, mais atuante e visível ele será na comunidade – Figura 9. Com a aquisição do conhecimento por meio dos diálogos e das práticas, rumam para o grupo principal, nível este em que seus integrantes possuem clareza do objetivo da comunidade e são, verdadeiramente, comprometidos com ele, fazendo com que os demais membros se contagiem com esta paixão.

Figura 9 - Níveis de participação e os atores de uma CoP



Fonte: Adaptado de Wenger (2011, *online*).

Wenger (2011) afirma ser fundamental o equilíbrio entre os níveis periféricos porque os membros integrantes deste nível devem ser considerados e incluídos no dia a dia da comunidade; já o grupo principal não deve ser reprimido pelas imposições e determinações dos demais membros. É neste equilíbrio que está a arte de desenvolver e aprimorar as comunidades e as redes em que este coletivo de mulheres se insere (WENGER, 2011, *online*).

Nestas redes são realizadas interações com a família, amigos, vizinhos, parentes, organizações, instituições por meio da troca de experiências. Neste sistema de saberes se caracteriza a criação e a conversão do conhecimento por meio da socialização destas pessoas, combinando seus conhecimentos com os conhecimentos dos demais integrantes da rede (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

Nonaka e Takeuchi (1997) afirmam que a socialização é o processo de compartilhamento de conhecimento tácito por meio de observação, imitação, prática e participação em comunidades formais e informais e que a combinação é o processo em que o conhecimento explícito é reunido e na sequência é combinado para criar um conhecimento mais apurado e elaborado. Estas combinações se originam das oficinas com os professores, de conversas entre os membros das comunidades de pescadores, como é o caso da armadilha que utilizam para a pesca de siri ou baiacu. Um dos pescadores desenvolveu uma forma de armadilha para que o siri entre na gaiola e não possa fugir. Este procedimento foi passado por meio de conversas e outros pescadores foram aderindo e transformando suas gaiolas.

As interações acontecem entre os atores humanos e não humanos e apesar de existirem diversas conexões entre eles, buscou-se aquela que viabiliza efetivamente a concretização dos objetivos daquele grupo de mulheres pescadoras.

Por conseguinte, traz-se a questão do Ponto de Passagem Obrigatório (PPO), essencial para que a Tradução seja consolidada.

4.4.1 Ponto de Passagem Obrigatório (PPO)

Latour (2012) afirma que o social pode ser caracterizado por meio de ligações rastreáveis e, para a personalização da rede deve-se ter um ponto de partida para a investigação. O ponto de passagem obrigatório (PPO), ou seja, aquele actante central que vinculará os demais atores, que possuem um objetivo em comum (CALLON, 1986).

Neste contexto, faz-se um processo de criação colaborativo, aproximando-se a controvérsia e o antagonismo, isso porque são diversos pontos de vista, às vezes questionando algo, em outras acrescentando algo e, o elemento não humano está no meio, como um ator principal, o ator rede, que por sua vez alista outros atores humanos e não humanos engajados no mesmo propósito, realizando o processo de tradução.

Na Teoria Ator-rede, fundamentando-se em Callon (1986) e Latour (1987), as controvérsias devem ser tratadas como ocasiões empíricas, ou seja, elas são eventos que tornam as relações legíveis e possíveis de serem pesquisadas entre toda a diversidade de atores. Além disso, esses autores ao incrementarem os estudos de controvérsias históricas e contemporâneas utilizando exemplos como o motor a diesel e o carro elétrico, propuseram que a verdade e a falsidade, bem como os atores humanos e não humanos fossem tratados simetricamente, ou seja com igual importância.

A TAR afirma que se deve seguir os atores em suas maneiras de definir a controvérsia (LATOUR, 1987) isto é, deve-se mapear os problemas. Os estudos de controvérsia da TAR colocam em primeiro plano as maneiras pelas quais os objetos de controvérsia (por exemplo, o carro elétrico) são mediados por inscrições técnicas, por representações e por porta-vozes. Estes mediadores, também atores, podem modificar a controvérsia produzindo versões parciais das situações e a cada tentativa dos atores de articular a controvérsia muda-se esta. Percebe-se que Callon (1986) e Latour (1987) se utilizam do antagonismo com relação a verdade e falsidade aos atores humanos e não humanos.

Esta é a concepção que se utiliza para definir o que Latour (2012) quando se refere a controvérsia, pede para alistar os atores que podem auxiliar na defesa do ator mundo que está coordenando e entrelaçando todas essas ideias. O ator-rede é aquele que “é induzido a agir por uma vasta rede, em forma de estrela, de mediadores que entram e saem” (LATOUR, 2012, p. 312).

Partindo-se da premissa de que o mar serve de “caminho” para as pescadoras e sem ele a sobrevivência seria incerta, define-se que o elemento não humano que fará esta ponte é o MAR. O mar como *habitat* integrante de um território, que sem ele é impossível usar o barco, único meio de transporte na região, é impossível usufruir de seus recursos naturais como os peixes, ostras, mariscos e caranguejos para a subsistência.

A economia azul busca a melhoria do bem-estar humano e a igualdade social, reduzindo significativamente os riscos ambientais e as necessidades ecológicas. Pauly (2018) afirma que o futuro é a pesca artesanal por se preocupar com a preservação e com o meio ambiente é uma atividade local que está inserida na economia azul e deve ser acrescentada à economia verde em terra. Este conceito é importante para importante para as pescadoras profissionais artesanais tradicionais

porque elas têm como preocupação a subsistência da família e o cuidado ecológico e ambiental de onde vem sua fonte de renda.

Assim sendo, este elemento não humano – MAR – é condição *sine qua non* para tudo e para todos dentro da rede. Será a partir dele que se registrará as conexões, observando-se as controvérsias relevantes.

- A sustentabilidade e a economia familiar de pescadores artesanais advém da pesca artesanal ou em pequena escala. Esta atividade se efetiva por meio da construção e do compartilhamento de saberes práticos, principalmente familiares.
- Neste universo é fundamental trazer a questão terra e mar para demonstrar o território onde estão incorporadas estas pescadoras artesanais, bem com as questões de gênero e trabalho. Rodrigues *et al.* (2018, p. 182) descreve que nos eventos com a presença de pescadores e pescadoras era visível o machismo imposto por meio de expressões: “isto não é o problema principal” ou “escuta!” ou “deixa eu falar”. Sousa (2019) registram que as mulheres são consideradas coadjuvantes na atividade da pesca, porém sustentam suas famílias.
- Com relação ao trabalho feminino na pesca artesanal, a pesquisa de Rodrigues *et al.* (2018) demonstra que ele não é percebido pelos homens que foram entrevistados, apesar de ele existir. A falta de reconhecimento das mulheres como pescadoras também é diagnosticada por Gill (2019). Rodrigues *et al.* (2018) aponta que a jornada diária de trabalho da pescadora artesanal de mexilhão é de 12 horas.
- Observa-se a negação dos direitos das pescadoras e pescadores uma vez que há incentivo na “precarização do(a) trabalhador(a) pescador(a)” e as políticas públicas são direcionadas a atender o capitalismo, de acordo com Balsalobre, Annibelli e Athias (2018) e Moreno (2015).

Salienta-se a vulnerabilidade enfrentada pelas mulheres pescadoras profissionais artesanais que dependem do mar. Uma dependência sempre ameaçada na zona costeira pelo derramamento de óleo e pela poluição do mar, entre outras ameaças.

A Teoria ator-rede tem como ponto chave a tradução que parte de um elemento fulcral em um conjunto de relações heterogêneas demonstrando o papel de cada actante na rede (LATOUR, 2020).

Na seção seguinte expõe-se a relação entre o conhecimento, as comunidades de prática, o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais e o Modelo SECI de criação do conhecimento.

4.5 COMUNIDADE DE PRÁTICA: A RELAÇÃO COM O GRUPO DE MULHERES PESCADORAS PROFISSIONAIS ARTESANAIS E O MODELO SECI

Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001) em seus estudos a respeito de contextos capacitantes – *ba* – manifestam que o capacitante gerenciamento de conversas serve de base para a criação do conhecimento. Em grupos de pessoas, em comunidades de prática, em organizações empresariais deve-se implantar estratégias para que o conhecimento se efetive, tais como: incentivo à participação ativa de todos os integrantes nas conversas; as conversas devem ser educadas e editadas de forma adequada, promovendo uma linguagem inovadora. Para esses autores se as conversas são gerenciadas elas se tornam parte do processo de criação de conhecimento.

Pode-se encontrar este processo de conversas que geram a criação do conhecimento em comunidades de prática, de acordo com os conceitos de Lave e Wenger (1991).

Wenger (1998) descreve que um bairro pode ser chamado de comunidade, porém não se constitui como uma CoPs. As CoPs se concretizam quando as pessoas estão envolvidas umas com as outras com objetivos, atividades e práticas em comum.

Uma CoP refere-se também a conhecimento, a estar juntos, dando e criando significado à vida e às ações de cada indivíduo participante, fortalecendo suas identidades e a do grupo, conforme afirma Wenger (1998). Este processo se dá, inclusive, no meio virtual, pois as comunidades *online* possuem maior facilidade de interação e a criação e o compartilhamento do conhecimento se realizam em função da diversidade de recursos multimídia que sustentam a geração de conhecimento, segundo Murasse (2019).

O processo de dar e criar significado às ações para fortificar e consolidar determinado grupo reporta-se à teoria de Nonaka (1994) sobre a criação do conhecimento ressaltando-se a relevância do conhecimento tácito que se apresenta em um *continuum* em relação ao explícito. Ambos os conhecimentos interagem um

com o outro por meio de atividades criativas individuais ou de grupo, principalmente nas interações frente a frente com outras pessoas.

O conhecimento tácito existente entre os membros do grupo pode ser percebido na linguagem específica utilizada pelas mulheres pescadoras profissionais artesanais, o que contribui na construção de suas identidades. Para complementar esta afirmação, traz-se a experiência de Gerber (2015) em que a autora registra o linguajar e o conhecimento, especialmente o conhecimento tradicional, que procede das práticas locais também de pescadoras, público-alvo de sua pesquisa. Pode-se utilizar a expressão “tempo”, como exemplificadora que, quando utilizada pelos cientistas, tem a conotação de clima. Os cientistas se utilizam deste termo para medir a temperatura, a pressão e a precipitação atmosférica. Já para as pescadoras, o termo “tempo” significa calor, frio, tempestade ou época de colheita. No conhecimento e na linguagem das pescadoras existe o vento, porém sempre conjugado com uma denominação conforme ilustra Gerber (2015).

[...] ventos sul, nordeste, este, leste, rebojo, lestada, terral, conforme explicou dona Merabe. Lestada é o vento que mais deixa o mar agitado; traz tempestades que costumam durar muitos dias seguidos, às vezes quinze dias, mas é o que traz fartura, traz tudo. Com o vento terral não dá para pescar. Ele só leva a pessoa para fora, para o golfo do mar. É um vento que vem da terra e dura cerca de três dias. O rebojo é um vento que não dá para ir para fora. Ele não engrossa o mar, mas é muito forte. Também não traz nada; só leva, e dura cerca de dois dias. Entre o sul e o leste, seria o rebojo. Rebojo por quê? Porque reboja, como uma máquina lava. Na época da tainha é bom para trazer ela. (GERBER, 2015, p. 48).

O conhecimento tácito, ou os saberes, são retratados na maneira em que as mulheres realizam seus afazeres e na forma de ensinarem estas tarefas, processos que acontecem das mães para as filhas, das avós para as netas, entre as vizinhas, que, no relato de Gerber (2015), remete aos momentos e às conversas na cozinha. Situações que remetem, igualmente, à construção da identidade, às diferenças, à história de vida de cada uma destas mulheres e as relações que elas possuem com as demais pessoas (HALL, 2000). Nesse cenário observa-se que as mulheres produzem a ciência e a tecnologia e representam a mão de obra barata (WAJCMAN, 2006).

Wenger (1998) e Ipiranga (2005) alegam que os membros da comunidade buscam se preparar, se instruir em suas práticas pelo compartilhamento de histórias, de documentos, de símbolos e de artefatos, das *práxis* propriamente ditas, da

linguagem, das expressões, enfim, do universo de conhecimento acumulado pela comunidade.

Universo este que se pode observar e estudar utilizando-se a Espiral do Conhecimento, pois julga-se que o contexto ou *ba* em que o grupo de mulheres está inserido é favorável para a criação do conhecimento porque elas aprendem com a prática e colocam em seus afazeres o que lhes foi compartilhado. Estes contextos capacitantes estão conectados, como é o caso do *ba* de criação que pode ser o mar, a casa ou o barco, lugares onde os sentimentos de confiança e empatia estão presentes e acontece o primeiro modo de conversão, a socialização (NONAKA; TAKEUCHI, 2008), com o compartilhamento do conhecimento tácito dos pais para o seus filhos e filhas.

A externalização ocorre no *ba* de interação, momento em que se expressa os conhecimentos tácitos por meio do diálogo, de metáforas, de analogias, de conjecturas e de exemplos. É o processo da reflexão a respeito das informações, momento em que se organiza, se estrutura o conhecimento tácito para o conhecimento explícito. Nonaka e Takeuchi (2008, p.65) afirmam que este modo de conversão é essencial para a criação do conhecimento, pois a comparação entre os elementos discutidos faz com que novas visões e conceitos sejam (re)elaborados.

Uma situação em que se demonstra o modo de conversão do conhecimento, a combinação, é o conhecimento que as pescadoras e os pescadores possuem em relação aos caminhos do mar visto que indicam a localização de pedras, de baixios, de areia e cascalho, inclusive as espécies de peixes que podem ser encontradas em determinados locais. Isso é compartilhado nas conversas entre pais e filhos ou filhas, maridos e esposas, com os sobrinhos, estes também pescadores, que se utilizarão destas informações em seus trabalhos (DIEGUES, 2001). Este processo de combinação para Nonaka e Takeuchi (1997) acontece quando as informações são explicitadas, neste exemplo citado anteriormente por meio da oralidade, se combinam com os conhecimentos que o receptor possui criando, portanto, novos conhecimentos.

O quarto modo de conversão, a internalização, demonstra-se com o exemplo citado anteriormente, porém a partir das informações compartilhadas pelos pais, os novos pescadores devem ser capazes de navegar desviando dos percalços apontados podendo ainda, reelaborar a rota ou buscar por novos caminhos, utilizando como base os conhecimentos adquiridos.

Pode-se denominar este processo de conhecimento-ação, sendo que a informação é um agrupamento de mensagens, enquanto o conhecimento é criado e organizado pelo próprio agrupamento de informações, ancoradas nas crenças do indivíduo. Essa compreensão enfatiza um aspecto essencial do conhecimento que se relaciona à ação humana. Enfim, é o conhecimento que se sabe que se tem somente quando se necessita dele, como por exemplo andar de bicicleta, se ando de bicicleta, logo, conheço todas as regras para andar de bicicleta (POLANYI, 1958)

Polanyi (1958) ainda registra o seguinte a respeito do conhecimento ação: um cego percebe o seu caminho pelos choques que o bastão recebe e transmite para sua mão e músculos. O conhecimento do cego é pessoal e envolve uma ação consciente de continuar, parar ou desviar. Portanto, “nós temos aqui a transição de “saber como” saber “o que“ e pode-se ver quão próximo é a estrutura dos dois” (POLANYI, 1958, p. 58, tradução nossa)³⁷.

Portanto, a forma como Polanyi descreve o conhecimento individual pode ser ampliada para as comunidades de prática porque as pessoas compartilham de artefatos, de um determinado tipo de conhecimento, de saberes tradicionais e a cultura daquele grupo o que em certos eventos ou situações podem ser (re)criados.

Takeuchi e Nonaka (2008) constatam que os indivíduos comprometidos com o diálogo modificam e aumentam o conhecimento quando externalizam suas experiências e são receptivos com as experiências e perspectivas dos outros. O diálogo faz com que os contrastes dos pontos de vista ou de compreensão, modifiquem a forma de raciocínio destes indivíduos fazendo com que eles criem novos significados.

Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001) descrevem capacitadores que contribuem para a criação e nivelação do conhecimento cujo propósito é o aumento na capacidade de criação do conhecimento.

Incutir a visão do conhecimento é um dos capacitadores com o qual pode-se fazer a conexão com o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais, pois elas possuem consciência do que é necessário para manter suas famílias naquele

³⁷ We may think of the hammer replaced by a probe, used for exploring the interior of a hidden cavity. Think how a blind man feels his way by the use of a stick, which involves transposing the shocks transmitted to his hand and the muscles holding the stick into an awareness of the things touched by the point of the stick. We have here the transition from 'knowing how' to 'knowing what' and can see how closely similar is the structure of the two (POLANYI, 1958, p. 58).

território e garantir a subsistência, conforme afirmam Martins e Alvim (2016, *online*) e Fiorella, *et al.* (2014).

Outro capacitador – gerenciar as conversas – conforme Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001), revela que os relacionamentos e a solicitude são essenciais, pois fazem com que as pessoas se envolvam e compactuem com as ideias e objetivos do grupo, desenvolvam a criatividade, criem e reelaborem conceitos, características que podem ser encontradas no grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais. Este capacitador propicia o aumento da criatividade e o compartilhamento do conhecimento tácito, o que possibilita a criação de conceitos e de justificativas, como também divulga, internamente, o conhecimento na instituição, conforme afirmam Gomes (2018), Marouf e Khalil (2015) e Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001).

Mobilizar ativistas do conhecimento, é o capacitador que destaca as pessoas que coordenam um processo de criação do conhecimento, como o caso das parteiras, que ensinam outras mulheres, estimulando microcomunidades e criando sinergias entre os diferentes conhecimentos para auxiliar a comunidade. São estas parteiras com maior experiência que escolhem as que irão receber instruções a respeito desta atividade, conforme afirmam Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001).

Criar o contexto adequado, como registrado anteriormente, o *ba* em que se inserem o público desta pesquisa, é adequado porque, de acordo com Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001, p. 66), ele é uma “rede de interações determinada pela solicitude e pela confiança dos participantes” portanto, o contexto ideal são as pessoas e seu comprometimento com os objetivos da comunidade, que criam e aumentam o conhecimento (TAKEUCHI; NONAKA, 2008).

A constatação de Nonaka e Takeuchi (2008) de que a conversão do conhecimento é concebida como um processo social e que o conhecimento se expande, remete ao processo de envolvimento destas mulheres com os demais membros da comunidade em geral. Wenger (1998) também compartilha desta ideia, pois declara que as pessoas se engajam nas ações que são significativas e acordadas entre elas, o que implica em engajamento mútuo. As definições são compartilhadas dentro das CoPs e estabelecidas as qualificações e as atribuições de cada membro.

Estes laços são estruturas que integram as comunidades ou redes realizando a interconexão entre os indivíduos e os diferentes grupos sociais. Quanto mais forte os laços, mais seguros os indivíduos se sentem para tomar decisões coletivamente e influenciados pela rede. Granovetter (1973) afirma que existe um equilíbrio entre o

que o indivíduo deseja e o que a comunidade necessita e essa situação pode fazer com que o indivíduo se envolva e participe auxiliando ainda mais no sucesso dos processos.

Os laços fracos são as relações pouco desenvolvidas, limitadas pelo espaço, pelo tempo e pela pouca afetividade, porém Granovetter (1983) ressalta sua importância porque eles transcendem os laços fortes, garantindo o acesso à informação e à inovação já que a rede é constituída por indivíduos com experiências, conhecimentos e formações diferenciadas. Ela, a rede, se configura de forma distinta e abrangente.

Estas conexões entre os indivíduos formam a rede, uma rede na qual os atores humanos e não humanos estão envolvidos, incorporando e construindo todo este coletivo, conectando o humano e as coisas, que são verdadeiras como a natureza, relatadas como o discurso e coletivas como a sociedade (LATOIR, 2012).

Portanto, o tema relativo a Teoria Ator-Rede é transversal aos demais assuntos abordados neste trabalho, consolidando o espaço para a proposta de pesquisa.

4.6 PROPOSTA DE PESQUISA

Tem-se como proposta de pesquisa estabelecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional em um grupo de mulheres de Guaraqueçaba, à luz da Teoria Ator-Rede, com vistas a aproximação dos modelos tradicionais de Gestão de Conhecimento, especialmente o Modelo SECI e de CoPs de Lave e Wenger (1991).

Salienta-se que o conceito de dinâmica, nesta tese, é análogo ao utilizado por Müller (2018) ou seja, é o movimento dentro do ambiente das redes, responsável pelo estímulo e pela evolução do conhecimento.

Utilizou-se do Modelo SECI de criação do conhecimento e este foi aplicado na comunidade das mulheres esmiuçando o processo de criação e de compartilhamento do conhecimento e comparando com as situações de criação e de compartilhamento do conhecimento, propostas por Nonaka e Takeuchi (1997), verificando se este Modelo também se aplica em contextos fora das organizações formalmente instituídas.

Infere-se que por meio da relação existente entre os membros desta suposta comunidade de prática, da relação e da interação entre mestres e aprendizes é que a

identidade profissional, como a identidade do grupo, se constrói ou se reelabora (HALL, 2000), gerando um sentimento de pertencimento junto à CoP e ao território estabelecido, criando efetivamente uma identidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais.

Entende-se que por meio do uso da Teoria Ator-Rede, a rede que compõe o coletivo poderá ser descrita sendo que esta descrição será útil para realizar o mapeamento do processo de conhecimento das mulheres pescadoras profissionais artesanais com base no Modelo SECI de criação de conhecimento. Acredita-se que este processo de criação do conhecimento gerado pela comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais é idêntico ao proposto por Nonaka e Takeuchi (1997). Portanto, um comparativo poderá ser elaborado para que se demonstre as semelhanças e diferenças em sua dinâmica.

Este estudo concentra-se nos assuntos referentes a criação do conhecimento nas comunidades de prática e nas mulheres pescadoras profissionais artesanais tendo como pano de fundo a Teoria Ator-Rede conforme apresentada por Latour (2012) e Callon (1986 e 2008), assim como a criação do conhecimento no Modelo SECI de Nonaka e Takeuchi (1997) e o conceito de *ba* trazido de Nonaka e Konno (1998), Nonaka (1994) e Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001). Os conceitos de comunidades de prática vêm de Wenger, McDermott e Snyder (2002) e Lave e Wenger (1991), conforme tratado nas Seções 4.1, 4.2, 4.3, 4.4 e 4.5 deste Alinhamento Conceitual.

Para adensar o suporte teórico, na questão comparativa, buscou-se os trabalhos de Sencioles (2014), Gomes (2018) e Murasse (2019). Estes autores, em suas investigações, apresentaram a construção do conhecimento, fundamentados nos mesmos autores de base, Nonaka e Takeuchi (1997), porém em diferentes ambientes, como uma empresa de Telecomunicações, em aceleradoras de *startups* e em uma comunidade virtual de desenvolvimento de *software*, respectivamente, sendo estes ambientes, todos organizacionais formais.

Sencioles (2014) registra em sua pesquisa a importância da cultura de confiança, do entendimento e da organização da comunidade com relação aos seus objetivos, isso faz com que o grupo se torne um celeiro de conhecimento, de acordo com a expressão utilizada por Wenger (1998). Acredita-se que estes elementos motivam e envolvem os integrantes do grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais, o que resulta na criação de boas práticas como identificou Sencioles (2014, p. 38; p.

40) de que as tecnologias da informação podem melhorar as oportunidades de colaboração.

Relacionando este processo a Teoria Ator-rede pode-se supor que a criação da rede se faz não somente por meio de laços fracos ou fortes como apresentado por Granovetter (1973), mas por um objetivo maior que é consenso do grupo. Este é um *ba* em que a construção do conhecimento se manifesta e possibilita estabelecer relações entre humanos e não humanos. Neste processo de construção de conhecimentos, de situações e até mesmo de artefatos ou objetos, pode-se seguir os atores, conforme afirmam Callon (1986) e Latour (2012).

O trabalho apresentado por Gomes (2018) ressalta a empatia ativa, o esforço para interpretar o que os demais membros do grupo necessitam, os interesses, os desejos, as habilidades, os problemas, como buscar auxílio, o quanto os indivíduos querem e estão dispostos a ajudar os demais, inclusive o julgamento moderado que se deve realizar com relação a diversas situações para que o grupo se torne envolvido, seja duradouro e exequível.

Em sua tese, Murasse (2019) evidencia a abordagem *top-down* em que os problemas são resolvidos de cima para baixo, ou seja, na ordem em que eles se manifestam. Esta abordagem faz com que o conhecimento individual seja o contributo em uma situação sócio colaborativa, favorecendo a gestão do conhecimento. Murasse (2019) afirma que aquilo que estimula as pessoas a compartilhar o conhecimento são decorrentes de razões intrínsecas, é a intenção de auxiliar os colegas por exemplo, e quando se compartilha o conhecimento com o grupo, manifesta-se o sentimento de pertencimento, a coerência de pensamento, de ação e o fortalecimento dos laços entre os membros.

No contexto apresentado por Murasse (2019) pode-se observar a dinâmica de interação existente, o que contribui para a formação de redes, podendo-se descrever as atividades de interação entre os atores que a compõem, segundo recomenda Latour (2012, p. 192), “para avaliar quanta energia, movimento e especificidade nossos relatos conseguem incluir”.

Registrou-se aqui os estudos de Sencioles (2014), Gomes (2018) e Murasse (2019), sobre a construção do conhecimento em diferentes contextos capacitantes porque entende-se que estas investigações auxiliariam na análise desta pesquisa com a construção do conhecimento no grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais.

Os assuntos abordados se relacionam com a formação de redes dentro do contexto das suas interações, no qual os actantes deste processo, podem ser rastreados e mapeados, assim como podem ser mapeadas as interferências deles e com eles, o que será fundamental para responder ao problema e aos objetivos delimitados nesta pesquisa, com a abordagem da Teoria Ator-Rede, conforme observa-se na Figura 12.

Os temas criação do conhecimento, comunidades de prática e mulheres pescadoras profissionais artesanais traduzem o Alinhamento Conceitual considerado para esta tese – Figura 11. Estes temas estão conectados entre si pela Teoria Ator-rede, que dará base para a descrição dos atores humanos e não humanos, das relações entre eles, na formação de ocorrências ou situações vividas, permitindo estudar socialmente os processos e os caminhos pelos quais o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais percorrem nas suas ressignificações.

Figura 11 – Alinhamento conceitual



Fonte: Autoria própria (2018).

Estabelecido os traçados iniciais, da revisão de literatura e do alinhamento conceitual, passa-se para o Capítulo de Metodologia no qual apresenta-se os caminhos metodológicos da pesquisa.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Descreve-se neste Capítulo as etapas metodológicas que embasam esta pesquisa, sendo elas: classificação da pesquisa, planejamento da pesquisa, subdividido em fase de preparação, de desenvolvimento e de execução, na qual se encontra a análise de conteúdo e, em seguida, os métodos de coleta e de tratamento dos dados bem como o público-alvo.

5.1 CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza, conforme Lakatos e Marconi (1996) e Gil (2010), quanto à natureza e à utilização dos resultados como aplicada porque se busca novas informações a respeito de como é construído o conhecimento em uma comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais, além de averiguar se o processo de construção do conhecimento, representado pelo Modelo SECI, de autoria de Nonaka (1994), se concretiza na comunidade especificada, revelando ainda as semelhanças e as diferenças desta dinâmica. Além disso, objetiva-se descrever as redes dos elementos humanos e não humanos, à luz da TAR, em que se inserem as mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba – PR.

Com relação aos propósitos, esta pesquisa é exploratória porque proporcionará familiaridade com o assunto, pressupondo-se obter novas informações a respeito do objeto pesquisado, novos critérios, novos métodos e, possivelmente, novas técnicas, para analisar como o conhecimento é criado, a partir do estudo no grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais, podendo também gerar uma nova aplicação para o Modelo SECI de Nonaka (1994) a partir da perspectiva acadêmico-científica.

Salienta-se ainda que esta pesquisa, além de exploratória, é descritiva e explicativa (GIL, 2010), uma vez que possibilitará a análise, o registro, a interpretação e a identificação de causas de determinado fenômeno, pois a pesquisadora estará *in loco*, junto ao grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais, descrevendo e analisando os fenômenos, tendo um envolvimento maior com o grupo investigado, assumindo porém a necessidade, conforme descreve Peruzzo (2017, p. 178), de se ter “maturidade intelectual e acentuada capacidade de distanciamento na hora da

interpretação – a fim de não criar vieses [acentuados] de percepção e na análise” (PERUZZO, 2017, p. 178) dos relatos das pescadoras sobre suas histórias de vida.

O traçado metodológico se estrutura, inicialmente, com a pesquisa bibliográfica e de levantamento, cujo *corpus* foi definido após levantamento bibliométrico, que detectou artigos expressivos nas áreas de Construção do Conhecimento, Teoria Ator-Rede, Comunidades de Prática, Trabalho Feminino e Mulheres pescadoras.

Quanto aos procedimentos a serem utilizados nesta pesquisa constata-se que a abordagem para tratamento dos dados coletados mais adequada de investigação é a de métodos mistos (CRESWELL, 2007; GIL, 2010; VERGARA, 2005) por concatenar as formas quantitativas e qualitativas, salientando-se, no entanto, que a predominância na análise dos dados será qualitativa. Portanto, desta forma, a análise dos resultados apresentados demonstrará um panorama abrangente da situação investigada.

Classifica-se ainda como uma pesquisa de participação observante porque a interação entre o grupo pesquisado e a pesquisadora foi no *habitat* das pescadoras, onde a pesquisadora, por sua vez, se aproximou o máximo possível daquele cotidiano, criando uma relação de confiança e até mesmo de igualdade, para aliar o discurso aos acontecimentos diários. A participação observante é enquadrada como uma pesquisa etnográfica, é o estudo das etnias (do grego *ethos* = cultura + *graphie* = escrita) e uma de suas características é o desenvolvimento da pesquisa tendo o investigador *in loco* realizando a observação. Esta modalidade de pesquisa objetiva analisar e descrever o que acontece no contexto pesquisado sob a perspectiva e interpretação do pesquisador (PERUZZO, 2017).

Esta modalidade de pesquisa – etnográfica – surgiu com os estudos antropológicos de Malinowski, em 1922 que participou ativamente da vida da comunidade investigada da Nova Guiné e das Ilhas Trobiand (CHIZZOTTI, 2003). Este pesquisador registrou cientificamente o significado que as tribos davam aos rituais e aos costumes que possuíam (CHIZZOTTI, 2003). Para Gil (2010, p. 55) a relação de igualdade é importante neste tipo de pesquisa realizada junto a grupos desfavorecidos, como operários, camponeses e índios, porque "caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas".

Esta foi, então, uma pesquisa de campo, com os vieses da participação observante que, de acordo com Peruzzo (2017), é uma pesquisa participativa com particularidades metodológicas, pois é uma pesquisa comprometida com o grupo

estudado, direcionada para o desenvolvimento e a promoção social, desde a análise dos problemas.

Os pesquisadores na modalidade de pesquisa participação observante se envolvem fortemente, tendo por objetivo divulgar os resultados das pesquisas e atuar efetivamente no grupo pesquisado. Este comportamento fez com que esta pesquisadora fosse capaz de compreender os integrantes do grupo, concomitantemente, contribuindo para a modificação de uma realidade futura, tendo como ferramenta para isso, o seu processo de investigação e seus resultados.

Algumas características da participação observante são relacionadas por Peruzzo (2017):

- os pesquisadores se incorporam ao grupo participando das ações que são objeto de sua pesquisa;
- os pesquisadores relacionam-se com o grupo, observam, se envolvem, porém, devem saber se distanciar no momento de realizar a interpretação, ser responsável para não se envolver além do necessário para sua pesquisa;
- apresentação ao grupo dos objetivos da pesquisa e solicitação da sua concordância com o trabalho que será desenvolvido;
- não há necessidade de que o vínculo dos pesquisadores com o grupo seja a partir da pesquisa;
- os pesquisadores devem apresentar ao grupo os resultados de sua pesquisa para que eles conheçam e possam fazer uso das informações.

Na participação observante um recurso metodológico utilizado foi o diário de bordo, que além do uso na navegação é um instrumento utilizado em pesquisas. O diário de bordo reúne informações, fatos, descobertas, questionamentos, revelando as características específicas e particularidades do grupo pesquisado, bem como as reflexões e visões de natureza subjetiva do pesquisador. Coguiec (2016, p. 32) afirma que este documento junta em sua organização a realidade e a ficção, sendo a ficção “não como objeto de estudo, mas como objeto praticado pelo pesquisador”.

Nas viagens realizadas as comunidades de pescadoras, ao final do dia realizava-se anotações do que havia acontecido, descreviam-se os fatos, as histórias contadas, serviram para mostrar quem eram aquelas mulheres, no que acreditavam e como enfrentavam a vida. O diário de bordo também serviu para anotar o estado de espírito da pesquisadora com relação as diversidades do dia a dia.

A participação observante se valeu, ainda, de um Protocolo de Observação, descrito no Quadro 3, que apoiou o Roteiro de Entrevistas - Quadro 12, que subsidiou a entrevista em profundidade, uma das técnicas de coleta de dados. Esta técnica também é chamado por Jovchelovitch e Bauer (2002) de entrevista narrativa, cujo foco é o trabalho com fatos sociais, com as experiências de vida individuais ou coletivas, privilegiando as histórias de vida.

O Protocolo é um orientador de ações junto às pescadoras, durante as entrevistas em profundidade. A técnica de entrevista em profundidade possui como propósito privilegiar a história de vida contada oralmente. Esta técnica possibilita ao investigador o acesso a informações significativas resultantes de memórias seletivas dos entrevistados, o que faz com que seus relatos possuam maior profundidade, como indica o termo adjetivador à técnica (PERUZZO, 2017; THIOLENT, 1982).

Quadro 3 – Protocolo de observação

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO
Preparação dos encontros sociais. Fundamentado em Peruzzo (2017); Ramos, Faria e Faria (2014); Paulilo (1999) e Thiollent (1982).
Explicar a entrevista em profundidade e a questão inicial para a narração das histórias de vida.
Não interromper a narrativa.
Encorajar para que a entrevistada continue sua história de vida com questionamentos como: O que houve em tal ocasião?
Questionar o porquê, se for necessário.
Aguardar até que o entrevistado de sinais de ter acabado.
Observar nas entrevistadas: O gestual, a linguagem, a emoção ao falar, como se sentem com relação ao trabalho, ao grupo de mulheres e ao conhecimento que adquirem com as outras pessoas. As informações que suas histórias contém relacionadas ao trabalho, a pesca e ao conhecimento.
Observar na pesquisadora: O humor, o cansaço e os infortúnios.
Anotar durante ou imediatamente após a entrevista em profundidade.
Registrar as questões sociodemográficas – Perfil da entrevistada, como: Idade, local de nascimento, local onde vive, formação escolar, estado civil e há quanto tempo é pescadora.

Fonte: Autoria própria (2020).

Esta foi uma pesquisa qualitativa a despeito da escolha de métodos mistos e de diferentes técnicas de pesquisa para a coleta e a análise de dados. Privilegiou o

registro do cotidiano da comunidade de mulheres pescadoras como também se priorizou a história de vida, que integra as vivências aos contextos sociais (CRESWELL, 2007; JOVCHELOVITCH, BAUER; 2002; MAYA-JARIEGO, 2017; OLIVEIRA, 1999; PAULILO, 1999; PERUZZO, 2017; THIOLENT, 1982).

Utilizou-se o *software* NVivo 12 para auxiliar no tratamento, na tabulação e na análise dos dados quantitativos. Este *software* permite utilizar diferentes formatos de dados que são agrupados e organizados, facilitando a exploração de informações e otimizando o trabalho de pesquisa. O NVivo 12 auxiliou nas etapas de codificação e de classificação das categorias. A codificação é a fase em que se caracteriza os dados tornando-os apropriados para determinada aplicação. Já a fase de classificação de categorias resulta da classificação dos dados em diferentes variáveis (NVIVO, 2018).

Outro *software* utilizado foi o Social Network Visualizer (SocNetV), de código livre, com multiplataforma para análise e visualização de redes sociais. (SOCNETV.ORG, 2020).

Uma Matriz de Consistência, que apresenta, resumidamente a classificação da pesquisa até o momento, é apresentada no Quadro 4 e, na sequência, expõe-se o planejamento da pesquisa.

Quadro 4 – Matriz de consistência

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO COLETIVO EM UMA COMUNIDADE DE MULHERES PESCADORAS PROFISSIONAIS ARTESANAIS NA REGIÃO DE GUARAQUEÇABA – PR			
APRESENTAÇÃO DA PERGUNTA DE PESQUISA	PRESSUPOSTOS	DELIMITAÇÃO	TIPO DE PESQUISA
Qual a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional nas mulheres pescadoras profissionais artesanais da região de Guaraqueçaba?	<p>O processo de criação do conhecimento gerado pelo grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais se efetiva, mesmo que o contexto seja diferente do proposto pelos autores.</p> <p>Neste grupo, pode-se identificar os quatro modos de conversão que compõem a espiral do conhecimento.</p>	<p>Universo</p> <p>Mulheres pescadoras profissionais artesanais da região de Guaraqueçaba – PR.</p>	<p>Pesquisa de natureza aplicada, descritiva e explicativa.</p>
OBJETIVOS		AMOSTRA	MÉTODO DA PESQUISA
<p>Geral Estabelecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional em uma CoP de mulheres pescadoras profissionais artesanais, à luz da Teoria Ator-Rede, com vistas a aproximação dos modelos tradicionais de Gestão de Conhecimento, especialmente o Modelo SECI.</p> <p>Específicos Descrever as redes dos elementos humanos e não humanos, à luz da TAR, em que se inserem as mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba – PR.</p> <p>Mapear, por meio de redes, o processo de conhecimento das mulheres pescadoras profissionais artesanais.</p> <p>Estabelecer comparativo, entre o modelo de criação de conhecimento proposto nesta comunidade e o Modelo SECI, revelando as semelhanças e diferenças da sua dinâmica.</p>	<p>O grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais se configura como uma CoP, passível de criar e compartilhar conhecimentos.</p> <p>A casa, a cozinha, o rancho e o barco também se configuram como ambientes de criação e compartilhamento do conhecimento – <i>ba</i>.</p> <p>Os laços existentes entre o grupo, entre os mestre e aprendizes é que fazem com que a identidade profissional, a identidade do grupo, se constrói ou se reelabora, gerando um sentimento de pertencimento junto à CoP e ao território estabelecido pelas pescadoras artesanais.</p> <p>Como acontece a transformação do modo de pensar, e qual a percepção que estas mulheres possuem de si e do trabalho como pescadoras.</p> <p>O grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais está inserido em uma rede. Ele sofre e experimenta a ação dos demais elementos ou artefatos que interferem nas atividades.</p>	<p>Comunidades</p> <p>Barbados</p> <p>Canudal</p> <p>Guaraqueçaba</p> <p>Sibuí</p> <p>Superagui</p> <p>Tibicanga</p> <p>Varadouro</p> <p>Vila Fátima</p>	<p>Bibliográfica e de levantamento.</p> <p>Pesquisa de campo, com participação observante, apoiada por entrevista em profundidade.</p> <p>A técnica de coleta privilegiará a história de vida.</p> <p>Técnicas de tratamento de dados mistos, predominantemente qualitativa, possuindo análise de conteúdo e análise de discurso.</p> <p><i>Software</i> NVivo 12 para a tabulação e análise dos dados e o <i>software</i> SocNetV para a representação de redes.</p>

Fonte: Autoria própria (2020).

5.2 PLANEJAMENTO DA PESQUISA

Os procedimentos utilizados para se realizar uma pesquisa devem fazer parte de um planejamento em que conste a fase de preparação, a fase de desenvolvimento, a fase de execução e, finalmente, o relatório de tese (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2000; LAKATOS; MARCONI, 2011). Tais fases desta pesquisa são descritas sequencialmente.

5.2.1 Fase de preparação da pesquisa

A partir de 2016 foi iniciado, por uma equipe de cinco professores do Instituto Federal do Paraná (IFPR), um projeto junto as mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba: (i) que compreendesse o fortalecimento da identidade coletiva; (ii) com atividades associadas e relacionadas com a pesca e o território e com a soberania alimentar; (iii) com produção de artesanatos condizentes com a realidade social e territorial, valorizando os saberes, as práticas tradicionais e as questões de gênero. Este projeto teve início após o recebimento de um abaixo assinado contendo sessenta e duas assinaturas deste grupo de mulheres, e foi intitulado como: Mulheres das Ilhas do litoral do Paraná: resgate de saberes e empoderamento (BORGES, 2016). A demanda foi atendida e teve como intento contribuir para o fortalecimento cultural e identitário do grupo que pertence ao entorno das comunidades tradicionais de pesca artesanal, realizaram-se, então, encontros sistematizados com o objetivo de potencializar os saberes das mulheres.

Observou-se, com a realização deste trabalho junto às mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba que, para elas, o trabalho que realizavam no mar, juntamente com seus pais ou maridos e com o preparo dos pescados, era visto somente como mais uma função dos trabalhos de casa, e não como uma profissão: a de pescadoras artesanais. Após algumas conversas sobre o que era ser uma pescadora artesanal e suas funções, elas começaram a descortinar este novo papel e começaram a tomar conhecimento de quem são, do que fazem e de seus direitos.

O tema desta tese foi definido, então, a partir da percepção de que houve um processo de criação de conhecimento novo entre elas. Deu-se início a esta pesquisa, portanto, seguindo os cânones fundamentais deste tipo de estudo com a elaboração do problema, do tema, dos objetivos e suas segmentações, conforme exposto no Capítulo 1, p. 14.

Na sequência, definiu-se os termos relevantes para a pesquisa, as palavras-chave, bem como as bases de dados em que seria realizado o levantamento bibliométrico. Esta perspectiva foi a partir dos seguintes autores: Creswell (2007), Given (2008), Gil (2010), Lakatos e Marconi (2011), Ramos, Faria e Faria (2014) e Peruzzo (2017).

5.2.2 Fase de desenvolvimento da pesquisa

A fase de desenvolvimento da pesquisa iniciou-se com o levantamento bibliométrico, preparatório da pesquisa bibliográfica. Na sequência, foi realizada a Análise de Conteúdo, momento em que se definiu as categoriais de contexto e de análise, as unidades de contexto e de registro, segundo os delineamentos de Bardin (1977), conforme detalhamento em seções posteriores.

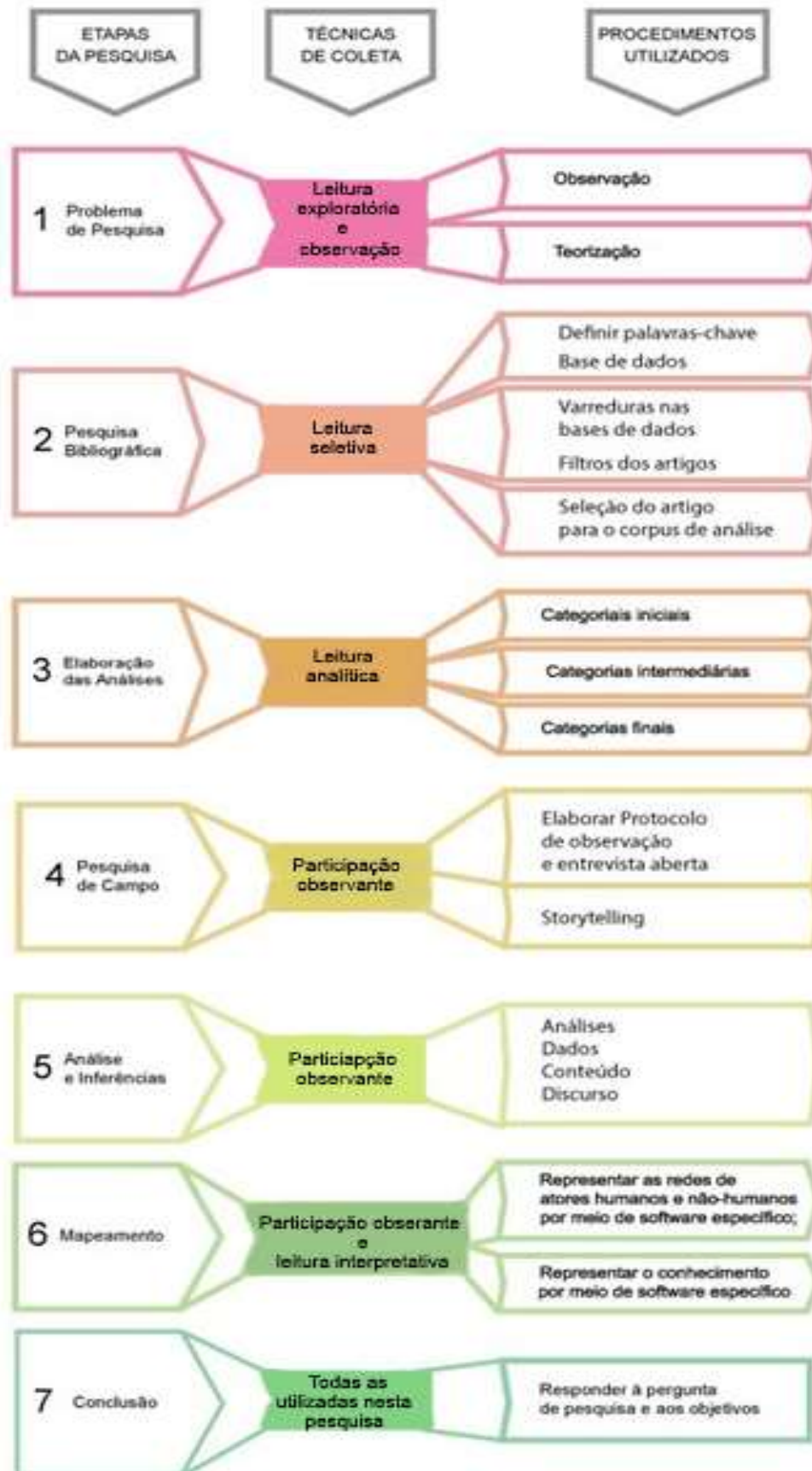
Para a pesquisa de campo, elaborou-se o Roteiro de Entrevistas que amparou a entrevista em profundidade, conforme Quadro 12, seguindo-se o Protocolo de Observação – Quadro 3.

A etapa seguinte destinou-se a análise e as inferências dos dados que foram coletados por meio das entrevistas em profundidade e da participação observante.

O mapeamento da rede dos atores humanos e não humanos, bem como o mapeamento de como ocorre o conhecimento, foi feito com a utilização dos *softwares* NVivo12 e o SocNetV auxiliares da análise quantitativa dos dados coletados. Por fim, registrou-se a conclusão, respondendo à pergunta de pesquisa derivada do problema e aos objetivos propostos nesta pesquisa.

Para demonstrar como se estruturou esta pesquisa apresenta-se a Figura 12, que expõe as etapas, as técnicas de coleta e os procedimentos que foram utilizados.

Figura 12 – Etapas da pesquisa



Fonte: Autoria própria, baseado em Gil (2010).

Tendo-se descrito e apresentado na Figura 12 as Etapas da Pesquisa, parte-se para o detalhamento de como se realizou o Levantamento Bibliométrico. As demais etapas serão descritas sequencialmente.

5.2.2.1 Levantamento bibliométrico

Fundamentando-se em palavras-chave iniciais e aprofundando com os materiais localizados nas bases de dados realizou-se o levantamento bibliométrico nas seguintes bases e portais:

- Web of Science: é uma base de dados de referência, responsável por organizar o índice de Fator de Impacto das publicações por meio da base estatística do Journal Citation Reports (JCR) (PERIÓDICOS CAPES, ACERVO, 2019, *online*).
- Scopus: possui grande número de materiais de bases abertas revisados por pares, de acordo com a Editora Elsevier (2019, *online*).
- Oasis: portal que possui materiais científicos brasileiros e portugueses, possuindo vínculo com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT (2019, *online*).
- ScienceDirect: base com resultados de pesquisas interdisciplinares, com revisão por pares, possuindo artigos de aproximadamente 3.900 revistas. Está vinculada à Editora Elsevier (2019, *online*).
- Portal de Periódicos Capes: possui uma vasta concentração de artigos nacionais e internacionais, contendo “45 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, 12 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual” (2019, *online*).

Esta pesquisa foi realizada inicialmente em 06/04/2018, para o momento da Qualificação e atualizada em 10/01/2020 com os seguintes critérios de elegibilidade: período de 01/01/2015 a 31/12/2019; artigos preferencialmente em língua inglesa e nas bases nacionais em língua portuguesa; avaliados por pares na área de Ciências Sociais e Interdisciplinar. Na base de dados Scopus e no

Portal de Periódicos Capes e Oásis buscou-se em Ciências Sociais, na base de dados Science Direct os artigos são separados por título de publicação e registrou-se aqui os da Procedia - Social and Behavioral Sciences. Para isso, utilizou-se descritores simples e combinados por meio de operadores booleanos. Informa-se que a Procedia é uma coleção de textos de anais de conferências que foi descontinuada em 2018.

Os descritores resultantes desta etapa foram agrupados em grandes temas e subtemas, conforme apresenta-se no Quadro 5 - Temas e subtemas:

Quadro 5 – Temas e subtemas

TEMAS	SUBTEMAS
Actor-network Theory	Collaborative Networks Complex Network Netweaving Social Network
Communities of Practice	Fisherwoman or Fisherwomen Artisanal fishing Small-Scale Fish Women's Work
Knowledge Construction	Enabling context Capacitating Contexts Environments of Knowledge Creation

Fonte: Autoria própria (2020).

Buscou-se, nas bases de dados, os descritores determinados para a pesquisa, com as suas variações, sendo:

- *Actor-network Theory or Actor Network Theory.*
- *Artisanal Fishing and Fisherwoman or Fisherwomen.*
- *Capaciting Contexts or Enabling Context or Environments of Knowledge Creation or ba.*
- *Collaborative networks or Netweaving or Complex networks or Social Network.*
- *Community of practice or Communities of practice.*
- *Female or Woman or Women or fisherwoman or fisherwomen.*
- *Fishing or Small-scale Fish.*
- *Work or Labor or Occupation.*

Igualmente fez-se a busca combinada dos descritores, como por exemplo:

- “*Knowledge Construction AND Community of practice AND Actor-Network Theory AND (Fishing or Fisherw*) AND (Collaborative networks OR Netweaving OR Complex networks) AND (Environments of knowledge creation or Capacity Context or Enabling context or Complex Network)*”.

Os resultados desta pesquisa, por base de dados e por descritor, com suas variações e combinações, constam da Tabela 4.

Tabela 4 – levantamento bibliométrico

PALAVRAS-CHAVE	WEB OF SCIENCE	SCOPUS	SCIENCE DIRECT	OASIS	CAPES
Knowledge construction	39	434	84	111	0
Actor network theory	59	665	0	47	287
Artisanal fishing or small-scale fish	10	46	0	26	0
Female or woman or women + work or labor or occupation	4.583	19.744	3.350	0	3.253
Environments of knowledge creation or capacity contexts or ba or enabling context	0	0	0	0	0
Collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks	34	10.615	603	267	1.472
Community of practice or communities of practice + construction of knowledge or knowledge construction	76	9	167	17	0
Community of practice or communities of practice + actor network theory	37	6	86	0	0
Community of practice or communities of practice + artisanal fishing or small-scale fish + fisherwomen or fisherwoman	37	0	86	0	0
Community of practice or communities of practice + female or woman or women + work or labor or occupation	2.996	26	2.314	1	0
Community of practice or communities of practice + environments of knowledge creation or capacity contexts or ba or enabling context	63	2	0	17	0
Community of practice or communities of practice + collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks	671	61	655	17	2.736
Construction of knowledge or knowledge construction + actor-network theory or actor network theory	97	0	76	28	341
Construction of knowledge or knowledge construction + artisanal fishing or small-scale fish + fisherwomen or fisherwoman	38	0	66	0	0
Construction of knowledge or knowledge construction + female or woman or women + work or labor or occupation	2.998	11	2.315	1	3.245
Construction of knowledge or knowledge construction + environments of knowledge creation or capacity contexts or ba or enabling context	64	11	0	28	0
Construction of knowledge or knowledge construction + collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks	671	20	646	20	2.138

Continua

	Continuação				
Actor-network theory or actor network theory + artisanal fishing or small-scale fish + fisherwomen or fisherwoman	59	0	0	0	413
Actor-network theory or actor network theory + female or woman or women + work or labor or occupation	3.019	5	2.263	1	2.939
Actor-network theory or actor network theory + environments of knowledge creation or capacity contexts or ba or enabling context	85	0	0	0	0
Actor-network theory or actor network theory + collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks	692	22	597	16	0
Artisanal fishing or small-scale fish or fisherwomen or fisherwoman + female or woman or women + work or labor or occupation	2.969	6	2.003	1	0
Artisanal fishing or small-scale fish or fisherwomen or fisherwoman + environments of knowledge creation or capacity contexts or ba or enabling context	0	0	0	0	0
Artisanal fishing or small-scale fish or fisherwomen or fisherwoman + collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks	645	1	592	0	0
Environments of knowledge creation or capacity contexts or ba or enabling context + collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks	659	4	1.179	0	0
Knowledge construction + community of practice + actor-network theory + fishing or fisherw* + collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks + environments of knowledge creation or capacity contexts or ba or enabling context	0	0	0	0	0
Knowledge construction + community of practice + actor-network theory + fishing or fisherw* + collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks	634	0	591	0	0
Knowledge construction + community of practice + actor-network theory + fishing or fisherw*	1	0	0	0	0
Knowledge construction + community of practice + actor-network theory	0	0	0	0	13
Knowledge construction + community of practice	0	6	3	1	0

Fonte: Autoria própria (2020).

Considerando-se os resultados da Tabela 4, a título de exemplo, na busca combinada, tem-se o descritor “*knowledge construction*”, que nas bases Scopus e Oasis retornou a quantia de 434 e 111 trabalhos. Porém, quando realizada a busca com os descritores combinados entre si, como por exemplo na estratégia de busca: “*Knowledge construction + community of practice + actor-network theory + fishing or fisherw* + collaborative networks or netweaving or complex networks or social networks + environments of knowledge creation or capacity contexts or ba or enabling context*”, os retornos das bases pesquisadas, foram nulos.

Esta nulidade demonstra que não há pesquisas publicadas, nas bases consultadas dentro dos parâmetros estipulados, conforme descrito

anteriormente, o que evidencia a originalidade desta pesquisa, dentro dos critérios estabelecidos.

Após o levantamento destes materiais, resultantes das buscas nas bases de dados, selecionou-se os artigos e nesta etapa da pesquisa, com a leitura dos temas e os resumos dos artigos, observou-se a necessidade de se realizar a análise de aderência dos descritores e suas derivações para verificar que termos eram os mais utilizados, ou citados, pela comunidade acadêmica. O teste de aderência foi desenvolvido a partir dos descritores identificados, e suas derivações, demonstrando de forma quantitativa, a pertinência da palavra para o trabalho de pesquisa (RUTHES; SILVA, 2015).

Este levantamento foi realizado inicialmente nos dias 5 e 6 de maio de 2018 (Qualificação) e atualizado no dia 11 de janeiro de 2020, com a ferramenta de pesquisa Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da Capes, obtendo-se os resultados contidos na Tabela 5.

A partir destes resultados, escolheu-se as palavras mais citadas, conforme Tabela 5. Evidencia-se, por exemplo, que a expressão “ACTOR-NETWORK THEORY” com ou sem hífen possui a mesma representatividade, logo optou-se pela expressão com hífen por ser a expressão grafada pelo seu autor, Bruno Latour (2012). A palavra “WOMEN'S WORK” tem grande recursividade, porém engloba todo e qualquer tipo de trabalho feminino, o que fica muito abrangente e não é o caso desta pesquisa, aqui especificamente, aborda-se o trabalho com a pesca, por este motivo esta expressão foi excluída.

Com relação aos espaços de criação de conhecimento, optou-se pela palavra “ENABLING CONTEXT” por sua recursividade e por se adequar melhor ao contexto desta pesquisa.

No que concerne às redes, com grande representatividade aparecem as expressões “COLLABORATIVE NETWORKS” e “COMPLEX NETWORK”, porém a abordagem de redes colaborativas (*collaborative networks*) demonstrou que abrange diferentes áreas sendo que redes complexas se situa melhor na área das Ciências Exatas. Por estes motivos e por se adequar melhor a esta pesquisa, escolheu-se o constructo “SOCIAL NETWORK”.

Tabela 5 – Palavras-chave para análise

PALAVRAS CHAVE	GOOGLE ACADÊMICO	PORTAL PERIÓDICOS CAPES
Actor network theory	79.700	10.866
Actor-network theory	79.900	10.866
Artisanal fishing	16.400	2.391
Small-scale fish	4.490	421
Communities of practice	433.000	8.306
Community of practice	247.000	3.816
Capacitating contexts	3	0
Enabling context	6.390	784
Environments of knowledge creation	8	0
Fisherwoman	2.920	449
Fisherwomen	4.590	485
Women's work	212.000	69.943
Construction of knowledge	142.000	1.892
Knowledge construction	155.000	16.812
Collaborative networks	44.700	6.328
Complex network	994.000	79.720
Netweaving	173	16
Social network	2.420.000	185.190

Fonte: A autoria própria (2020).

Valendo-se destas informações, elaborou-se a Tabela 6 em que se apresenta as palavras-chave definidas para esta pesquisa, a quantidade de vezes que são mencionadas no *site* Google Acadêmico e no Portal Periódicos Capes, com a representatividade percentual.

Tabela 6 – Palavras-chave definidas e teste de aderência

PALAVRAS-CHAVE	GOOGLE ACADÊMICO	%	PORTAL PERIÓDICO CAPES	%
Actor-network theory	79.800	2,56	10.866	4,83
Artisanal fishing	16.400	0,53	2.391	1,06
Communities of practice	433.000	13,90	8.306	3,69
Enabling context	6.390	0,21	784	0,35
Fisherwomen	4.590	0,15	485	0,22
Knowledge construction	155.000	4,98	16.812	7,48
Social network	2.420.000	77,68	185.190	82,37
TOTAL	3.115.180	100,00	224.834	100,00

Fonte: Aatoria própria (2020).

No que concerne às redes, com grande representatividade aparecem as expressões “COLLABORATIVE NETWORKS” e “COMPLEX NETWORK”, porém a abordagem de redes colaborativas (*collaborative networks*) demonstrou que abrange diferentes áreas sendo que redes complexas se situa melhor na área das Ciências Exatas. Por estes motivos e por se adequar melhor a esta pesquisa, escolheu-se o constructo “SOCIAL NETWORK”.

Na sequência, realizou-se a pesquisa com as diferentes combinações dos descritores, após o teste de aderência. A Tabela 7 apresenta os resultados obtidos, para cada uma das combinações, em cada base de dados, que somados resultou em 1.491 artigos.

Tabela 7 – Base de dados consultadas - resultados por palavras-chave

COMBINAÇÕES DAS PALAVRAS-CHAVE	WEB OF SCIENCE	SCOPUS	SCIENCE DIRECT	OASIS	CAPEIS
Actor-network theory and artisanal fishing	0	0	0	0	0
Actor-network theory and enabling context	0	0	0	0	0
Actor-network theory and fisherwomen	0	0	0	0	0
Actor-network theory and social network	1	19	0	2	233
Artisanal fishing and enabling context	0	0	0	0	0
Artisanal fishing and fisherwomen	0	1	0	0	0
Artisanal fishing and social network	0	1	0	0	0
Communities of practice and actor-network theory	0	2	0	0	6
Communities of practice and artisanal fishing	0	0	0	4	0
Communities of practice and enabling context	0	0	0	1	0
Communities of practice and fisherwomen	0	0	0	1	0
Communities of practice and knowledge construction	0	6	39	2	42
Communities of practice and social network	1	59	267	1	507
Fisherwomen and enabling context	0	0	0	0	0
Fisherwomen and social network	0	0	4	2	2
Knowledge construction and actor-network theory	0	0	0	3	6
Knowledge construction and artisanal fishing	0	0	0	0	0
Knowledge construction and enabling context	0	0	0	2	0
Knowledge construction and fisherwomen	0	0	0	1	0
Knowledge construction and social network	0	18	128	1	129
TOTAL POR BASE DE DADOS	2	106	438	20	925
TOTAL GERAL					1.491

Fonte: Autoria própria (2020).

Os dados constantes da Tabela 7 são o resultado bruto encontrado em cada uma das bases de dados e que foram submetidos à Análise Sistemática, sequencialmente descrita.

5.2.2.2 Pesquisa Bibliográfica – análise sistemática

Os materiais localizados nas bases de dados fazem parte da revisão de literatura e foram submetidos a análise sistemática, seguindo-se o fluxo apresentado na Figura 13.

Figura 13 – Etapas de levantamento inicial

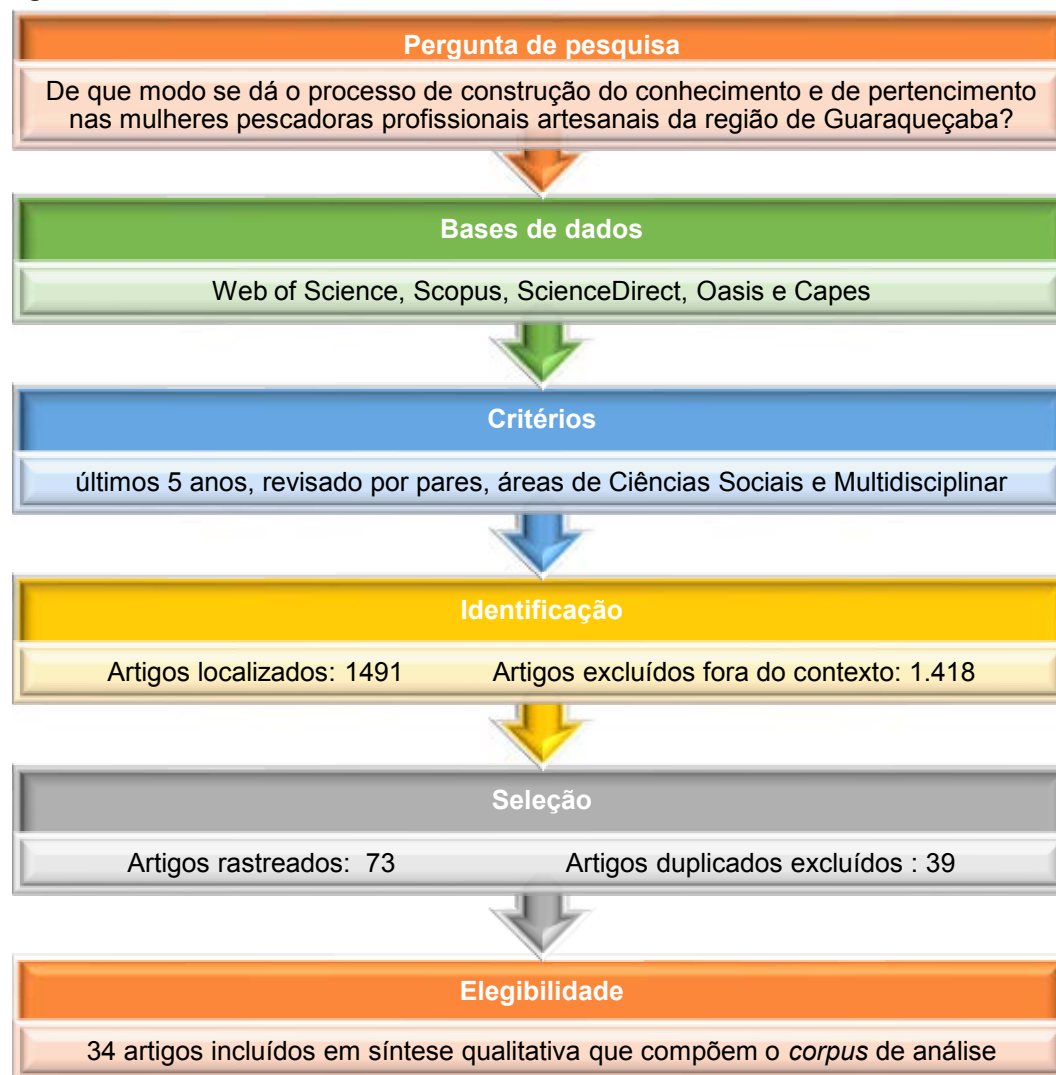


Fonte: Autoria própria (2018).

De posse destes artigos, realizou-se uma revisão crítica e abrangente da literatura para direcionar o desenvolvimento da revisão sistemática por esta ser de acordo com Sampaio e Mancini (2007), minuciosa, organizada, transparente e podendo ser reproduzida.

As Fases da Revisão Sistemática deste estudo, são apresentadas na Figura 14 contendo a pergunta de pesquisa, as bases de dados consultadas (Web of Science, Scopus, ScienceDirect, Oásis e o Portal de Periódicos Capes) e os critérios definidos para a seleção do material.

Figura 14 – Fases da revisão sistemática



Fonte: Autoria própria, fundamentada em Fernandes *et al.* (2018), Ramos, Faria e Faria (2014) e Sampaio e Mancini (2007).

Demonstra-se quantitativamente, na Tabela 8, os artigos selecionados (1.491) que, após leitura do tema e do resumo, resultaram em 34 artigos que estavam de acordo com os critérios estabelecidos para elegibilidade de uso, como: artigos científicos revisados por pares, nas áreas de Ciências Sociais e Multidisciplinar, nas bases de dados Web of Science, Scopus, ScienceDirect, Oásis e o Portal de Periódicos Capes. Foram excluídos 39 artigos duplicados e mais 1.418 artigos que continham descritores definidos na pesquisa, porém estavam fora do contexto específico desta pesquisa, que é a construção do conhecimento em um grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais, que possuam uma configuração semelhante ou próxima a definição de comunidades de prática e que, um ou mais elementos deste contexto, se

relacionem com a formação de redes dentro dos conceitos da Teoria Ator-Rede possa ser utilizada como viés metodológico.

Tabela 8 – Resumo quantitativo do levantamento dos artigos

RESUMO	ARTIGOS SELECIONADOS POR BASE	ARTIGOS DUPLICADOS E FORA DO CONTEXTO	ARTIGOS PARA LEITURA
Capes	925	909	16
Oasis	20	18	2
Science direct	438	434	4
Scopus	106	95	11
Web of Science	2	1	1
TOTAL	1491	1457	34

Fonte: A autoria própria (2020).

Os artigos para leitura que totalizaram 34, foram os que constituíram o *corpus* de análise dinâmico, selecionados a partir da temática desta pesquisa e estão registrados no Apêndice B. Estes materiais em conjunto com o *corpus* estático formado por artigos seminais, segundo Maricato (2011), complementados pelas oficinas e pela experiência da pesquisadora colaboraram para o início deste estudo, compondo a revisão bibliográfica.

Iniciou-se a análise sistemática com a tabulação destes 22 artigos, que foram colocados em uma única planilha do Microsoft Excell. Nesta fase, a atenção foi direcionada para a pesquisa bibliográfica, realizada a partir dos descritores e da definição das bases de dados, momento em que os resultados obtidos foram refinados selecionando-se os artigos pertinentes à esta pesquisa.

Com relação as teses pesquisadas, pouco foi localizado e o que se encontrou estava fora dos requisitos estabelecidos para esta pesquisa, porém alguns trabalhos, mesmo não estando em conformidade com estes critérios, auxiliaram na fundamentação desta tese, como por exemplo o de Verschleisser (1990, p. 1 - 2), *Com quantos paus se faz uma canoa*, no qual consta técnicas e instrumentos de trabalho usados pelas comunidades de pescadores artesanais, como a canoa, os métodos de construção e a navegabilidade tendo como objetivo o resgate cultural, oportunizando “um auto-conhecimento, com a finalidade de gerar, dentro destas unidades de ‘pequena produção mercantil’ um melhor aproveitamento de seus próprios recursos para torná-los independentes

de tecnologias complexas e alienígenas do seu existir diário” (VERSCHLEISSER, 1990, p. 1 - 2).

Após estas etapas realizadas e de posse dos 34 artigos que constituem o *corpus* dinâmico de análise, associado ao *corpus* estático de pesquisa, foi construída a Revisão de Literatura, fundamental para a posterior análise e tratamento dos dados coletados. Em razão desta pesquisa ser de métodos mistos, mas com enfoque preponderantemente qualitativo, os dados coletados foram analisados com apoio da Análise de Conteúdo, sob o viés de Bardin (1977). Na sequência traz-se, no Quadro 6, um exemplo de Análise sistemática que se encontra completo no Apêndice G.

Quadro 6 – Análise sistemática

TÍTULO	CONTEXTO	PROBLEMA	OBJETIVO	METODOLOGIA	RESULTADO	TEORIA
CALHOUN, Sarah; CONWAY, Flaxen; RUSSELL, Suzanne. Reconhecendo a voz das mulheres: implicações para a gestão e política da pesca. <i>Marine Policy</i> , v. 74, p. 292-299, 2016.	Implicações para a gestão e políticas da pesca	Como os sistemas de gerenciamento podem afetar os papéis e a participação das mulheres na indústria.	Coletar dados de história oral relacionados a estratégias passadas e atuais para abordar a resiliência da família de pesca e da comunidade ao longo do tempo.	Os dados foram coletados usando uma mistura de história oral e metodologia de entrevista em profundidade.	Complementam a literatura sobre os papéis das mulheres nos EUA e fornecem a atenção necessária à sua contribuição para o bem-estar, resiliência e capacidade adaptativa da indústria de pesca comercial em desenvolvimento no Oregon.	Comunidades de prática Pesca e mulheres
PRADO, Alysson Bolognesi; BARANAUSKAS, Maria Cecília Calani. Abordando as características estruturais e dinâmicas das redes sociais científicas através das lentes da Teoria Actor-Rede. <i>Social Network Analysis and Mining</i> , v. 3, n. 4, p. 1263-1276, 2013.	Relações entre os atores humanos e não-humanos são igualmente importantes para compreender os fenômenos sociais.	Quais as possibilidades de usar o ANT para caracterização de domínio e design de <i>software</i> . Em uma instância real de redes sociais.	Dada a natureza social da produção de conhecimento pelos cientistas, estes são candidatos potenciais para o uso de <i>software</i> social e, portanto, suas relações sociais devem ser mapeadas e documentadas.	Pesquisa etnográfica	Os resultados de um estudo estrutural oferecem uma representação gráfica que permite a análise quantitativa e qualitativa da rede social, enquanto o estudo de caso de evolução temporal sugere que as associações cíclicas são mais propensas a persistir.	Teoria Actor-Rede

Fonte: Autoria própria (2020).

A seção seguinte tem a função de apresentar o método de coleta, de tratamento e de análise de dados.

5.2.3 Método de coleta de dados

Esta seção destina-se a apresentação dos procedimentos de coleta de dados com a definição do público-alvo e o Roteiro de Entrevistas – Quadro 12.

5.2.3.1 Amostra

Foi trabalhado com uma amostra intencional porque em estudos qualitativos toda amostra deve representar o contexto, a realidade social de acordo com Thiollent (1982). Estes estudos, possuem como precedente analisar, interpretar e descrever questões complexas do comportamento humano. Portanto o destaque da pesquisa qualitativa é no desenvolvimento e seus significados.

Neste estudo a amostra foi não probabilística, tipificada como intencional, segundo Marconi e Lakatos (2010), pois a pesquisadora estava interessada na caracterização de um coletivo específico, suas ações, intenções, saberes e fazeres. De outra parte uma amostra intencional representa, também determinadas características do contexto que se quer retratar, contexto este em contínua construção (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008), as pescadoras profissionais artesanais da Região de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil.

O público pesquisado possui conhecimento do dia a dia da comunidade e contribuiu com informações ricas e detalhadas fazendo com que a pesquisadora se apropriasse de situações fundamentais para responder aos objetivos desta pesquisa (MOREIRA, CALEFFE, 2006).

As pescadoras, salienta-se, situam-se em locais de difícil acesso, não possuem uma associação oficial em que se possa solicitar informações ou dados específicos, reforçando questões de invisibilização. Elas participaram relatando suas histórias de vida, ou *storytelling*, no processo de entrevista em profundidade, que foi realizada tendo como eixo norteador o Protocolo de Observação – Quadro 3 e o Roteiro de Entrevistas – Quadro 12. As pesquisadas são pescadoras das diversas comunidades

de Guaraqueçaba, conforme registrado na Figura 1, no item 1.2 Delimitação da Pesquisa, especialmente nas comunidades identificadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Número de pescadoras por localidade

Localidade	Nº Pescadoras
Barbados	03
Canudal	02
Guaraqueçaba	01
Sibuí	07
Superagui	02
Tibicanga	17
Varadouro	02
Vila Fátima	01
Total	35

Fonte: Autoria própria (2020).

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa são descritos na sequência.

5.2.3.2 Procedimentos

Utilizou-se como método para a coleta de dados a entrevista em profundidade tendo o Roteiro de Entrevistas – Quadro 12 – como orientador, este foi criado a partir de uma Análise de Conteúdo prévia da Revisão de Literatura – método a ser descrito em seção específica– Seção 5.2.4, e com base na pesquisa etnográfica se utilizou o *storytelling*. O *storytelling* é uma técnica em que os interlocutores constroem, criticam e reconstroem situações do dia a dia (OCHS *et al.*, 1992). A narrativa é um meio valioso para o desenvolvimento de habilidades críticas, como:

- perspectiva - facilidade em reconhecer e expressar diferentes pontos de vista;
- capacidade de separar as histórias próprias e a de outras pessoas como possíveis versões de um fato ou teorias;
- pensamento analítico crítico - competência para avaliar diferentes perspectivas sobre um conjunto de eventos avaliando e analisando sua adequação e validade;
- capacidade de retrabalhar e reformular as perspectivas de ambos os protagonistas da narrativa, como também dos (co)narradores que analisam a mesma história e seus próprios pontos de vista.

Além disso, esta técnica de compartilhar experiências por meio de histórias faladas, é uma maneira eficiente de criar e consolidar o conhecimento. Sole e Wilson (2002) afirmam que a narrativa cria confiança, compartilha o conhecimento tácito, facilita o aprendizado e desenvolve conexões emocionais. Porém, para que o uso bem-sucedido de histórias seja eficaz, há de se escolher momentos de história apropriados e possuir clareza sobre as metas de compartilhamento de conhecimento, ou onde se quer chegar com esta técnica. Por este motivo, o Roteiro de Entrevistas – Quadro 12, é um instrumento necessário para direcionar este processo de pesquisa.

Esta técnica serviu de sustentação para a pesquisa, pois as pescadoras contaram suas histórias, descreveram suas memórias, comunicaram suas opiniões. Este material possibilitou a interpretação dos diversos detalhes apresentados oralmente por elas, e puderam ser comparados com os acontecimentos do cotidiano.

As questões formuladas para o Roteiro de Entrevistas – Quadro 12, foram embasadas nos autores apresentados na Revisão de Literatura, em especial Nonaka e Takeuchi (1997), Lave e Wenger (1991) Latour (1999, 2012) e Callon (1986, 1989).

Com relação aos objetivos específicos e aos temas abordados apresenta-se no Quadro 8 os autores de base que fundamentaram esta tese, advindos do *corpus* estático e dinâmico – Revisão da Literatura.

Quadro 8 – Objetivos específicos e autores de base

Objetivos específicos / temas abordados	Autores de base
OE - 1 - Descrever as redes dos elementos humanos e não humanos, à luz da TAR, em que se inserem as mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba – PR.	Callon (1986, 1989) e Latour (1987, 1999, 2012).
OE - 2 – Mapear por meio de redes, o processo de conhecimento das mulheres pescadoras profissionais artesanais.	Polanyi (1958), Nonaka e Takeuchi (1997), Von Krogh; Ichijo; Nonaka, (2001), Nonaka; Konno (1998)
OE - 3 - Estabelecer um comparativo entre o modelo de criação de conhecimento proposto nesta comunidade e o Modelo SECI, revelando as semelhanças e diferenças da sua dinâmica.	Nonaka e Takeuchi (1997) e Lave e Wenger (1991)
T - 1 – Pescadoras Artesanais.	Sousa e Guedes (2016); Gerber (2015); Motta-Maués (1999)
T - 2 – Trabalho Feminino.	Wajcman, (2004), Fórum Econômico Mundial (2017); Ludermir (2000).

Fonte: Autoria própria (2020).

A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevista em profundidade e teve como base as teorias apresentadas nesta tese, seguindo-se as determinações de Bardin (1977) e Vergara (2005) para a realização da análise de conteúdo e do discurso, que serão tratadas na seção seguinte, que inclui a descrição dos instrumentos de pesquisa criados e utilizados.

5.2.4 Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo, no viés de Bardin (1997, p. 96), é “[...] o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. Estes são definidos por meio de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Bardin (1977) ressalta alguns requisitos para a separação crítica do material:

- exaustividade que todos os documentos relativos ao assunto pesquisado devem ser incorporados na análise.
 - representatividade: Pode-se utilizar uma amostra do material desde que seja representativa com relação ao universo inicial.
 - homogeneidade: os documentos devem corresponder aos critérios estipulados.
- Pertinência: o documento deve ser pertinente ao estudo realizado.

A partir disso, representa-se os passos deste método de análise de conteúdo no *framework* da Figura 15.

Figura 15 – Etapas da análise de conteúdo



Fonte: Adaptado de BARDIN (1977, p. 102)

Este é, em essência, um método misto, no qual a análise quantitativa evidencia a frequência de certas palavras no texto enquanto a qualitativa analisa as particularidades em certos fragmentos da mensagem. Esse é também um método descritivo que enfatiza a inferência para se interpretar os indícios fundamentados nas especificações de validação (BARDIN, 1977).

5.2.4.1 – Análise de Conteúdo – geração de categorias de dados

A análise de conteúdo fundamentou a categorização dos dados coletados, que foi orientada por um conjunto de descritores, gerando as Categorias de Contexto, as Categorias de Análise, as Unidades de Contexto e de Registro.

Esta fase foi composta de leitura flutuante, momento em que foram definidas as unidades de contexto, de registro, as categorias de análise e contexto, que são grupos de expressões com atributos análogos. Fez-se este trabalho fundamentando-se na investigação quantitativa, realizado na pré análise, e no levantamento qualitativo.

Para se realizar o levantamento qualitativo considerou-se os termos relevantes para esta pesquisa, retirados da revisão da literatura e alinhados com o conjunto de termos relacionados ao tema. Considerou-se neste processo as palavras chaves descritas nas Tabelas 4 e 5.

A Categoria de contexto é o elemento, segundo Bardin (1997), que permite criar o significado maior para determinar as categorias de análise (intermediárias) e as unidades de registro (finais). As categorias de contexto desta pesquisa encontram-se registradas no Quadro 9.

Quadro 9 – Categorias de contexto

Categorias de contexto
Criação do Conhecimento
Comunidades de prática
Mulheres pescadoras
Teoria Ator-Rede

Fonte: Autoria própria (2020).

As Categorias de Análise que derivam das categorias de contexto são textos menores – frases - que contribuem diretamente para a análise e para o atingimento do objetivo geral desta pesquisa. Nas Categorias de Análise identificou-se elementos que fazem parte do mesmo campo semântico.

Quadro 10 – Categorias de contexto e categorias de análise

Categorias de Contexto	Categorias de Análise
Criação conhecimento	Modelo SECI
	Capacitadores do Conhecimento
	Contextos Capacitantes
Comunidades de Prática	Aprendizado Social
	Redes Sociais
	Práticas
	Domínio
Mulheres pescadoras	Pesca artesanal
	Identidade Profissional
	Invisibilidade do Trabalho
Teoria Ator-Rede	Agência
	Atores Humanos e Não Humanos
	Interações
	Tradução

Fonte: Autoria própria (2020).

Determinadas as categorias de análise identificou-se as unidades finais – unidades de registro. Estas partem de uma unidade de contexto (parágrafos) para identificação da unidade de base, a palavra-tema, ou unidade de registro (BARDIN, 1977).

As Unidades de Registro são as palavras que aparecem com maior frequência no texto que são selecionados do material de origem, os parágrafos são um exemplo de unidade de contexto e, a partir deles, seleciona-se palavras para formar um extrato deste parágrafo e, assim, registrar-se o início da categorização. Estas categorias são agregadas a temas convergentes, originando as categorias iniciais, que, agrupadas, resultam nas categorias intermediárias que, por sua vez, quando agrupadas em conformidade com os temas escolhidos, convertem-se nas categorias finais. No Quadro 11 exemplifica-se para a Categoria de Análise Teoria Ator-Rede, lembrando-se que para cada categoria existirá um detalhamento, disponível no Apêndice C.

Quadro 11 – Unidade de registro

Categoria de Análise: Teoria Ator-Rede	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Atores ou actantes	<p>Um ator para a TAR é qualquer coisa que atue ou modifique uma situação ou uma conjuntura, sendo assim, deve-se rastrear as pistas deixadas por eles, para poder observar-se o contexto social, pois “é como se disséssemos aos atores: não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham aos seus próprios mundos, e só então, pediremos explicação sobre o modo como se estabeleceram” (LATOURET, 2012, p. 44).</p> <p>(i) Os atores que estão mais bem conectados a outras ensejadas são mais propensos a pescar nas áreas de Cabo Blanco (MAYA-JARIEGO <i>et al.</i>, 2017). (ii) O que a TAR pode contribuir além dessas abordagens é a afirmação de que atores humanos e não-humanos devem ser igualmente abordados (iii) O foco da TAR é em associações formadas entre os atores, resultando em uma rede. O conceito de interação é expandido e engloba interferência, delegações e articulações entre todos os tipos de atores (PRADO; BARANAUSKAS, 2013). (iv) O construto central na TAR é a rede de atores, entendida como um conjunto heterogêneo de atores humanos, não humanos e híbridos. (v) ...que a ANT pode contribuir além dessas abordagens é a afirmação de que atores humanos e não-humanos devem ser igualmente abordados.</p>
	<p>Humano</p> <p>(i) Por exemplo, uma empresa de marketing é um conjunto de atores humanos e atores não humanos, como tecnologias, espaços e discursos que afetam a forma como os humanos trabalham e interagem. (ii) Ao contrário de outras abordagens da materialidade na ciência social, a ANT disciplina o olhar para reconhecer a agência do objeto, impedindo uma descrição exagerada da agência humana em um mundo amplamente material e tecnológico. (iii) Na primeira fase de tradução, os atores humanos incorporam o desejo, as habilidades, a criatividade e o acesso aos recursos necessários para inovar como empreendedores (MARTIN; SCHOUTEN, 2013).</p>
	<p>Não Humano</p> <p>(i) À medida que apresentamos o relato de estar com apicultores e abelhas, oferecemos uma imagem da abelha como informante não humano, um ator em si mesmo. (ii) A atenção plena interespecies é uma prática de especulação sobre espécies não humanas que se esforça para resistir a reflexões antropomórficas. (iii) Pela primeira vez, estávamos no campo com outras espécies, informantes não humanos que, por natureza, já eram “aliciados” por humanos (MOORE; KOSUT, 2014).</p>
Interações	<p>(i) O conceito de interação é expandido e engloba interferência, delegações e articulações entre todos os tipos de atores. (ii) O agenciamento é inerentemente instável, sendo constantemente realizado através das interações entre vários atores em concerto ou oposição (Callon 1986; Law 2008). (iii) Szell et al. (2010) analisaram dados de interação social entre 300.000 jogadores de um jogo online e encontraram estruturas de rede bem distintas... (iv)...negligenciar a natureza dos laços sociais e misturar diferentes interações (mesmo dentro do mesmo conjunto de dados) resulta em deturpação grosseira do sistema " (Szell et al. 2010, p. 13638).</p>

Continua

Agência	(i) O mutismo estratégico é evidência do exercício consciente da agência ou meramente outra manifestação das estruturas sociais injustas e hegemônicas... espaço e localização moldam a capacidade de exercer agência através da voz (Cleaver, 2007, pp. 236-237). Ao considerarmos que a ' agência ' é fundamental para entender a ação coletiva; um exame de estrutura, voz e emotividade como os dois principais fatores que afetam a agência é enfatizado. (ii) Habitus é também idade, sexo ou classe específica; molda a potencialidade ou capacidade dos indivíduos para elevar a voz de uma pessoa, enquanto os indivíduos são capazes de superar as restrições do habitus através do exercício consciente da agência e do uso de várias formas de capital (Cleaver, 2007). c) Um princípio central da ANT é que todos os atores, incluindo os não-humanos, têm agência na medida em que afetam as ações de outros atores (Latour 2005).
Tradução	(i) Os resultados revelam um processo de múltiplas traduções em que os consumidores mobilizam atores humanos e não humanos para co-constituir produtos, práticas e infraestruturas. (ii) A tradução de intenções em artefatos sempre sai do controle de seus criadores, da mesma maneira que um texto se distancia de seu autor, e age além dele. (iii) ...as traduções são simplesmente transformações ou movimentações de materiais ou significados de um meio ou de um espaço para outro (Latour 2005). As traduções resultam das relações entre os atores, e os atores são co-constituídos em e por essas relações. Callon (1986) também se refere à tradução mais especificamente como um processo pelo qual um ator problematiza uma situação e depois mobiliza uma rede de atores com ela (MARTIN; SCHOUTEN, 2013).

Fonte: Autoria própria (2018).

O levantamento das Unidades de registro é quantitativo com relação a ocorrência e a recorrência das palavras e foi feito a partir da leitura dos 34 artigos que constituíram o *corpus* de análise. Este processo foi realizado com auxílio de uma análise heurística simples a partir da ferramenta *Word Cloud Generator*, que faz a contagem de palavras e gera resultados a partir de nuvens, conforme apresenta-se na Figura 16, a título de exemplo.

Figura 16 – Nuvem de palavras



Fonte: Autoria própria (2020).

Das palavras mais citadas, selecionou-se as mais adequadas para se elaborar as unidades de registro, em razão da sua frequência, mas também da análise qualitativa destas.

A partir destes resultados selecionou-se as palavras relevantes para o desenvolvimento das unidades de análise e de registro, conforme demonstra-se na Tabela 9, utilizando-se como exemplo um dos artigos que faz parte do *corpus* dinâmico. A nuvem de palavras demonstrou as palavras mais utilizadas no texto e, neste exemplo da Tabela 9, destacam-se as palavras *fisheries* citada 54 vezes, *community* 43 vezes e *women* 37 vezes. A palavra *fishing* aparece 97 vezes neste artigo, porém escolheu-se a palavra *fisheries* por ser mais pertinente ao tema desta pesquisa.

Tabela 9 – Palavras selecionadas para as unidades de análise e de registro

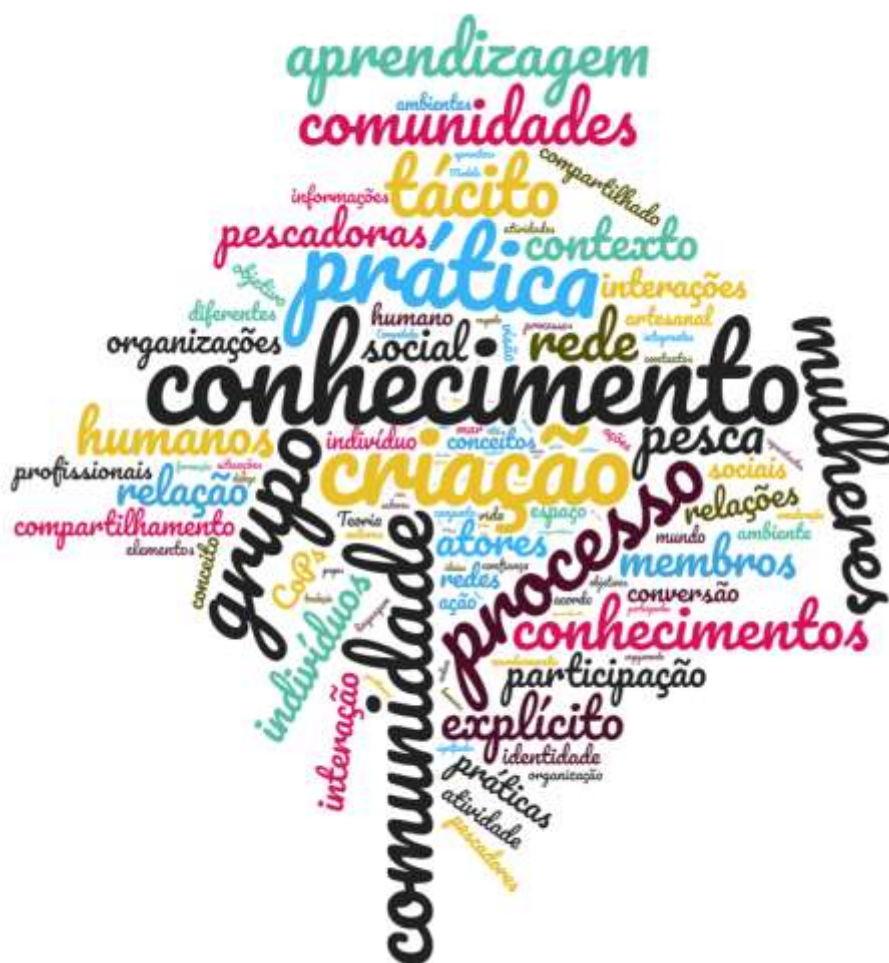
CALHOUN, Sarah; CONWAY, Flaxen; RUSSELL, Suzanne.
 Acknowledging the voice of women: implications for fisheries
 management and policy. **Marine Policy**, v. 74, p. 292-299, 2016.

97	Fishing
54	Fisheries
44	Management
43	Community
43	Social
38	Roles
37	Women
36	Family

Fonte: Autoria própria (2020).

Além deste exemplo, selecionou-se o texto desta tese, referente aos capítulos 1, 2, 3 e 4 e elaborou-se a seguinte nuvem de palavras:

Figura 17 – Nuvem de palavras referente aos capítulos 1, 2, 3 e 4 da tese



Fonte: Autoria própria (2020).

Percebe-se que as principais palavras-chave e descritores determinados para esta pesquisa aparecem na nuvem – conhecimento, prática, comunidades, mulheres, aprendizagem, tácito, criação e pescadoras. Esta é uma evidência recursiva, quase redundante, no entanto sinaliza a pertinência da Revisão de Literatura e contribuiu para a construção dos diferentes instrumentos de pesquisa – Protocolo de Observação e Entrevista em Profundidade descritos na sequência.

5.2.4.2 – Análise de Conteúdo – Instrumentos de Pesquisa

O principal instrumento de coleta de dados desta pesquisa foi a entrevista em profundidade. O instrumento buscou identificar os processos de criação e compartilhamento de conhecimento utilizados e os elementos humanos e não humanos que formam a rede estudada, fundamentado nas categorias de contexto, pré-determinadas. O instrumento caracteriza as entrevistadas, preliminarmente, com questões sociodemográficas – Quadro 12 – Roteiro de Entrevistas, apresentando ainda o objetivo seguido, a questão formal e informal atendida e os autores de base utilizados.

Quadro 12 – Roteiro de entrevistas

ROTEIRO DE ENTREVISTAS			
Relação com objetivos			
Geral: Estabelecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional em uma CoP de mulheres pescadoras profissionais artesanais, à luz da Teoria Ator-Rede, com vistas a aproximação dos modelos tradicionais de Gestão de Conhecimento, especialmente o Modelo SECI.			
Questão conceitual / Objetivo atendido	Pergunta Norteadora	Autores base	Teoria / Modelo
A pesca artesanal realizada é vista como uma profissão pelas mulheres que pescam? (Objetivo Específico A)	Você é uma pescadora? (identidade / profissão)	Lave e Wenger (1991)	Identidade Profissional
	Está inscrita na Colônia de Pescadores?		
	Que atividades uma pescadora desenvolve? (O que sabem a respeito desta profissão e das atividades que desenvolvem)		

Continua

<p>Ser pescadora é ter uma profissão? Por quê?</p>		
<p>Ser uma profissional, ou sentir-se uma profissional da pesca é importante? Por quê? (sentimento de pertencimento e de comunidade)</p>		
<p>O que isso traz de bom, (se traz) para você pescadora e para sua família? (analisar a rede e a agência)</p>	<p>Callon (1986, 1989); Latour (2012)</p>	<p>Atores Agência</p>
<p>Como os homens de sua família encaram a situação de que você é uma profissional, trabalhadora da pesca? (analisar a rede e a agência, a comunidade e as influências masculinas de poder)</p>	<p>Callon (1986, 1989); Latour (2012); Lave e Wenger (1991)</p>	
<p>Você sofre preconceito como machismo ou falta de reconhecimento por se sentir e dizer que é uma profissional ?</p>	<p>Lave e Wenger (1991)</p>	<p>Identidade Profissional</p>
<p>Que sentimento você possui quando percebe que se apropriou de um conhecimento? Isso pode ajudar você a se sentir uma profissional?</p>	<p>Nonaka e Takeuchi (1997); Lave e Wenger (1991)</p>	<p>Construção do Conhecimento</p>
<p>Existe um pagamento em dinheiro pelas suas atividades relacionadas a pesca? Como isso acontece?</p>	<p>Lave e Wenger (1991)</p>	
<p>Quais os artefatos que você utiliza para a pesca? Quando e por quê?</p>	<p>Callon (1986, 1989); Latour (2012)</p>	
<p>O governo auxilia as pescadoras com algum benefício? Aposentadoria, auxílio maternidade, seguro defeso?</p>	<p>Callon (1986, 1989); Latour (2012); Lave e Wenger (1991)</p>	
<p>Você já ouviu falar da Lei 13.134. As mulheres estão em todos os momentos, inclusive como embarcadas em alguns contextos. Profissional da pesca é somente o indivíduo que captura o pescado. Retrocesso.</p>		
<p>Quanto ao pertencimento a partir de questões: como elas se veem como profissionais?; como estas mulheres se veem; como elas passam a se ver, a se “pensar” a partir da relação com a pesquisadora?</p>	<p>Callon (1986, 1989); Latour (2012);</p>	
<p>O que você considera um trabalho? E o que é uma “coisinha de nada”?</p>	<p>Callon (1986, 1989); Latour (2012); Lave e Wenger (1991)</p>	
<p>Ensinar a pescar é ensinar uma profissão para outra pessoa?</p>	<p>Nonaka e Takeuchi (1997); Lave e Wenger (1991)</p>	

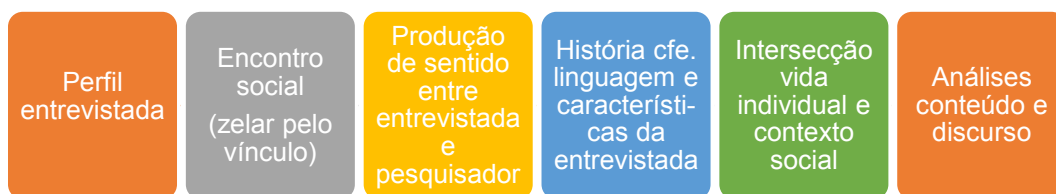
	Qual o sentimento que você possui com o local onde nasceu e onde vive?	Lave e Wenger (1991)	
Descrever a rede dos elementos humanos e não humanos, em que se inserem as mulheres pescadoras profissionais artesanais. (Objetivo Específico A)	Quais as pessoas com quem você se relaciona? Na comunidade, na igreja, no movimento de pescadores, nas instituições de ensino	Callon (1986, 1989); Latour (2012); Lave e Wenger (1991)	
	Qual o papel que eles possuem na sua vida?		
	A linguagem que você usa é a mesma com todos eles? Por quê? Como é?	Callon (1986, 1989); Latour (2012)	
	Quais os elementos que você usa no dia a dia que fazem parte da pesca?		
	Qual a função de cada um deles?		
	Que elementos sofrem agência? (artefatos que utilizam no dia a dia e podem influenciar no desenvolvimento das atividades)		
	De que forma?		
	Que elementos fazem os outros agirem? (existem artefatos que podem modificar suas práticas, quando e como?)		
Como acontece o processo de criação do conhecimento no grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais? (Objetivo Específico B e Objetivo Específico C)	Como a entrevistada se inseriu no contexto da pesca artesanal. (família / influência do marido /)	Nonaka e Takeuchi (1997)	Socialização
	O processo de inserção das mulheres na pesca é o mesmo para todas ou existem outros? Quais?		
	De que forma o conhecimento é criado ou compartilhado? Utiliza-se de alguma ferramenta para isso?		Externalização
	Como acontece a divulgação destas informações para os demais membros do grupo?		
	Existe um treinamento para as mulheres aprenderem a pescar? Como isso acontece e se desenvolve?	Nonaka e Takeuchi (1997); Lave e Wenger (1991)	Externalização
	Como as novas pescadoras, aquelas mulheres que são de fora da comunidade e se casam com pescadores de lá são aceitas?		
	Novas ideias com relação as práticas da pesca são aceitas?		
	É possível utilizar o Conhecimento tácito já existente para as atividades da pesca?		Internalização
	Utilizo das recomendações de outras pescadoras (es) para melhorar minha prática?		
São valorizadas pelo grupo, as experiências vivenciadas que			

	podem ser reproduzidas pelos demais?		
	Você já sugeriu alguma prática, ou deu uma sugestão que fosse aceita pelo grupo?		Combinação
	Quando há discordância no grupo, a situação é discutida? Como acontece esse processo?		SECI
	Onde as pescadoras ensinam seus filhos ou filhas sobre a pesca e a história de suas famílias?		
O grupo é visto como uma Comunidade de Prática? (Objetivo Específico D)	De que forma o grupo de mulheres realiza suas atividades?	Lave e Wenger (1991)	
	Como é a relação com as outras pescadoras, a interação, identidade do grupo?		
	Qual o principal objetivo de uma pescadora?		
	Você aprendeu a pescar com quem?	Nonaka e Takeuchi (1997); Lave e Wenger (1991)	
	Você é reconhecida pelo grupo de pescadoras? De que forma?		
	É importante vocês viverem em conjunto? Por quê?		
	A linguagem usada pelas pescadoras possui termos diferentes, pode me ensinar alguns e seus significados?	Callon (1986, 1989); Latour (2012); Lave e Wenger (1991)	
Vocês costumam contar para os mais jovens como sua família, avós, bisavós vieram morar nesta comunidade?			

Fonte: Autoria própria (2019).

O esquema resumido de aplicação das entrevistas em profundidade, foi adaptado do modelo de Pauwels *et al.* (2016) – Figura 18 que inicia com o levantamento do perfil, realizou-se um encontro social para que o trabalho fosse explicado para as entrevistadas. Neste momento o processo de pesquisa foi compreendido e fez sentido para elas, o que gerou as histórias de vida individuais convergindo com o contexto social em que estão inseridas. Finalizando com as análises de conteúdo e de discurso.

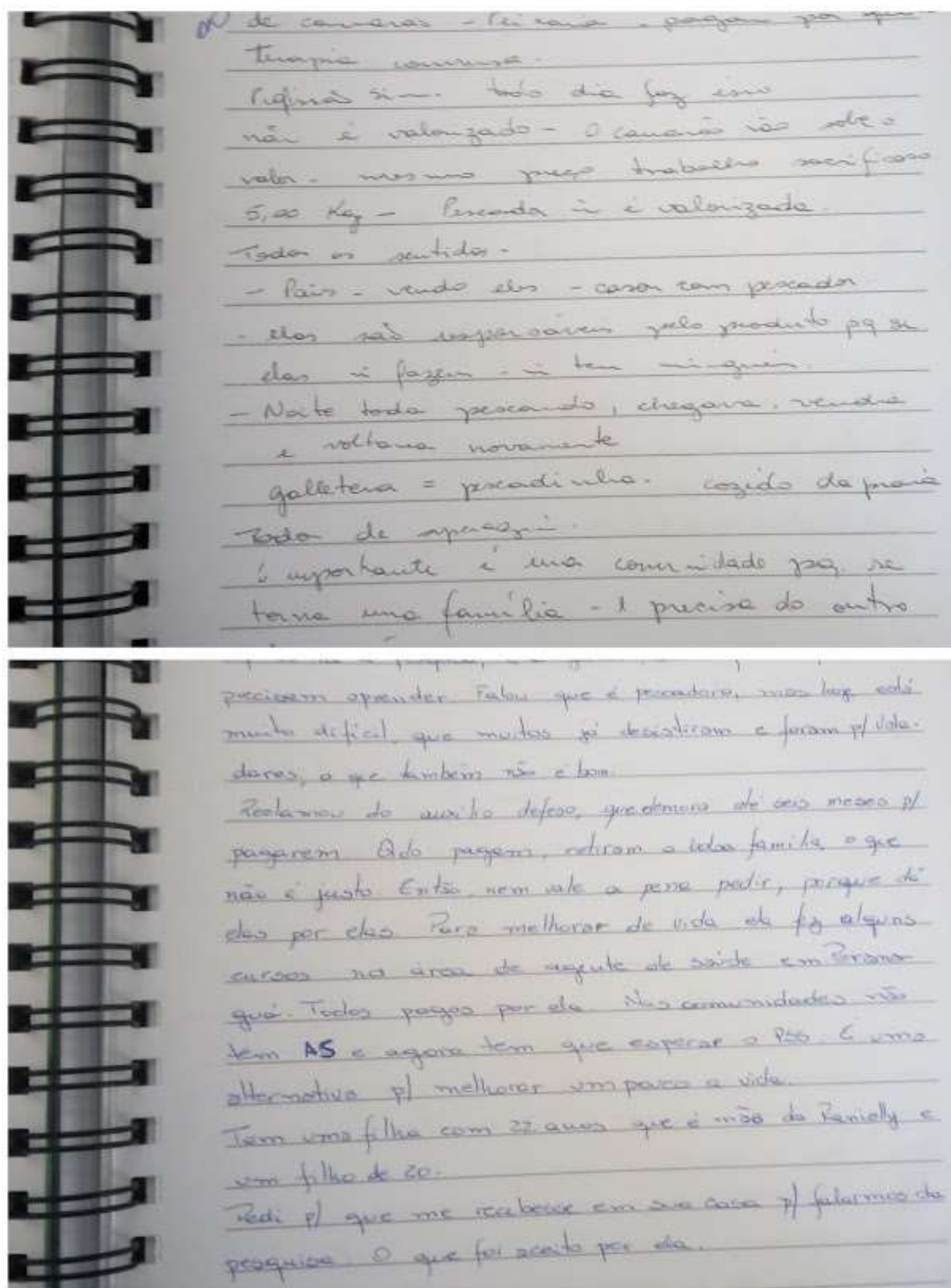
Figura 18 – Esquema para entrevistas em profundidade



Fonte: Aatoria própria (2019), adaptado de Pauwels *et al.* (2016).

Um caderno, utilizado como diário de bordo, serviu para registrar as impressões da pesquisadora em seus contatos com a realidade e as vivências do grupo de pescadoras artesanais estudado.

Figura 19 – Diário de bordo



Fonte: Autoria própria (2020).

Após a coleta de dados, via entrevista em profundidade, o principal tratamento foi, como já citado, também a Análise de Conteúdo, com apoio em técnicas e instrumentos a serem descritos na seção seguinte.

5.2.4.3 – Análise de Conteúdo – tratamento dos dados

No tratamento dos dados desta pesquisa foi utilizado um *software* específico de Análise de Conteúdo, o NVivo 12, que permitiu o registro e o tratamento das categorias de análise e de unidades de contexto, auxiliando nas análises e no embasamento das inferências. O segundo *software*, o SocNetV foi utilizado para criar e organizar os gráficos de redes.

Com o Nvivo elaborou-se os nós manualmente, Pescadoras artesanais, Redes, Criação do conhecimento e Comunidades de prática e subnós assinalados em amarelo na Figura 20.

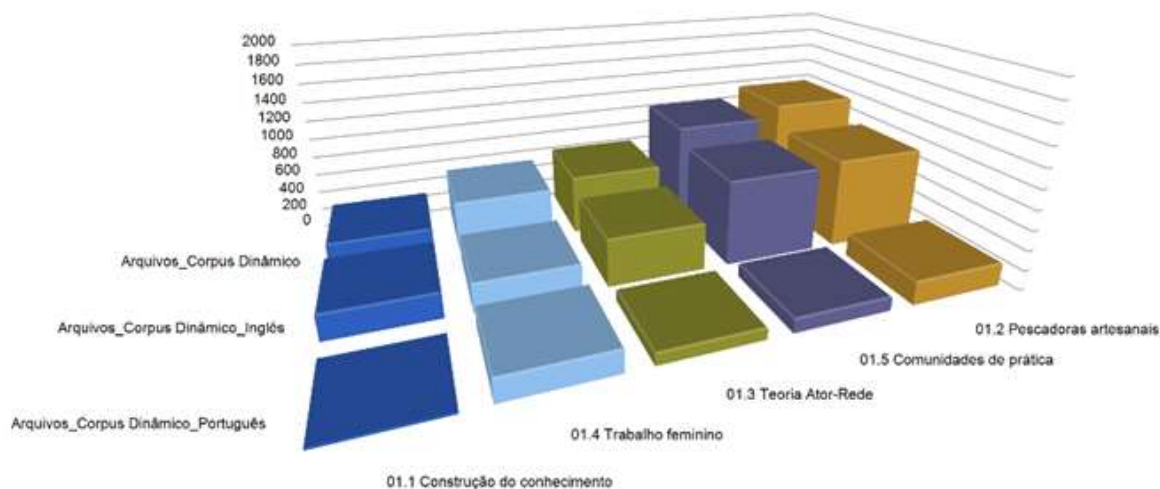
Figura 20 – Visão Nvivo – nós e subnós

Nó	Fontes	Referências	Criado em	Criado por	Modificado em	Modificado por
Pescadoras artesanais	25	85	16/12/2019 17:12	ARNS	23/04/2020 17:41	ARNS
Sustentabilidade da família	16	32	16/12/2019 17:18	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Idade	12	22	21/01/2020 18:07	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Escolaridade	14	18	21/01/2020 18:08	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Nascido em	14	18	21/01/2020 18:08	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Estado civil	8	6	21/01/2020 18:08	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Religião	3	4	17/12/2019 13:28	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Identidade	89	116	17/12/2019 13:39	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Gênero, relação poder	12	50	17/12/2019 14:51	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Trabalho Feminista	25	124	16/12/2019 17:59	ARNS	28/02/2020 12:28	ARNS
Dificuldade - Direitos	32	74	28/01/2020 21:36	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Território	4	5	29/01/2020 21:24	ARNS	27/02/2020 16:42	ARNS
Redes	19	48	16/12/2019 17:13	ARNS	23/04/2020 17:41	ARNS
Atores não humanos	12	48	16/12/2019 17:26	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Atores humanos	13	22	16/12/2019 17:28	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Criação Conhecimento	40	138	16/12/2019 17:13	ARNS	23/04/2020 17:42	ARNS
Comunidades de prática	22	85	16/12/2019 17:14	ARNS	23/04/2020 17:39	ARNS
Vozes/mulheres, comunicação	17	39	17/12/2019 14:59	ARNS	23/04/2020 17:43	ARNS
Ativo	8	25	17/12/2019 13:57	ARNS	23/04/2020 17:42	ARNS

Fonte: Adaptado Nvivo (2020).

A título de exemplo os artigos relacionados ao *corpus* dinâmico foram organizados no *software* NVivo 12, segundo as Categorias de Contexto – Quadro 9, indicando os autores a serem utilizados nas análises que sucedem a coleta de dados. Esta identificação foi feita para autores em inglês e português como pode-se verificar no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Nós textos do corpus dinâmico



Fonte: Autoria própria (2020).

Após as entrevistas coletadas, para o tratamento destes dados e posterior análise, foram utilizadas estratégias de busca tendo como sustentação as Categorias de Contexto, de Análise e de Registro, de acordo com os Quadros 9, 10 e 11. Estas buscas foram realizadas utilizando-se a Lógica Booleana que tem por finalidade a combinação ou exclusão de determinadas palavras quando pesquisadas nas bases de dados, neste caso no *software* NVivo 12. As estratégias de busca estão listadas no Apêndice F.

Após esta etapa, da elaboração da estratégias de busca, a estrutura da codificação organizou-se da seguinte forma:

Marcadores junto à margem esquerda

a) Classe 00 – Codificação manual – textos e entrevistas

Procedimento: leitura pela pesquisadora com codificação manual. Criação dos nomes dos nós pela pesquisadora.

Técnica: As categorias foram criadas por ordem de maior recorrência via Software NVivo e de tal maneira – como? e obteve-se os seguintes dados de acordo com a Tabela 10:

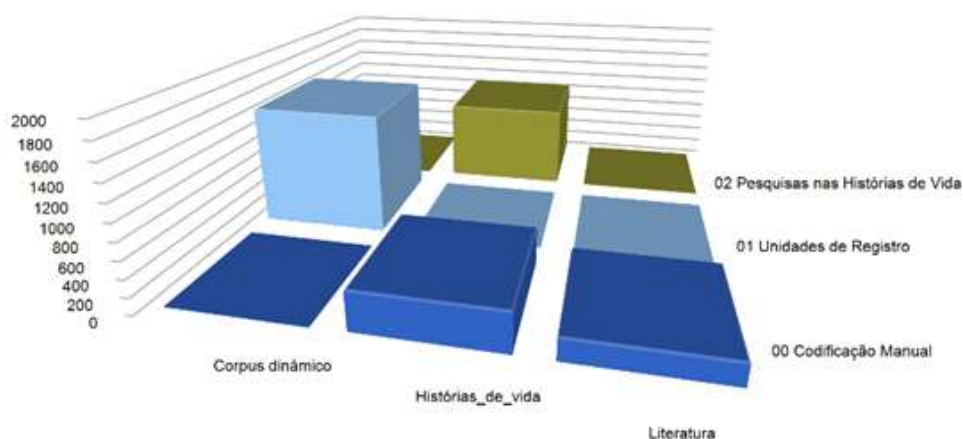
Tabela 10 – Recorrência de nós nas referências

Nome	Arquivos	Referências
Conhecimento	43	156
Identidade	30	116
Atores humanos	13	22
Atores não humanos	12	46
Sol	0	0
Chuva	1	2
Tempo	1	2
Remo	2	3
Mar	3	4
Lua	4	4
Facão	5	5
Cuia	2	6
Caça	5	7
Maré	6	10
Vento	5	10
Peixes	7	11
Rede	13	19
Barco	12	24
Comunidades de prática	23	95
Trabalho Feminino	25	124
Pescadoras artesanais	25	85
Território	4	5
Dificuldade - Direitos	22	74
Estado civil	8	8
Idade	12	15
Nasceu em	14	16
Escolaridade	14	18
Nome	17	22
Sustentabilidade da família	16	32
Gênero - relação poder	12	50
Afeto	8	25
Vocabulário - comunicação	17	39
Rede	15	48
Religião	3	4

Fonte: Autoria própria (2020).

A partir dos dados da Tabela 10, criou-se o Gráfico 2 que traduz visualmente os dados coletados.

Gráfico 2 – Recorrência de nós nas referências



Fonte: A autoria própria (2020).

b) Classe 01 – Unidade de Registro – *corpus* dinâmico

Elaboração de estratégias de busca no *corpus* dinâmico, separadas em inglês e português e atribuição/classificação de códigos por correspondência com as pesquisas.

Procedimento: elaboração de fórmula de busca pela pesquisadora, com busca automática e codificação automática.

Técnica: Atribuição pela pesquisadora dos nomes dos nós.

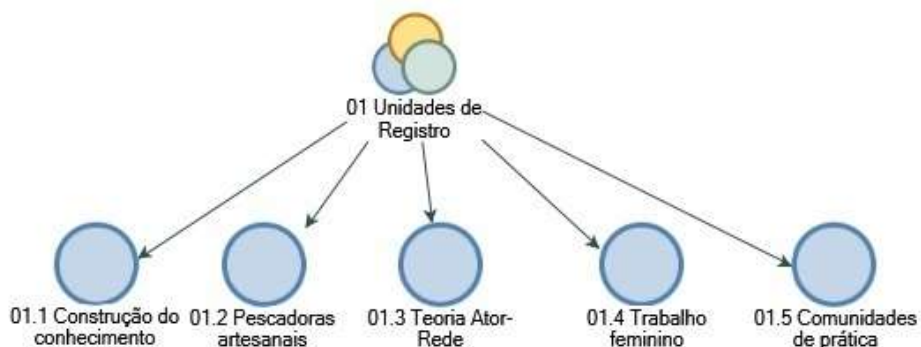
Tabela 11 – Unidades de registro por idioma

Nome	Arquivos	Referências
01.2 Pescadoras artesanais	34	1167
01.2 Inglês	28	924
01.2 Português	6	243
01.5 Comunidades de prática	34	1033
01.5 Inglês	28	882
01.5 Português	6	151
01.3 Teoria Ator-Rede	34	622
01.3 Inglês	28	495
01.3 Português	6	127
01.4 Trabalho feminino	30	522
01.4 Inglês	24	292
01.4 Português	6	230
01.1 Construção do conhecimento	31	284
01.1 Inglês	25	264
01.1 Português	6	20

Fonte: A autoria própria (2020).

Demonstra-se as codificações das Unidades de Registro, de forma visual, por meio da Figura 21.

Figura 21 – Unidades de registro



Fonte: Autoria própria (2020).

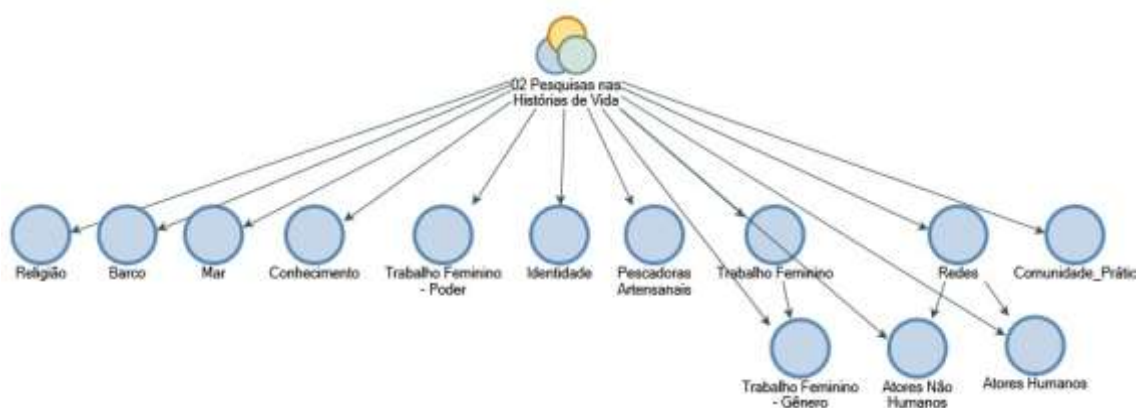
c) Classe 02 – Histórias de vida

Elaboração de estratégias de busca nas histórias de vida e atribuição/classificação de códigos por correspondência com as pesquisas.

Procedimento: elaboração de fórmula de busca pela pesquisadora, com busca automática e codificação automática.

Técnica: Atribuição dos nomes dos nós, pela pesquisadora, representados na Figura 22.

Figura 22 – Nós e subnós nas histórias de vida



Fonte: Autoria própria (2020).

Para chegar à representação da Figura 22, foi elaborada a Tabela 12 - Nós e subnós nas histórias de vida por ordem decrescente.

Tabela 12 – Nós e subnós nas histórias de vida

Nome	Arquivos	Referências
Atores Humanos	36	579
Atores Não Humanos	36	449
Identidade	35	418
Trabalho Feminino - Gênero	33	392
Trabalho Feminino	33	364
Conhecimento	35	295
Redes	31	258
Comunidade de Prática	31	228
Pescadoras Artesanais	23	167
Trabalho Feminino - Poder	33	164
Mar	23	89
Barco	18	65
Religião	23	40

Fonte: Autoria própria (2020).

Portanto, após estes levantamentos fez-se um resumo da distribuição das classificações por métodos de análise – 00, 01 e 02, de acordo com a Tabela 13.

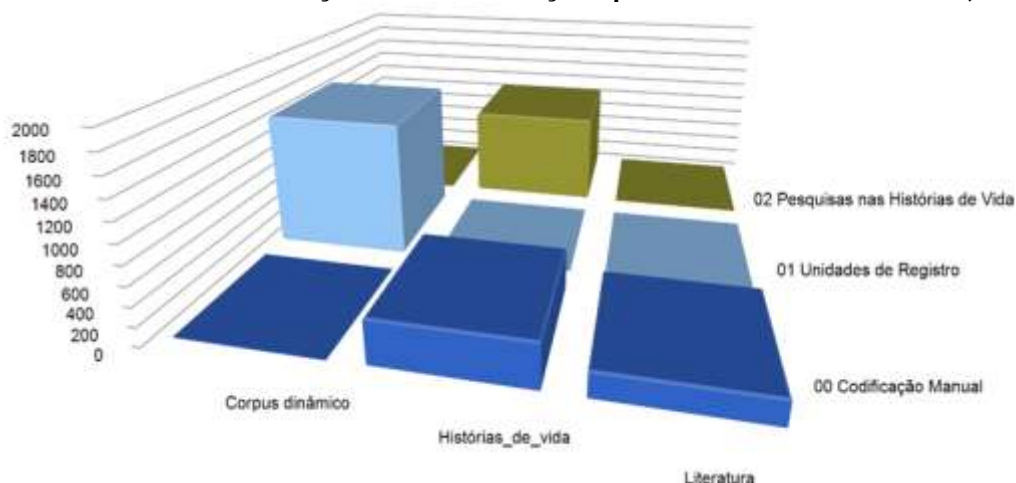
Tabela 13 – Classificação por métodos de análise

Tipo de codificação	Instâncias de Codificação		
	A : Corpus dinâmico	B : Histórias de vida	C : Literatura
1 : 00 Codificação Manual	8	467	267
2 : 01 Unidades de Registro	1461	0	0
3 : 02 Pesquisas nas Histórias de Vida	0	1048	0

Fonte: Autoria própria (2020).

Essas quantidades da distribuição das classificações por instâncias de análise 00, 01 e 02 são demonstradas no Gráfico 3.

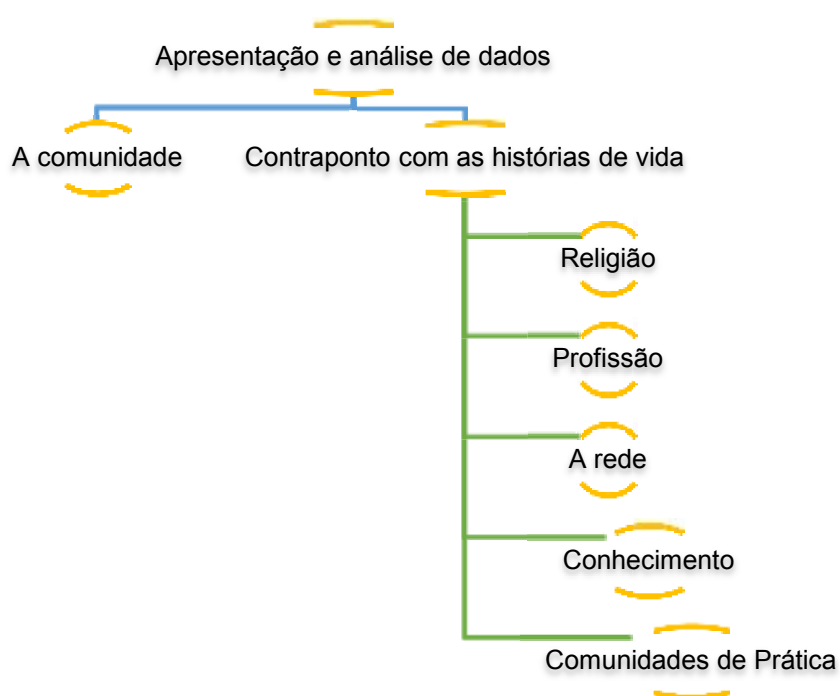
Gráfico 3 – Distribuição das classificações por instâncias de análise 00, 01 e 02



Fonte: Autoria própria (2020).

Detalhada e explorada a metodologia seguida para a pesquisa, no Capítulo 6 apresentam-se a comunidade estudada, as histórias de vida das pescadoras e responde-se aos objetivos específicos apontados nesta tese. A disposição destas informações consta na Figura 23.

Figura 23 – Estrutura do Capítulo 6



Fonte: Autoria própria (2020).

Na sequência, o Capítulo 6 traz a apresentação dos dados e suas análises.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A estrutura deste capítulo é composta pela comunidade e sua demografia, as histórias de vida e contrapontos, descrevendo os temas abordados nesta tese e presentes na comunidade pesquisada.

6.1 A COMUNIDADE E SUA DEMOGRAFIA

No litoral norte do estado do Paraná localiza-se a área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, relevante para o contexto ambiental brasileiro, possuindo 203 hectares, incluindo a cidade de Guaraqueçaba e parte das cidades de Antonina, Paranaguá e Campina Grande do Sul (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2018).

A região de Guaraqueçaba é composta por pequenas comunidades nas quais vivem os protagonistas desta pesquisa, cujos ancestrais chegaram àquela região em 1.545 registrando-se a presença de colonos lusos (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARAQUEÇABA, 2017, *online*).

Para se instalarem retiraram madeira do próprio local e construíram suas casas e suas canoas. “Com quase 500 anos de colonização, Guaraqueçaba mostra uma mistura de hábitos e tradições de índios, portugueses, negros e europeus de diversas áreas” (PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARAQUEÇABA, 2017, *online*).

Coutinho *et al.* (2013), descrevem que estas populações eram compostas por lavradores e pescadores e que no início do século XX se dedicaram com afinco à pesca por esta ser uma atividade rentável. Com isso, as lavouras foram diminuindo e as mulheres passaram a integrar a atividade dos cuidados com a lavoura aos afazeres de casa.

A manutenção das famílias era obtida principalmente por meio do trabalho com a pesca, objetivo comum das comunidades daquela região, por este motivo e com a convivência diária, o sentimento de pertencimento das pessoas com relação a comunidade e ao território em que estavam inseridas, fazia com que se ajudassem mutuamente, tornando a convivência necessária e equilibrada (DIEGUES, 2001). Neste território, esta pesquisa tem como universo especificamente, as mulheres pescadoras artesanais profissionais das comunidades pertencentes a Guaraqueçaba.

O grupo de pescadores (homens e mulheres) do Paraná se organizou e formou o Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais e Caiçaras do Litoral do Paraná – MOPEAR, iniciando-se em 2008, na comunidade de Superagui (TERRA DE DIREITOS, 2020). O MOPEAR possui como um de seus critérios que, toda e qualquer pesquisa realizada na região com os pescadores ou pescadoras, seja apresentada e formalizada junto ao Movimento por meio do Termo de Anuência à Pesquisa (APÊNDICE D). Os dirigentes do MOPEAR, solicitaram, para esta pesquisa, que houvesse também a anuência de algumas mulheres, principalmente das que representam as comunidades, uma vez que a pesquisa seria realizada exclusivamente com elas.

As pescadoras artesanais profissionais foram convidadas a participar, consentiram com a pesquisa e autorizaram a presença, o acompanhamento e a participação da pesquisadora em suas atividades diárias. Este contato prévio deu-se no final de agosto e início de setembro de 2019. As pescadoras se mostraram interessadas e a favor da pesquisa assinando o documento, que foi encaminhado para a direção do MOPEAR, que concordou com a realização da pesquisa. Este documento encontra-se no Apêndice D.

Do ponto de vista acadêmico esta pesquisa foi submetida, igualmente, ao Comitê de Ética (COEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. A pesquisadora elaborou um projeto de acordo com as regras do Comitê, agendou uma reunião com um dos membros participantes do COEP em 12/08/2020, para apresentá-lo e verificar se todas as exigências haviam sido contempladas, momento este que foram realizadas correções e ajustes prévios necessários. Em seguida o projeto foi registrado na Plataforma Brasil em 12 de setembro de 2020, sob nº CAAE 22859319.7.0000.5547. Em 05/10/2019, a pesquisadora recebeu o Parecer do COEP nº. 3636753 solicitando correções no projeto, em notificação via Ofício 34/2019. A pesquisadora se dispôs a realizar as correções e respondeu a cada um dos itens do referido Ofício. Porém, outras discussões de refinamento se fizeram necessárias e somente na terceira vez do projeto submetido ao Comitê, via Plataforma Brasil, é que foi aprovada a pesquisa, em 15/12/2019, quatro meses após iniciado o processo, relevando-se sua morosidade.

O público-alvo foi composto por 35 mulheres das seguintes localidades: Barbados, Canudal, Guaraqueçaba, Sibuí, Superagui, Tibicanga, Varadouro e Vila

Fátima, conforme demonstrado na Figura 24 – Mapa de localização das comunidades que se apresenta novamente para auxiliar na compreensão do texto.

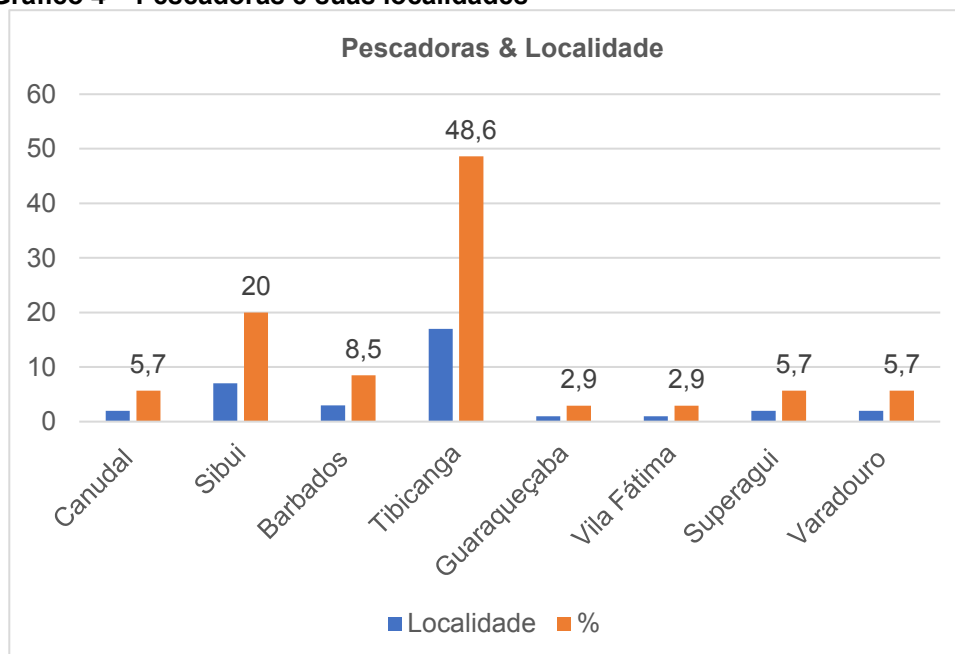
Figura 24 – Mapa de localização de Guaraqueçaba e comunidades de estudo



Fonte: Adaptado de Duarte (2013, p. 80) e Abreu (2020).

Identificou-se as pescadoras que residem nas localidades especificadas que participaram desta pesquisa, no Gráfico 4. Estes dados resultaram da análise das Entrevistas em profundidade e dos dados coletados no Diário de Bordo.

Gráfico 4 – Pescadoras e suas localidades



Fonte: Autoria própria (2020).

Estas mulheres estão na faixa etária de 18 a 76 anos como se pode verificar na Tabela 14 – Pescadoras e suas idades. Nove delas estão acima de cinquenta anos,

seis delas na faixa etária de 40 a 50 anos, doze pescadoras entre 30 e 40 anos, seis na faixa de 20 a 30 anos e duas com 18 anos. A pesquisadora ateu-se a esta faixa etária (18 a 76 anos) por uma exigência do COEP, porque menores não poderiam aparecer na pesquisa.

No entanto, estas são questões éticas, legais e profissionais que estão inseridas em um tipo de discurso formal. As pescadoras relatam que se inseriram no contexto da pesca com idades de dez, doze, quinze anos, portanto esta é uma parcela da população importante para se estudar e analisar futuramente. Estas informações representam os dados coletados nas Entrevistas em Profundidade, atendendo aos critérios do Comitê de Ética.

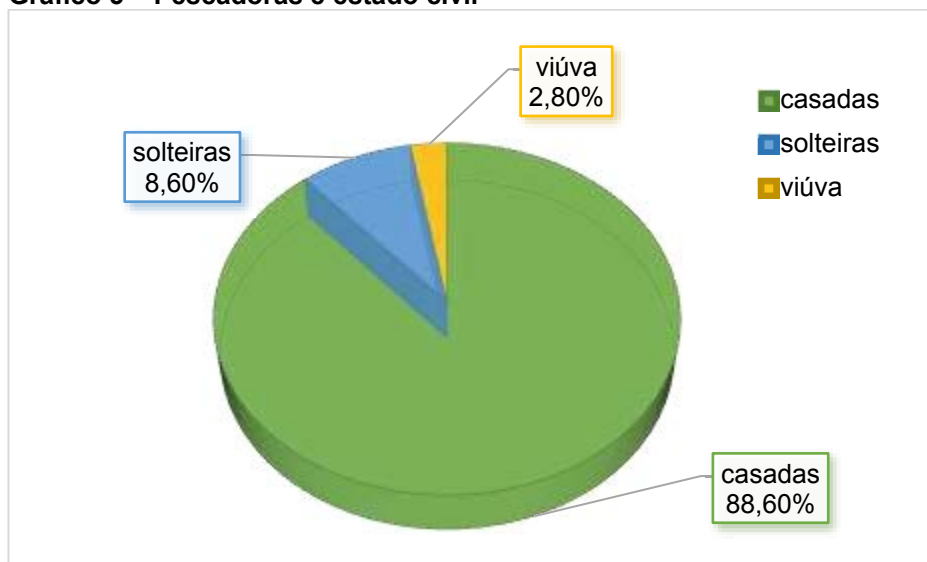
Tabela 14 – Pescadoras e suas idades

Pescadoras	Idade
P1	76
P14	67
P21	65
P10	62
P34	58
P15	57
P17	56
P13	53
P6	51
P20, P23	47
P3	45
P19	45
P26	44
P12	42
P11, P32	39
P4, P33	38
P5, P16, P25, P29	37
P7, P18	34
P28, P30	32
P2, P8	28
P9	27
P24	22
P22	21
P31	20
P27, P35	18

Fonte: Autoria própria (2020).

Por meio das entrevistas em profundidade pode-se verificar o estado civil das participantes e constatar que mais de 88% delas são casadas, nem sempre oficialmente, mas dizem-se casadas e manteve-se esta perspectiva na tabulação dos dados. As solteiras representam 8,6%, são as mais novas de idade e uma viúva, a Pescadora P1 com 76 anos, como demonstrado no Gráfico 5.

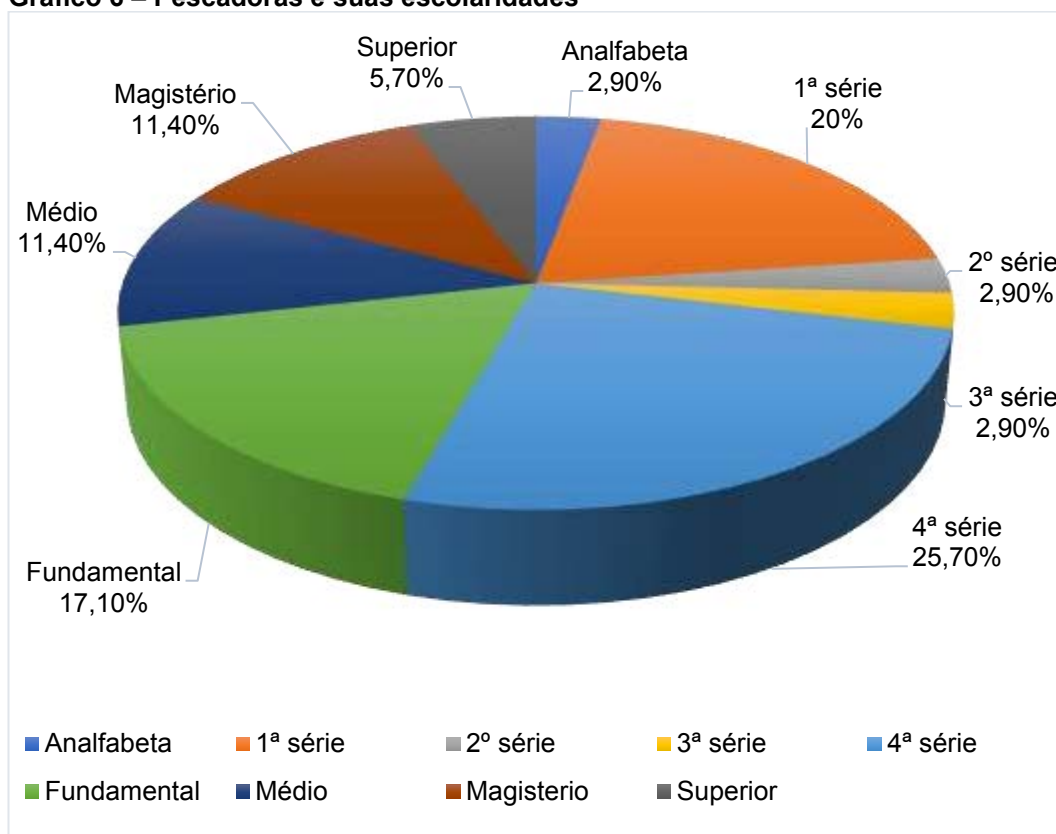
Gráfico 5 – Pescadoras e estado civil



Fonte: Autoria própria (2020).

Levantou-se também o grau e a instrução escolar destas pescadoras e estabeleceu-se algumas convenções – traduções, para o registro. Convencionou-se registrar aqui como 1ª série, quando elas diziam ter cursado o primeiro ano escolar. Nesta etapa observou-se aspectos de receio e vergonha na resposta quando afirmavam ter cursado o 1º ano, pois, em realidade sabiam apenas desenhar o nome. Isto foi verificado, por exemplo, quando da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, quando uma das pescadoras pediu: “deixa que a minha filha assina por mim, ela escreve meu nome” (PESCADORA P05).

Verificou-se que, por outro lado, 11,04% das mulheres cursaram o Magistério – ensino médio – e 5,70% cursaram o ensino superior – Gráfico 6. As que cursaram o ensino superior puderam fazê-lo em Guaraqueçaba, local onde há oferta desta modalidade de ensino. Nas demais localidades como em Barbados, Varadouro e Sibuí o ensino ofertado é até a 4ª série, já Tibicanga e Superagui oferecem o Ensino Fundamental e Médio. As comunidades de Vila Fátima e Canudal não possuem escola.

Gráfico 6 – Pescadoras e suas escolaridades

Fonte: Autoria própria (2020).

As crianças destas comunidades bem como as das demais localidades que necessitam estudar, além do que é ofertado onde moram, devem buscar em comunidades vizinhas indo e voltando diariamente com o barco escolar. As que conseguem estudar em Guaraqueçaba são os filhos de famílias que possuem condições financeiras para mantê-los lá, o que limita em muito o acesso amplo aos estudos da maioria dos moradores.

Além do que foi exposto, vale ressaltar que 20 ou 30 anos atrás o acesso à educação formal era praticamente nulo, motivo pelo qual a escolaridade destas mulheres está em maior porcentagem no Ensino Fundamental. Apresenta-se na sequência, no Quadro 13, o agrupamento dos principais dados.

Quadro 13 – Idade, Estado civil e Escolaridade

Idade	Estado civil	Escolaridade
76	Viúva	Analfabeta
67	Casada	1º ano
65	Casada	Magistério
62	Casada	Magistério
58	Casada	4ª série
57	Casada	1º ano
56	Casada	4ª série
53	Casada	4ª série
51	Casada	1º ano
47	Casada	Magistério
47	Casada	1º ano
45	Casada	4ª série
45	Casada	Magistério
44	Casada	1º ano
42	Casada	4ª série
39	Casada	4ª série
39	Casada	Ensino Médio
38	Casada	2º ano
38	Casada	4ª série
37	Casada	1º ano
37	casada	Ensino Médio
37	Casada	Ensino Fundamental
37	Casada	4ª série
34	Casada	Ensino Médio
34	Casada	Ensino Superior
32	casada	3ª série
32	Casada	4ª série
28	Casada	Ensino Fundamental
28	Casada	Ensino Fundamental
27	Casada	Ensino Fundamental
22	Solteira	Ensino Fundamental
21	Casada	Ensino Fundamental
20	Casada	Ensino Médio
18	Solteira	Ensino Superior
18	Solteira	Ensino Fundamental

Fonte: Autoria própria (2020).

Estabelecido o perfil sociodemográfico das pescadoras ressalta-se que a idade média das pescadoras entrevistadas é de 40,89 anos. Estas são algumas

características do público-alvo desta pesquisa e, na próxima seção, apresenta-se um contraponto com suas histórias de vida.

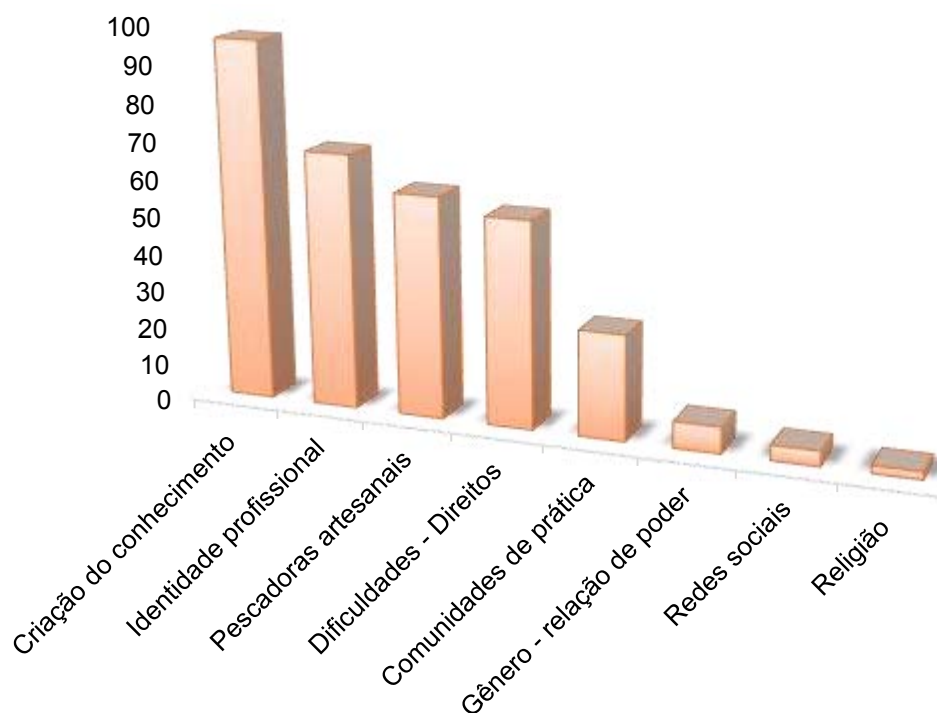
6.2 AS HISTÓRIAS DE VIDA – CONTRAPONTO

Esta seção está ordenada da seguinte forma: apresenta-se primeiramente as histórias de vida – e seus contrapontos, na sequência trata-se da profissão das pescadoras artesanais profissionais; da rede e da Teoria Ator-rede, da criação e do compartilhamento do conhecimento e como esta Teoria se efetiva no contexto pesquisado e por fim as comunidades de prática e como elas se configuram no grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais.

Com o suporte do *software* NVivo 12 analisou-se, o material registrado das Entrevistas em Profundidade, determinando-se pontos de interesse – nós – para a pesquisa, derivados das categorias de contexto e análise. Identificou-se oito nós principais: (i) criação do conhecimento, (ii) identidade profissional, (iii) pescadoras artesanais, (iv) dificuldade e direitos, (v) comunidades de prática, (vi) gênero – relação de poder, (vii) redes sociais e (viii) religião.

Com a ajuda do *software* foi possível identificar, igualmente, a parcela em escala de proporcionalidade da contribuição de cada uma das pescadoras para esta pesquisa. Observa-se, já como um contraponto, que os nós Dificuldade e Direitos, Religião e Gênero – relação de poder não eram categorias iniciais declaradas, mas emergiram na Análise do Conteúdo.

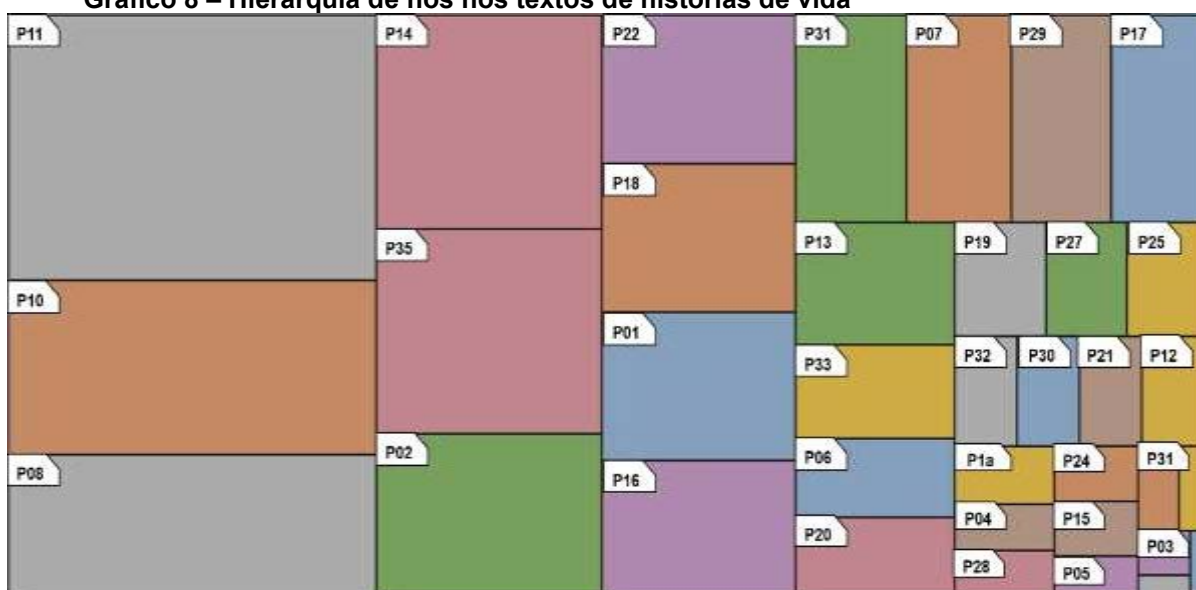
Gráfico 7 – Nós criados nos textos de histórias de vida



Fonte: Autoria própria a partir do software NVivo (2020).

Identificou-se, na análise, que a Pescadora P11, foi a que contribuiu com maior quantidade de informações: sua história de vida resultou no atendimento de uma maior quantidade de nós, vistos graficamente por uma área maior no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Hierarquia de nós nos textos de histórias de vida



Fonte: Autoria própria (2020).

O nó com maior incidência de unidades de registro é o Criação do conhecimento, seguido pelos nós Identidade profissional, Pescadoras artesanais, Dificuldades e Direitos, Comunidades de prática, Gênero e relação de poder, Redes Sociais e Religião. Traz-se, especificamente o nó Religião na sequência, porque ele se destacou no contexto pesquisado, não pela incidência estatística, mas pela relevância tácita.

6.2.1 Religião

O nó de “religião”, explicitamente pouco foi mencionado, porém observa-se tacitamente que a religião está presente em tudo o que fazem. Nas orações antes das refeições, no respeito com o que prega as diferentes doutrinas, na participação nos cultos ou missas, nas vestimentas e no tratamento com o próximo. É um nó que chamou a atenção, pois ele está presente com maior visibilidade nas ações das pessoas que lá vivem, como pode-se ver na fala da Pescadora P1 quando fala da convivência com as demais pessoas da comunidade. “A religião ajuda e... nunca fomo de briga não. Nem com família, nem com estranho. Nunca ninguém um palavrão disse. Se vai por aí...é bem tratada a família da gente” (PESCADORA P1, 2020).

A força da igreja, a religiosidade dessas pessoas auxilia na união e no respeito existente entre eles. A religião está em todos os lugares e naqueles que nem se imagina, pois se encontrou uma igreja e um alojamento (dormitório e refeitório) para aproximadamente 40 pessoas em uma das comunidades mais distante, a de Varadouro, que fica cerca de cinquenta minutos de canoa a motor (a pesquisadora já estava em uma comunidade próxima) e mais aproximadamente dois quilômetros em trilha de mata fechada. Na chegada, deparou-se com algumas casas e no centro uma escola feita de madeira, com uma sala de aula e a toda a estrutura da igreja, sobressaindo-se.

Observou-se que as religiões presentes no grupo pesquisado são: a Congregação Cristã, a Católica e a Batista. Para estas comunidades a religião é de extrema importância, eles se sentem protegidos e cuidados pela igreja. Além da religião outro aspecto que mobiliza as mulheres pescadoras é a sua profissão, detalhada na seção seguinte.

6.2.2 Profissão: Pescadoras artesanais profissionais

Dentre as atividades desenvolvidas por essas mulheres está a de pegar caranguejo, tirar ostra, bacucu “mais arcadinho” e sururu “mais reto”, na linguagem local para explicar a diferença entre estes mariscos; elas “desmariscam”, matam e descascam camarão, pescam siris e peixes, inclusive o Baiacu, que é pescado em Cananéia (SP) porque no Paraná é proibida a pesca deste peixe. Elas viajam de barco até lá, levam as gaiolas para pegar o Baiacu, caixas de isopor para colocá-los depois de limpos e trazê-los para venda, além dos equipamentos para montarem o barraco, as panelas, as roupas...

As pescadoras relatam que montam o barraco próximo da água e ali permanecem por uma semana, dez ou quinze dias como pode-se ver na Fotografia 1. Usam a gaiola para pegar o siri que servirá de isca para o Baiacu, colocam as gaiolas na água e depois de determinado tempo vão retirá-las. Assim que pegam o peixe limpam e colocam no isopor com gelo. A cabeça e as vísceras do peixe são enterradas.

Comentaram ainda sobre como é difícil a viagem e a estadia lá, pois “o tempo castiga”! No entanto o valor que recebem pela venda é significativo para elas e faz valer a pena. “A gente tem que limpar, tem que gelar, depois tem que levar prá vender, que a gente vende em Paranaguá. Tudo o que vim a gente faz. Tudo o que for preciso a gente faz, tipo lancear, espinhel, tarrafa, as redes têm diferentes tipos de malha”, conforme diz a Pescadora P2 (2020).

Fotografia 1– Barraco montado em Cananéia (SP)



Fonte: Dores (2019).

Tem ainda as pescadoras que trabalham com a pesca da manjuba, uma prática que demanda muito trabalho como se pode verificar no depoimento da Pescadora P18: “[...] é um trabalho árduo, não é legalizada no Paraná. Trabalho sacrificoso. Vão no sol para acompanhar a maré, puxa a rede que é um pano, colocam no balaio, cozinham elas, espera esfriar, espalha na lona e põe no sol que é o melhor para secar a manjuba” (PESCADORA P18, 2020).

Logo, todas as mulheres que participaram desta pesquisa se dizem pescadoras. Estas mulheres começaram a pescar com os pais, iniciaram desde pequenas, com cinco, sete, dez anos. Para elas era uma diversão ir junto com os pais pescar, tirar ostra ou pegar caranguejo. Apenas três delas iniciaram esta atividade com o marido, são mulheres que se casaram com pescadores destas comunidades. São estas as formas de se inserirem na profissão de pescadoras, com os pais ou com os maridos.

Traz-se a fala da Pescadora P7 para registrar a visão que possuem a respeito da profissão e do trabalho que exercem:

[...] É a gente é pescadora. [] Essas duas aqui estão sempre indo lá (se referindo a outras duas pescadoras que estavam indo para o mangue retirar ostras). Tem que provar que a pessoa é pescadora mas se for pra provar a gente prova não seja por isso né. Tem que registrar. E outra nem que a gente não vá lá pescar a gente é mulher de pescador é a mesma coisa. A gente vive da pesca. (PESCADORA P7, 2020).

Complementa-se com a observação da Pescadora P11 “É, porque se não tem uma pessoa pra limpar o pescado, cuidar das coisas, o pescador ali também sozinho não faz nada, não consegue né” (PESCADORA P11, 2020).

Elas possuem esta fala, no entanto nem todas estão inscritas na Colônia de Pescadores; afirmam que são pescadoras, que já solicitaram a “carteirinha”, porém estão aguardando há três ou quatro anos e ainda não receberam. Disseram que vão até a Colônia de Pescadores para verificar e a informação que recebem é de que devem aguardar. Uma delas mostrou o documento que elas chamam de protocolo. É somente um pedaço de papel dizendo que os documentos foram entregues, não consta o número do protocolo, nem que documentos foram entregues e nem a finalidade. A questão do registro das pescadoras apareceu no nó dificuldades e direitos.

Por não terem conhecimento dos processos de registro e de como a Colônia de Pescadores pode auxiliá-las acham que o valor que pagam é muito e que este dinheiro poderia auxiliar nas despesas da casa, como é o caso da Pescadora P1 “Eu fiz a... eu fiz minha carteirinha, daí paguei a Colônia, um dinheiro pra comer... daí pra mim me aposentar...todo mês tem que pagar...” (PESCADORA P1, 2020).

Observou-se ainda que poucas sabem qual a função da Colônia de Pescadores, algumas dizem que é para poder se aposentar, já a Pescadora P11 afirmou que ela:

Era pescadora, mas não profissional, porque a carteira de pesca eu nunca tive, porque onde eu morava na época não tinha conhecimento dessas coisas né, daí a gente achava que era só homens, que podiam fazer a carteira de pesca, na época que eu era mais nova né. Aí foi depois que a gente teve conhecimento que mulher também poderia fazer...(PESCADORA P11, 2020).

Elas comentam que é bom ser pescadora, que esta é sua profissão, porque são do mar:

A gente já nasceu na pesca, nasceu ...Já vem de berço... Assim, como a gente, sempre comentava porque quando tinha encontros aqui assim, vinha pessoas que a gente não conhecia e tinha que apresentar, me perguntavam e eu me apresentava que minha profissão que era, professora né. Mas dalheante eu já falava também assim sabe, sou professora, mas tem outra profissão que eu gosto muito também. Inclusive os meus piá³⁸, foram criado, as pessoas tudo são assim da pesca né.. (PESCADORA P04, 2020).

Afirmam que esta profissão é boa e é dela que estão sobrevivendo e sustentando suas famílias. A Pescadora P16 (2020) diz que “não tem outro tipo de trabalho, é o que tem para sobreviver. Faculdade não tem condições de fazer para ocupar cargos daqui, aí vem gente de fora. É bom ainda aqui”.

Os homens da comunidade aceitam o trabalho das mulheres e conforme explica a Pescadora P13 (2020) “Elas, as mulheres são importantes neste processo, porque se não for as mulheres beneficiarem o camarão o homem não pode pescar. Os homens aceitam, dão a maior força e tem que participar junto”. Complementa-se este depoimento com a fala da Pescadora P18 (2020) “É um trabalho recompensador. Na cidade eu teria que ir comprar, aqui não, eu vou pegar um peixe. Vou dar de comer aos meus filhos, a ostra. É uma recompensa grande de poder alimentar os seus filhos. Faz a grande diferença, o alimento está ali”. Desta forma os integrantes das famílias trabalham para a manutenção da família.

Vinte por cento das pesquisadas disseram que sofrem preconceito por se dizerem pescadoras, não das pessoas das comunidades, pois estes são pescadores e pescadoras também. Porém quando saem para Guaraqueçaba ou Paranaguá percebem claramente o prejulgamento feito pelas pessoas, como pode-se verificar em seus relatos. A Pescadora P02 (2020) afirmou que “[...] já perguntaram: Você é pescadora? Mas você não tem cara de pescadora, não. Mas eu sou pescadora! Pescadora não precisa ter cara. Precisa ser! Sempre questionam, não acreditando”.

Já a Pescadora P03 (2020) teceu a seguinte observação:

³⁸ Termo utilizado na região sul do país para designar menino, garoto.

[...] é como eu falei né, eu sou pescadora, eu pesco né junto com meu companheiro, a gente vai pra São Paulo pescar, “mas você não tem cara de ser pescadora” falei, mas eu sou pescadora. Já ouvi muito professora, já ouvi pela aparência né professora, pois é... não é por causa de um batom, que tô toda arrumada, que eu não sou pescadora, as eu sou pescadora sim. Eu falei que lá fora eu uso um traje, de pesca e aqui eu já uso outro, no dia a dia outro. Mas já ouvi muitos, principalmente com pessoas de fora que chegam aqui, por eu tá aqui. É que normalmente, é que as pessoas acham a pesca um trabalho assim, pesado né, já acham que não é prá mulher, é mais pro homem.

Observou-se uma indignação delas por serem discriminadas e hostilizadas, como pode-se verificar no relato da Pescadora P18 (2020):

Daí eu já falava assim pra ela, minha filha o pescador não se conhece pela cara, se conhece pela luta, pelo pé, ela olhou assim mesmo, assim pra mim... É mais pois é, olha aqui, da aqui sua mão, olha aqui! Essa mãozinha arrumadinha bonitinha, não vai dizer que é pescadora? Aí é só pintar e dar uma ajeitada...”

Percebeu-se que sofrem preconceito advindos de pessoas realizando o atendimento de clientes que trabalham em órgãos públicos, por exemplo, inclusive na Colônia de Pescadores e em bancos. Além disso, suas falas são carregadas de indignação por não aceitarem suas palavras e terem que confirmar sua profissão constantemente. Neste processo, recorda-se Wajcman (2006) e sua crítica com relação à visão homogênea dos interesses masculinos e capitalistas na dominação das mulheres e dos trabalhadores, respectivamente, pois tais interesses se dão de maneira instável e não-predeterminada.

Nas conversas com elas buscou-se saber qual o sentimento que possuíam quando se apropriavam de um conhecimento e se este fator poderia ajudá-las profissionalmente. Todas acham muito bom saber e conhecer mais sobre as coisas e que todos os dias estão aprendendo, este fato é importante para suas vidas conforme expõe a Pescadora P16 (2020) “[...] é que quem está sabendo vive, vai aprendendo né, vai se desenvolvendo mais. O conhecimento é importante, é uma ajuda para todos, é essencial porque tem vários tipos de pesca”.

Averiguou-se se elas recebiam algum pagamento pelos produtos de suas pescas e como isso se configurava na família. A informação que se obteve é de que os homens cuidavam dos negócios, eles acertam o preço, fazem a venda e levam até o comprador, que normalmente é em Paranaguá (PR). O valor recebido pela pesca é o dinheiro da família, para as despesas da casa, “O pagamento da pesca é para manter a casa, às vezes dá, às vezes não dá, às vezes é só prá consumir. Esses dias deu

um monte de robalo e aí deu prá vender. É a produção do dia porque não tem como congelar, não tem energia. Quando mata mais leva prá vender [...]” (PESCADORA , P26, 2020).

Em poucos casos, os homens deixam para as mulheres a venda de ostras porque, normalmente, são elas que vão ao mangue para retirá-las, como o preço da caixa é feito pelo comprador e é ele quem vai buscar o produto, elas não tem como negociar. É aquele valor e elas aceitam.

Apurou-se se o fato de que se elas fossem sozinhas continuariam nesta profissão e a resposta foi unânime de que continuariam. Primeiramente porque gostam do que fazem, ir pescar lhes dá a sensação de liberdade e de tranquilidade, foi o que disse a Pescadora P21 (2020), hoje com 65 anos, que aprendeu com os pais a pescar, tornou-se professora e se aposentou, mas, o que gosta realmente é de estar no mar pescando e continua fazendo isso todos os dias.

Verificou-se também a questão referente a auxílios concedidos pelo governo e foi constatado de que já havia pescadoras aposentadas, que aqueles que possuem o registro na Colônia de Pescadores recebem o seguro defeso e o bolsa família, porém não concomitantemente. Pode-se verificar que muitos não possuem nenhum benefício porque não estão inscritos na Colônia de Pescadores e por falta de conhecimento por parte das pescadoras e ainda porque entregaram seus documentos e não receberam a carteira de pescadora em um processo que se arrasta por anos sem explicações concretas e claras.

Mencionou-se a legislação a respeito da pesca e poucas conhecem, sabem que existem leis, porém não sabem dizer o que são realmente e como estas leis podem beneficiá-las ou não. Afirmam que são pescadoras, que esta é sua profissão e que mesmo que não estejam embarcadas elas trabalham com a pesca. Este sentimento de possuírem uma profissão faz com que se sintam conectadas àquele lugar, como percebe-se na seguinte exposição:

Eu tenho um objetivo, claro. Eu quero... Eu não penso em sair daqui, eu não penso em sair daqui, em morar na cidade, eu não penso. Aqui é bom prá mim, pros meus filhos, sei que eles tão seguros, eles estão ali na escola, eles estudam do lado de casa, qualquer coisa eu vou ali do lado. Ele tá ali, eu vejo, e aí pra costuma assim, prá mandar pra escola e ficar lá em casa ou ir trabalhar.. ai eu não sei... acho que não conseguiria. No caso se fosse para mim morar em Paranaguá, igual a minha família mora lá, eu acho que eu não conseguiria. Meu objetivo é ficar aqui e também deixar, fazer com que as crianças depois que cresçam ficar aqui também. (PESCADORA P15).

É onde gostam de viver e é o que gostam de fazer. Algumas pescadoras contaram sobre os diferentes problemas que enfrentam, principalmente depois que criaram o Parque de Superagui e a região se tornou Área de Proteção Ambiental. Elas foram cerceadas de várias atividades ditas prejudiciais ao meio ambiente, como a roça e alguns tipos de pesca, o que impactou diretamente na subsistência daquelas famílias³⁹.

Buscou-se saber com as pescadoras se a pesca é um trabalho ou apenas uma “coisinha de nada”⁴⁰, ao que elas responderam que a pesca é uma profissão, apesar de não ser valorizada é o que gostam de fazer. Esta atividade não é fácil e nem leve, como pode-se verificar nos depoimentos da Pescadora P13 (2020) que:

não é uma profissão “leve” porque trabalham sempre no molhado, faz só uns 4 anos que começaram a usar bota de plástico para trabalhar, que antes trabalhavam de chinelo de dedo e ficavam o dia inteiro molhadas. Elas tem muita friagem, infecção de bexiga, e dor nas costas porque o trabalho é o dia todo em pé⁴¹. (PESCADORA P13, 2020).

Já a Pescadora P17 (2020) relatou que “[...] eu passava a noite toda pescando, chegava e vendia os peixes, e voltava novamente para o mar. Voltava cozida da praia de assar o dia todo lá no sol. Eu pescava galetera⁴².

Por conseguinte, este é um trabalho que exige muito das pescadoras, não é leve e nem fácil. Outro aspecto sensível e precário é com relação a saúde desta classe trabalhadora que se queixa de problemas de coluna, infecções urinárias e dores de cabeça por ficarem longos períodos expostos ao sol, ao vento e a umidade.

Uma síntese dos dados abordados nesta seção é apresentada no Gráfico 9 com a indicação da idade de início na pesca, aspectos legais e profissionais.

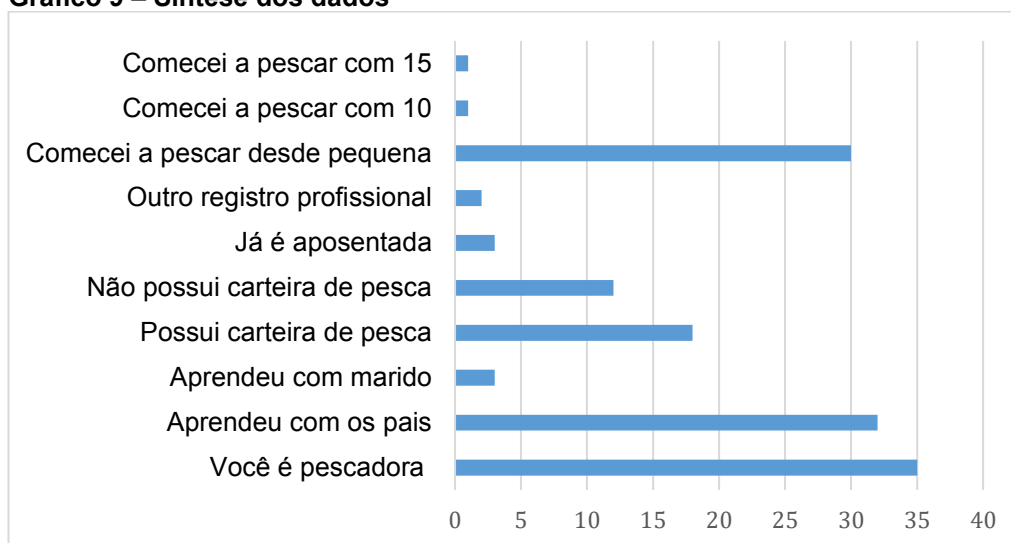
³⁹ Muitos dos dilemas enfrentados pelas comunidades de pescadores após a criação do parque podem ser encontrados no trabalho de Duarte (2018) “Resistir e retomar: nossa terra e nosso mar”.

⁴⁰ Expressão muito utilizada quando o trabalho é realizado por mulheres.

⁴¹ Barraco é uma construção de alvenaria com pias para o descasque de camarões.

⁴² Expressão usada pela pescadora para se referir a pescadinha.

Gráfico 9 – Síntese dos dados



Fonte: Autoria própria (2020).

A rede de pesca é um dos importantes instrumentos de trabalho, mas as pescadoras fazem parte de uma rede social composta por diferentes atores. Trata-se deste aspecto na próxima seção.

6.2.3 A rede e seus atores

Latour (2012) preconiza que se deve seguir as marcas deixadas pelas práticas dos atores para seguir e estabelecer a rede, desta forma pode-se descrevê-la juntamente com seus atores. A Teoria Ator-Rede traz o conceito de simetria, ou seja, não há uma hierarquia entre os atores humanos ou não humanos, estes actantes possuem o mesmo valor e a mesma importância na dinâmica exercida na rede (CALLON, 1986). Esta Teoria chama a atenção para a agência, os elementos que fazem os outros agirem, como por exemplo a lua, a maré, o barco, o remo.

As pescadoras sofrem a agência destes actantes, já os demais actantes também sofrem a agência das pescadoras, que determinam quando onde e como eles serão utilizados.

Nas conversas realizadas com as pescadoras pode-se verificar que diversos atores permeiam seus afazeres do dia a dia. Elas se relacionam com **pessoas** da família, da igreja, de instituições de ensino, turistas e de outras comunidades.

As mulheres pescadoras profissionais se utilizam de diversos **artefatos** para realizarem seus trabalhos e após cada pescaria os deixam lavados, limpos e guardados no rancho para serem utilizados na próxima pescaria.

A questão do **tempo** influencia diretamente no trabalho das pescadoras. Se está chovendo não dá para pescar, o mesmo acontece com certos tipos de **vento**. Se a **maré** está cheia é possível pescar certos tipos de peixe, se está seca está bom para catar ostras e surucucu. O **sol** e principalmente a **lua** intervêm nas diversas formas de pescarias. O tempo é quem manda na vida das pescadoras, determina o que se pode ou não fazer.

A palavra “mar” não foi muito citada por elas, porém a comunidade se mantém porque o **mar** está lá, disponível, além do mais a palavra “maré” está na fala e na prática diária destas pescadoras. A palavra “mar” está sempre nas entrelinhas, quando elas olham para fora de suas casas e logo o avistam, já sabem como está a maré, se podem sair para pescar ou para tirar ostras, ou se devido ao vento é melhor ficar em casa, porque naquele dia “o mar está mexido” ou tem muito vanzeiro⁴³ e não vai dar peixe” como costumavam falar. Tal hierarquia pode ser vista no Gráfico 10, que foi construído com o *software* NVivo a partir da análise das entrevistas, coletando-se as principais unidades de registro.

Gráfico 10 – Hierarquia de atores não humanos



Fonte: Autoria própria com auxílio do *software* NVivo (2020).

⁴³ Palavra utilizada pelas mulheres pescadoras e significa que as ondas estão fortes e mexem mais com o barco. Pode-se dizer que há mais turbulências.

O barco, este actante, que age e sofre a agência, é essencial para a pesca e para a locomoção, pois é o único meio de transporte das comunidades para chegarem até Guaraqueçaba. A relação existente entre as mulheres e o barco é de familiaridade, porque vivem nele, desde pequenas acompanham o pai ou a mãe nas pescarias e nas viagens entre as comunidades. Acabam crescendo dentro dele, elas pintam o barco, lhes dão o nome de alguém que amam, como o filho, a filha ou o nome dos netos, cuidam dele como sendo mais um membro da família.

Fotografia 2 – Pescadoras e barcos com os nomes de parentes



Fonte: Autoria própria (2020).

Neste sentido, entende-se que o **grupo de mulheres** também se caracteriza como um ator ou um actante, pois a agência que o grupo possui está contida em suas relações, nas regras de convivência, nas decisões tomadas em conjunto, nas orientações e nos ensinamentos que compartilham, isso faz com que o comportamento dos outros actantes seja ressignificado.

Destaca-se que o princípio da simetria (CALLON, 1986) entre os actantes faz com que estes atuem e transformem os demais, ressignificando-os dentro da rede. Este princípio de ressignificação dos atores é o processo em que eles sofrem a agência, como também podem impor esta agência a outros atores.

Como por exemplo, o caso da cuia que era utilizada para retirar a água do barco. Todos os barcos tinham a sua, feitas de material leve, do fruto da árvore coité: a cabaça, conhecida também como porongo.

Atualmente não se encontra mais, dentro dos barcos, a cuia feita deste material. Com o passar do tempo, houve uma ressignificação deste objeto. Hoje em dia os pescadores e pescadoras utilizam a embalagem plástica de materiais de limpeza – vasilhames de água sanitária, amaciantes de roupas, entre outros, que foram cortados e incluídos neste novo arranjo. É um material de fácil acesso, é fácil transformá-lo no recipiente para retirar a água do barco, também é leve, possui grande durabilidade, não tem custo direto para o pescador e, por estes motivos, acabou sendo incorporado. Houve a ressignificação do objeto, a agência dos pescadores sobre ele e, conseqüentemente, a agência dele sobre o barco.

Durante as entrevistas em profundidade, procurou-se investigar com quais pessoas as mulheres pescadoras se relacionam, a família vem prontamente, depois a comunidade mesmo porque a maioria das pessoas possui um grau de parentesco em comum dentro desta. Em seqüência aparecem algumas pessoas em Guaraqueçaba, outras em Paranaguá e demais pessoas que lá chegam para conhecer as belezas naturais daquela região.

Elas se conhecem porque vão as mesmas festas, principalmente nas festas de igrejas, por meio de suas famílias que conhecem outras pessoas e apresentam para elas. Lembraram também que se relacionam com os integrantes dos Movimentos sociais MOPEAR e PEART, dos quais algumas participaram. A visão delas é de que “a gente vai fazendo amizade e já se torna tudo da família, tipo vocês, né...” (PESCADORA P28, 2020). Basta que elas conheçam e convivam um pouco com outras pessoas para incluí-las como membros de suas famílias. Este é o sentimento que possuem com relação ao papel que estas pessoas desempenham em suas vidas, de que todos formam uma grande família.

Traz-se portanto, os atores não humanos e sua utilidade no dia a dia das mulheres pescadoras, levantados a partir da análise das entrevistas em profundidade, relacionados no Quadro 14.

Quadro 14 – Atores não humanos e suas utilidades

ATORES NÃO HUMANOS INSERIDOS NO COTIDIANO DAS PESCADORAS	
Barco	que pode ser a motor ou canoa a remo é necessário possuírem pois necessitam para a pesca e para a locomoção entre as comunidades e as cidades mais próximas
Remo	essencial e muito usado pelas pescadoras para direcionar o barco na saída e na chegada as comunidades
Rede	para a pesca de peixes com diferentes malhas pois, cada malha é para um tamanho de peixe;
Tarrafa	para pegar camarão
Gaiola	para pegar siri ou baiacu;
Martelo, facão e balde	para catar ostras;
Luva	para pegar caranguejo e sururu e para descascar camarão
Avental	para descascar camarão
Canhão e anzol	para pesca de peixes
Tábua e faca	para limpeza dos peixes
Cuia	é um recipiente que todo barco obrigatoriamente tem que ter. É com ele que se retira a água de dentro do barco. Normalmente reutilizam embalagens plásticas usadas para material de limpeza.
Rancho	local para guardar seus apetrechos
Vento	interferem diretamente nas atividades
Lua	
Maré	
Mar	
Chuva	
Sol	
Tempo	

Fonte: Aatoria própria (2020).

Estes atores não humanos fazem parte de uma rede social e se conectam nesta teia de relações, afetando e sendo afetados pelo contexto em que estão inseridos (CALLON, 1986). O desenvolvimento das relações sociais em uma rede é realizado ao longo do tempo, criando laços de confiança, de colaboração e de troca de práticas, resultando na cooperação entre seus integrantes (GRANOVETTER, 1983, LAVE; WENGER, 1991, LATOUR, 2012).

Durante o período em que se realizaram as entrevistas em profundidade, foram levantados os atores não humanos inseridos no contexto das pescadoras, relacionados no Quadro 15, que subsidiaram o mapeamento da rede.

Quadro 15 – Atores não humanos

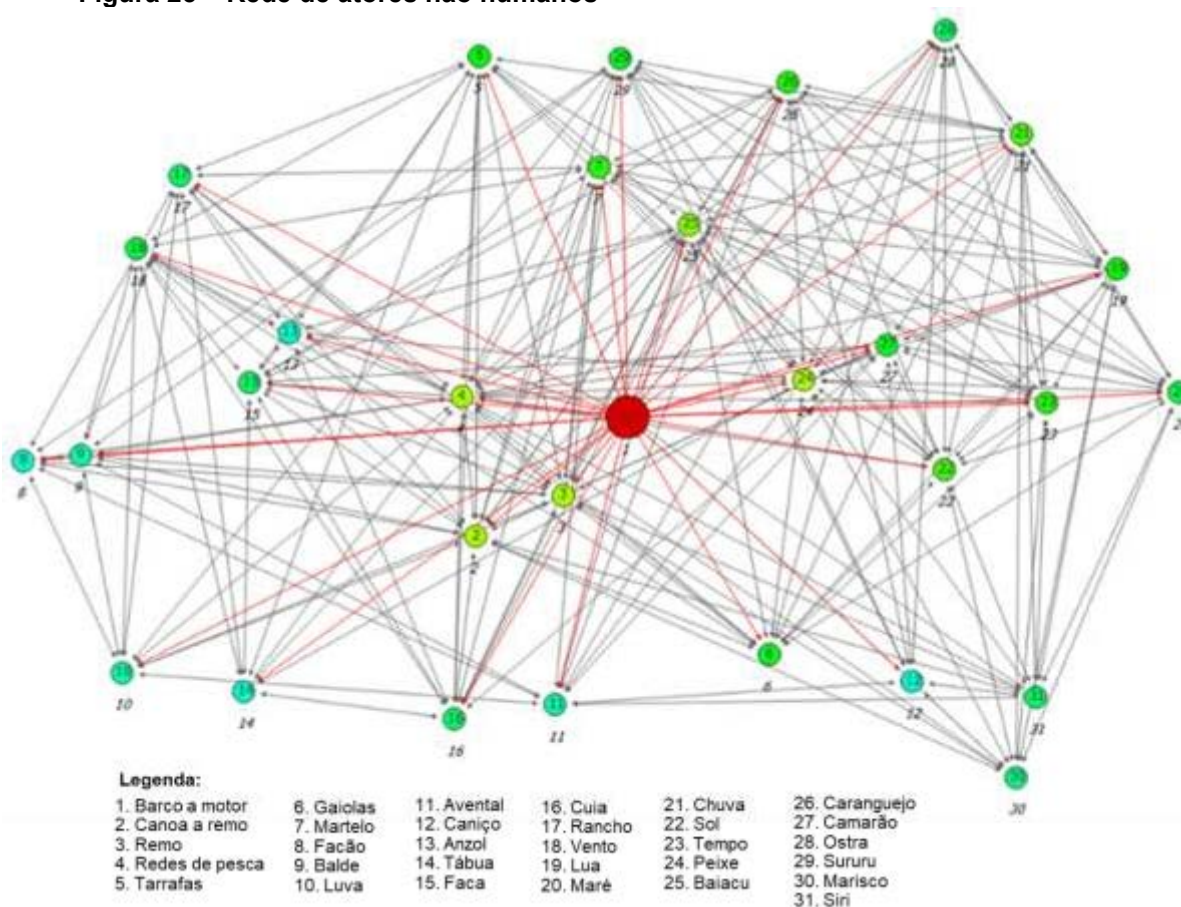
Item	Atores	Item	Atores
1	Barco a motor	17	Rancho
2	Canoa a remo	18	Vento
3	Remo	19	Lua
4	Redes	20	Maré
5	Tarrafas	21	Chuva
6	Gaiolas	22	Sol
7	Martelo	23	Tempo
8	Facão	24	Peixe
9	Balde	25	Baiacu
10	Luva	26	Caranguejo
11	Avental	27	Camarão
12	Caniço	28	Ostra
13	Anzol	29	Sururu
14	Tábua	30	Marisco
15	Faca	31	Siri
16	Cuia		

Fonte: Autoria própria (2020).

Estes dados qualitativos foram coletados e registrados em um aplicativo específico para desenho de redes, o Social Network Visualizer (SocNetV), de uso livre e de fácil configuração. Este *software* suporta dois tipos de visualizações de rede: por índice de proeminência (por exemplo, tamanho circular, nível e nodal por pontuação de centralidade) e direcionada por força por meio de algoritmos de *layout* (por exemplo, Kamada-Kawai, Fruchterman-Reingold, e outros). Percebe-se como resultado a centralidade intensa do barco a motor com relação aos outros elementos da rede⁴⁴.

⁴⁴ As redes, no SocNetV, são ordenadas e coloridas de acordo com o índice de centralidade de grau dos nós, que é calculado com base nas associações mais diretas, os caminhos mais curtos na rede (Degree Centrality) e com uma configuração do tipo Kamada-Kawai, de posicionamento direcionado à força, para ficarem com os mesmos critérios e serem possíveis de comparação. A paleta de cores e os cálculos são dados internos do software, relações estatísticas entre os índices de proximidade e as conexões que dão a cada nó um determinado peso na rede, para na sequência representar a rede. (SOCNETV.ORG, 2020).

Figura 25 – Rede de atores não humanos

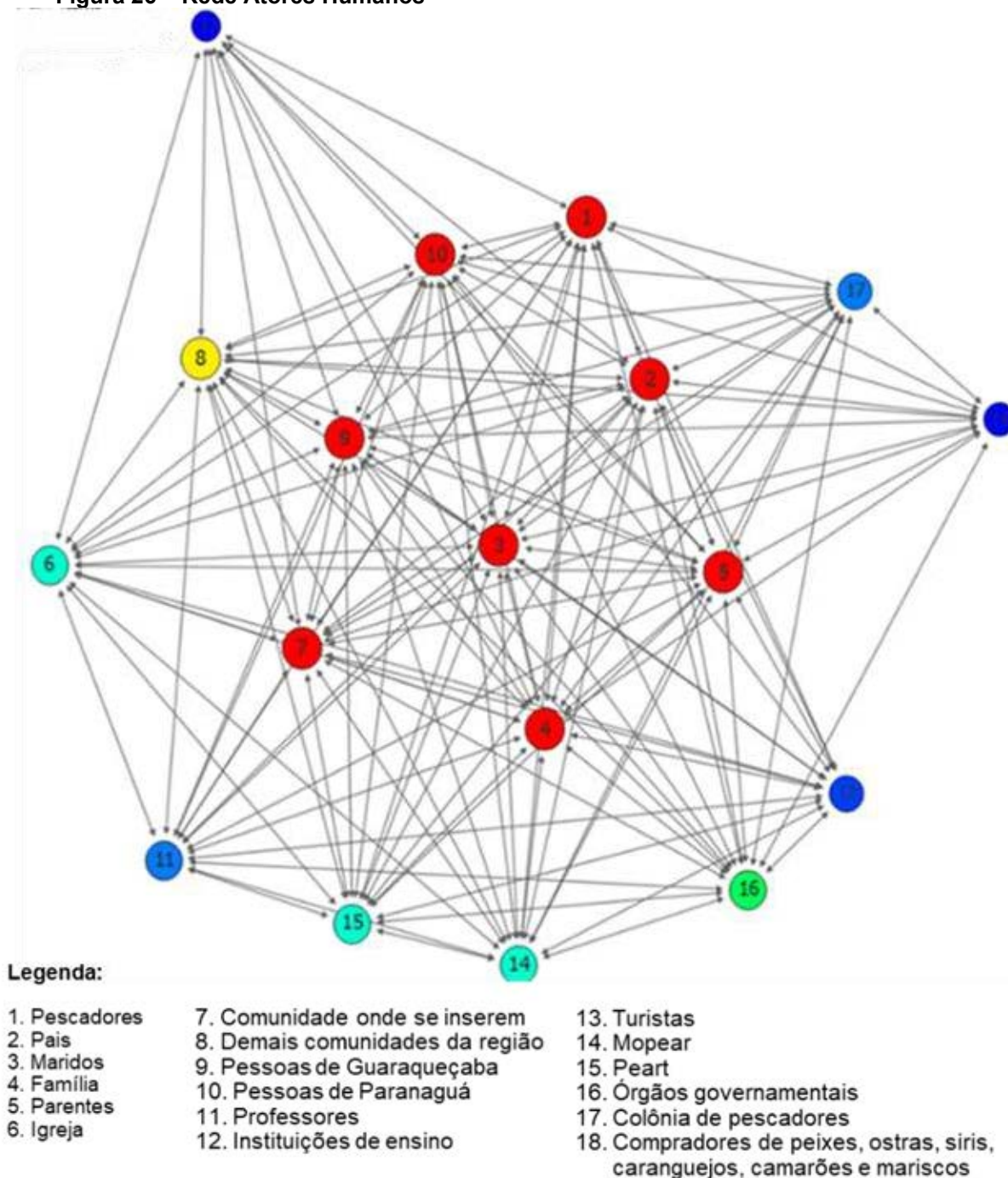


Fonte: Autoria própria com o auxílio do *software* SocNetV (2020).

Foram levantados 19 diferentes actantes na rede de atores humanos (Figura 26), que vão do núcleo familiar aos compradores dos produtos da pesca, passando pelos turistas, os membros do Mopear, entre outros.

O maior número de interações – maior força – aparece na rede representada na Figura 26 pelos nós, na cor vermelha – 1 – Pescadoras, 2 – Pais, 3 – maridos – 4 – Família, 5 – Parentes, 7 – Comunidades onde se inserem, 9 – Pessoas de Guaraqueçaba, 10 – Pessoas de Paranaguá. Segue-se o nó de cor amarela, que corresponde as demais comunidades da região (8). Os nós mais externos ao centro, - margem da rede - possuem menos interações - menor força – e são representados com cores do espectro verde para azul em ordem decrescente. O desenho da rede observou o mesmo critério anteriormente descrito. Esta padronização de cores seguirá nas demais representações das redes.

Figura 26 – Rede Atores Humanos



Fonte: Autoria própria com o auxílio do *software* SocNetV (2020).

A rede de elementos humanos e não humanos é representada na Figura 27. São 49 pontos de contato, os nós – nodes, com 1.362 conexões ou laços (arcs), que representam as interações entre os elementos humanos e não-humanos, com relativa densidade. A análise de redes sociais permite verificar a qualidade e a relevância das conexões e das informações. Isso pode ser realizado individualmente, a cada nó ou também na rede como um todo. O número de conexões de um ator indica a densidade

e o grau de conectividade que vai de 0 – nó sem conexão até 1 – nó totalmente conectado. As quantidades de conexões de um nó/ator demonstra como ele impacta os demais atores e qual é a sua importância no desenho da rede, comprovando como os atores são executores ou encarregados pelo resultado final (SOCNETV, 2020). Ressalta-se, que neste estudo, a análise da rede não é um foco. No entanto, este foi um dos achados interessantes de serem tratados, mesmo que de forma incidental.

O nó 32 - Pescadoras é o que possui maior intensidade de relações existentes com os demais nós especificados. A concentração de maior força está nos nós de atores humanos, 33 - pais, 34 - maridos e 35 - família e o elemento não humano que está ligado às pescadoras, é o nó 1 – barco a motor, elemento essencial em suas vidas.

Nesta rede também foi utilizado o algoritmo Kamada-Kawai e o esquema de cores representa a centralidade de grau dos nós, da proximidade maior (vermelho) a menor (azul).

Tratada as configurações da rede, seguindo os rastros dos atores, conforme Callon (1986), se observa o conhecimento criado e compartilhado, que será tratado na seção seguinte.

6.2.4 Criação e compartilhamento de conhecimento

A estrutura desta seção configura-se com as evidências do processo de conversão do conhecimento e da existência do Modelo SECI, dos ambientes de conhecimento, e da espiral de conhecimento das mulheres pescadoras artesanais.

6.2.4.1 O processo de conversão do conhecimento – evidências do Modelo SECI nas suas quatro tipologias

Pegar caranguejo é quando a lua que anda, a gente pega, a gente corre atrás dele no mangue e pega. [...] a gente arma um laço e ele cai, ou você mete o braço na toca e tira, meu braço é muito curto pra toca de caranguejo, só se ele tiver na boquinha ali, eu for pegar ele. Ele é muito rápido, nossa, eu vou corren... e o mangue é enorme né, daí cheio de galho e cheio de arvore. Agora não, eu vou engatinhando, eu levanto, eu deito, eu faço tudo (risos). (PESCADORA P2, 2020).

Os indivíduos possuem habilidades que aprendem por meio da observação de ações e regras, que muitas vezes não são explicitadas verbalmente para aquele que as interpreta e as segue. Este conhecimento tácito, na tipologia de Polanyi (1958), pode ser compartilhado, porém, certos tipos de conhecimentos têm capacidade limitada de explicitação, porque “Uma arte que não pode ser especificada em detalhes não pode ser transferida por uma prescrição, pois não existe tal prescrição. Pode ser passada apenas por exemplo, do mestre ao aprendiz”⁴⁵, (POLANYI, 1958, p. 55, tradução nossa).

Por outro lado, na colocação de Polanyi (1958, p. 55), “Sabemos mais do que podemos dizer” em palavras, é preciso ouvir, sentir, ver com outros olhos; essa colocação remete a história da Pescadora P20 que ouve os peixes. Parece irreal em

⁴⁵ An art which cannot be specified in detail cannot be transmitted by prescription, since no prescription for it exists. It can be passed on only by example from master to apprentice. (POLANYI, 1958, p. 55).

um primeiro momento, porém, outros pescadores também dizem ouvir. Esta pescadora contou sobre um episódio de pesca de tainha, que seu marido falou para ela ficar quieta para ele ouvir o peixe, aí ela também ouviu o barulho que o peixe faz quando nada, o barulho de quando ele pula, a forma como a água se apresenta em um determinado lugar:

É, só pulo, mas daí, é que lá dento do rio, tem uns *poço*, e nos poço é o lugar que fica os peixe. A gente vai lá, pesca com a rede, ou jogo a tarrafa em cima deles, daí se engata nos galho, se engata nos galho rasga a rede e cai tudo os peixe. A primeira vez que fui com ele pra matar peixe de tarrafa, ele jogou daí eu falei: “aqui não tem nada”, *tava* uma chuva, *tava* assim igual hoje, que dava aquela chuva e daí parava, e mosquito, butuca... Daí a gente foi, daí ele: **“pega aqui na corda” e corda *tava* tremendo assim, eu falei: “meu que que é isso”, ele “peixe”, daí ele puxou**, meu veio sete tainha assim, veio robalo. Ele jogou de novo, meu aqui *tava* um cardume grande mesmo, no fundo mesmo. (PESCADORA P20, 2020 – grifo nosso).

A fala destacada da Pescadora P20, é um exemplo típico da socialização de Nonaka (1994): o marido conhece tacitamente o fenômeno e busca demonstrar praticamente como ocorre o fato. É o compartilhamento do conhecimento tácito, valendo-se da prática para criar um novo conhecimento para esta pescadora, se ela o internalizar. Uma relação efetiva de mestre-aprendiz (NONAKA, 1994; POLANYI, 1958).

Outro fato, contado pela Pescadora P2, é que os peixes pulam, às vezes até para dentro do barco:

[...] contou pra mim e eu não acreditei nessas coisas. Depois eu acreditei porque quando pulou lá no barco, quase pulou no meu pé uma tainha enorme assim, eu levei um grande susto, quase caiu na água de novo. Eu levei um grande susto. A tainha bem grande. Pulam porque daí, o mar resseca. Daí diz que ele foi *chunchar* lá, eles rodearam com a rede, daí bate pra peixe se malhar na rede. Daí diz que ele foi *chunchar* lá de tardezinha e ela olhando o mar assim, se tinha peixe e uma tainha deu bem no olho dela e ficou todo roxo. Aí amiga contou pra mim, aí amiga, isso aí é história de pescador mesmo né. Daí depois de um tempo que a gente foi também, aqui de noite. A gente sempre vai... Matá peixe ...Menina, mas pulava, pulava, pulava assim sabe, meu irmão ficava tudo bobo, não sabia se pegava no remo, se pegava no celular, que queria filmar, que não queria perder aquele momento.

Polanyi (1958) salientava ainda o papel da linguagem na comunicação do processo de conhecimento, esta é essencial para o seu compartilhamento e, muitas vezes, se sabe como fazer as coisas porém, “nem sempre somos capazes de dizer

para os outros como aquilo que fizemos funciona”, conforme disse a Pescadora P10 (2020).

A linguagem usada pelo grupo de pescadoras, é um actante, pois possui termos específicos como galetera,⁴⁶ vanzeiro,⁴⁷ dalheante⁴⁸, sacrificoso⁴⁹ e também cada comunidade possui um sotaque diferente. Ela, a linguagem, está inserida no ser humano e de acordo com Ingold (2004, p. 218, tradução nossa) “As formas da linguagem, por exemplo, emergem a partir das atividades das pessoas conversando uma com as outras; assim, a linguagem evolui enquanto conversamos”⁵⁰.

No grupo de mulheres pescadoras das comunidades de Guaraqueçaba, a linguagem utilizada demonstra e ajuda a construir suas identidades, que derivam igualmente de outras das práticas sociais. As expressões que identificam quem são essas mulheres, que demonstram sua origem e cultura, conforme apresentado no item 6.2.3, vozes estas, que para Latour (2012) são importantes e não devem ser caladas.

Para caracterizar algumas percepções das pescadoras com relação a linguagem, apresenta-se alguns comentários no Quadro 16, como exemplos da sua VOZ.

Quadro 16 – Linguagem

PESCADORA	COMENTÁRIO
P08 (2020)	Porque a família do meu pai, da minha mãe, do meu avô são tudo daqui, só que a minha mãe mora em Paranaguá, então lá já é outra forma de falar mas meu pai trabalha da pesca lá.
P14 (2020)	"A [...] contou um negócio, uma coisa com “ti”, eles falam “t” A gente fala bujão de gás né, eles falam, 'bujon de gás'. a gente fala pegar caranguejo, pegar caranguejo. Ai tem outros que falam, catar caranguejo, é diferente. Matar peixe também Alguns fala nem matar peixe ou pegar peixe, falam lancear "
P18 (2020)	Lancear com rede, pescar é jogar a linha, barco é diferente de bote. A canoa, eles especificam o tipo de embarcação que tem. Ciúmes é igual ciando. Quando o café está muito forte, chamam de chimarro. Falam rápido, tem que prestar atenção para entender.
P29 (2020)	ele fala rápido ... só que é engraçado assim ó, porque daí ... perguntou prá mim, eu falei que uma língua é diferente da outra né ... só que daí ele falou uma hora assim ... cadê ele ... sabe...

Continua

⁴⁶ Expressão usada para se referir a um tipo de peixe também conhecido por pescadinha

⁴⁷ Refere-se ao mar agitado e do movimento das ondas e dos ventos.

⁴⁸ Algo que está mais adiante.

⁴⁹ Menção a algo ou a alguma situação difícil.

⁵⁰ The forms of language, for example, emerge through people's activities of talking to one another; thus language evolves even as we speak (INGOLD, 2004, p. 218).

Continuação

P30 (2020)	Falam assim ó na casa de fulano, isso é de Maria, sempre usam o de...
P33 (2020)	Não é, a gente fala assim, matar, porque vivo de lá não vem, ele vem morto né (risos). A gente vai lá, vê que cai na rede tá morto. Pescar, é mesma coisa matar
P35 (2020)	É diferente né, a fala as vezes a gente quer fala "vem um pessoal di Curitiba, a gente não fala di Curitiba, vem uma turma lá de Curitiba, né...

Fonte: Autoria própria (2020)

Um aspecto que chamou a atenção foi o que disse a Pescadora P29 (2020), ressaltando que eles falam muito rápido e se utilizam de vocábulos pouco conhecidos, desta forma a linguagem nem sempre é compreendida por pessoas que são de fora das comunidades, muitas vezes existe, portanto, a necessidade de explicitação (traduzir e externalizar) da linguagem evidenciando o processo de externalização de conhecimentos (NONAKA, 1994), como também o processo de tradução na teoria Ator-Rede (CALLON, 1986).

Além da linguagem a crença e a confiança fazem parte do processo de conhecimento das pescadoras. Em Nonaka e Takeuchi (1997) aparece a ligação do conhecimento com a crença, trazida de Platão. Polanyi (1958) também traz esta questão e afirmava que as crenças que as pessoas possuem estão ancoradas nelas mesmas, porque elas possuem um conjunto de pressupostos e não tem, em geral, a exata compreensão do que estes são e, por este motivo, consideram difícil expressá-los. É por meio de uma linguagem específica, da participação em grupos sociais, que se aprende habilidades corporais e outras ainda, que decorrem das experiências vividas em situações específicas.

No entanto, Polanyi (1958), enfatiza que o uso de uma palavra dita com confiança implica na aceitação do significado dessa palavra para o falante e para o ouvinte. Existe um elemento tácito subjacente de que a palavra será entendida. Uma verdadeira comunicação ocorrerá se, e somente se, essas suposições combinadas de autoridade e confiança forem de fato justificadas. Então, não são as palavras que têm significado, mas o falante ou o ouvinte que entende alguma coisa por meio delas. Polanyi apresenta sua experiência como autor e declara que tudo o que escreveu passou pelo seu conjunto de regras, por sua formação em um idioma específico, por suas experiências e que tudo isso está incorporado em seu sistema de crenças anteriores mas, não sabe quais, conforme sua afirmação: "Pior ainda, não posso dizer com precisão quais são essas crenças." (POLANYI, 1958 p. 265). Essa afirmação

corroborar com o que ele escreveu anteriormente: que nem sempre se é capaz de expressar por completo determinados conhecimentos, eles são ainda um ato tácito. A crença é a fonte de todo o conhecimento, requer consentimento tácito, paixão intelectual, idiomas compartilhados, e patrimônio cultural e afiliação a uma comunidade com a mesma opinião.

Para Polanyi (1958, p. 87) todo o conhecimento tem uma parcela de tácito e "o tácito coopera com o explícito, o pessoal com o formal". A linguagem apropriada possibilita o compartilhamento de parte do conhecimento entre as pessoas que se utilizam da mesma linguagem, porém quando o conhecimento tácito predomina e essa articulação não é possível de ser realizada, ele chama isto de "inefável". Isso porque devido à natureza tácita de todo o conhecimento, se é incapaz de dizer tudo o que se sabe e também, em vista do caráter tácito não se pode saber exatamente o que está implícito no que é dito (POLANYI, 1958, p. 95). Em Polanyi o conhecimento é tácito, funcional, vem da experiência prática, como já mencionado, e traz a marca da paixão e da emoção do indivíduo (STRAUHS, 2003).

A emoção é perceptível quando as pescadoras falam de seus avós ou pais, a Pescadora P12 em especial, lembrou de momentos com sua mãe, da vida difícil, mas como ela fazia de tudo para costurar as roupas da filha, que "naquele tempo era tudo feito à mão"[com as filhas aprendendo os pontos da costura... os olhos marejaram e a voz não saiu...] momento difíceis", momentos de muito amor e que se pode ter o privilégio de conhecer, nesta pesquisa.

Os princípios de Polanyi (1958) sugerem que o conhecimento implícito pode ser descrito como conhecimento tácito que pode ser explicitado mas, que em uma comunidade que compartilha uma visão comum do conhecimento tácito, isso não se faz necessário com palavras ou mecanismos formais. Esse é o papel da Socialização (NONAKA, 1994).

Nonaka (1994) se utilizou da teoria de conhecimento de Polanyi (1958) e demonstra como o conhecimento tácito se transforma em explícito que se torna tácito, criando uma espiral conforme demonstra com o modelo SECI.

A Socialização, para Nonaka e Takeuchi (1997), é caracterizada pelo compartilhamento dos conhecimentos tácitos entre as pessoas e quando isso ocorre em uma atividade prática, com o compartilhamento das experiências, um aprende com o outro – resgata-se a relação mestre-aprendiz, conforme já mencionado.

Observa-se a Socialização quando uma das pescadoras explicou sobre os ventos, mostrando por meio de gestos de que lado vinham e para onde iam – na Socialização mais que as palavras o corpo fala. Para a pesquisadora este relato não fez sentido momentaneamente, e quando dito isto para a pescadora, ela respondeu: “fica aqui uns trinta dias que você aprende” (PESCADORA P9, 2020). O diálogo, puro e simples, não permite o entendimento completo, faz-se necessário **ver** a prática:

Ele falou vamo embora, daí eu falava: não, não dá, esse vento sudoeste é de cá faz muita onda, aí não deixava ir. Aí quando ele (o pai) falava: o vento vira de cá, quando virá de cá é vento e leste, é só tempo bom! **É vento, mas não é vento assim, de virar barco**, de tempestade não, é só vento. Ele fala, quando venta desse vento, o vento leste, que eles falam que dá essas ventadas fortes. Daí é só tempo bom. Cê vê que já tá virando o vento...entendeu, tá de cá ó... daí, já ó, fica esperto. Pra nós aqui a, a tormenta forte assim, que é coisiado aqui do mato, Que daí pega bem de frente as casa aqui ó. Tá vento sudoeste, a coisa ele, ele de trás, então ele não faz tanto estrago, não faz assim igual uma tempestade, uma tormenta, não faz tanto igual aqui do mato, de frente né [mais perigosa] uhum. Porque como aqui, pega sombra que eles falam, por que passa por cima né, o vento, então as casas assim quando da vento sul, vento, é mais perigoso no mar né... Mas aqui ó, tinha uma árvore ali ó, na frente daquela ali, aquela árvore ali ela era bem de pé porque o mar vai comendo né [a areia] Ele entra por aqui ó, então, e daí aquela árvore ali tinha um galho enorme que com a tormenta que deu daqui, ela torceu e jogou lá em cima daquela casa lá. [vento norte] uhum e também o sul quando é uma tormenta do sul, de sul, ele pega, ele pega mais por cima [das casas] aqui né, lá naquelas árvores mais alta (PESCADORA P4, 2020).

O conhecimento a respeito dos ventos pode-se registrar, no entanto sempre terá a parcela do conhecimento tácito não explicável: “É vento, mas não é vento assim, de virar barco” (PESCADORA P4, 2020). Somente com a prática, por meio das experiências do dia a dia é que as mulheres pescadoras podem mensurar o quanto de vento é preciso para virar, ou não, o barco.

Todas as atividades são experimentadas na prática, em um processo constante de socialização, pois, desde o momento em que se inseriram no contexto da pesca artesanal, que de acordo com as histórias de vida, foram desde pequenas, os pais as haviam ensinado.

Poucos são os casos em que elas se inseriram neste ambiente por meio do casamento e, novamente, o processo de aprendizagem foi o de ensinar socializando e demonstrando como se faz na prática, como o relato da Pescadora P12, que se casou com um pescador e aprendeu a pescar com ele. Foi ele também que ensinou os filhos: “O pai ensinou os filhos de 10 a 12 anos pescar e ainda hoje, depois de

adultos quando se deparam com algum problema sempre perguntam para o pai, porque ele tem mais experiência e conhece sobre o mar e as pescarias” (PESCADORA P12, 2020).

Na conversa com a Pescadora P22 foi informado que ela aprendeu com os pais e que hoje leva seu filho de três anos junto, ele também sai com o avô para pescar: “ele tem três anos e vai com a mãe prá tirar ostra, a mãe mostra onde tem. Vai com o avô matá peixe e pescá de linha. Sabe jogar a linha. Fica tão alegre quando pega peixe (PESCADORA P22, 2020)”. Os ensinamentos são realizados na prática, as crianças vão com os pais pescar, retirar ostras, caranguejos e vendo como os pais fazem eles aprendem.

Em uma das gaiolas, durante a pesca de siris, entrou um peixe baiacu. Essa pescadora descreveu o baiacu como sendo um peixe com dentes pontiagudos que podem cortar as redes das gaiolas, que se deve tomar cuidado, são pequenos mas muito perigosos.

Fotografia 3 – Pesca de siri – colocando as gaiolas e retirando as fêmeas



Fonte: Autoria própria (2020).

A pesquisadora ficou prestando atenção no peixe, nos dentes e em como elas limpavam que se esqueceu de fotografar e registrar o momento e o peixe em questão.

É um processo de conhecimento que envolve, no entanto, todas as fases do Modelo SECI. Se há socialização dos conhecimentos dos pais que compartilham com suas filhas, há momentos em que a externalização do como se faz, se viabiliza em

cada uma das práticas de pescas junto com a combinação dos conhecimentos dos pais e de suas filhas, finalizando com a internalização.

O processo de internalização é o momento em que incorporam o que foi ensinado e executam a atividade externalizando-a, demonstrando que internalizaram um conhecimento e conseguem fazer o que foi compreendido e aprendido durante a execução das pescarias e no trato e manejo do barco. Nesta situação pode-se perceber que a forma de criar e compartilhar o conhecimento é por meio da linguagem e da ação, do como fazer.

O processo de externalização pode ser verificado no grupo pesquisado quando uma pescadora fica sabendo, ou recebe determinada informação e passa para outra verbalmente. Logo na sequência, conjecturas são feitas a respeito daquela informação, o que cada pescadora achou, se dará certo ou não, se concorda ou não, e assim por diante. A conversa que se segue é realizada por meio da externalização e da combinação buscando-se de conhecimentos tácitos e explícitos para se chegar a uma conclusão.

O processo de combinação, pode ser demonstrado também quando foi perguntado o que acontece se uma pescadora sugere alguma prática, ou dá uma sugestão, de que forma isso é visto pelo grupo. Neste processo a socialização, a externalização e a combinação se apresentam de forma clara. A sugestão pode ser aceita, no entanto, quando há discordância no grupo, a situação é discutida e cada uma das mulheres decidem por aquilo que é melhor para si, sempre primando pelo respeito.

Quando esta situação acontece em um grupo, este processo se enriquece e as conexões entre a socialização, a externalização e a combinação dos diferentes conhecimentos se efetivam com maior profusão.

Verificou-se, portanto, que as ideias com relação as práticas da pesca para serem aceitas passam por um processo de comprovação, então o processo de socialização, de externalização e de combinação é acompanhado da prática para demonstrar e convencer.

Outra questão que se buscou analisar foi sobre o sentimento que elas possuem quando percebem que se apropriaram de um conhecimento. As respostas é que se sentem mais inteligentes, que gostam de aprender coisas novas, que todos os dias se aprende, que aquele que possui conhecimento vive, se desenvolve, que o

conhecimento ajuda e é importante para suas atividades de pesca. Infere-se que se elas possuem tal sentimento e concebem que aprenderam algo, além da socialização, da externalização e da combinação já aconteceu a internalização. Com base nestas respostas sobre a apropriação do conhecimento, de suas práticas de pesca da compreensão da realidade, identifica-se o empoderamento destas mulheres (LAVE, WENGER, 1991; QUEIRÓZ, BATISTA, 2017; HALL, 1980).

Este processo – de internalização – está no aprendizado com os pais, nas experiências práticas vividas e que depois, as pescadoras, utilizam no dia a dia. Pode-se presenciar uma pescadora que aprendeu a pescar com o marido, aprendeu a fazer o filé de peixe com as cunhadas e, com a sogra, aprendeu a descascar o camarão. Em uma das pescarias a pesquisadora viu fazendo todas essas coisas, ela explicou e demonstrou como fazia. A pescadora internalizou e transformou conhecimentos em novos conhecimentos tácitos.

Nestas relações encontram-se os quatro modos de conversão que constam na espiral do conhecimento, propostos por Nonaka e Takeuchi (1997). Os estudos de Von Krogh *et al.* (2000) enfatizam e corroboram a relevância da interação e da qualidade das relações, para a criação de novos conhecimentos e a importância relacional como se pode verificar em diversos depoimentos, citados anteriormente das Pescadoras P2, P17 e P32.

Neste contexto de relações e de interações acontece a criação do conhecimento e pode-se verificar que a espiral do conhecimento proposta por Nonaka e Takeuchi (1997) acontece espontaneamente. É a respeito da espiral do conhecimento que se dedica a próxima seção.

6.2.4.2 A espiral do conhecimento entre o grupo de pescadoras

Para que fosse formatada a espiral buscou-se nas histórias de vida e no diário de bordo situações que pudessem ser classificadas dentro do Modelo SECI. Elencou-se 41 itens, descritos no Quadro 17, relacionando-os com o Modelo SECI.

Na coluna Modelo SECI a numeração corresponde à:

1 – Socialização;

2– Externalização;

3 – Combinação e

4 - Internalização

Quadro 17 – Fatos e o Modelo SECI

Item	Descrição do fato	Modelo SECI
1	“A religião ajuda e... nunca fomo de briga não. Nem com família, nem com estranho. Nunca ninguém um palavrão disse. Se vai por aí...é bem tratada a família da gente” (PESCADORA P1, 2020).	1
2	Pegar caranguejo, tirar ostra, bacucu “mais arcadinho” e sururu “mais reto”, esta foi a forma como explicaram a diferença entre estes mariscos.	4
3	O Baiacu, que é pescado em Cananéia (SP) porque no Paraná é proibida a pesca deste peixe.	4
4	Usam a gaiola para pegar o siri que servirá de isca para o Baiacu, colocam as gaiolas na água e depois de determinado tempo vão retirá-las. Assim que pegam o peixe limpam e colocam no isopor com gelo. A cabeça e as vísceras são enterradas.	3
5	A gente tem que limpar, tem que gelar, depois tem que levar prá vender, que a gente vende em Paranaguá. Tudo o que vim a gente faz. Tudo o que for preciso a gente faz, tipo lancear, espinhel, tarrafa, as redes têm diferentes tipos de malha.	4
6	Pesca da manjuba. [...] é um trabalho árduo, não é legalizada no Paraná. Trabalho sacrificoso. Vão no sol para acompanhar a maré, puxa a rede que é um pano, colocam no balaio, cozinham elas, espera esfriar, espalha na lona e põe no sol que é o melhor para secar a manjuba.	4
7	Todas as mulheres que participaram desta pesquisa se dizem pescadoras.	1
8	Começaram a pescar com os pais ou com o marido.	1
9	É, porque se não tem uma pessoa pra limpar o pescado, cuidar das coisas, o pescador ali também sozinho não faz nada, não consegue né.	2
10	Cuidar de uma horta com essa história da proibição.	3
11	O alimento está ali - manutenção da família	3
12	Todas acham muito bom saber e conhecer mais sobre as coisas e que todos os dias estão aprendendo, este fato é importante para suas vidas conforme expõe a Pescadora P16 (2020) “[...] é que quem está sabendo vive, vai aprendendo né, vai se desenvolvendo mais. O conhecimento é importante, é uma ajuda para todos, é essencial porque tem vários tipos de pesca”.	3
13	É a produção do dia porque não tem como congelar, não tem energia. Quando mata mais leva prá vender [...].	2
14	Sabem que existem leis, porém não sabem dizer o que são realmente e como estas leis podem beneficiá-las ou não.	3
15	Criaram o Parque de Superaguí e a região se tornou Área de Proteção Ambiental. Elas foram cerceadas de várias atividades ditas prejudiciais ao meio ambiente, como a roça e alguns tipos de pesca, o que impactou diretamente na subsistência daquelas famílias.	3
16	Não é uma profissão “leve” porque trabalham sempre no molhado, faz só uns 4 anos que começaram a usar bota de plástico para trabalhar, que antes trabalhavam de chinelo de dedo e ficavam o dia inteiro molhadas. Elas tem muita friagem, infecção de bexiga, e dor nas costas porque o trabalho é o dia todo em pé.	4
17	pescadoras profissionais se utilizam de diversos artefatos para realizarem seus trabalhos	3

Continua

18	A questão do tempo influencia diretamente no trabalho das pescadoras. Se está chovendo não dá para pescar, o mesmo acontece com certos tipos de vento. Se a maré está cheia é possível pescar certos tipos de peixe, se está seca está bom para catar ostras e surucucu. O sol e principalmente a lua intervêm nas diversas formas de pescarias. O tempo é quem manda na vida das pescadoras, e determina o que se pode ou não fazer.	3
19	O mar está mexido” ou tem muito vanzeiro e não vai dar peixe” como costumavam falar.	3
20	Relação existente entre as mulheres e o barco é de familiaridade... elas pintam o barco, lhes dão o nome de alguém que amam.	3
21	Estão comprometidas com a preservação sustentável e sabem o valor que este produto possui, garantindo à manutenção e sustentabilidade de suas famílias.	3
22	A linguagem usada pelo grupo de pescadoras possui termos específicos como galetera, vanzeiro, dalheante, sacrificoso e cada comunidade possui um sotaque diferente.	2
23	Pescadora P20 que ouve os peixes. Parece irreal em um primeiro momento, porém, outros pescadores também dizem ouvir.	4
24	Menina, mas pulava, pulava, pulava assim sabe, (peixe pula dentro do barco).	1
25	Pegar caranguejo é quando a lua que anda, a gente pega, a gente corre atrás dele no mangue e pega. Tirar, é que a gente arma um laço e ele cai, ou você mete o braço na toca e tira, meu braço é muito curto pra toca de caranguejo, só ele tiver na boquinha ali, eu for pegar ele.	3
26	uma das pescadoras me explicou sobre os ventos e mostrando de que lado vem e para onde iam,	3
27	É vento, mas não é vento assim, de virar barco.	4
28	Ensinei pros filho, pois é, agora os meus netinhos, ele já tá indo e já tá vendo como é toda vez que ele sai. Vai com o pai, vai vendo como é que é.	2
29	Nas conversas, é uma terapia porque barraco as mulheres trocam experiências com as colegas, falam, explicam e quando uma sabe de alguma coisa, passa para a outra. A aprendizagem passa de uma prá outra.	1
30	Informam sobre uma invenção, ou de um a nova ideia para melhorar o trabalho e também por meio dos ensinamentos dos demais integrantes da comunidade.	1
31	Compartilham com elas a arte da pesca e as práticas de navegação, explicando oralmente e demonstrando por meio das práticas exercidas cotidianamente.	2
32	Uso na escola. Como sou professora. Porque eles também, eles conhecem, porque eles também já tão né no meio, que já saíram, que muitos já se casaram, os meus alunos. E as vezes eles já chegavam e já contavam também dos pais, que foi pescar e pescou tantas tainhas, tanto quilo de outro peixe. E eles também são todos filhos de pescador né.	2
33	Ele conta direto, pros meus filho. Como que nós era antes né, sobre a pesca, sobre as nossas vida e como que é hoje, então tem o antes e tem o depois. A gente conta tudo prá eles.	2
34	Lembro de momentos com sua mãe da vida difícil, m as como ela fazia de tudo para costurar as roupas da filha, que naquele tempo era tudo feito à mão.	4
35	Vai com o avô matá peixe e pescá de linha. Sabe jogar a linha. Fica tão alegre quando pega peixe.	3
36	Independentemente do tamanho as fêmeas são devolvidas ao mar para que se perpetuem.	3

Continuação

37	O conhecimento é criado por meio de interações sociais uma sabe de algo ou ouviu uma determinada informação e conta para outra e assim vai.	4
38	Remédios caseiros e acontece muito de uma tomar um remédio receitado pelo médico de Guaraqueçaba que serviu para isso ou para aquilo e ela recomendar para a vizinha e até dar o seu medicamento se já está boa. A “vizinha” me disse que foi “um santo remédio, que melhorou muito.	3
39	[...] Elas não sabem quanto usar de feijão, quanto usar de arroz pra trinta e cinco pessoas. Eu sei já, porque aqui a gente mexe direto né, não tem como, não falar, pra mim então sei lá, é tanto prá aquele, é tanto pra esse, a gente já sabe né. Na hora de fritar o peixe ela ficou esperando, ela pediu pra eu botar um óleo pra ela fritar o peixe porque ela não sabia o quanto de óleo, porque o peixe tem que ficar boiando...agora ela já sabe. Conhecer é bom mesmo, olha, até que no ano passado, a mulher o fulano veio aqui e falou pra mim assim, poxa [...], se eu não tivesse trabalhando lá, eu vinha trabalhar com você, pela sabedoria que você tem e pra mim aprender a cozinhar...eu não sei nada, não, você sabe e a comida é muito boa....dei-lhe fazer um ensopado de abóbora, eu ensinei tudo né, daí ela fez e disse: fulana não ficou bom. Falei, como que você fez? Ah eu pus ali tudo junto, botei água. Nossa fulana, não ficou bom”. Falei, ha mas tá bom né, não era assim mas, elas faz tudo diferente da gente né, não fritar a cebola, o alho, tempero ali, e socam tudo junto ali na panela, daí ela falou “meu Deus,... não sei como que você aprendeu”. Eu falei, olha, uma que nas saídas por aí que a gente vai a gente aprende, só de você tá olhando ali você já aprende como que é, como que não é, eu não pergunto, eu fico só observando e, é assim que eu aprendo. Alguma coisa que eu não sei, como que é, como não é, aí sim, eu sou obrigada perguntar.	3
40	Discutíamos sobre comer ou não a carne de arraia. Não são todos os moradores destas comunidades que comem porque dizem que a arraia é uma carne forte e que é um peixe semelhante a mulher por sangrar e que é abortiva.	2
41	Mais novos já ousaram um pouco experimentando e constatando que não faz mal. É uma carne saborosa, que não possui espinhos, que pode ser dada para crianças sem preocupação.	4
42	Primeiramente por causa da união. Em outros lugares é muita confusãoaqui um ajuda o outro.	1

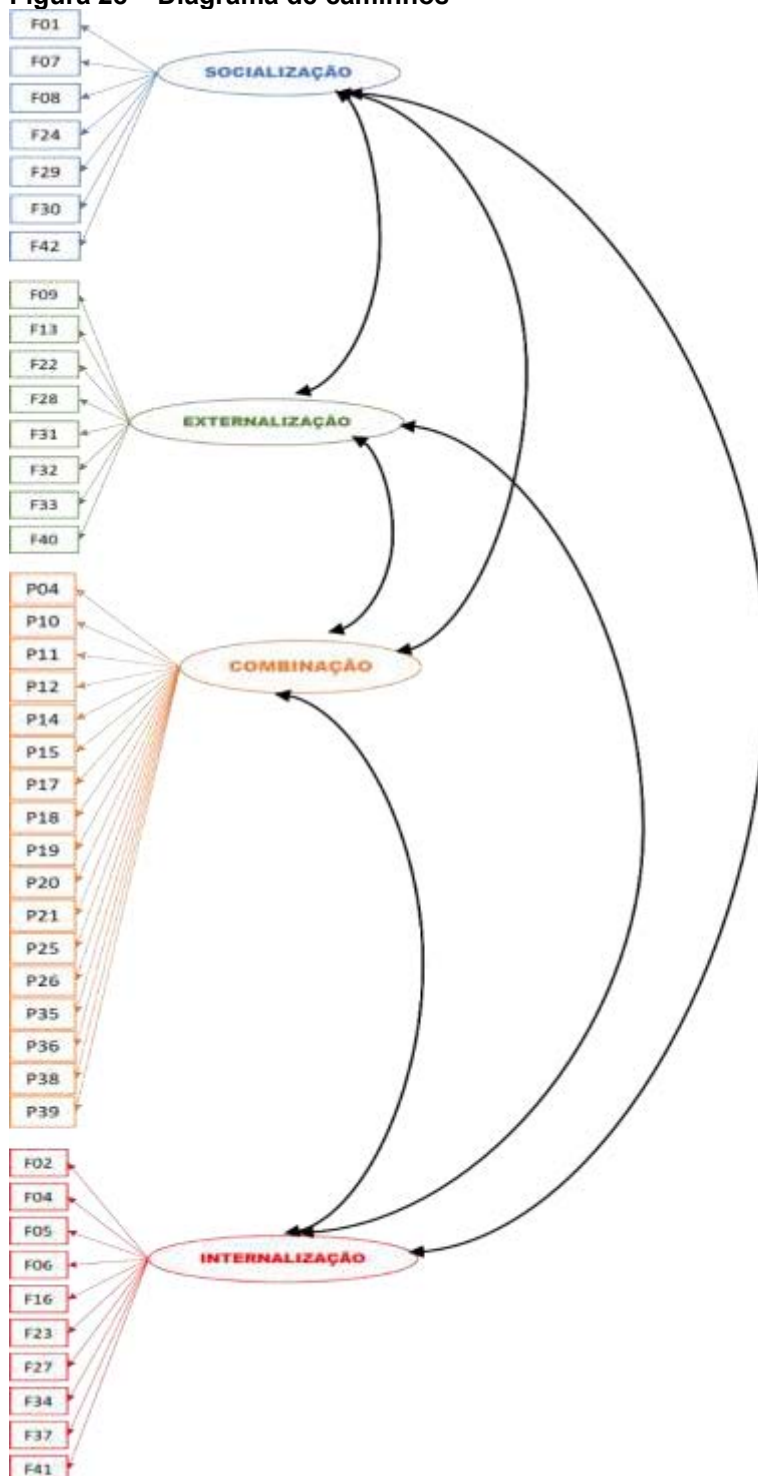
Fonte: Autoria própria (2020).

A partir disto, definiu-se pela elaboração de uma figura semelhante ao Diagrama de Caminhos, que de acordo com Hair Jr. *et al.* (2009) é uma representação, que tem por objetivo demonstrar as relações, entre os constructos de determinado modelo.

Para a elaboração desta figura semelhante ao Diagrama de Caminhos relacionou-se os fatos (representados por F01, F02, ...) descritos no Quadro 17, buscando aproximá-los dos modos de conversão do Modelo SECI. Cada um dos 42 itens levantados é representado no Diagrama de Caminhos – item 1 corresponde a F01, item 02 à F02 e assim sucessivamente; cada fato está ligado ao modo de conversão identificados e estes por sua vez, se relacionam aos demais modos.

Verifica-se que neste Diagrama que a Espiral do Conhecimento criada por Nonaka e Takeuchi (1997) se realiza tendo o conhecimento tácito sendo explicitado no modo de conversão Socialização, transformando-se em Externalização, modificando-se em Combinação e se convertendo em Internalização.

Figura 28 – Diagrama de caminhos



Fonte: Autoria própria (2020).

O processo de criação e de compartilhamento do conhecimento de acordo com o Modelo SECI de Nonaka e Takeuchi (1997), e sua espiral, pode ser observado em diversos fatos ocorridos naquela comunidade. O conhecimento é efetivamente criado por meio de interações sociais: uma pescadora sabe de algo ou ouviu uma determinada informação e conta para outra e assim dissemina-se a informação. Falam do dia a dia, trocam receitas, remédios caseiros - acontece muito de uma tomar um remédio receitado pelo médico de Guaraqueçaba que serviu para isso ou para aquilo e ela recomendar para a vizinha e até de dar o seu medicamento se já está boa. A “vizinha” me disse que foi “um santo remédio, que melhorou muito” (PESCADORA P3, 2020). Neste relatos, ficam evidentes os processos de Externalização e Combinação, por exemplo, mas também os processos da Teoria Ator-Rede.

A Teoria Ator-Rede conecta estes actantes, as mulheres, o remédio e as interações entre eles representando o princípio de simetria e de tradução. Também é um processo de ressignificação em que um ator dá um novo significado ao outro (CALLON, 1986, 1989, 1992; LATOUR, 1987, 2011, 2012).

No que tange a Teoria da Aprendizagem Social, pode-se verificar que acontece um aprendizado com relação aos efeitos do remédio, apresentando a agência que promove mudanças, pois ele tem influência na vida destas mulheres (BANDURA, 2009; LAVE, WENGER, 1991). Elas partem do conhecimento de mundo que possuem, de suas experiências, integrando o humano e o não humano, preservando a rede. O remédio induz os demais actantes a agirem, tornando-se um ator-mundo. (LATOUR, 2012).

A Pescadora P32 relata que em determinada comemoração de uma comunidade vizinha, ela chegou e as mulheres estavam a sua espera, porque não tinham conhecimento da quantidade de comida que deveriam preparar para um determinado número de pessoas.

[...] elas não sabem quanto usar de feijão, quanto usar de arroz pra trinta e cinco pessoas. Eu sei já, porque aqui a gente mexe direto né, não tem como, não falar, pra mim então sei lá, é tanto prá aquele, é tanto pra esse, a gente já sabe né. Na hora de fritar o peixe ela ficou esperando, ela pediu pra eu botar um óleo pra ela fritar o peixe porque ela não sabia o quanto de óleo, porque o peixe tem que ficar boiando...agora ela já sabe. Conhecer é bom mesmo, olha, até que no ano passado, a mulher o fulano veio aqui e falou pra mim assim, poxa [...], se eu não tivesse trabalhando lá, eu vinha trabalhar com você, pela sabedoria que você tem e pra mim aprender a cozinhar...eu não sei nada, não, você sabe e a comida é muito boa....dei-lhe fazer um ensopado de abóbora, eu ensinei tudo né, daí ela fez e disse: fulana não ficou bom. Falei, como que você fez? Ah eu pus ali tudo junto, botei água. Nossa fulana, não ficou bom”. Falei, ha mas tá bom né, não era assim, mas elas faz tudo diferente da gente né, não fritou a cebola, o alho, tempero ali, e socam tudo junto ali na panela, daí ela falou “meu Deus,... não sei como que você aprendeu”. Eu falei, olha, uma que nas saída por aí que a gente vai a gente aprende, só de você tá olhando ali você já aprende como que é, como que não é, eu não pergunto, eu fico só observando e, é assim que eu aprendo. Alguma coisa que eu não sei, como que é, como não é, aí sim, eu sou obrigada perguntar (PESCADORA P32, 2020)

Nas conversas com as pescadoras, mesmo nos momentos mais descontraídos, em que estavam mais à vontade, pode-se observar as evidências características do Modelo SECI de Nonaka (1994) e a espiral tratada, em suas falas como na história do remédio, de receitar e passar de uma para outra, como no momento em que discutia-se sobre comer ou não a carne de arraia. Não são todos os moradores destas comunidades que comem porque dizem que a arraia é uma carne forte, que é abortiva e que aquela menstrua, semelhante à mulher. Sabe-se, no entanto, que a carne da arraia pode ser consumida pelos seres humanos e o fato de que a fêmea menstrua é somente uma crença ou dito popular.

Minha mãe e meu pai é pescador, ah... tem medo de comer, não come, de jeito nenhum. Eu também não comia quando *tava* grávida. Porque eu não sei. É muito forte né. Dizia mãe mas a gente limpa mas, se fosse pra morrer eu já tinha morrido, fulano tinha morrido “Há eu não consigo filha, eu não consigo, se eu comer parece que eu já tô tonta, parece que eu já vou desmaiar.” O meu irmão nunca comia, mas não comia porque tinha medo, minha mãe falava essas coisas e ele tinha medo. E daí ele bem assim: “mas isso daí *tá* uma cara tão bom” e eu, experimenta guri. E a minha cunhada deu pro meu sobrinho que tá com um aninho, ele comia e comia, olha ali vó, o bebê tá comendo, e cê tá com medo de comer por quê? Ele disse: “vou comer”, daí ele comeu.” coisa mais bom, faz mais”. Falei, olha ai, daí daqui a pouco ele: “eu tô tonto, parece que tô tonto”, ele falava bem assim. **Mas também, comeu dois quilos.** Ele falava assim prá atentar *memo*, “parece que eu já tô tonto, tá me dando uma tontura”. “Ai credo não fala isso, pelo amor de Deus”! (PESCADORA P24, 2020).

Observa-se que são crenças dos mais antigos, que os mais novos já ousaram um pouco experimentando e constatando que não faz mal. Dizem que é uma carne

saborosa, que não possui espinhos, que pode ser dada para as crianças sem preocupação (PESCADORA P22, 2020).

A espiral do conhecimento se concretiza por meio das relações, das interações entre as pessoas, tendo como cenário os contextos de capacitação, também chamados de ambientes de criação do conhecimento ou *ba*, apresentados no contexto das mulheres pescadoras.

6.2.4.3 Ambientes de conhecimento - *ba*

Nonaka (1998) apresentou o conceito de “*ba*”, que propõe ambientes adequados para a criação e o compartilhamento de conhecimento. A iniciativa de combinar diferentes tipos de “*ba*” – espaços específicos, com as etapas do modelo SECI e com a visão social do conhecimento, é de que os indivíduos desenvolvem relacionamentos e sentimentos de confiança em espaços adequados. São ambientes que possibilitam, portanto, o compartilhamento de conhecimentos.

Nas organizações estes ambientes devem ser criados intencionalmente para que promovam a interação, já na comunidade estudada, este *ba* surge espontaneamente, livremente. Tem-se, neste contexto, o *ba* mental e o *ba* físico que se mesclam e se fundem, são influenciados e influenciam as pessoas. As experiências, as ideias, as emoções, os laços de parentesco, de amizade que se desenvolvem em uma rede de interações, são compartilhados por meio da prontidão, da prestatividade e da confiança com os demais (NONAKA; KONNO, 1998; VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001).

As mulheres pescadoras se inserem em um contexto específico e, portanto, desenvolvem condutas, regras e procedimentos necessárias àquele contexto social. Esta conjuntura dispõe de espaços que viabilizam a criação e o compartilhamento do conhecimento (GIDDENS, 1984).

Neste grupo de mulheres o sentimento de pertencimento gera uma consciência coletiva pela subsistência, fato este, que amplia a concepção de *ba*, além de apresentar uma característica real das comunidades de prática: o pertencimento e a confiança.

Por meio das interações em contextos capacitantes ou “*ba*” são formadas redes de relacionamento que ultrapassam os limites do ambiente onde estas mulheres estão inseridas. Destas ramificações pode-se instituir ou desenvolver novos tipos de ações como: “as comunidades de práticas, as redes colaborativas e de cooperação, os espaços formais e informais de partilha” (STRAUHS; XAVIER, 2019, p. 69).

Relacionando-se os *bas* mentais e físicos com o conhecimento, com a confiança, traz-se Polanyi (1958, p. 92, tradução nossa)⁵¹ e sua afirmação de que “o conhecimento é um processo inefável do pensamento, é a arte de conhecer às habilidades, de ensinar com exemplos práticos e não somente por preceitos. Estes elementos formam um todo indescritível, mesmo que todos os detalhes sejam explicitamente especificados”.

Ressalta-se a visão social do conhecimento, a respeito de que a crença é a fonte de todo o conhecimento e, de acordo com Polanyi (1958, p. iv, tradução nossa)⁵² é “da contribuição apaixonada da pessoa que sabe o que está sendo conhecido, essa condição não é mera imperfeição, mas um componente vital de seu conhecimento”.

No depoimento da Pescadora P2, com relação a ensinar uma profissão e suas práticas para o filho, aponta ambientes de conhecimento, como o barco, o mar e o mangue:

[...] acho que eles já vão.. Desde que nascem ali, já nasce ali, nasce dentro do barco, então eles vão aprendendo já desde cedo... Vão vendo, a gente já vai ensinando também, né, eles vão aprendendo assim...pela prática, por verem fazer, porque eles fazem, a gente tá ali mexendo numa rede, ele já tá junto, já tá molhado, já tá tirando peixe da rede. Meu filho faz isso, ele pega siri, ele cata caranguejo junto com o avô dele. Ele tem 8 anos e faz isso desde os cinco anos (PESCADORA 21, 2020)

Nestas comunidades está um grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais que fazem da terra e do mar seu local de trabalho, seu *ba*. Em terra está a casa com a cozinha, onde há uma efervescência de encontros e saberes, onde as atividades iniciam em conjunto com as visitas, com as mães e avós e com o preparo

⁵¹ The knowledge of such particulars is therefore ineffable, and the pondering of a judgment in terms of such particulars is an ineffable process of thought. This applies equally to connoisseurship as the art of knowing and to skills as the art of doing, wherefore both can be taught only by aid of practical example and never solely by precept. But the relationship of the particulars jointly forming a whole may be ineffable, even though all the particulars are explicitly specifiable (POLANYI, 1958, p. 92).

⁵² I have shown that into every act of knowing there enters a passionate contribution of the person knowing what is being known, and that this coefficient is no mere imperfection but a vital component of his knowledge (POLANYI, 1958, p. iv).

das refeições. Local em que as conversas sobre a pesca e tudo o mais que a envolve é discutido e analisado (GERBER, 2015, p. 249-250). Este é o ambiente, um dos *ba* para a criação do conhecimento destas comunidades.

Durante as pescarias, no barco, a troca de saberes entre pais e filhos, ensinando-os sobre o mar, sobre a lua e sobre as pescas, acontece constantemente – outro lugar de compartilhamento e crescimento, conforme atesta a centralidade deste artefato na rede de interações (Figura 25).

A partir destas relações e discussões, a casa, o rancho e o barco são ambientes de criação de conhecimento, são contextos capacitantes, são o “*ba*”, conforme menciona a proposta de Nonaka e Konno (1998), porque estas mulheres fazem parte de uma rede de relações que permite a criação e o compartilhamento do conhecimento.

Strauhs e Xavier (2019, p. 64), afirmam que “partilhar significa crescer e que o crescimento conjunto e sustentável, é regra de sobrevivência em um planeta com recursos naturais cada vez menos disponíveis”, isso se aplica ao ambiente estudado, à comunidade das mulheres pescadoras.

Elas estão comprometidas com a preservação sustentável e sabem o valor que os produtos extraídos possuem, garantindo a manutenção e a sustentabilidade de suas famílias como declara a Pescadora P10 (2020) “Eles pescavam assim, mais pro sustento da casa né...” e a Pescadora P16 (2020) “é do que a gente vem sobrevivendo, para sustentar a família, porque é só isso. Não tem outro tipo de trabalho, é o que tem para sobreviver.”

A pesquisadora acompanhou a Pescadora P21, em uma pesca de siri. Para isso elas utilizam uma gaiola onde colocam pedaços de peixe. Deixam a gaiola no mar em um dia e no outro vão retirar. No retorno, quando chegou ao rancho ela analisou gaiola por gaiola e retirou o siri fêmea, que ensinou como fazer mostrando a coloração do abdômen que na fêmea é azulado. Independentemente do tamanho as fêmeas são devolvidas ao mar para que perpetuem a espécie.

O conceito de “*ba*” se amplia quando há uma consciência coletiva, quando há o sentimento de pertencimento à determinada comunidade, como é o caso pesquisado nesta tese, e, finalmente, quando não há o limite impostos pelas fronteiras, de acordo com Strauhs e Xavier (2019).

Por meio das interações em contextos capacitantes ou “ba” são formadas redes de relacionamento que ultrapassam os limites do ambiente onde os indivíduos estão inseridos. Destas ramificações pode-se instituir ou desenvolver novos tipos de ações como: “as comunidades de práticas, as redes colaborativas e de cooperação, os espaços formais e informais de partilha” (STRAUHS; XAVIER, 2019, p. 69).

Além disso, informam sobre uma invenção, ou de uma nova ideia para melhorar o trabalho e também ensinam aos demais integrantes da comunidade. Constatou-se que com relação as práticas de pesca poucas mudanças são feitas, porque fazem daquela forma a muitos anos. Porém se houver alguma mudança, dizem que podem se adaptar. Com base nestas informações percebe-se o processo de Combinação do Modelo SECI.

Investigou-se também, se é possível utilizar, e reutilizar o conhecimento já existente para as atividades da pesca, o que de fato, sim, é possível porque eles aprendem desde pequenos tudo que se relaciona a esta profissão. A utilização desses conhecimentos também auxilia com outras profissões, conforme o depoimento da Pescadora P10, que chamou a atenção porque ela trabalha também com a educação:

Uso na escola. Como sou professora. Aham, porque eles também, eles conhecem, porque eles também já tão né no meio, que já saíram, que muitos já casaram, os meus alunos. Pô, acho que já dei aula pra uns cem alunos ou mais, ao todo né. E eles também, eles chegam e a gente trabalha na escola também né sobre isso de compras e vendas, trabalho, projetinhos. A gente fazia um projeto ali geral com todos os conteúdos né sobre a pesca, daí um dizia assim enquanto ia pescar, ‘pescou quantos quilos?’ de peixe lá, as vezes era a tainha, outros era o parati, o pescadinha, camarão, eles colocavam o preço e então a gente, na escola mesmo a gente já ia, tanto aprendendo e ensinando e aprendendo com eles também. E as vezes eles já chegavam e já contavam também dos pais, que foi pescar e pescou tantas tainhas, tanto quilo de outro peixe. E eles também são todos filhos de pescador né. (PESCADORA P10, 2020).

Procurou-se saber se as pescadoras contam para os mais jovens como sua família, avós, bisavós vieram morar nesta comunidade e como era a vida, em um processo de resgate e memória. Algumas destas declarações registra-se na sequência:

fazia, assim com a gente, e ele chegava...a gente era pequenininho, ele chegava com um monte de ostra. As crianças, nós tudo correndo lá pro pé de limão, pega limão. Vô já fazia um fogo ali mesmo, já assava uma ostra, fazia um arroz ali e fazia a festa e contava das pesca de camarão (PESCADORA P2, 2020). Ele conta direto, pros meus filho. Como que nós era antes né, sobre a pesca, sobre as nossas vida e como que é hoje, então tem o antes e tem o depois. A gente conta tudo prá eles (PESCADORA P35, 2020). Eu não esqueço, que eu lembro sempre, porque na época assim como eles trabalhavam assim na lavoura, plantações, era um mutirão. Mutirão, aquele tempo assim eles trabalhavam, num, assim eles faziam, não podiam pagar pra falar pra pessoa trabalhar assim, então o que eles faziam, era mutirão né. Daí juntava bastante gente, eles convidavam, porque daí as casas uma semana antes eles iam em todas as casas de pai de família né, nem todos, família só. É, daí faziam aquele mutirão, daí a gente sempre fica com a história. Eu trabalhei com meu pai e minha mãe desde criança, eu ia pra roça, minha irmã cortava rama, a gente pegava pelos balainhos, enchia de rama, e ia jogando nas covas assim. E a noite a cobrança, sabe, não era o dinheiro, era o fandango (PESCADORA P16, 2020). Sim, que antigamente tinha mais quantidade (peixe), mas não tinha prá quem vender. Agora é mais difícil (PESCADORA P16, 2020).

Nos fatos citados observa-se que a interação social está sempre em evidência nos diferentes *bas*, inclusive, nas comunidades de prática. Na sequência registra-se a configuração desta comunidade de mulheres pescadoras e o conceito de CoP de Lave e Wenger (1991).

6.2.5 Comunidades de prática: como se configura o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais

Lave e Wenger (1991) trabalham com a aprendizagem situada e afirmam que o aprendizado faz parte da prática social, que ele é um fenômeno social que envolve observação e ação decorrentes de experiências vividas, das reflexões e do julgamento das situações do cotidiano.

Retomam-se quatro pontos essenciais, de acordo com Wenger (1998), para que a aprendizagem e a natureza social do conhecimento se concretizem: (i) o ser humano é social; (ii) é preciso conhecer a prática de determinada atividade; (iii) deve-se estar engajado, isto é, buscar tais empreendimentos, e, finalmente, (iv) experimentar o mundo produzindo significado. Porque o conhecimento caminha ao lado do poder e o significado é construído no momento presente, conforme Lave e Wenger (1991).

Para se efetivar a aprendizagem é necessário observar alguns pontos, como: o significado, a prática, a comunidade e a identidade. A aprendizagem social foi um dos

pontos observados e comprovados conforme descritos por Lave e Wenger (1991) na comunidade de mulheres pescadoras, cita-se aqui como exemplo o depoimento da Pescadora P17 (2020) que no barraco em que ela e as colegas descascam o camarão sempre trocam informações, como receitas culinárias, como formas de cuidarem da saúde. Neste ambiente – *ba*, o conhecimento é compartilhado e a aprendizagem social se efetiva. A prática de descascar camarões também é ensinada para outras mulheres, elas passam o dia juntas fazendo isso no barraco e, portanto, dizem que estes momentos são gratificantes e que para elas é uma terapia, pois, podem conversar sobre tudo.

Observou-se que em vários momentos elas afirmavam que estar no mar as deixavam felizes e que era, também, uma terapia. Duas pescadoras que trabalharam também como professoras, ambas aposentadas, vão para o mar todos os dias. Falam da liberdade que é estarem lá, que se sentem bem naquele ambiente, que no mar elas esquecem dos problemas como se o mar fosse o remédio para suas dores.

Nestes exemplos pode-se observar os pontos apresentados por Lave e Wenger (1991) com relação a aprendizagem social, a prática desenvolvida para descascarem o camarão e a identidade profissional de pescadoras. Outro aspecto notado é o sentimento de comunidade presente nos momentos em que se auxiliam mutuamente, conforme diz a Pescadora P8 (2020) “Todos se ajuda, porque aqui é tudo difícil as coisas né. tem uma canoa aqui em cima, mas daí precisa de alguém pra ir junto. Prá fazer carga né, coisas do mercado, tijolo, cimento [...]”. As CoPs para Lave e Wenger (1991) são um conjunto de pessoas com interesses comuns!

Esses indivíduos aprendem um ofício e nos momentos em comunidade eles se comprometem na dinâmica do aprendizado prático para se tornarem competentes. Nas CoP, as aptidões de cada membro são envolvidas no engajamento mútuo, o que sabem, fazem, como podem conectar-se e auxiliar nas questões que não conhecem ou não executam, ou seja, como podem usar e compartilhar o conhecimento, tornando a questão da diversidade um engajamento possível. Cada participante de uma CoP encontra um espaço único dentro dela e possui uma identidade única, que se torna mais integrada, mais definida e cada vez mais articulada, porém não se incorporam umas às outras. Relações mútuas de engajamento constituem, sincronicamente, diferenciação e homogeneização (WENGER, 1998).

Exemplifica-se com o exposto pela Pescadora P32 (2020) que sabe cozinhar e conhece as quantidades de alimentos que devem ser preparados para determinado grupo. Ela compartilha com as demais mulheres estes conhecimentos, demonstrando e ensinando como prepará-los. Neste exemplo, percebe-se o espaço que ela ocupa na comunidade e sua identidade específica, que também é reconhecida pelos demais participantes.

Os tipos de relações dentro de uma CoP podem ser complexos, uma vez que por meio do engajamento mútuo, as pessoas desenvolvem laços que podem ir além dos objetivos da CoP, motivados por questões pessoais ou sociais, fortalecendo ainda mais os laços entre si.

Com base nestas afirmações, percebe-se que os laços existentes entre os integrantes do grupo de mulheres pescadoras são fortes, elas estão comprometidas, engajadas na melhoria de suas vidas, possuem identidades específicas, mas também desenvolvem a identidade do grupo e o sentimento de pertencimento quando buscam por seus direitos, conforme afirma a Pescadora P19 (2020):

Pesca do caranguejo. Essa é uma prática artesanal. Para a cata do caranguejo usamos vários tipos de armadilha ou jeitos de tirar ele da toca. No tempo da safra chega muita gente querendo catar caranguejo, sem se preocupar como ou quantos eles podem tirar sem prejudicar o mangue. Os pescadores daqui sabem o jeito certo de lidar com essa prática tradicional, mas é muito triste ver gente destruindo nosso sustento e nosso território. Nossa luta é para criar um acordo para a prática tradicional do caranguejo de um jeito que respeite o mangue e o modo de vida do nosso povo. (PESCADORA P19, 2020)⁵³.

A relação existente entre estas mulheres é de amizade e de cordialidade. As interações são de respeito como pode-se perceber nas colocações das pescadoras que se apresenta no Quadro 16.

⁵³ Pescadora profissional artesanal de Tibicanga – PR.

Quadro 13 – Relação entre as pescadoras

P 2 (2020)	“É tranquila, porque a gente nasce aqui, cresce aqui, fica aqui...então já tá acostumada
P 8 (2020)	“Porque aqui é tudo difícil as coisas né. tem uma canoa aqui em cima que daí precisa que alguém... pra ir junto. Pra fazer carga né, coisas do mercado, tijolo, cimento”.
P 10 (2020)	“Uma anima a outra. Acho que em comum assim, é a união né, amizade das pessoa, se unem mais conversa, mas tem aquela que fala mais, incentiva né assim. Uma ajuda a outra, e quando a gente sai assim pescar, consegue o que quer buscar, entendeu. Parece que fica mais alegre, mais animado. A gente conta, eu peguei tanto o outro já vem lá, peguei tanto, peguei mais que você”.
P 13 (2020)	“Jeito de viver em conjunto que é bom e importante porque estão rodeados pelo mar e um precisa do outro – amizade – ajuda”.
P 22 (2020)	“Somos evangélicos. A gente não briga assim. Se uma pessoa começa a discutir a gente aprende que não é prá brigar. É bom viver!”

Fonte: Autoria própria (2020).

Acredita-se que o grupo de pescadoras, sofre a ação dos demais elementos ou artefatos que as circundam, intervindo em suas atividades. São as pescadoras que traduzem, interpretam e compreendem os demais atores, quando estes lhe mostram o baixio, os bancos de areia que mesmo coberto pelas águas elas sabem onde eles estão e que naquele lugar o barco pode encalhar. Quando a maré seca e elas podem catar mariscos e ostras, quando a maré enche e a pesca pode ser realizada, quando o vento é bom para a pesca e quando é o vento é para chuva ou tempestade e por isso é melhor ficar em casa. Quando a “lua engorda”, conforme costumam falar. Dizem isso quando a lua é cheia e porque acreditam que nesta lua há fartura de mariscos, que as árvores ficam cheias de água e por isso não é o momento certo para tirar madeira para fazerem suas casas. “Na lua cheia não adianta colocar armadilha porque as caças podem ver” (PESCADORA P1, 2020).

As CoPs podem facilitar o compartilhamento de recursos e de informações em contextos sociais (LAVE, WENGER, 1991; SNYDER, WENGER, 2010) e, portanto, podem oferecer uma estrutura útil para se estudar a natureza da aprendizagem social. Em uma CoP a aprendizagem social ocorre por meio de experiências e da participação em uma atividade social (LAVE, 1993), envolve conexões entre os indivíduos que possuem um objetivo em comum.

Observou-se, portanto, de que forma o grupo de mulheres realizava suas atividades e verificou-se que algumas mulheres executam atividades juntas, principalmente se possuíam um grau de parentesco mais próximo. Elas se ajudavam, como percebe-se na fala das pescadoras: “Por exemplo tem assim, uma companheira prá gente, pra não ir sozinha, leva os filhos delas quando não tem aula, meu filho

também leva...(PESCADORA P30)” e também com relação a outro trabalho que existia na comunidade “Tinha antigamente, tinha a cozinha comunitária, que as mulherada se juntavam, faziam salgado pra vender, faziam pão, mas agora não tão fazendo mais, fechou ali, acabou (PESCADORA P14). Além de realizarem suas atividades com outras mulheres, principalmente atividades de cata de mariscos e ostras, presenciou-se que quando se trata de pesca com rede ou gaiolas elas saem com os maridos sobretudo porque é necessária força para retirarem a rede e a âncora, que costumam chamar de ferro.

Fazer parte de um grupo social, de práticas culturais, desenvolvendo as relações e firmando os laços com o grupo, demonstra a identidade do indivíduo, a capacidade ou incapacidade para ressaltar o significado que se estabelece nas comunidades e nas formas de pertencimento. Portanto, a participação nestas comunidades destaca o que se faz, quem se é, de que maneira se interpreta as ações desenvolvidas pelo grupo e encoraja o compartilhamento de conhecimentos, ideias, sugestões que originará novo conhecimento ou reelaborará o anterior (WENGER, 1998; WENGER; McDERMOTT; SNYDER, 2002).

O engajamento pode ocorrer de diferentes posições, na periferia ou no centro da comunidade. Na comunidade das mulheres pescadoras o engajamento se dá tanto na periferia como no centro da comunidade. Quando as pescadoras interagem com os mestres, se envolvem com as práticas ensinadas construindo e compartilhando conhecimento. Este processo, igualmente, faz com que elas construam suas identidades, inclusive a identidade profissional como pescadoras (ALVES, QUEIRÓS, PORTUGAL, 2017).

Tendo como base os estudos iniciais de Lave e Wenger (1991) com o grupo de parteiras, deduz-se que este grupo de mulheres pescadoras se assemelha aos critérios relacionados por estes autores para a formação de uma comunidade de prática, porque estão engajadas, os laços que as une é perceptível, possuem um propósito comum que as impulsiona, o bem-estar e a subsistência de suas famílias.

No contexto em que se realizou a pesquisa e com o público-alvo escolhido observou-se que o grupo de mulheres se enquadra em vários aspectos de uma CoP, sendo eles:

- possuem conhecimentos e atitudes específicas para o desenvolvimento de suas práticas, como a pesca, o preparo do pescado como alimento para consumo próprio ou para a venda;

Fotografia 4 – Pescadoras desmariscando ostra e fazendo filé de peixe no barco



Fonte: Aatoria própria (2020).

- vivem em sociedade, se auxiliam e estão engajadas na melhoria de suas vidas e da comunidade. Buscam a sustentabilidade de suas famílias, mas também querem acesso à educação, à energia elétrica e ao conforto que se encontra em cidades próximas, como Guaraqueçaba ou Paranaguá. Em Tibicanga a comunidade construiu a Escola Estadual Ismael Xavier Chagas com as próprias mãos e com recursos próprios. Depois da construção finalizada, em março de 2015, o governo disponibilizou professores e funcionários para o funcionamento. Para as comunidades é significativo possuírem uma escola:

Hoje a escola mudou, hoje é rural e demonstra o lado da pesca. A comunidade está mais envolvida. Ah, é importante, sem escola acho que... já é difícil né, agora sem escola, já é difícil sim, porque a gente não sabe depois se a crianças vão querer ser pescador, se vão querer ser professor, se eles vão querer trabalhar em outra coisa, então tem que ter estudo (PESCADORA P18).

Fotografia 5 – Mutirão para construção – Escola Estadual Ismael Xavier Chagas



Fonte: Dores (2019).

- em Sibuí por exemplo, não há energia elétrica, mas anos atrás prometeram que iriam levar a energia até lá. Isso não se efetivou conforme as pescadoras esperavam: foram colocadas placas solares, mas que não produziam energia suficiente para ligar uma geladeira. Hoje, em algumas casas observa-se que eles possuem geladeira, mas ela serve somente como um armário para guardar panelas ou mantimentos não perecíveis.
- os objetivos que buscam são do grupo, principalmente a subsistência, interesse em comum;
- sempre se ajudam. Quando uma família necessita de algo que só pode ser adquirido em Guaraqueçaba eles emprestam, trocam. São lugares de difícil acesso, eles possuem dinheiro para comprar o que necessitam, porém não há disponibilidade do produto nas comunidades, somente quando forem para a cidade próxima que é Guaraqueçaba, conforme a fala da Pescadora P22 que diz ser importante viverem em comunidade: “Primeiramente por causa da união. Em outros lugares é muita confusão aqui um ajuda o outro” (PESCADORA P22, 2020).
- interações entre os membros do grupo e com pessoas ou organizações de fora;
- possuem os aspectos necessários para que a aprendizagem seja efetiva como o significado que está em constante negociação; a prática da pesca, a manutenção dos conhecimentos tradicionais; a comunidade é sempre participativa.
- a identidade que se faz por meio do conhecimento e da troca de informações.

As CoPs podem se configurar em qualquer ambiente físico ou virtual e Wenger, McDermott e Snyder (2002) afirmam que elas devem respeitar algumas premissas para que se configurem realmente em uma CoP, sendo: ter um objetivo em comum; interação contínua; aprendem com o grupo, o que agrega valor às suas experiências e práticas; se ajudam mutuamente; criam meios para organizar o conhecimento e sentem-se satisfeitos por pertencerem a uma CoP.

Na análise, fundamentada em Wenger, McDermott e Snyder (2002) – Quadro 2, constata-se que o grupo de mulheres pescadoras se caracteriza como uma comunidade de prática, pois possuem um propósito: pertencer aos membros da comunidade e eles escolhem novos membros, são comprometidos com a *expertise* do grupo que existirá enquanto houver membros pescadores.

Os elementos domínio – senso de identidade, comunidade – configuração social e relação de confiança entre os líderes e os integrantes da comunidade, e prática – como realizar as atividades socialmente definidas, são elementos que permitem analisar e classificar uma CoP e são encontrados no grupo de mulheres pescadoras.

Com relação aos níveis de participação e aos atores de uma CoP, após observar o dia a dia do grupo de mulheres pescadoras constatou-se que elas se encontram em todos os níveis de participação e classificam-se como participantes ativas, interagem com todos os níveis e são líderes dentro de suas comunidades.

O ponto crucial em se afirmar que este grupo de mulheres pescadoras é uma comunidade de prática está no nível do Grupo Principal. Neste nível, são os homens que o caracterizam e explica-se o porquê:

- Primeiro aspecto: a cultura dos habitantes da região das comunidades de Guaraqueçaba é predominantemente masculino, tendo reforço de algumas religiões inseridas naquele contexto.
- Segundo aspecto: é que no grupo principal, enquanto foi realizada esta pesquisa, tinha somente a figura de uma mulher. Infere-se, portanto, que ela não tinha poder de decisão.
- Terceiro aspecto: é que a elas é dado o pretense direito, pelos seus maridos, de negociarem e receberem pelas ostras. Como exposto anteriormente, elas retiram a ostra do mangue, o comprador, no entanto, vai para as comunidades já com o preço determinado pela caixa de ostras, leva o que elas possuem e as pagam, não existindo, verdadeiramente, uma negociação. Constatou-se que os homens

preferem a pesca de peixes porque rendem mais financeiramente e porque o trabalho de retirar a ostra no mangue não é nada agradável. Então algumas delas, não são todas, podem fazer esta “negociação”, eles, os homens, permitem. É uma situação que não é dita abertamente, é com a convivência que se percebe isso.

Estes são aspectos encontrados nesta comunidade de mulheres pescadoras e que se assemelham aos descritos por Wenger (1998) para as comunidades de prática. A seção seguinte traz as análises e as inferências realizadas ao longo desta pesquisa.

6.3 ANÁLISES E INFERÊNCIAS

Mar e terra, esta é uma intersecção necessária para a vida das mulheres pescadoras. Atores de uma rede emaranhada de conexões, e laços como a própria rede de pesca, que ao ser retirada da água traz o peixe, mas também traz algas, galhos e sempre a esperança de uma boa pescaria. Este cenário pode ser inferido a partir da Figura 27 – Rede de atores humanos e não humanos – que apresenta as conexões com diversos atores humanos, os laços com os membros da família e de outros órgãos, a relação com os artefatos que permeiam as atividades das pescadoras, representada na Figura 25 – Rede de atores não humanos. Somando-se a isso tudo, há o objetivo que possuem, não representado nas Figuras, mas perceptível em seus depoimentos e nas histórias de vida, a busca incessante pela subsistência de suas famílias e a esperança de um futuro melhor.

O grupo de mulheres da comunidade em estudo – assim como de outras, sofre e experimenta a ação dos demais elementos ou artefatos que compõem a rede maior, interferindo nas atividades, no entanto também interferem, são, da mesma forma, actantes, seguindo a visão de Callon (1986) e Latour (2012). Como também o são o peixe, o barco, as redes, as armadilhas usadas para a pesca, o mar, o tempo: o sol, a chuva, o vento, a lua e a maré, cuja agência impacta diretamente na realização de uma boa ou má pescaria. São os elementos humanos que traduzem, e neste contexto, são as pescadoras, que interpretam e compreendem estes atores específicos que as circundam quando explicam o que é ou demonstram o baixio, a maré que seca, a maré que enche, e para onde vai esta maré, o mar que cresce ou a lua que engorda,

como vislumbrado em Gerber (2015). Esta é a linguagem dos atores humanos, com um léxico específico em que se deve mitigar e que se deve evitar a ameaça de calálos porque sua voz é importante, conforme preconiza Latour (2012).

As mulheres pescadoras artesanais, a despeito da práxis da sua lida cotidiana, comentaram nas entrevistas em profundidade que são vítimas de preconceito, quando afirmam ser pescadoras, são os diferentes interesses que Wajcman (2006) pontua. Seus relatos são carregados de indignação por terem que afirmar, e reafirmar, constantemente que são pescadoras. Isso ocorre porque quando elas saem das suas comunidades para irem a Guaraqueçaba ou Paranaguá, o comentário é que elas não têm cara de pescadoras.

Então, elas se questionaram: qual é a cara de uma pescadora e questionaram a entrevistadora, perguntaram ainda que se por serem pescadoras devem andar de unhas sujas, despenteadas e mal arrumadas. Hall (2000) afirma que as diferenças não são inocentes e que tanto identidade quanto diferenças devem ser representadas, impondo assim a identidade deste grupo.

Este questionamento acompanhou todo o processo de pesquisa e motivou a realização de um trabalho com fotos, principalmente para elas pudessem se ver e registrar qual a cara de uma pescadora. Após conversas e acertos elas foram ao mangue tirar ostras como de costume, mas tiveram um registro fotográfico consentido da sua prática. Usaram suas roupas de trabalho, aquelas que usam praticamente todos os dias. São roupas simples e neste tipo de trabalho, nada leve, especificamente, ficam cheias de lama, aproximadamente até os joelhos, como pode-se observar nas Fotografias 6 e 7.

Fotografia 6 – Pescadoras atravessando um canal no mangue



Fonte: Gi Figueiredo e esta autora (2020).

Fotografia 7 – Pescadoras no final do canal no mangue



Fonte: Gi Figueiredo e esta autora (2020).

Na Fotografia 8, fez-se um apanhado de algumas fotografias, registrando-se o trabalho de catação de ostras e os artefatos utilizados, como o facão para retirarem as ostras e um balde onde as guardam.

Fotografia 8 – O trabalho



Fonte: Gi Figueiredo e esta autora (2020).

Fotografia 9 – Pescadoras no final da catação de ostra



Fonte: Gi Figueiredo e esta autora (2020).

Fotografia 10 – Catação de ostra

Fonte: Gi Figueiredo e esta autora (2020).

Após a catação de ostras, as pescadoras lavam suas roupas, os calçados e os facões. Neste momento aproveitam também para retirar o excesso de lama das ostras.

Fotografia 11 – Limpeza 1

Fonte: Gi Figueiredo e esta autora (2020).

Fotografia 12 – Limpeza 2

Fonte: Gi Figueiredo e esta autora (2020).

Estas fotografias auxiliam para mostrar qual é cara de uma pescadora e, neste momento, percebe-se como a pesquisadora se envolveu com aquele contexto, pois, diante dos sentimentos de indignação e do preconceito vivido pelas pescadoras, ela acabou criando um movimento de motivação, demonstrando para as próprias pescadoras que cara elas têm.

Para isso, realizou-se um trabalho com uma fotógrafa, que se disponibilizou ir até a comunidade, levou seus artefatos de estúdio, roupas e acessórios. Foi emprestado o salão da igreja para realizar as fotos, principalmente porque as pescadoras são extremamente tímidas e, desta forma primou-se pela privacidade.

Ressalta-se que três delas pertencem a uma religião bastante conservadora e todo o cuidado foi tomado para não ferir as regras estabelecidas por aquela doutrina.

Apresenta-se somente a foto de cinco pescadoras porque elas se sentiram à vontade para colocá-las nesta tese. As demais ficaram um pouco reticentes, são tímidas e, conseqüentemente, não houve insistência por parte da pesquisadora.

Para todas foi feito um álbum com as fotos impressas do trabalho desenvolvido no mangue catando ostras e das fotos com os cabelos arrumados e com roupas diferentes das que usam diariamente para realizarem seus trabalhos na área de pesca.

Para retratar a “outra cara” das pescadoras, traz-se a Fotografia 13, mostrando que elas são mulheres, influenciadoras, que compartilham conhecimentos e

experiências e, que são, na percepção desta pesquisadora, lindas. Então, também desta percepção, a pescadora pode ter a “cara” que ela quiser.

Fotografia 13 – A nova cara das pescadoras



Fonte: Gi Figueiredo e esta autora (2020).

Este foi um momento especial para elas, que “mexeu” com a autoestima. A Pescadora P32 falou a respeito do conhecimento que adquiriu com esta situação e repetia continuamente que:

[...] eu quero aprender, eu quero aprender sempre mais, o conhecimento prá mim foi tudo e tá sendo, foi uma coisa muito bom, tá sendo uma coisa muito bom, não tá tendo explicação. Eu nunca imaginava, que poderia vir prá cá uma maquiadora, uma fotógrafa... capaz professora..., nunca, nunca... a gente assistia ali, a gente tinha vontade né e até que chegou esse dia, não caiu a ficha ainda prá gente. (PESCADORA P32, 2020).

Para ela esta era uma situação muito distante de sua realidade, por isso o encantamento. Um bonito depoimento, e tão bonito quanto foi compartilhar deste momento com estas pescadoras. A fala emocionada, os olhos vívidos e a empolgação “capaz professora”, de fazer parte de algo, para elas, tão diferente e distante de seu dia a dia.

Tirá-las da rotina diária foi gratificante, elas nunca se imaginaram fazendo uma sessão de fotos. Foram momentos de criação de conhecimento, porque elas

conheceram outra profissão, a da fotógrafa e experienciaram situações desconhecidas.

Chama-se a atenção para outro cenário positivo, com relação aos saberes ecológicos das pescadoras, uma vez que as práticas não se reproduzem fora daquela comunidade e, isso implica em adaptação destas práticas conforme às alterações sociais e ambientais. As mulheres pescadoras profissionais artesanais possuem diversas maneiras de se ocupar dos recursos naturais e dos conhecimentos relativos ao meio ambiente e sua sustentabilidade, estes saberes e conhecimentos são considerados quando se procura congruar economia e ambiente.

As pescadoras referiram-se a importância de viverem em conjunto na comunidade, porque desta forma podem se ajudar em qualquer situação. Comprova-se então que a socialização acontece neste grupo de mulheres pescadoras e se concretiza efetivamente. Assim como a Combinação que está presente, quando os pais ensinam seus filhos ou filhas e tanto o conhecimento de um como o conhecimento do outro são somados. São saberes a respeito da pesca que são compartilhados, como também a história de suas famílias.

Nestas relações e exemplos citados no decorrer desta tese, encontra-se os quatro modos de conversão que constam na espiral do conhecimento, propostos por Nonaka e Takeuchi (1997), somam-se os estudos de Von Krogh et al. (2000) quando enfatizam a relevância da interação e da qualidade das relações, para facilitar o desenvolvimento de novos conhecimentos, pois estes são uma construção social como pode-se verificar na fala da Pescadora P2 (2019).

Pescador só sabe pescar! Sem estudo não há outra saída para quem sai da ilha e vai para a cidade. Os filhos vão para a rua, para o beco do fumo, lá se envolvem com drogas e prostituição. As famílias que eram unidas pelo trabalho da pesca, agora não se falam, a maioria dos pais não sabem onde estão seus filhos, vivem a tristeza, a angústia de não saber como irão encontrar seus filhos, ou se terão de reconhecer um corpo no IML (Instituto Médico Legal). Esse é o resultado destas leis, que não valorizam a vida do ser humano no litoral de Guaraqueçaba. Depois da criação do Parque Nacional de Superagui, essa é a nossa triste realidade hoje, e não sabemos até quando... (PESCADORA P2, 2019).

Como é o caso da captura do caranguejo, realizada por várias mulheres, que relatam conhecer as tocas dos caranguejos, que as fêmeas devem ser deixadas para que mantenham o equilíbrio e se reproduzam, assim como os caranguejos filhotes com menos de 7 centímetros não devem ser capturados.

A aquisição do conhecimento acontece por meio da observação e da prática diária, da troca que acontece no boca a boca, “nas conversas, é uma terapia porque no barraco as mulheres trocam experiências com as colegas, falam, explicam e quando uma sabe de alguma coisa, passa para a outra. A aprendizagem passa de uma prá outra (PESCADORA P17)”. Este é um belo exemplo de combinação que surgiu em um ambiente não formal.

Na Teoria Ator-Rede esta aquisição do conhecimento é subjacente e perpassa toda a rede (CALLON, 1986). A rede só existe por conta dos rastros – rastros são as interações, são os laços – e os laços são representações do conhecimento e este é intangível.

Outra questão a ser observada é se existe um treinamento para as mulheres aprenderem a pescar, sim existe, porém não um treinamento formalizado, mas um treinamento que os pais ensinam por meio de suas práticas, compartilhando os conhecimentos tácitos que possuem. É o processo de Combinação presente quando os pais ensinam seus filhos ou filhas sobre a pesca e compartilham a história de suas famílias

Verificou-se como as novas pescadoras, aquelas mulheres que vieram de fora da comunidade e se casaram com pescadores, foram aceitas. Sim, foram incorporadas as comunidades e aprenderam a pescar com seus cônjuges e também com outras mulheres da família. Com estas mulheres o processo de socialização e externalização se faz com maior propriedade, porque elas possuem conhecimentos e vivências diferentes daquelas que já estavam lá. A externalização possui mais informações e pontos de vistas diferenciados.

Estes são aspectos encontrados na comunidade de mulheres pescadoras, porém o item ‘criar meios para organizar o conhecimento’ é insípido. Encontra-se informações de pesquisadores a respeito dos métodos de pesca, porém pouco é realizado efetivamente pelo grupo de pescadores.

Nesta pesquisa observou-se ainda que o conhecimento é criado ou compartilhado de forma verbal, é o “boca a boca”. É desta forma que os pais inserem suas filhas e filhos na prática da pesca e também dividem o que sabem com os demais membros da comunidade.

O conhecimento tácito está presente em todas as ações desta comunidade de pescadoras, quando ensinam os filhos, quando transmitem uma informação para outra

colega, quando sugerem uma forma diferente de fazer algo porque experimentaram e descobriram, por tentativa e erro ou de forma intuitiva, que se fizerem de outra maneira será melhor. As sugestões são aceitas, são discutidas e aí cada um faz da forma que achar mais conveniente para si, pois o respeito é um sentimento e uma ação praticada neste ambiente, assim como a confiança.

Figura 29 – Espiral do conhecimento com exemplos



Fonte: Adaptado de Nonaka e Takeuchi (2008, p. 69) e Strauhs et al. (2012).

Observou-se que a comunidade de pescadoras artesanais profissionais estudada se caracteriza como uma comunidade de ofício – *craft-based*, pois o conhecimento tácito está abarcado em suas práticas, nos artefatos que utilizam, na cultura e na linguagem que dividem por meio de interações sociais localizadas (AMIN; ROBERTS; 2008). Neste processo o aprendizado se efetua por meio da participação periférica legítima entre aquele que aprende e aquele que ensina

Com base nesta configuração é que se reavaliou todo o processo com relação a afirmação de que o grupo de mulheres pescadoras é uma comunidade de prática, pois, em um primeiro momento, e fundamentada em os conceitos de Lave e Wenger (1991), chegou-se a pensar que este grupo não se configurava como uma

comunidade de prática, sobretudo se analisada uma configuração com os homens da comunidade inseridos no contexto.

No entanto, definiu-se que esta pesquisa seria realizada especificamente com as mulheres pescadoras, deste prisma pode-se afirmar que este grupo possui várias características de uma CoP, apesar destas mulheres não possuem poder de decisão com relação a situações que afetam a comunidade da pesca, como um todo; nesses casos estas decisões são tomadas pelos homens por que eles é que fazem parte do grupo principal, como pode-se verificar na Figura 9 - Níveis de participação e os atores de uma CoP.

Contudo, se analisado sob outras perspectivas pode-se verificar que este grupo constrói e compartilha conhecimento coletivamente, principalmente por meio de suas práticas, tão significativas para suas vidas. Então, este é um aspecto que se pode ligar com os conceitos primeiros de comunidades de prática de Lave e Wenger (1991) e a prática deste grupo de mulheres, sob a égide dos seguintes argumentos:

- a. as comunidades de prática nascem da vontade das pessoas em compartilhar suas práticas na resolução de problemas comuns;
- b. as mulheres constituem sim uma comunidade de prática, atuando em vários dos seus níveis de participação;
- c. este grupo de mulheres possuem o domínio, a prática e a comunidade;
- d. a composição da comunidade vai sendo modificada ao longo da sua existência e as pessoas participam de modo mais ativo ou mais periférico;
- e. a CoP deve ter um propósito (problemas) para existir e finalmente,
- f. a ação no ambiente criado por elas contribui para o empoderamento destas mulheres pescadoras profissionais artesanais.

Assevera-se que a sociedade é, ainda, heteronormativa, então a questão da invisibilidade, do sistema patriarcal, da identidade dessas mulheres pescadoras, cambia entre ser líder em sua comunidade de mulheres e ser expectadora na comunidade geral na qual os homens estão inseridos. Esta é a realidade que pode ser encontrada em muitas comunidades femininas, e se essas comunidades forem identitárias elas irão passar por isso, reforçando os achados teóricos desta Tese, que na sequência, traz o Capítulo 7 com as considerações finais, momento em

que se retoma a pergunta de pesquisa, suas respostas, bem como como se trata do atingimento aos objetivos de pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Capítulo retoma-se a pergunta de pesquisa desta tese juntamente com a resposta aos objetivos. Em seguida aborda-se as limitações do estudo e, por fim, registra-se algumas inferências e temas para trabalhos futuros.

7.1 PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS

A pergunta que norteou a pesquisa desta tese e entende-se que foi respondida de forma satisfatória, foi:

Qual a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional de uma comunidade de prática de mulheres pescadoras da região de Guaraqueçaba?

Para estabelecer a dinâmica de construção do conhecimento das pescadoras, entendida como o desvelamento de suas práticas, a sua formação e pertencimento a ambientes e lugares, qual a voz que possuem, iniciou-se pelo entendimento das redes e seus rastros, buscando por meio do objetivo geral estabelecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento profissional em uma CoP de mulheres pescadoras profissionais artesanais à luz da Teoria Ator-Rede, com vistas à aproximação dos modelos tradicionais de Gestão de Conhecimento, especialmente o Modelo SECI e, como objetivos específicos determinou-se quatro ações, sendo:

1. descrever as redes dos elementos humanos e não humanos, à luz da TAR, em que se inserem as mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba – PR;
2. levantar as características que aproximam o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais dos conceitos e características das Comunidades de Prática.
3. mapear, por meio de redes, o processo de conhecimento das mulheres pescadoras profissionais artesanais.

4. estabelecer comparativo, entre o modelo de criação de conhecimento proposto nesta comunidade e o Modelo SECI, revelando as semelhanças e diferenças da sua dinâmica.

Inicialmente, neste estudo, foram descritas e representadas as redes de elementos humanos e não humanos, à luz da Teoria Ator-rede – TAR, considerando que estas redes se compõem de elementos humanos e não humanos mapeados naquelas comunidades. Redes estas em que as mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba – PR, são as grandes protagonistas. Para demonstrar estas redes, realizou-se uma representação para os elementos humanos, outra para os elementos não humanos e uma terceira englobando todos os atores – Figuras 25, 26 e 27. Descreveu-se a articulação dos actantes na rede e o papel que representavam no cotidiano das mulheres pescadoras – Seção 6.2.3.

Em dado momento observou-se outros actantes nesta rede, a legislação específica e a Colônia de Pescadores, que por vezes, não colaboram para tornar visível as mulheres mas reforçam esta invisibilidade e suas agências afetam o grupo de mulheres pescadoras. As Leis existem, no entanto a existência da lei não significa que haverá uma mudança de atitude e ou uma mudança de cultura, como é o caso da Lei de 2015 que ratifica que as mulheres são pescadoras, fazem parte de uma comunidade de pescadoras e, no entanto, elas não são consideradas nessa comunidade profissionais – tornam-se invisíveis.

Outro item abordado durante a pesquisa foi o mapeamento por meio da aproximação com o Diagrama de Caminhos do processo de conhecimento das mulheres pescadoras profissionais artesanais. Estabelecendo-se um comparativo entre o modelo de criação de conhecimento proposto nesta comunidade de mulheres pescadoras e o Modelo SECI, desvelando-se as semelhanças e as diferenças destes processos – Seção 6.2.4.

O que Nonaka e Takeuchi (1997) propõem para as organizações formais, para que o conhecimento seja criado e compartilhado, com o aparato de ambientes construídos, com relações incentivadas, gerindo-se elementos capacitadores que promovam situações otimizadoras de criação e reuso do conhecimento, também acontece no contexto pesquisado, em outras proporções, porém em ambientes livres, com relações de parceria, de confiança, de ajuda mútua, tendo como objetivo a

sobrevivência familiar e do grupo, não há uma real percepção, ou reconhecimento de um ambiente incentivado, mas sim construído de forma coletiva – Seção 6.2.5.

Outro aspecto a ser registrado com relação a dinâmica do conhecimento, é de que estas comunidades de mulheres pescadoras profissionais artesanais formam um grande *ba* e, portanto, o conhecimento é subjacente à esta rede.

Realizou-se um levantamento das características que aproximam o grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais dos conceitos e características das Comunidades de Prática. Com a análise das atitudes, do contexto e da convivência com este grupo, pode-se verificar que este grupo possui muitas das características elencada pelos autores de base utilizados nesta tese e que, a partir deles ampliou-se o conceito de comunidades de prática para uma comunidade de ofício profissional feminina, utilizando-se como fundamento os dados apresentados.

Descreveu-se, finalmente, cada etapa dos processos de criação do conhecimento e registra-se que o Modelo SECI pode sim se efetivar neste tipo de ambiente, não é necessário que seja dentro de empresas ou instituições fechadas. Isso porque a construção do conhecimento não é uma questão de gênero, ela é uma questão da construção dos seres humanos, desde que o mundo é mundo, isso se dá pelas experiências, pelas vivências que as pessoas constroem coletivamente.

Nesta pesquisa pode-se comprovar que o processo ocorre também em ambientes informais como foi o caso do grupo de mulheres pescadoras. O modelo de criação do conhecimento é válido justamente porque o foco está centrado nas pessoas, não possuindo um viés político, ou gerencial, ou de outra natureza. Partindo-se, portanto, da tese proposta, conclui-se que a pesquisa realizada trouxe dados e subsídios suficientes para respondê-la a contento, porém com limitações específicas detalhadas na sequência.

7.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

O que se verificou na convivência com as mulheres pescadoras profissionais artesanais é que são extremamente tímidas, só com o tempo e a permanência da relação é que se “soltam um pouco” e falam de suas vidas, porém muitas respostas

aos questionamentos realizados era “humhum..., é...”, e o diálogo ficava prejudicado, não se efetivava.

Esta situação deixou a pesquisadora extremamente preocupada e angustiada, pois o tempo que se tinha para realizar a pesquisa não era muito e só por meio da convivência é que as pescadoras poderiam conhecê-la e iniciar um processo de confiança para que se sentissem mais à vontade.

Nestes momentos as afirmativas de Gerber (2015) sobre o tempo para a pesquisa, a angústia para se realizar o trabalho, sempre vinham à tona para a pesquisadora. O tempo chuvoso durante toda uma semana e nada que poderia ser feito de prático, já que elas não podiam sair para pescar, sem sinal de internet, pois não havia energia elétrica, o local absolutamente sossegado, manso, traziam, não a sensação de tranquilidade, mas de urgência na não realização das tarefas. E, para quem não está habituado a tudo isso, acarreta a sensação de ansiedade, de não atingimento de objetivos. Realmente, pode-se comprovar que lá, nas comunidades de pesca, o tempo tem outro ritmo, que a hora do relógio não importa muito, o que manda no tempo é a chuva, o sol, o amanhecer e o anoitecer – elementos não humanos, com suas agências simétricas. Foi um aprendizado árduo, para a pesquisadora que possui uma vida atribulada, com as conexões, relações e imediatismos que a modernidade exige. O tempo passava devagar e só restava obedecer e se render ao seu ritmo.

Outros fatores limitaram também o desenvolvimento do trabalho como a burocracia e a morosidade com relação a tramitação do processo junto ao Comitê de Ética. Por vezes questionou-se, quem pode proteger ou defender o pesquisador da concepção de ética e de moral de um determinado grupo?

São pontos que interferem no desenvolvimento do trabalho, mas se vistos sob a perspectiva da Teoria Ator-rede, são actantes, cuja agência modifica o processo, e também, aquele que sofre a agência.

Analisando toda a trajetória da pesquisa, observou-se que em determinados aspectos os estudos poderiam ser aprofundados e, portanto, apresenta-se na seção seguinte algumas destas possibilidades.

7.3 PROPOSTA DE TRABALHOS FUTUROS

Ao longo da pesquisa observou-se que alguns assuntos emergiram e que poderiam ser abordados em outros trabalhos futuros, como:

- Análise crítica das Leis relacionadas as Áreas de Proteção Ambiental - APAS, também com um real actante: se protegem efetivamente o ambiente e a população que vive naquele território. Quais são os direitos dos povos tradicionais - quem são e quais leis os protegem. Pode-se observar durante a pesquisa que estes são pontos que preocupam o grupo de mulheres pescadoras.
- As crianças que aprendem a pescar com seus pais, que começam com cinco, sete ou dez anos, são invisibilizadas. Registrou-se na pesquisa que elas vêm isso como uma brincadeira, mas, em realidade, estão ajudando na subsistência da família – é o trabalho leve. Tem-se o Estatuto da Criança e do Adolescente, tem-se as leis trabalhistas, no entanto, percebe-se que o discurso a respeito do cuidado com as crianças é um e que nem sempre este discurso analisa o contexto real. Leis também podem ser excludentes.
- A questão relacionada ao gênero e as relações de poder e trabalho: o poder masculino, o poder da igreja, o poder dos órgãos governamentais, todos estes actantes estão presentes naquele contexto e podem ser explorados em novas pesquisas.
- Estudos a respeito dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, que compõem a agenda 2030, sendo que quatro deles estão diretamente alinhados com esta pesquisa: (i) (ii) Objetivo 10 - Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; (iii) Objetivo 11 - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis e (iv) o Objetivo 14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável. Tais olhares vieram como resultado da Banca de Defesa desta Tese.
- Abre uma frente diferenciada com relação ao levantamento e a análise crítica das Leis que se referem à pesca e aos direitos dos pescadores e pescadoras, como actantes efetivos da rede da pesca artesanal. Por que a pesca de determinada espécie é permitida no estado de São Paulo e não é permitida no estado do Paraná, regiões vizinhas, por exemplo? Qual a função e a finalidade da Colônia

de Pescadores, e quais as ações são realizadas para que os pescadores a conheçam. Parte-se do princípio de que eles são pessoas com pouca formação escolar, são simples e até ingênuos, pois aceitam um papel que não comprova nada e aguardam por anos uma carteira que comprove sua profissão, sem a receber. Evidencia-se aqui, o papel das políticas públicas.

Estes são apenas alguns temas possíveis de investigação, porém há um campo vasto com relação a pesquisas com pescadoras, a gestão do conhecimento e comunidades de prática, como se demonstrou no decorrer deste trabalho.

Estes temas serviram de fundamentação para esta tese e com base na pesquisa realizada, apresenta-se, na sequência a conclusão.

7.4 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A percepção que se possui com este processo de pesquisa é de que foi pouco tempo para que se pudesse observar toda a riqueza que o contexto das mulheres pescadoras apresenta.

Aprendeu-se muito sobre redes e suas conexões, sobre a construção do conhecimento que pode se concretizar na troca de uma receita simples durante o descasque de camarões. Da convivência prática da comunidade que exerce de fato a comunhão e a identidade.

Com este trabalho, percebeu-se que houve mudanças na pesquisadora. Mudou-se a forma de enxergar as coisas, as pessoas, os trabalhos, as diferentes realidades que existem e que nem sempre pode-se perceber e conhecer. É outro mundo, diferente deste em que o envolvimento está na realização de coisas do dia a dia, com a correria das cidades, com o conforto da modernidade e das tecnologias à disposição. Aprendeu-se a olhar diferente, a ver coisas nas reticências de cada fala daquelas mulheres, nas informações contidas em um discurso praticamente mudo, mas que com suas ações e posturas diziam muito sobre elas e suas vidas. A relação da pesquisadora com as pescadoras foi modificada, atualmente não é só a “professora”, é uma pessoa que faz parte daquelas famílias e que possui uma visão diferenciada daquele contexto. A pesquisadora habitou, literalmente, em outro lugar e

foi afetada pelas intensidades específicas daquela região, das pessoas e das relações sutis e delicadas criadas pela e na convivência.

A rede aumentou e os laços tornaram-se mais fortes, coisas novas foram apreendidas e outras ressignificadas.

Um aspecto bastante importante ainda ficou sem a solução desejada. Muito se falou da invisibilização deste grupo de mulheres pescadoras profissionais artesanais e torna-se contraditório em todo este trabalho não aparecer o nome destas pescadoras. Esta é mais uma forma de invisibilização. Cogitou-se fazer uma nominata e incluí-la nesta tese, para dar nome as pescadoras e, de certa forma, torná-las visíveis. No entanto, isso não foi possível, em primeiro lugar para não as expor e, em segundo lugar, porque está se respeitando o direcionamento do Comitê de Ética. Fica aqui o registro desta situação, de como órgãos institucionais em todos os níveis de atuação, que são criados para proteger e regular estão condicionados e restritos a regras que acabam desprotegendo e invisibilizando os atores envolvidos.

Registra-se aqui um alerta: após conhecer e vivenciar o dia a dia deste grupo de mulheres pescadoras, tendo por base todos os elementos apontados nesta Tese, pode-se afirmar que caminha-se para uma nova formulação de comunidades de prática: uma comunidade de prática de mulheres, uma comunidade de prática feminina e por que não, para uma comunidades de prática profissional feminina.

Pode-se também constatar na prática, finalmente, que Nonaka e Takeuchi (1997) com seu Modelo de criação do conhecimento, aplicado dentro de organizações formais, transcenderam as quatro paredes das fábricas e o Modelo SECI ocorre também em outras estruturas menos formais e desprovidas de tecnologias complexas seja dos artefatos ou de políticas ou gerenciais, pois a essência da criação do conhecimento reside nos actantes humanos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. L. D. Mapa localização da cidade paranaense de Guaraqueçaba. **Investparaná**. Disponível em: <http://www.investparana.org.br/>. Acesso em: 02 out 2020.
- AIRES, M. J. O direito à arte de partejar. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, v. 43, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/7031>. Acesso em: 11 dez. 2018.
- AKHAVAN, P.; RAHIMI, A.; MEHRALIAN, G. Developing a model for knowledge sharing in research centers. **VINE Journal of Information and Knowledge Management Systems**, Melbourne, v. 43, n. 3, p. 357-393, 2013. Disponível em: [https://www.scirp.org/\(S\(vtj3fa45qm1ean45vvffcz55\)\)/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1927593](https://www.scirp.org/(S(vtj3fa45qm1ean45vvffcz55))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1927593). Acesso em: 3 jan. 2018.
- ALENCAR, E. F.; SOUSA, I. S. D.; GONÇALVES, A. C. T. Questões de gênero em projetos de manejo de recursos pesqueiros nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, Amazonas. In: ANDRADE LEITÃO, M. R. F. **Pesca, turismo e meio ambiente**. Recife: EDUFRPE, 2014. p. 123-143. Disponível em: <https://www.mamiraua.org.br/pt-br/publicacoes/publicacoes/2014/capitulos-de-livros/questoes-de-genero-em-projetos-de-manejo-de-recursos-pesqueiros-nas-reservas-de-desenvolvimento-sustentavel-mamiraua-e-amana-amazonas/>. Acesso em: 5 maio 2017.
- ALLEE, V. Knowledge networks and communities of practice. **OD practitioner**, Minnesota, v. 32, n. 4, p. 4-13, 2000. Disponível em: [http://methodenpool.uni-koeln.de/communities/~%20OD%20Practitioner%20Online%20-%20Vol_%2032%20-%20No_%204%20\(2000\)%20~.htm](http://methodenpool.uni-koeln.de/communities/~%20OD%20Practitioner%20Online%20-%20Vol_%2032%20-%20No_%204%20(2000)%20~.htm). Acesso em: 3 jan. 2018.
- ALMEIDA, A. W. B. D. Territórios e territorialidades específicas na Amazônia: entre a "proteção" e o "protecionismo". **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, n. 64, p. 63-72, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792012000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 03 fev. 2020.
- ALMEIDA, A. W. B. D. E. A. Projeto nova cartografia social da Amazônia. **Série Movimentos Sociais, Identidade Coletivas e Conflitos**, Manaus, Fascículo, 2010. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/PescadoresArtesanaisSuperagui.pdf>. Acesso em: 06 ago 2019.
- ALVES, J. E. D.; CORRÊA, S. Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo. **Livros**, Belo Horizonte, 2015. 121-223. Disponível em: https://scholar.google.com/scholar?cluster=5021481599247476425&hl=pt-BR&as_sdt=2005&scioldt=0,5. Acesso em: 3 jul. 2018.
- ALVES, M.; QUEIRÓS, P.; BATISTA, P. O valor formativo das comunidades de prática na construção da identidade profissional. **Revista Portuguesa de**

Educação, Braga, v. 30, n. 2, p. 159-185, 2017. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872017000200008. Acesso em: 5 jun. 2017.

AMIN, A.; ROBERTS, J. Knowing in action: Beyond communities of practice. **Research policy**, Amsterdam. v. 37, n. 2, p. 353-369, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048733307002375>. Acesso em: 12 abr. 2017.

ARNS, E. M. et al. Pesca e trabalho doméstico: a invisibilidade do trabalho feminino. **Revista Ciência é minha praia**, Paranaguá, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <http://infoprojetos.com.br:8035/revistas/index.php/Cienciaminhapraia/index>. Acesso em: 5 set, 2016.

ATTA-MILLS, J.; ALDER, J.; RASHID SUMAILA, U. The decline of a regional fishing nation: the case of Ghana and West Africa. **Natural Resources Forum**, Oxford, UK, p. 13-21, fev. 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.0165-0203.2004.00068.x>. Acesso em: 2 ago. 2018.

BALSALOBRE, B. P.; ANNIBELLI, M. B.; ATHIAS, I. B. Mulheres pescam, sim: pesca artesanal continental em Porto Said, Botucatu [SP]. **Labor E Engenho**, Campinas, 12, 2018. 230-239. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8652745>. Acesso em: 10 jan 2020.

BANDURA, A. **Social learning through imitation**. [S.l.]: [s.n.], 1962.

BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Artmed Editora: [s.n.], 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. reimp. ed. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.

BELL, G. G.; LAI, F.; LI, D. Firm orientation, community of practice, and Internet-enabled interfirm communication: Evidence from Chinese firms. **The Journal of Strategic Information Systems**, Amsterdam. v. 21, n. 3, 2012. 201-215. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0963868712000327>. Acesso em: 5 jan. 2018.

BERTAGNOLLI, B. C. E. A. Gestão do conhecimento e redes sociais: uma análise do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). **Brazilian Applied Science Review**, São José dos Pinhais, v. 2, n. 4, p. 1360-1383, 2018. Disponível em: <http://brjd.com.br/index.php/BASR/article/view/521>. Acesso em: 3 set. 2018.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. [S.l.]: Martins Fontes, 2000.

BORGES, L. M. **Mulheres das Ilhas do litoral do Paraná: resgate de saberes e empoderamento**. Paranaguá: Projeto de pesquisa - COPE – IFPR, 2016.

BRASIL., G. D. Economia e emprego. **País possui mais de um milhão de pescadores ativos**, jun. 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/06/pais-possui-mais-de-um-milhao-de-pescadores-ativos>. Acesso em: 6 jun. 2018.

BROWN, J. S.; COLLINS, A.; DUGUID, P. **Cognitive apprenticeship, situated cognition and social interaction**. [S.l.]: [s.n.], 1988.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organizational learning and Communities of Practice: toward a unified view of working, learning and innovation. **Organization Science**, Maryland, v. 2, p. 40-57, 1991. Disponível em: <https://pubsonline.informs.org/doi/abs/10.1287/orsc.2.1.40>. Acesso em: 8 fev. 2017.

BROWN, J. S.; GRAY, E. S. The people are the company. **Fast company**, Curitiba, v. 1, n. 1, 1995. p. 78-82. Disponível em: <https://www.fastcompany.com/26238/people-are-company>. Acesso em: 5 fev. 2017.

CABRAL, E. H. D. S. **TERCEIRO SETOR-Gestão e controle social**. [S.l.]: Editora Saraiva, 2017.

CALHOUN, S.; CONWAY, F.; RUSSELL, S. Acknowledging the voice of women: implications for fisheries management and policy. **Marine Policy**, 2016, United Kingdom, v. 74, p. 292-299. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0308597X16301993>. Acesso em: 6 jul. 2018.

CALLON, M. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. In: LAW, J. **Power, action and belief: a new sociology of knowledge**. London: Routledge, 1986. p. 196-223. Disponível em: <http://www.thetransformationproject.co.uk/wp-content/uploads/Actor-Network-Theory.pdf>. Acesso em: 18 out. 2016.

CALLON, M. Society in the making: the study of technology as a tool for sociology analysis. In: BIJKER, W.; THOMAS, H.; TREVOR, P. **The social construction of technological systems**. Londres: MIT Press, 1989.

CALLON, M. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. ano 10, n. 19, p. 302-32, jan./jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222008000100013. Acesso em: 12 out. 2017.

CALLON, M.; LAW, J. L'irruption des non-humains dans les sciences humaines: quelques leçons tirées de la sociologie des sciences et des techniques. **Les limites de la rationalité. Tome 2**, La Découverte, p. 99-118, 1997. Disponível em: <https://www.cairn.info/les-limites-de-la-rationalite-tome-2--9782707155511-page-99.htm?contenu=resume#>. Acesso em: 22 maio 2017.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, v. 8, 1999. 483-502 p.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, v. 2, 1996. 376 p.

CHOUDHURY, M.-U.-I.; HAQUE, C. E.; HABIB, S. Participatory exclusion of women in natural resource management: silent voices from wetland communities in Bangladesh. **Community Development Journal**, Oxford, p. 1-19, 2016. Disponível em: <https://academic.oup.com/cdj/article-abstract/53/1/42/2607761>. Acesso em: 5 jun. 2017.

CHU, M. T. et al. Communities of practice model driven knowledge management in multinational knowledge-based enterprises. **Journal of Intelligent Manufacturing**, Switzerland, v. 23, n. 5, 2012. 1707-1720. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10845-010-0472-6>. Acesso em: 5 dez. 2017.

CINNER, J.; MCCLANAHAN, T. R. Socioeconomic factors that lead to overfishing in small-scale coral reef fisheries of Papua New Guinea. p. 73-80, 2006. **Environmental Conservation**, United Kingdom, v. 33, n.1, p. 73-80, 2006. Disponível em: <https://researchonline.jcu.edu.au/1440/>. Acesso em: 8 ago, 2018.

COAKES, E. **Encyclopedia of communities of practice in information and knowledge management**. [S.l.]: IGI Global, 2005.

COETZEE, H. et al. Artisanal fisheries in the Ndumo area of the lower Phongolo River floodplain, South Africa. **Koedoe**, Cape Town, 57, n. 1, 2015. 1-6. Disponível em: http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0075-64582015000100006. Acesso em: 17 nov. 2017.

COGUEC, É. L. Ficção, diário de campo e pesquisa-criação. Trad. Mônica Fagundes Dantas. **Revista Cena**, Porto Alegre, v. 20, p. 28-38, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/cena/article/view/68331>. Acesso em: 08 abr 2020.

COMARELLA, D. **A modelagem de processos como ferramenta auxiliar na implantação de comunidades de prática: o caso CoP-GP**. Curitiba: Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2009. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1998/1/CT_PPGTE_D_Comarella%20%20Daniele_2009.pdf. Acesso em: 15 fev. 2017.

CONNAUGHTON, S. L.; DALY, J. Leading from afar: Strategies for effectively leading virtual teams. **Virtual and collaborative teams**, p. 49-75, 2004. Disponível em: <https://www.igi-global.com/chapter/virtual-collaborative-teams/30797>. Acesso em: 22 abr. 2018.

COUTINHO, G. C. T. P.; SAMPAIO, C. A. C.; DE PAULA RODRIGUES, L. Potenciais atrativos de comunidades tradicionais: turismo comunitário em Barbados, Guaraqueçaba (PR). **Capa**, Curitiba, v. 6, n.5, 2013. Disponível em: <http://sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/632>. Acesso em: 12 dez. 2017.

CRESWELL, J. W. E. A. Qualitative research designs: Selection and implementation. **The counseling psychologist**, v. 35, n. 2, p. 236-264, 2007.

CRESWELL, J. W. et al. Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches. **The counseling psychologist**, California, 35, n. 2, 2007. 236-264. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0011000006287390>. Acesso em: 5 jun 2018.

DAVENPORT, E.; HALL, H. New knowledge and micro-level online organization: communities of practice as a development framework. *In: ANNUAL HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES*, 34, 2001, Havaí. **Proceedings ... Havaí: IEEE. Computer Society**, 2001. p.10. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/926353> . Acesso em: 13 dez. 2017.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**. Tradução de Lenke Peres. São Paulo: Campus, 1999.

DEB, A. K. Surrender to nature: Worldviews and rituals of the small-scale coastal fishers of Bangladesh. **Marine Policy**, United Kingdom, v. 92, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0308597X17306826>. Acesso em: 10 maio 2018.

DEERE, C. D. Objetivos de desenvolvimento sustentável, igualdade de gênero e a distribuição de terra na América Latina. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 52, 2018. ISSN 52. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000100206#fn9. Acesso em: 23 mar 2020.

DI MÉO, G. Que voulons nous dire quand nous parlons d'espace? *In: J. LÉVY ET M. LUSSAULT* **Logiques de l'espace, Esprit des lieux**. Géographies à Cerisy, Paris.: Belin, 2000. p. 37-48.

DICIONÁRIO, I. Dicionário Informal, 2019. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 26 mar 2019.

DIEGUES, A. C. Tradição marítima e oralidade: pesca de marcação e mestrança em Galinhos, Rio Grande do Norte-Brasil. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 22, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10749>. Acesso em: 22 maio 2018.

DIOGO, M. F.; COUTINHO, M. C. A dialética da inclusão/exclusão e o trabalho feminino. **Interações**, Campo Grande, v. 11, n. 21, p. 121-142, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-290720060. Acesso em: 16 fev. 2018.

DORES, A. D. **Álbum de Fotografias**. Tibicanga - PR: [s.n.], 2019.

DRUCKER, P. **Sociedade Pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.

DRUCKER, P. F. **Uma era de descontinuidade**: orientações para uma sociedade em mudança. [S.l.]: Zahar Editores, 1970.

DRUCKER, P. F. **As novas realidades**: no governo e na política, na economia e nas empresas, na sociedade e na visão do mundo. [S.l.]: Livraria Pioneira Editora, 1991.

DUARTE, A. L. **"Resistir e retomar, nossa terra e nossa mar"**: os comuns como planejamento e gestão territorial subversivos em Guaraqueçaba. [S.l.]: UFPR, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/56590>. Acesso em: 24 out. 2018.

DUARTE, L. A. **Argonauts of Superagui**: identity, territory and conflict in a brazilian national park. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/handle/tede/1972>. Acesso em: 15 set. 2018.

ELSEVIER, E. Elsevier. Disponível em: <https://www.elsevier.com/pt-br/solutions/sciencedirect>. Acesso em: 23 maio 2019.

FAO, F. A. A. D. Fisheries technology. Topics Fact Sheets. **Fisheries and Aquaculture topics.**, 04 jan. 2016. Disponível em: <http://www.fao.org/fishery/>. Acesso em: 22 ago. 2018.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. Tradução de Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, p. 155-161, 2005.

FERNANDES, A. M. et al. Metodologia de pesquisa de dissertações sobre inovação: Análise bibliométrica. **Desafio Online**, Campo Grande, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/mostraucsppga/xvmostrappga/paper/viewFile/4136/1361>. Acesso em: 17 dez. 2018.

FERNANDES, F. R. Comunidades de prática como incentivo ao empreendedorismo social nas universidades federais do sul do Brasil. **Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação. Setor de Ciências Sociais Aplicadas**, Curitiba, p. 216 p., 2018. Disponível em: <http://docplayer.com.br/114355082-Universidade-federal-do-parana-flavia-roberta-fernandes.html>. Acesso em: 6 nov. 2018.

FIORELLA, K. J. E. A. Fishing for food? Analyzing links between fishing livelihoods and food security around Lake Victoria, Kenya. **Food Security**, Switzerland, v. 6, n. 6, p. 851-860, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12571-014-0393-x>. Acesso em: 22 maio 2018.

FLACH, L.; ANTONELLO, C. Improvisação e aprendizagem nas organizações: um estudo no Brasil e na Alemanha. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 15, 2011. Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: EnANPAD, 2011. p. 1-17. Disponível em: <https://www.redalyc.org/html/3372/337228646007/>. Acesso em: 22 maio 2018.

FLETCHER, J. Social communities in a knowledge enabling organizational context: Interaction and relational engagement in a community of practice and a micro-community of knowledge. **Discourse & Communication**, California, v. 8, n. 4, p. 351-369, 2014. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1750481314537577>. Acesso em: 22 maio 2018.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, São Paulo, n. 24, p. 17-27, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.org/article/csp/2008.v24n1/17-27/>. Acesso em: 16 fev 2020.

FÓRUM, E. M. **The Global Gender Gap Report 2017**. [S.l.]: [s.n.], 2017.

GARAVAN, T. N.; CARBERY, R.; MURPHY, E. Managing intentionally created communities of practice for knowledge sourcing across organisational boundaries: Insights on the role of the CoP manager. **The Learning Organization**, Melbourne, v. 14, n. 1, p. 34-49, 2007. Disponível em:

<https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/09696470710718339>. Acesso em: 10 maio 2018.

GERBER, R. M. **Mulheres e o mar: pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil**. [S.l.]: Editora da UFSC, 2015.

GERBER, R. M. Comentário Banca de Qualificação desta tese em 04 jul. 2019.

GERBER, R. M. Parecer na Banca de defesa desta tese 25 set. 2020.

GIDDENS, A. **The constitution of society: outline of the theory of structuration**. [S.l.]: Berkeley, University of California Press, 1984. Disponível em:

http://www.communicationcache.com/uploads/1/0/8/8/10887248/the_constitution_of_society.pdf. Acesso em: 10 dez. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILL, L. A. Um ofício em transformação: a pesca artesanal contada por quem a pratica (Pelotas, RS). **Mundos do Trabalho**, Florianópolis, 11, 2019. 1-17.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2019.e66941>. Acesso em: 10 jan 2020.

GIVEN, L. M. **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**. [S.l.]: Sage Publications, California, v. 1&2, 2008. Disponível em:

<http://www.yanchukvladimir.com/docs/Library/Sage%20Encyclopedia%20of%20Qualitative%20Research%20Methods-%202008.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GOMES, R. D. **Contexto capacitante para inovação em programas de aceleração em Curitiba: mapeamento do processo de construção do conhecimento em aceleradoras de startups, à luz da Teoria Ator-Rede e do Conceito de ba**.

Curitiba: Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2018. Disponível em:

<http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura->

universitaria/diretorias/dirppg/programas/ppgte/edital-defesas/2018/ppgte-mestrado-rhodri-go-deda-gomes. Acesso em: 12 dez. 2018.

GONGLA, P.; RIZZUTO, C. R. Evolving communities of practice: IBM Global Services experience. **IBM systems journal**, Amsterdam, v. 40, n. 4, 2001. 842-862. Disponível em: http://www.providersedge.com/docs/km_articles/Evolving_CoP_-_IBM_Global_Svcs.pdf. Acesso em: 18 fev. 2017.

GOY, J. Histoire orale. **Encyclopaedia Universalis, suppl**, p. 743, 1980.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, Issue 6, p. 1360-1380, 1973. Disponível em: <https://www.cs.cmu.edu/~jure/pub/papers/granovetter73ties.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2017.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: A network theory revisited. **Sociological theory**, p. 201-233, 1983. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/202051?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 5 jun. 2017.

GREEN, F. J. Patriarchal Ideology of Motherhood. In: O'REILLY, A. **Encyclopedia of motherhood**. [S.l.]: Sage Publications, 2010. Disponível em: <http://sk.sagepub.com/reference/motherhood/n535.xml>. Acesso em: 12 abr. 2017.

HAAS, P. M. Introduction: epistemic communities and international policy coordination. **International organization**, Switzerland, v. 46, n. 1, p. 1-35, 1992. Disponível em: <http://www.iheal.univ-paris3.fr/sites/www.iheal.univ-paris3.fr/files/Epistemic%20communities%20Haas.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.

HAIR, J. et al. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HAKANSON, L. H. L. Epistemic communities and cluster dynamics: On the role of knowledge in industrial districts. **Industry and innovation**, United Kingdom, v. 12, n. 4, 2005. 433-463. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13662710500362047>. Acesso em: 6 jun. 2018.

HALL, D. **Interpreting Plato's Cave as an Allegory of the Human Condition**. [S.l.]: Apeiron, [S. L.] v. 14, n. 2, 1980. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/j/apeiron.1980.14.2/apeiron.1980.14.2.74/apeiron.1980.14.2.74.xml>. Acesso em: 6 jun. 2018.

HALL, S. W. K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/Tomaz Tadeu da Silva (org.): tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, S.; CERNICCHIARO, A. C. (Trad.) Etnicidade: identidade e diferença. **Crítica Cultural**, Palhoça, SC, v. 11, p. 317-327, jul./dez. 2016. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/4338/pdf. Acesso em: 10 jan 2020.

HARA, N.; SCHWEN, T. M. Communities of practice in workplaces. **Performance Improvement Quarterly**, [S. L.], v.19, n. 2, 2006. 93-114. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1937-8327.2006.tb00367.x>. Acesso em: 6 jun. 2018.

HAUZER, M.; DEARDEN, P.; MURRAY, G. The fisherwomen of Ngazidja island, Comoros: Fisheries livelihoods, impacts, and implications for management. **Fisheries Research**, Amsterdam, v. 140, p. 28-35, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/244476669_The_Fisherwomen_of_Ngazidja_Island_Comoros_Fisheries_Livelihoods_impacts_and_implications_for_management. Acesso em: 6 jun. 2018.

HO, L.-A.; KUO, T.-H.; LIN, B. How social identification and trust influence organizational online knowledge sharing. *Internet Research*, v. 22, n. 1, p. 4-28, 2012. **Internet Research**, Melbourne, v. 22, n.1, p. 4-28, 2012. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/10662241211199942?fullSc=1&journalCode=intr>. Acesso em: 6 jun. 2018.

IBAMA. Portaria nº 52, de 30 de setembro de 2003. **Diário Oficial da União**, Defesa pesqueiro do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) nas regiões sudeste e sul do Brasil., v. 1, p. 191, 2003. Acesso em: 02 jan. 2020.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE: Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2016. 146 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2018.

IBICT. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Disponível em: <http://ibict.br/>. Acesso em: 23 maio 2019.

INGOLD, T. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: STEIL CA, C. I. **Cultura, percepção e ambiente**: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. p. 15-29.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. APA Guaraueçaba. **Unidades de conservação no Brasil**, 2018. Disponível em: <http://uc.socioambiental.org/uc/587159>. Acesso em: Janeiro, 2018.

IPIRANGA, A. S. R. et al. Aprendizagem como ato de participação: a história de uma comunidade de prática. **Cadernos Ebape.br**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 01-17, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512005000400009&script=sci_arttext&tling=es. Acesso em: 13 ago. 2018.

JEON, S.; KIM, Y.-G.; KOH, J. An integrative model for knowledge sharing in communities-of-practice. **Journal of knowledge management**, Melbourne, v. 15, n. 2, p. 251-269, 2011. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/13673271111119682?journalCode=jkm>. Acesso em: 26 set. 2017.

JORNAL NEXO. A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez. **Jornal Nexo**, 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>. Acesso em: 8 jan. 2018.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. [S.l.]: [s.n.], v. 4, 2002. p. 90-113.

KHALIL, K.; ARDOIN, N. M.; WOJCIK, D. Social learning within a community of practice: Investigating interactions about evaluation among zoo education professionals. **Evaluation and program planning, Amsterdam**, v. 61, p. 45-54, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27940342>. Acesso em: 15 jul. 2018.

KIMMERLE, J. et al. Knowledge construction in an outsider community: Extending the communities of practice concept. **Computers in Human Behavior**, Amsterdam, v. 29, n. 3, p. 1078-1090, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563212002671>. Acesso em: 7 jun. 2018.

KITTINGER, J. N. Participatory fishing community assessments to support coral reef fisheries comanagement. **Pacific Science**, Honolulu, v. 67, n. 3, p. 361-381, 2013. Disponível em: <https://bioone.org/journals/pacific-science/volume-67/issue-3/67.3.5/Participatory-Fishing-Community-Assessments-to-Support-Coral-Reef-Fisheries-Comanagementa/10.2984/67.3.5.short>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LACONTORA, J. M.; MENDONCA, D. J. Communities of practice as learning and performance support systems. **Information Technology: Research and Education**, New Jersey, p. 395-398, 2003. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/1270645>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LAKATOS MARIA EVA, M. A. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

LAKATOS, E. M.; DE ANDRADE MARCONI. **Metodologia Científica**: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis. [S.l.]: Atlas, 1982.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

LATOUR, B. **Science in action**: How to follow scientists and engineers through society. [S.l.]: Harvard university press, 1987.

LATOUR, B. Where Are the Missing Masses? The Sociology of a Few Mundane Artifacts. In: LAW., W. B. A. J. **Shaping technology/building society**: studies in sociotechnical change. [S.l.]: WE Bijker and J. Law. WE Bijker, J. Law, & American Council of Learned Societies, 1992. p. 225-258. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/50-MISSING-MASSES-GB.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LATOUR, B. **We have never been modern**. [S.l.]: Harvester Wheatsheaf. Hemel Hempstead, 1993. Disponível em:

https://monoskop.org/images/e/e4/Latour_Bruno_We_Have_Never_Been_Modern.pdf. Acesso em: 25 maio 2018.

LATOURE, B. **Jamais fomos modernos**. [S.l.]: Editora 34, 1994.

LATOURE, B. **Como prosseguir a tarefa de delinear associações**. [S.l.]: [s.n.], 2006.

LATOURE, B. Network theory networks, societies, spheres: Reflections of an actor-network theorist. **International Journal of Communication**, California, v. 5, p. 15, 2011. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1094/558>. Acesso em: 12 set. 2017.

LATOURE, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. [S.l.]: Edusc, 2012.

LATOURE, B. E. A. **Pandora's hope**: essays on the reality of science studies. [S.l.]: Harvard university press, 1999.

LAVE, J. Situating learning in communities of practice. In: RESNICK, L. B.; LEVINE, J. M.; TEASLEY, S. D. **Perspectives on Socially Shared Cognition**. [S.l.]: [s.n.], v. 2, 1991. p. 63-82. Disponível em: <http://lagim.blogs.brynmawr.edu/files/2015/03/Situating-learning-in-CoPs.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2017.

LAVE, J. Everyday life and learning. **The Fifth European Conference on Organizational Knowledge, Learning and Capabilities**, Austria, 2004. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/soc/ces/research/current/socialtheory/maps/jlave>. Acesso em: 12 abr. 2018.

LAVE, J.; CHAIKLIN, S. **Understanding practice**: Perspectives on activity and context. [S.l.]: [s.n.], 1993. 3-32. p.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning**: Legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge university press, 1991.

LEE, J. S.; VALDERRAMA, K. Building successful communities of practice. **Information Outlook**, v. 7, n. 5, p. 29-32, 2003.

LEITÃO, M. D. R. F. A. Gênero, pesca e cidadania. **Amazônica-Revista de Antropologia**, Belém, v. 5, n. 1, p. 98-115, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/1307>. Acesso em: 11 nov. 2018.

LESSER, E. L.; STORCK, J. Communities of practice and organizational performance. **IBM Systems Journal**, Amsterdam, v. 40, n. 4, 2001. 831-841. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/5386944>. Acesso em: 11 jan. 2018.

LESSER, E.; PRUSAK, L. Communities of practice, social capital, and organizational knowledge. **Elsevier**, Amsterdam, The Netherlands, 2000. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/c3c4/d06e0fd54f8839223b9273de8a0cdd766deb.pdf>
f. Acesso em: 10 jan. 2018.

LUDERMIR, A. B. Inserção produtiva, gênero e saúde mental. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, 3, p. 647-659, jul/set 2000. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2000000300013&script=sci_abstract. Acesso em: 12 mar. 2018.

MACHADO, M. F. Entre a Terra e o Mar: O Trabalho das Mulheres nas Comunidades Pesqueiras no Brasil. **O portal dos Psicólogos**, 2009. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0530.pdf>. Acesso em: 19 mar 2019.

MANESCHY, M. C. Da casa ao mar: papéis das mulheres na construção da pesca responsável. **Proposta**, Rio de Janeiro, v. 84, p. 82-91, 2000. Disponível em: <https://fase.org.br/wp-content/uploads/2016/07/Proposta-Revista-Trimestral-de-Debate-da-Fase-n%C2%BA-84-85-2000-08.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Reimpressão, v. 3, 2010.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCUSE, H. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: _____ **Tecnologia, Guerra e Facismo**. [S.l.]: Ed. UNESP, 1999. p. 71-104.

MARICATO, J. D. M. Procedimentos metodológicos em estudos bibliométricos e cientométricos: opções e reflexões no contexto dos processos de recuperação e organização da informação. In: COSTA, R. L. M. **Estudos contemporâneos em comunicações e artes**: melhores teses e dissertações da ECA/USP. São Paulo: ECA/USP, 2011. p. 1-19. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/302911301_Procedimentos_metodologicos_em_estudos_bibliometricos_e_cientometricos_opcoes_e_reflexoes_no_contexto_dos_processos_de_recuperacao_e_organizacao_da_informacao. Acesso em: 10 fev 2020.

MAROUF, L. N.; KHALIL, O. E. The influence of individual characteristics on knowledge sharing practices, enablers, and barriers in a project management context. **International Journal of Knowledge Management**, Örebro, v. 11, n. 1, p. 1-27, 2015. Disponível em: <https://www.igi-global.com/article/the-influence-of-individual-characteristics-on-knowledge-sharing-practices-enablers-and-barriers-in-a-project-management-context/130706>. Acesso em: 22 jun. 2018.

MARTIN, D. M.; SCHOUTEN, J. W. Consumption-driven market emergence. **Journal of Consumer Research**, United Kingdom, v. 40, n. 5, p. 855-870, 2013. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcr/article-abstract/40/5/855/2907494>. Acesso em: 28 ago. 2018.

- MARTINS, M. L. S. **Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2013. 140 p. Disponível em: <https://www.ri.ufs.br/handle/riufs/4271>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G. Female labor in artisanal fishing: the community of Ilha do Beto, Sergipe, Brazil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 11, n. 2, p. 379-390, Mai-Aug 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222016000200379. Acesso em: 28 ago. 2018.
- MAYA-JARIEGO, I. E. A. Escape the lion cage: Social networks by catch zones of small-scale fisheries in the oil settlement of Lobitos (Peru). **Marine Policy**, United Kingdom, v. 81, p. 340-349, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0308597X17300489>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- MCDERMOTT, R. Why information technology inspired but cannot deliver knowledge management. **California Management Review**, Berkeley, v. 41, n. 4, p. 103-117, 1999. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2307/41166012?journalCode=cmra>. Acesso em: 29 jan. 2018.
- MEDEIROS, C. A. et al. Comprometimento organizacional: o estado da arte da pesquisa no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, v. 7, n. 4, p. 187-209, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-6552003000400010&script=sci_arttext&lng=es. Acesso em: 22 dez. 2017.
- MENDES, S.; PARENTE, T. (In)visibility of women in artisanal fisheries: an analysis on gender questions in Miracema do Tocantins-TO. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 4, n. 2, p. 177-199, dec 2016. Disponível em: <http://gorila.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/5500>. Acesso em: 2 mar. 2018.
- MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. [S.l.]: Melhoramentos, 2018. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portuguesbrasileiro/din%C3%A2mica/>. Acesso em: 28 set. 2018.
- MIOR, L. C. Desenvolvimento Rural: a contribuição da abordagem das redes sociais e sociotécnicas. In: SCHNEIDER, S. **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006. p. 268-293.
- MOORE, L. J.; KOSUT, M. Among the colony: Ethnographic fieldwork, urban bees and intra-species mindfulness. **Ethnography**, California, v. 15, n. 4, p. 516-539, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1466138113505022>. Acesso em: 22 out. 2018.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. [S.l.]: DP & A, 2006.
- MORENO, L. T. A luta pra pescar: reconhecimento e direito social dos pescadores artesanais. **PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho**, Presidente Prudente,

v. 16, n. 2, 2015. Disponível em:

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/3812>. Acesso em: 25 maio 2018.

MOSCOVICI, S. **Psicología de las minorías activas**. [S.l.]: Ediciones Morata, 1996.

MOTTA-MAUÉS, M. A. Pesca de homem / peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. **Etnográfica**, Lisboa, v. 3, n. 2, p. 377-399, 1999. Disponível em:

http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_377-400_.pdf. Acesso em: 16 ago. 2018.

MÜLLER, R. E. A. **As redes de conhecimento nas relações de cooperação interorganizacionais: uma abordagem sobre a relação entre universidade e empresa no cenário brasileiro**. [S.l.]: [s.n.], 2018. Disponível em:

<http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/handle/1/3218>. Acesso em: 3 set. 2018.

MURASSE, C. M. **Dinâmicas de criação e compartilhamento de conhecimento em comunidades virtuais de desenvolvimento de software livre sob a ótica da teoria ator-rede**. [S.l.]: Tese de Doutorado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2019. Disponível em: <http://portal.utfpr.edu.br/cursos/coordenacoes/stricto-sensu/ppgte/defesas/ppgte-doutorado-carlos-mitsuru-murasse>. Acesso em: 5 maio 2019.

NASCIMENTO, D. E. D.; LABIAK JUNIOR, S. **Ambientes e dinâmicas de cooperação para inovação**. [S.l.]: [s.n.], 2011.

NONAKA, I. Redundant, overlapping organization: A Japanese approach to managing the innovation process. **California Management Review**, Berkeley, v. 32, n. 3, p. 27-38, 1990. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2307/41166615>. Acesso em: 2 fev. 2018.

NONAKA, I. **A empresa criadora de conhecimento**. [S.l.]: Harvard Business Review, v. 11, 1991.

NONAKA, I. et al. Organizational knowledge creation theory: a first comprehensive test. **International Business Review**, Amsterdam, v. 3, n. 4, p. 337-351, 1994.

Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0969593194900272>. Acesso em: 22 fev. 2017.

NONAKA, I. T. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NONAKA, I.; KONNO, N. The concept of “Ba”: Building a foundation for knowledge creation. **California management review**, Berkeley, v. 40, n. 3, p. 40-54, 1998.

Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2307/41165942?journalCode=cmra>. Acesso em: 22 fev. 2017.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **The knowledge creation company**: how Japanese companies create the dynamics of innovation. [S.l.]: [s.n.], 1995.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. Teoria da criação do conhecimento organizacional. In: NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008. p. 54-90.

NONAKA, I.; TOYAMA, R. Criação do conhecimento como processo sintetizador. In: NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Gestão do conhecimento**. Tradução de Ana Thorell. Porto Alegre: Bookman, 2008. p. 90-117.

NVIVO. **NVIVO**, 2018. Disponível em: <http://download.qsrinternational.com/Resource/NVivo10/NVivo-10-Overview-Portuguese.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

OCHS, E. et al. Storytelling as a Theory-Building. In: _____ **Discourse processes**. [S.l.]: [s.n.], v. 15, n. 1, 1992. p. 37-72. Disponível em: http://www.sscnet.ucla.edu/anthro/faculty/ochs/articles/Ochs_Taylor_Rudolph_Smith_1992_Storytelling.pdf. Acesso em: 12 fev. 2019.

OLIVEIRA CÔRTEZ, L. H.; ZAPPES, C. A.; DI BENEDITTO, A. P. M. Ethnoecology, gathering techniques and traditional management of the crab *Ucides cordatus* Linnaeus, 1763 in a mangrove forest in south-eastern Brazil. **Ocean & coastal management**, Amsterdam, v. 93, p. 129-138, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0964569114000878>. Acesso em: 5 maio 2018.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1999.

OLIVEIRA, V. P. Uma informação tácita. **DataGramZero. Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 3, 2005.

ONU, M. B. Princípios de empoderamento das mulheres. **ONU Mulheres.org.br**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>. Acesso em: 22 dez. 2017.

PATTINSON, S.; PREECE, D.; DAWSON, P. In search of innovative capabilities of communities of practice: A systematic review and typology for future research. **Management Learning**, California, v. 47, n. 5, p. 506-524, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1350507616646698?journalCode=mlq> b. Acesso em: 22 maio 2018.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço social em revista**, Londrina, v. 2, n. 1, p. 135-145, 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

PAULILO, M. I. Trabalho familiar: uma categoria de análise esquecida. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 12, p. 229-252, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21700>.

PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, Florianópolis, v.5, n. 28, 1987. p. 64-70. Disponível em: <https://naf.ufsc.br/files/2010/09/OPesodoTrabalhoLeve.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

PAULY, D. A vision for marine fisheries in a global blue economy. **Marine Policy**, United Kingdom, v. 87, 2018. 371-374. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0308597X17306929>. Acesso em: 10 jan 2020.

PAUWELS, C. et al. Understanding a new generation incubation model: The accelerator, 2016. **Technovation**, Amsterdam, v. 50-51, p. 13-24.

PEREZ-SOLTERO, A. E. A. A methodological proposal to benefit from team knowledge: An experience in a Mexican SME dedicated to the design of electromechanical devices. **VINE Journal of Information and Knowledge Management Systems**, Melbourne, v. 46, n. 3, p. 298-318, 2016. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/VJKMS-08-2015-0043>. Acesso em: 19 jan. 2018.

PERIÓDICOS CAPES, P. Periódicos Capes. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 23 maio 2019.

PERUZZO, C. M. K. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, Mexico, v. 23, n. 3, p. 161-190, 2017.

PIGMAN, G. A. **The World Economic Forum: a multi-stakeholder approach to global governance**. Routledge: [s.n.], 2007.

POLANYI, M. **Personal knowledge. Towards a post-critical theory**. [S.l.]: [s.n.], 1958.

POLANYI, M. Tacit knowing: Its bearing on some problems of philosophy. **Reviews of modern physics**, v. 34, n. 4, p. 601, 1962.

POLANYI, M. The logic of tacit inference. **Philosophy**, v. 41, n. 155, p. 1-18, 1966.

POLITIZE. 5 dados sobre a participação das mulheres na política brasileira. **Politize.com.br**, 17 mar. 2017. Disponível em: <http://www.politize.com.br/participacao-das-mulheres-na-politica-brasileira/>. Acesso em: 2 jun. 2018.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Povo: Krahô. **Povos indígenas no Brasil**, 2020. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krah%c3%b4>. Acesso em: 15 JUN. 2020.

PPGTE. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. **UTFPR**. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/programas/ppgte/conheca-ppgte>. Acesso em: 3 mar. 2019.

PRADO, A. B.; BARANAUSKAS, M. C. C. Addressing structural and dynamic features of scientific social networks through the lens of Actor-Network Theory. **Social Network Analysis and Mining**, Switzerland, v. 3, n. 4, p. 1263-1276, 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs13278-013-0139-3>. Acesso em: 22 maio 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARAQUEÇABA. Município. Disponível em: <https://www.guaraquecaba.pr.gov.br/?meio=615>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

QUERETTE, E. L. **Comunidades e intermediários de conhecimento em um cluster de empresas de tecnologia**: um estudo das trocas informais de conhecimento através de redes sociais egocentradas. Rio de Janeiro: [s.n.], 2016. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/Emanoel_Loreto_Querette_.pdf. Acesso em: 12 dez. 2018.

RABBITT, S. E. A. What's the catch in who fishes? Fisherwomen's contributions to fisheries and food security in Marovo Lagoon, Solomon Islands. **Marine Policy**, United Kingdom, v. 108, p. 103667, RABBITT, Sheridan et al. What's the catch in who fishes? Fisherwomen's contributions to fisheries and food security in Marovo Lagoon, Solomon Islands. **Marine Policy**, United Kingdom, v. 108, p. 103667, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0308597X18308005>. Acesso em: 10 jan 2020.

RAMALHO, C. W. N. **"Ah, esse povo do mar!"**: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana. [S.l.]: Polis, 2006.

RAMOS, A.; FARIA, P. M.; FARIA, Á. Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. v. 14, n. 41, p. 17-36, 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2269>. Acesso em: 8 maio 2019.

RAY, D. The life cycles of communities of practice. In: COAKES, E. **Encyclopedia of communities of practice in information and knowledge management**. [S.l.]: IGI Global, 2005. p. 323-326.

RODRIGUES, E. A. A participação das mulheres na pesca artesanal: uma pesquisa exploratória no Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro. **Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, 14, 2018. 173-193, Ed. Especial. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/7917>. Acesso em: 10 jan 2020.

SAAVEDRA-DÍAZ, L. M.; ROSENBERG, A. A.; MARTÍN-LÓPEZ, B. Social perceptions of Colombian small-scale marine fisheries conflicts: Insights for management. **Marine Policy**, United Kingdom, v. 56, p. 61-70, 2015. Disponível em: http://www.catedras-bogota.unal.edu.co/catedras/gaitan/2016-1/gaitan_2016_1/docs/lecturas/s01/Socialperceptions.pdf. Acesso em: 22 jun. 2018.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da UFSM**,

Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/view/1555>. Acesso em: 03 jan 2020.

SACK, R. D. Human territoriality: a theory. **Annals of the association of American geographers**, [S. L.], v. 73, n. 1, p. 55-74, 1983. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8306.1983.tb01396.x>. Acesso em: 5 dez. 2018.

SCHEID, N. M. J.; FERRARI, N.; DELIZOICOV, D. Concepções sobre a natureza da ciência num curso de ciências biológicas: imagens que dificultam a educação científica. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 12, n.2, p. 157-181, 2016. Disponível em:

<https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/470>. Acesso em: 22 dez. 2018.

SENCIOLES, S. V. O. **Software social como apoio a gestão do conhecimento organizacional: o uso do wiki**. [S.l.]: Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2014. Disponível em:

<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/881>. Acesso em: 6 out. 2018.

SENGE, P. M. **Escolas que aprendem: um guia da Quinta Disciplina para educadores, pais e todos que se interessam pela educação**. [S.l.]: Artmed, 2004.

SILVA, H. D. F. N. **Criação e compartilhamento de conhecimento em comunidades de prática: Uma Proposta Metodológica**. Florianópolis - SC: [s.n.], 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/87098>. Acesso em: 11 set. 2018.

SNYDER, W. M.; WENGER, E. Our world as a learning system: A communities-of-practice approach. In: BLACKMORE, C. **Social learning systems and communities of practice**. London,: Springer, 2010. p. 107-124. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-84996-133-2_7. Acesso em: 22 abr. 2018.

SOCNETV. Social Network Visualizer. **Socnetv.org**, 2020. Disponível em: <https://socnetv.org/>. Acesso em: 02 jan 2020.

SOLE, D.; EDMONDSON, A. Situated knowledge and learning in dispersed teams. **British journal of management**, New Jersey, v. 13, n. S2, p. S17-S34, 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-8551.13.s2.3>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SOLE, D.; WILSON, D. G. Storytelling in organizations: The power and traps of using stories to share knowledge in organizations. **LILA, Harvard, Graduate School of Education**, Cambridge, p. 1-12, 2001. Disponível em: http://www.providersedge.com/docs/km_articles/Storytelling_in_Organizations.pdf. Acesso em: 12 fev. 2019.

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p.

573-594, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742007000300004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 2 fev. 2018.

SOUSA, L. P. D.; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142016000200123&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 01 fev. 2018.

SOUSA, W. L. E. A. Protagonismo socioeconômico das pescadoras artesanais do bairro Pérola do Maicá, em Santarém Pará. **Ciências da Sociedade**, Santarém, v. 2, 2019. 143-161. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistacienciasdasociedade/article/view/907>. Acesso em: 10 jan 2020.

SOUZA, J. P. Feminismo e política: uma introdução. **Revista Veredas da História**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2017. Disponível em: http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:OjHUIVfjaJMJ:scholar.google.com/+SOUZA,+J.+P.+Feminismo+e+pol%C3%ADtica:+uma+introdu%C3%A7%C3%A3o.&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 22 jul 2018.

STEWART, T. A. **Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

STORCK, J.; HILL, P. A. Knowledge diffusion through “strategic communities”. **Knowledge and communities**, Amsterdam, 2000. 65-83. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780750672931500081>. Acesso em: 3 jan. 2018.

STRAUHS, F. R. et al. **Gestão do conhecimento nas organizações**. [S.l.]: [s.n.], 2012. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/2064>. Acesso em: 12 jul. 2017.

TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. [S.l.]: Bookman, 2008.

TATTO, L.; BORDIN, R. A. Filosofia e Gestão do Conhecimento: um estudo do conhecimento na perspectiva de Nonaka e Takeuchi. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 340-350, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512016000200340&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 18 ago. 2018.

TERRA DE DIREITOS. Pescadores e pescadoras artesanais do Paraná derrotam Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade - ICMBio na justiça. **Terra de Direitos**, 2015. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/pescadores-e-pescadoras-artesanais-do-parana-derrotam-instituto-chico-mendes-de-conservacao-e-biodiversidade-icmbio-na-justica/18088>. Acesso em: 02 mai 2020.

TESTA, L. F. Mulheres sob a ótica patriarcal. **Universidade Tecnológica Federal do Paraná**, 2015. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/8091>. Acesso em: 22 ago. 2018.

THIOLLENT, M. J. Crítica metodológica investigação social e enquete operaria. **Polis**, 1982.

THOMPSON, K. et al. Key characteristics of successful fisheries learning exchanges. **Marine Policy**, United Kingdom, v. 77, p. 205-213, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0308597X16300069>. Acesso em: 13 jun. 2018.

TSOUKAS, H. Knowledge as action, organization as theory: reflections on organizational knowledge. **Emergence, A Journal of Complexity Issues in Organizations and Management**, Arizona, v. 2, n. 4, 2000. 104-112. Disponível em: <https://link-gale.ez48.periodicos.capes.gov.br/apps/do>. Acesso em: 12 fev 2020.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, U. Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade - PPGTE, 2018. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/programas/ppgte/pagina-inicial>. Acesso em: 12 maio 2017.

VASCONCELLOS, M.; DIEGUES, A. C.; SALES, R. R. D. Limites e possibilidades na gestão da pesca artesanal costeira. In: COSTA, A. L. **Nas redes da pesca artesanal**. [S.l.]: IBAMA, 2007. p. 15-83.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VERSCHLEISSER, R. **Com quantos paus se faz uma canoa**: um estudo da canoa caiçara. Rio de Janeiro,: [s.n.], 1990. 203 p.

VON KROGH, G.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Enabling knowledge creation**: How to unlock the mystery of tacit knowledge and release the power of innovation. [S.l.]: Oxford University Press on Demand, 2000.

VON KROGH, G.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Facilitando a criação de conhecimento**: reinventando a empresa com o poder da inovação contínua. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WAJCMAN, J. **Technofeminism**. Cambridge: Polity Press, 2004.

WENGER, E. **Communities of practice**: learning, meaning, and identity. New York: Cambridge University Press, 1998.

WENGER, E. Communities of practice: A brief introduction. **University of Oregon**, 2011. Disponível em: <https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/handle/1794/11736>. Acesso em: 10 out. 2018.

WENGER, E. C.; SNYDER, W. M. Communities of practice: The organizational frontier. **Harvard business review**, Massachusetts, v. 78, n. 1, p. 139-146, 2000. Disponível em: http://www.rareplanet.org/sites/rareplanet.org/files/Communities_of_Practice__The_Organizational_Frontier%5B1%5D.pdf. Acesso em: 19 jan. 2018.

WENGER, E.; MCDERMOTT, R. A.; SNYDER, W. **Cultivating communities of practice**: A guide to managing knowledge. [S.l.]: [s.n.], 2002.

WENGER, E.; WENGER-TRAYNER, B. Levels of participation. **EB Wenger-Trayner**: Heerlen, Swizerland, 2011. Disponivel em: <https://wenger-trayner.com/project/levels-of-participation/>. Acesso em: 10 out. 2018.

WIERINGA, S. E. A. How Knowledge Is Constructed and Exchanged in Virtual Communities of Physicians: Qualitative Study of Mindlines Online. **Journal of Medical Internet Research** , Berlin, v. 20, n. 2, p. e34, 2018. Disponivel em: <https://www.jmir.org/2018/2/e34/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

WILBERT, J. K. W.; DANDOLINI, G. A.; STEIL, A. V. Transformações conceituais de comunidades de prática: da aprendizagem situada à gestão organizacional. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 8, n. n. Esp, p. 102-117, 2018. Disponivel em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/42292>. Acesso em: 17 nov. 2018.

ZACARKIM, C. et al. The panorama of artisanal fisheries of the Araguaia River, Brazil. **Fisheries Science**, Switzerland , v. 81, n. 3, p. 409-416, 2015. Disponivel em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12562-015-0853-z>. Acesso em: 26 fev. 2018.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICES

APÊNDICE A – CONCEITO DE COMUNIDADES DE PRÁTICA

CONCEITOS DE COPS			
Referências	Ano Public.	Conceito e/ou visão do autor	Nº citaç.
LAVE, Jean; WENGER, Etienne. Situated learning: Legitimate peripheral participation. Cambridge University press, 1991.	1991	CoP é um sistema onde as pessoas compartilham o que fazem, o significado disso para suas vidas e para a comunidade, é o conjunto das relações, das atividades e mundo, influenciadas por outras CoPs. Estas práticas devem ser adquiridas ao longo do tempo por meio de negociações e interações. Aprender é um processo social que vai além da sala de aula e da relação professor aluno. O conhecimento se dá por meio de ações práticas informais (PPL) onde se aprende com as pessoas mais experientes e conseqüentemente se apropriam de uma participação plena dentro de uma comunidade.	59.392
BROWN, J.; DUGUID, P. Organizational learning and communities-of-practice. Organization Science, v. 2, n. 1, p. 40-57, 1991	1991	As relações em um ambiente de trabalho formam CoPs que geram inovação e tendem a diminuir a reprodução de ações já praticadas. Elas produzem o conhecimento não-canônico, ou seja, aquele conhecimento que não está escrito, formalizado.	11.368
BROWN, John Seely; GRAY, Estee Solomon. The people are the company. Fast company, v. 1, n. 1, p. 78-82, 1995.	1995	CoP, não é uma equipe nem tampouco um grupo de trabalho, são pessoas que trabalham juntas e que possuem em comum o propósito de conhecer o que os outros conhecem.	295
WENGER, E. Communities of practice: learning, meaning, and identity. New York: Cambridge University Press, 1998	1998	É um processo em que as pessoas se envolvem ativamente nas práticas das comunidades sociais, construindo a identidade social desta comunidade.	45.343
WENGER, E.; SNYDER, W. Communities of practice: the organizational frontier. Harvard Business Review, v. 18, n. 1, p. 139-146, 2000.	2000	Pessoas envolvidas informalmente pela prática compartilhada, que possuem um conhecimento anterior das situações vivenciadas nas empresas.	5.155
STORCK, John; HILL, Patricia A. Knowledge diffusion through "strategic communities". Knowledge and communities, p. 65-83, 2000.	2000	Semelhante as CoP as comunidades estratégicas são criadas pelas empresas para atingir os objetivos estratégicos da organização. Atendem a necessidade a curto prazo, mas geram valor a longo prazo por meio do aprendizado, da inovação e do compartilhamento desses conhecimentos.	477
ALLEE, Verna. Knowledge networks and communities of practice. OD practitioner, v. 32, n. 4, p. 4-13, 2000.	2000	As CoP devem possuir conhecimento para criar o conhecimento organizacional que se compartilha informalmente. São compostas por três elementos: engajamento mútuo, joint-venture e repositório compartilhado.	397
LESSER, Eric; PRUSAK, Laurence. Communities of practice, social capital, and organizational knowledge. Elsevier: Amsterdam, The Netherlands, 2000.	2000	As CoP, dentro das organizações, refletem o interesse dos participantes, porém o gerenciamento deve estar em primeiro lugar. Identificando como indivíduos criam, compartilham, usam o conhecimento e como entendem, no seu ambiente de trabalho, os recursos sociais.	248

Continua

MCDERMOTT, Richard. Why information technology inspired but cannot deliver knowledge management. California management review, v. 41, n. 4, p. 103-117, 1999.	1999	O conhecimento pertence às comunidades, ele flui por meio destas comunidades profissionais de geração em geração. Criar comunidades é utilizar a energia natural, pois as pessoas espontaneamente procuram ajuda, compartilham ideias e desenvolvem conhecimentos. Isso faz com que a capacidade de conhecimento de uma empresa seja impulsionada.	1.739
LESSER, Eric L; STORCK, John. Communities of practice and organizational performance. IBM systems journal, v. 40, n. 4, p. 831-841, 2001.	2001	A participação das CoPs é essencial para a criação e compartilhamento do conhecimento. As memórias organizacionais das pessoas desencadeiam características sui generis para a solução de tarefas. A CoP pode solicitar a um especialista, ajuda para a solução de um determinado assunto.	1266
GONGLA, Patricia; RIZZUTO, Christine R Evolving communities of practice: IBM Global Services experience. IBM systems journal, v. 40, n. 4, p. 842-862, 2001.	2001	John Seely Brown, na década de 1980 explorou a ideia de "CoP", cujo conceito foi difundido por Lave e Wenger (1991). Esta concepção foi denominada por "comunidades de aprendizagem" na Hewlett-Packard, "grupos familiares" na Xerox, "temática de grupos" no World Bank, "grupos de pares" na British Petroleum e "conhecimento em redes" no IBM Global Services. A CoP é um grupo de indivíduos que em determinado contexto, compartilham de uma tarefa, onde a comunicação é essencial para a solução de um problema.	503
DAVENPORT, Elisabeth; HALL, Hazel. New knowledge and micro-level online organization: Communities of Practice as a development framework. In: System Sciences, 2001. Proceedings of the 34th Annual Hawaii International Conference on. IEEE, 2001. p. 10 pp.	2001	John Seely Brown, na década de 1980 explorou a ideia de "CoP", cujo conceito foi difundido por Lave e Wenger (1991). Esta concepção foi denominada por "comunidades de aprendizagem" na Hewlett-Packard, "grupos familiares" na Xerox, "temática de grupos" no World Bank, "grupos de pares" na British Petroleum e "conhecimento em redes" no IBM Global Services. A CoP é um grupo de indivíduos que em determinado contexto, compartilham de uma tarefa, onde a comunicação é essencial para a solução de um problema. As situações práticas do grupo são compartilhadas e vistas, muitas vezes, como uma infraestrutura social que facilita e compartilha conhecimentos, ferramentas físicas e conceituais entre os membros.	32
WENGER, Etienne; MCDERMOTT, Richard Arnold; SNYDER, William. Cultivating communities of practice: A guide to managing knowledge. Harvard Business Press, 2002.	2002	As CoPs são grupos de pessoas que compartilham de um objetivo. Buscam conhecimento e expertise por meio da interação contínua que agrega valor. Não há necessidade de trabalharem constantemente juntas, no entanto, compartilham informações, insights e conselhos, se auxiliam mutuamente na resolução de problemas, discutem sobre suas aspirações, situações e necessidades. Ponderam a respeito da visão de cada um, explorando ideias, ações e limites. Podem criar ferramentas, padrões, desenhos genéricos, manuais e outros documentos, ou podem simplesmente desenvolver uma compreensão tácita do que é compartilhado. Elas acumulam conhecimento, agregam valor para o seu trabalho, o que resulta	11.342

		em satisfação pessoal de pertencer a um grupo e de conhecer pessoas com interesses semelhantes, fortalecem as relações pessoais e formas de interação. Desenvolvem uma visão específica sobre suas atividades, formando um grupo de conhecimento, práticas e teorias, ampliando também o senso comum de identidade.	
SOLE, Deborah; EDMONDSON, Amy. Situated knowledge and learning in dispersed teams. <i>British journal of management</i> , v. 13, n. S2, 2002.	2002	As práticas e conhecimentos são criados por meio de interações interpessoais.	477
LACONTORA, J. M.; MENDONCA, D. J. Communities of practice as learning and performance support systems. In: <i>Information Technology: Research and Education</i> , 2003. Proceedings. ITRE 2003. International Conference on. IEEE, 2003. p. 395-398.	2003	A empresa conjunta surge quando os membros da comunidade adotam coletivamente um conjunto de preocupações e interesses que eles consideram	14
HAKANSON, L.. Epistemic communities and cluster dynamics: On the role of knowledge in industrial districts. <i>Industry and innovation</i> , v. 12, n. 4, p. 433-463, 2005. on the role of knowledge in industrial districts. <i>Academy of Management Best Conference Paper</i> , p. E1-E6, 2005.	2005	O outro lado disso é que os membros da mesma CoP podem compartilhar mais facilmente o conhecimento do que as pessoas que operam em diferentes CoPs ou não fazem parte de uma CoP	212
HARA, Noriko; SCHWEN, Thomas M. Communities of practice in workplaces. <i>Performance Improvement Quarterly</i> , v. 19, n. 2, p. 93-114, 2006.	2006	Engajamento, comunicação, compartilhamento de conhecimento, práticas interpessoais ocorre na CoP com a finalidade de resolver problemas.	66
CHU, Mei-Tai; KHOSLA, Rajiv; NISHIDA, Toyoaki. Communities of practice model driven knowledge management in multinational knowledge-based enterprises. <i>Journal of Intelligent Manufacturing</i> , v. 23, n. 5, p. 1707-1720, 2012.	2012	É um grupo, com visões e experiências diferentes, envolvidos por um trabalho real. Possuem objetivos e interesses em comum, criando novos conhecimentos, para a resolução de problemas e para a evolução da comunidade.	16
BELL, Geoffrey G.; LAI, Fujun; LI, Dahui. Firm orientation, community of practice, and Internet-enabled interfirm communication: Evidence from Chinese firms. <i>The Journal of Strategic Information Systems</i> , v. 21, n. 3, p. 201-215, 2012: Evidence from Chinese firms. <i>The Journal of Strategic Information Systems</i> , v. 21, n. 3, p. 201-215, 2012.	2012	São indivíduos que compartilham papéis organizacionais e enfrentam problemas e desafios semelhantes dentro das organizações.	15

APÊNDICE B – CORPUS DE ANÁLISE DINÂMICO

ITEM	AUTOR	ARTIGO
1	ASWATHY, P.; KALPANA, K.	Good woman, bad woman: Social control and self-regulation in Kerala's artisanal fisheries. In: Women's Studies International Forum. Pergamon, 2019. p. 196-203.
2	BAIRD, Ian G.; MANOROM, Kanokwan.	Migrating fish and mobile knowledge: situated fishers' knowledge and social networks in the lower Mekong River Basin in Thailand, Laos and Cambodia. <i>Mobilities</i> , v. 14, n. 6, p. 762-777, 2019.
3	BALSALOBRE, Berenice Pereira; <i>et al.</i>	Mulheres pescam, sim: pesca artesanal continental em Porto Said, Botucatu [SP]. <i>Labor E Engenho</i> , v. 12, n. 2, p. 230-239, 2018.
4	CALHOUN, Sarah; CONWAY, Flaxen; RUSSELL, Suzanne.	Acknowledging the voice of women: implications for fisheries management and policy. <i>Marine Policy</i> , v. 74, p. 292-299, 2016.
5	CHOUDHURY, Mahed-Ul-Islam; HAQUE, C. Emdad; HABIB, Sanzida.	Participatory exclusion of women in natural resource management: silent voices from wetland communities in Bangladesh. <i>Community Development Journal</i> , p. 1-19, 2016.
6	COETZEE, Hendri C. <i>et al.</i>	Artisanal fisheries in the Ndumo area of the lower Phongolo River floodplain, South Africa. <i>Koedoe</i> , v. 57, n. 1, p. 1-6, 2015.
7	CROWLEY, Caren <i>et al.</i>	Community of Practice: A flexible construct for understanding SME networking roles in the Irish artisan cheese sector. <i>Journal of rural studies</i> , v. 64, p. 50-62, 2018.
8	OLIVEIRA CÔRTEZ, Laura Helena; ZAPPES, Camilah Antunes; DI BENEDITTO, Ana Paula Madeira.	Ethnoecology, gathering techniques and traditional management of the crab <i>Ucides cordatus</i> Linnaeus, 1763 in a mangrove forest in south-eastern Brazil. <i>Ocean & coastal management</i> , v. 93, p. 129-138, 2014.
9	SOUSA, Wandicleia Lopes <i>et al.</i>	Protagonismo socioeconômico das pescadoras artesanais do bairro Pérola do Maicá, em Santarém Pará. <i>REVISTA CIÊNCIAS DA SOCIEDADE</i> , v. 2, n. 4, p. 143-161, 2019.
10	DEB, Apurba Krishna.	'Surrender to nature': Worldviews and rituals of the small-scale coastal fishers of Bangladesh. <i>Marine Policy</i> , 2018.
11	FADIGAS, Amanda BM.	Vulnerability factors of shell fisherwomen in the face of oil spill events: An analysis of the Prestige case. <i>International journal of disaster risk reduction</i> , v. 24, p. 560-567, 2017.
12	FIORELLA, Kathryn J. <i>et al.</i>	Fishing for food? Analyzing links between fishing livelihoods and food security around Lake Victoria, Kenya. <i>Food Security</i> , v. 6, n. 6, p. 851-860, 2014.
13	FLETCHER, Jeannie.	Social communities in a knowledge enabling organizational context: Interaction and relational engagement in a community of practice and a micro-community of knowledge. <i>Discourse & Communication</i> , v. 8, n. 4, p. 351-369, 2014.

Continua

Continuação

14	GILL, Lorena Almeida.	Um ofício em transformação: a pesca artesanal contada por quem a pratica (Pelotas, RS). <i>Mundos do Trabalho</i> , v. 11, p. 1-17, 2019.
15	HAUZER, Melissa; DEARDEN, Philip; MURRAY, Grant.	The fisherwomen of Ngazidja island, Comoros: Fisheries livelihoods, impacts, and implications for management. <i>Fisheries Research</i> , v. 140, p. 28-35, 2013
16	KHALIL, Kathayoon; ARDOIN, Nicole M.; WOJCIK, Deborah.	Social learning within a community of practice: Investigating interactions about evaluation among zoo education professionals. <i>Evaluation and program planning</i> , v. 61, p. 45-54, 2017.
17	KHAN, Fatima Noor <i>et al.</i>	Women's perspectives of small-scale fisheries and environmental change in Chilika lagoon, India. <i>Maritime studies</i> , v. 17, n. 2, p. 145, 2018.
18	KIMMERLE, Joachim <i>et al.</i>	Knowledge construction in an outsider community: Extending the communities of practice concept. <i>Computers in Human Behavior</i> , v. 29, n. 3, p. 1078-1090, 2013.
19	KITTINGER, John N.	Participatory fishing community assessments to support coral reef fisheries comanagement. <i>Pacific Science</i> , v. 67, n. 3, p. 361-381, 2013.
20	MAROUF, Laila N.; KHALIL, Omar EM.	The influence of individual characteristics on knowledge sharing practices, enablers, and barriers in a project management context. <i>International Journal of Knowledge Management (IJKM)</i> , v. 11, n. 1, p. 1-27, 2015.
21	MARTIN, Diane M.; SCHOUTEN, John W.	Consumption-driven market emergence. <i>Journal of Consumer Research</i> , v. 40, n. 5, p. 855-870, 2013.
22	MARTINS, Mary Lourdes Santana; ALVIM, Ronaldo Gomes.	Female labor in artisanal fishing: the community of Ilha do Beto, Sergipe, Brazil. <i>Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas</i> , v. 11, n. 2, p. 379-390, 2016.
23	MAYA-JARIEGO, Isidro <i>et al.</i>	Escape the lion cage: Social networks by catch zones of small-scale fisheries in the oil settlement of Lobitos (Peru). <i>Marine Policy</i> , v. 81, p. 340-349, 2017.
24	MENDES, Soraya Helena de A. M. Araújo; PARENTE, Temis G. P. Gomes.	(In)visibility of women in artisanal fisheries: an analysis on gender questions in Miracema do Tocantins-TO
25	MOORE, Lisa Jean; KOSUT, Mary.	Among the colony: Ethnographic fieldwork, urban bees and intra-species mindfulness. <i>Ethnography</i> , v. 15, n. 4, p. 516-539, 2014.
26	PATTINSON, Steven; PREECE, David; DAWSON, Patrick.	In search of innovative capabilities of communities of practice: A systematic review and typology for future research. <i>Management Learning</i> , v. 47, n. 5, p. 506-524, 2016.
27	PRADO, Alysson Bolognesi; BARANAUSKAS, Maria Cecília Calani.	Addressing structural and dynamic features of scientific social networks through the lens of Actor-Network Theory. <i>Social Network Analysis and Mining</i> , v. 3, n. 4, p. 1263-1276, 2013.

Continua

Continuação

28	RABBITT, Sheridan <i>et al.</i>	What's the catch in who fishes? Fisherwomen's contributions to fisheries and food security in Marovo Lagoon, Solomon Islands. <i>Marine Policy</i> , v. 108, p. 103667, 2019.
29	RODRIGUES, D., H., X., B., C.; <i>et al.</i>	A participação das mulheres na pesca artesanal: uma pesquisa exploratória no Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro. <i>R. Tecnol. Soc.</i> , Curitiba, v. 14, n. 32, p. 173-193, Ed. Especial. 2018.
30	SAAVEDRA-DÍAZ, Lina M.; ROSENBERG, Andrew A.; MARTÍN-LÓPEZ, Berta.	Social perceptions of Colombian small-scale marine fisheries conflicts: Insights for management. <i>Marine Policy</i> , v. 56, p. 61-70, 2015.
31	THOMPSON, Katie R. <i>et al.</i>	Key characteristics of successful fisheries learning exchanges. <i>Marine Policy</i> , v. 77, p. 205-213, 2017.
32	UDUJI, Joseph Ikechukwu; OKOLO-OBASI, Eida Nduka.	Does corporate social responsibility (CSR) impact on development of women in small-scale fisheries of sub-Saharan Africa? Evidence from coastal communities of Niger Delta in Nigeria. <i>Marine policy</i> , 2018.
33	ZACARKIM, Carlos Eduardo <i>et al.</i>	The panorama of artisanal fisheries of the Araguaia River, Brazil. <i>Fisheries Science</i> , v. 81, n. 3, p. 409-416, 2015.
34	ZAPPES, Camilah Antunes <i>et al.</i>	Artisanal fishing and the franciscana (<i>Pontoporia blainvillei</i>) in Southern Brazil: ethnoecology from the fishing practice. <i>Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom</i> , v. 98, n. 4, p. 867-877, 2018.

APENDICE C – QUADRO 11 - UNIDADES DE REGISTRO

ARTIGOS	PALAVRAS MAIS CITADAS	FREQUÊNCIA	UNIDADE DE CONTEXTO	UNIDADE DE REGISTRO
THOMPSON, Katie R. <i>et al.</i> Key characteristics of successful fisheries learning exchanges. Marine Policy , v. 77, p. 205-213, 2017.	FLE	130	FLEs are used globally as tools to improve fisheries management. The Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO) recommends FLEs as tools to bridge the gaps in knowledge that exist among fishing communities , specifically small-scale fisheries in developing countries	Pescadoras
	Fishers	41	The four themes were: Fishing in Marine Reserves, Reasonable Fishing , Fisher's Role in Fisheries Management, and Organization to Optimize Fishing .	Pescadoras
	Community	23	Where appropriate these exchanges may include other fishery stakeholders and members of the wider community .	Comunidade
KIMMERLE, Joachim <i>et al.</i> Knowledge construction in an outsider community: Extending the communities of practice concept. Computers in Human Behaviour , v. 29, n. 3, p. 1078-1090, 2013.	CoP	53	We analysed how knowledge construction takes place in such a community that represents an outsider position which is not accepted by majority society. For this purpose, we applied the Community of Practice (CoP) concept as a guideline for our analysis and found that many well-known activities of <i>CoPs</i> were true of the <i>Urkost community</i> .	Comunidade
	Knowledge	48	Followers of a health-related community exchange information and opinions in order to pass on and develop relevant knowledge .	Conhecimento
	Practice	26	Through sharing common interests and practice , the members develop relevant competencies and knowledge.	Comunidade
FLETCHER, Jeannie. Social communities in a knowledge enabling organizational context: Interaction and relational engagement in a community of practice and a micro-community of knowledge. Discour	Knowledge	60	Organizations comprise many social communities which arguably contribute to organizational knowledge creation . Two of these are the widely discussed community of practice and the lesser known micro-community of knowledge .	Conhecimento
	Practice	33	Mutual engagement in the same practice over time 'creates among participants relations of mutual accountability that become an integral part of the practice '	Comunidade

Continua

Continuação

se & Communication, v. 8, n. 4, p. 351-369, 2014.	Community	30	Propose a different kind of social community which they term the 'micro- community of knowledge'	Comunidade
	CoP	20	Communities of practice (CofPs) are contexts of organizational learning, in which newer members acquire knowledge through their participation in a regime of competence	Comunidade
KHALIL, Kathayoon; ARDOIN, Nicole M.; WOJCIK, Deborah. Social learning within a community of practice: Investigating interactions about evaluation among zoo education professionals. Evaluation and program planning , v. 61, p. 45-54, 2017.	Network	52	SNA also has been applied to the analysis of project-based networks to better understand circumstances where a network develops around a fixed-duration project.	TAR
	Community	36	To what extent does the community that forms exemplify the characteristics of a CoP and what community characteristics emerged?	Comunidade
	CoP	30	The community of practice (CoP) framework is one such application and social learning in a CoP occurs through experience	Comunidade
PATTINSON, Steven; PREECE, David; DAWSON, Patrick. In search of innovative capabilities of communities of practice: A systematic review and typology for future research. Management Learning , v. 47, n. 5, p. 506-524, 2016.	CoPs	102	Understand the contexts within which CoPs enable or constrain innovative capabilities. The framework we propose here is intended to act as a heuristic guide for steering organizations along a pathway that promotes effective CoPs . This framework is intended to provide insights for organizations about how they might provide practical support for constructing CoPs which enhance rather than constrain their innovative capabilities.	Comunidade
	Knowledge	88	Attention has shifted from a concern with the transmission and reproduction of knowledge towards their utility for enhancing innovative potential.	Conhecimento
	Communities	66	as 'dispersed collaborative environments', referring to those communities found within and across organizations which support the development of close collaborative relationships built on trust and reciprocity	Comunidade
	Collaborative	22	Support the development of close collaborative relationships built on trust and reciprocity	Comunidade

Continua

Continuação

<p>MAROUF, Laila N.; KHALIL, Omar EM. The influence of individual characteristics on knowledge sharing practices, enablers, and barriers in a project management context. International Journal of Knowledge Management (IJKM), v. 11, n. 1, p. 1-27, 2015.</p>	Knowledge	134	It also investigated the influence of a number of individual characteristics on KS , enablers and barriers. The findings confirm that Knowledge is partially shared within departments, and the employees have varying views on KS enablers and barriers.	Conhecimento
	Practices	41	In addition, gender, age, department type and job type have varying effects on the perceived KS practices , organizational enablers, and IT enablers and barriers. These findings and their implications are further discussed in the paper.	Comunidade
	Sharing	77	Knowledge sharing (KS) ensures that information is made available and is distributed within or across organizational boundaries (Grant, 1996).	Conhecimento
<p>OLIVEIRA CÔRTEZ, Laura Helena; ZAPPES, Camilah Antunes; DI BENEDITTO, Ana Paula Madeira. Ethnoecology, gathering techniques and traditional management of the crab <i>Ucides cordatus</i> Linnaeus, 1763 in a mangrove forest in south-eastern Brazil. Ocean & coastal management, v. 93, p. 129-138, 2014.</p>	Tradicional	36	The existence of a traditional management system in this crab-gathering activity illustrates the fact that traditional knowledge can be applied in the conservation process. Traditional knowledge can help researchers to understand the environmental conflicts and interests of a community	Pesca
	Community	30	For the first contact in the community of Atafona, the interviewer/researcher (L.H.O. Côrtes) had the aid of an employee of the local Fishery Department who lives in the community and served as a local guide (S.R. Gomes). In Gargaú, the local guide was the President of Fishermen's Colony Z-1 (J.G. Soares). The selection of the first respondent in each community was carried out with the assistance of the local guides. After contacting the second respondent, we applied the snowball sampling method, in which a potential respondent was indicated by community members who had already responded to the questionnaire (Bailey, 1982; Patton, 1990)	Comunidade
	Knowledge	27	The existence of a traditional management system in this crab-gathering activity illustrates the fact that traditional knowledge can be applied in the conservation process. Integration of traditional knowledge with scientific knowledge plays a critical role in the development and execution of management plans.	Conhecimento

Continua

Continuação

<p>CHOUDHURY, Mahed-UI-Islam; HAQUE, C. Emdad; HABIB, Sanzida. Participatory exclusion of women in natural resource management: silent voices from wetland communities in Bangladesh. Community Development Journal, p. 1-19, 2016.</p>	Women	89	<p>A comprehensive notion of marginalizing women denotes the ways women, especially the poor and disadvantaged, are excluded from participatory institutions. Women's individual and social endowments and their coping skills to deal with the social relations of power (especially gender and class) largely determine the participation outcome. Women's exclusion or relegation to the role of silent participants in community-based organizations (CBO) is a form of participatory exclusion – which implies the process of rejection from seemingly participatory institutions (Agarwal, 2001).</p>	Mulheres
	Participatory	31	<p>[W]hether strategic muteness is evidence of the conscious exercise of agency or merely another manifestation of the hegemonic inequitable social structures... [if] participatory spaces are imbued with power relations that may result in the conscious and unconscious self-muting of disadvantaged people...space and location shape the ability to exercise agency through voice (Cleaver, 2007, pp. 236–237)</p>	TAR
	Gender	28	<p>Habitus is also age, gender, or class specific; it shapes individuals' potentiality or capabilities to raise one's voice while individuals are capable of overcoming the constraints of habitus through the conscious exercise of agency and through drawing on various forms of capital (Cleaver, 2007).</p>	Mulheres
	Female	22	<p>For instance, one female RMO member we interviewed was also a local Union Parishad (UP – the lowest administrative unit) member. As such, she holds significant degree of symbolic capital (e.g. honour) and social power compared to both male and female FRUG (non-RMO) members.</p>	Mulheres
<p>CALHOUN, Sarah; CONWAY, Flaxen; RUSSELL, Suzanne. Acknowledging the voice of women: implications for fisheries management and policy. Marine</p>	Fisheries	54	<p>How the catch shares are distributed varies by fishery and is determined by the regional Fisheries Management Council, but often results in numerous ecological and social impacts.... Current research is being conducted by NOAA Fisheries to evaluate social impacts from the transition to catch shares management in the groundfish fishery.</p>	Pescadoras

Continua

Continuação

<p>Policy, v. 74, p. 292-299, 2016.</p>	Community	43	Adaptation strategies that were mentioned as beneficial to the community , and therefore a positive indicator of well-being, included collaboration in research, development of community networks, innovative market opportunities, and increased skill sets for managing the family business.	Comunidades
	Women	37	I think, because of the scientific and fishermen collaboration, it has opened up more roles for women . Because you already have that basis of 'yeah, we do book work and whatnot,' but now it's more accepted for you to attend meetings and show an interest. Where before, when it was just a 'boys club,' you weren't accepted, you weren't wanted there. I don't feel like we have fully carved out our niche, but I think it's getting there... I think that's what like about it; you can see the generational difference we're making as women .	Mulheres
<p>MARTINS, Mary Lourdes Santana; ALVIM, Ronaldo Gomes. Female labor in artisanal fishing: the community of Ilha do Beto, Sergipe, Brazil. <i>Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas</i>, v. 11, n. 2, p. 379-390, 2016.</p>	Women	46	Among the municipalities that make up the southern coast of the state of Sergipe, Itaporanga D'Ajuda aroused a singular interest for the development of the study, given the significant participation of women in artisanal fishing, a reality not observed in other municipalities. In a previous survey near the fishermen's colony Z-91, it was found that women corresponded to the majority of the percentage of registrations. Many have their own boat and go fishing with other women or their families, which determine the activity of the day	Mulheres
	Fisherwomen	39	It is in this context of participation and the role of women in this sector of production that the present work is inserted, whose purpose is to reveal the attributions and singularities of a group of fisherwomen , a community called Ilha do Beto, located in the municipality of Itaporanga D 'Ajuda, south coast of the state of Sergipe. The role played by the fishewomen in the afore mentioned community is opposed to the practices of submission between the genera, common in the fishing universe.	Pescadoras

Continua

Continuação

	Artisanal	28	Most fisherwomen have been on the island for over ten years. According to what has been verified, the main reason for remaining in the place is the meeting the needs of survival, achieved thanks to the accomplishment of the artisanal fishing. However, due to the daily practice of artisanal fishing, Beto Island is conceived by fisherwomen not only as an appropriate place for the activity, from which they obtain their source of survival, but above all as the space where rich interactions are established between the people and of these with the environment in which they live.	Pesca
	Community	26	The secondary role attributed to women's work is not a reality limited to all communities that obtain their survival form from fishing resources. The group of fishermen of the Ilha do Beto community is a notable example of opposition to this reality.	Comunidade
COETZEE, Hendri C. <i>et al.</i> Artisanal fisheries in the Ndumo area of the lower Phongolo River floodplain, South Africa. Koedoe , v. 57, n. 1, p. 1-6, 2015.	Fisheries	12	Throughout central and southern Africa, inland water bodies are important sources for artisanal fisheries (Andrew, Rouhani & Seti 2000; Turpie <i>et al.</i> 1999). These multi-species fisheries are generally highly productive and a major contributor to the livelihoods of many local communities (Baker 2008; Neiland & Béné 2006), especially in the large lake systems in central and eastern Africa (Heck, Béné & Reyes-Gaskin 2007). In South Africa, however, the relative scarcity of wetlands means that those who operate artisanal fisheries , especially in floodplains, are not experienced in generating high levels of fishery productivity, with the exception of some of the larger systems such as the Phongolo floodplain (Acreman & Hollis 1996; Merron & Weldrick 1995; Ross & Ross 2012).	Pescadoras
SAAVEDRA-DÍAZ, Lina M.; ROSENBERG, Andrew A.; MARTÍN-LÓPEZ, Berta. Social perceptions of Colombian small-scale marine fisheries conflicts: Insights for management. Marin	Fisheries	102	Fisheries experts have wide technical knowledge at the level of regions, but they may miss important issues that fishermen and local leaders observe. In particular, fishermen and local leaders viewed the viento y marea fishing style as a big problem because it represents not only open access to fishing resources but also unlimited access to fishing territory. However,	Pescadoras

Continua

Continuação

<p>e Policy, v. 56, p. 61-70, 2015.</p>		<p>viento y marea was not identified by fisheries experts as a problem.</p>	
	Community	46 <p>On the one hand, local leaders analysed problems more based on community common sense. Although most communities rely mainly on fishing activity, the problems detected by leaders are not only affecting fishermen but also all inhabitants in each coastal community, such as lack of public services and presence of forcibly displaced people. Leaders also prioritized a key conflict that was of lower priority to fishermen; in order to aim for fishery management actions it is fundamental that there are structured and robust fishermen's organizations.</p>	Comunidade
<p>DEB, Apurba Krishna. 'Surrender to nature': Worldviews and rituals of the small-scale coastal fishers of Bangladesh. Marine Policy, 2018.</p>	Fisheries	128 <p>It is considered good to see a snake, sparrow, milking cow, or a Vaishnava (pious saint). Fishers start on an auspicious day and time¹⁰ (shuvo din) at dawn (usha jatra). Saturday and Tuesday are considered bad, while Thursday is considered the best day for a journey. Whistling on the pathway or on boat is believed to bring strong whirling winds. While fishing at sea, fishers never annoy or attack Ganga kobutor (Herring gull, <i>Larus argentatus</i>). They consider the bird as forerunner of the deity Ganga, a guide in locating set bag nets in the sea, and aid in finding shoreward direction [12]. They prefer to see dolphin but dislike to sees harks. Fishers step on the boat using the right leg and never keep black bags, eggs, or yellow bananas on the boat.</p>	Pescadoras Continuação
	Nets	21 <p>As per almanac's dictation and in consultation with the most knowledgeable head laborer (agar gaor/holla naiya), the steerer (majhi) anchors the boat at the desired fishing site. The steerer sanctifies the spot by sprinkling holy water. To tie up nets, fishers who operate estuarine and marine set bag nets insert iron pipe (khuti/goje) into the seabed. The steerer or the head laborer plays a unique role by singing stimulating folksong</p>	TAR

Continua

Continuação

	Knowledge	17	To respond to the needs of adaptation and survival, humans evolve sets of rituals in their socio-cultural systems that regulate relations within and among groups, and with non-human components of the immediate ecosystems. The importance of the rites and rituals is far greater to the fishing families than what can be envisaged from mere etymological meanings or religious nexus. Hindu caste-based coastal fishers are exceedingly rich in indigenous ecological knowledge [12], and the associated divination upkeeps the experiential and pragmatic knowledge system that sustains their livelihoods.	Conhecimento
<p> FIORELLA, Kathryn J. et al. Fishing for food? Analyzing links between fishing livelihoods and food security around Lake Victoria, Kenya. Food Security, v. 6, n. 6, p. 851-860, 2014. </p>	Fishing	38	Understanding why those engaged in food productions often are food insecure is complicated by the intricate pathways from fishing nets to dinner plates, and the dynamics of productions stem affected by such factors as resource depletion, globalized markets, price fluctuations and climate change. Fishing livelihoods are of particular concern as 90 % of fishers work in small-scale fishing operations and most operate in economically developing countries (FAO 2012b).	Pescadoras
<p> HAUZER, Melissa; DEARDEN, Philip; MURRAY, Grant. The fisherwomen of Ngazidja island, Comoros: Fisheries livelihoods, impacts, and implications for management. Fisheries Research, v. 140, p. 28-35, 2013 </p>	Women	83	A lack of information on the women's harvesting activities is a particularly serious problem in the Comoros as it could lead to poorly designed management interventions with unintended but potentially significant impacts on livelihoods and food security. For example, local fisheries authorities have recently attempted to ban women from fishing as their practices are considered destructive to near-shore reefs and juvenile fish populations, yet authorities know very little about fisher women's activities	Mulheres

Continua

Continuação

	Fisherwomen	64	<p>Data-collection for this study took place from July to December 2009, and June to August 2010 and was part of a larger study on artisanal fisheries management and practices on Ngazidja. An initial scoping phase was conducted to identify potential study sites, determine interest in participation, and gather baseline information to inform questionnaire design. The scoping phase involved interviewing authorities from the state fisheries department and the National Fishing Syndicate and visiting four communities to meet with fisherwomen. Permission to conduct interviews and take photos in each of the villages was granted by the study participants and village leaders. Data were collected using key-informant interviews, focus group discussions, and participant observation. Some overlap in questions existed so that findings could be validated using multiple tools. Study participants included expert fisherwomen, leaders of fisherwomen's cooperatives or working groups, and authorities from the National Fisheries Department and National Fishing Syndicate.</p>	Pescadoras
	Cooperatives	18	<p>Most of the working groups and cooperatives have been in operation for five to ten years and were created as a means to share the work and increase harvests, collectively pool money to purchase equipment, and to unite and empower fisherwomen through collective organization. The organizations also act as an important forum for sharing skills and passing on knowledge to younger generations. Villages may have multiple combinations of working groups and cooperatives. Hantsindzi and Mitsamiouli, for example, have groups and cooperatives greatly varying in size, structure, and management. Chinidini, on the other hand, has no organized working groups or cooperatives; women simply arrange to fish together when so desired, while others fish alone</p>	Comunidade

Continua

Continuação

	Knowledge	17	As most women have been fishing since they were children and were taught by their elders, they maintain significant local expertise on fishing techniques, gear fabrication, marine weather conditions, and marine species and habitats, including a detailed folk taxonomy and impressive knowledge of species' behaviour. The transfer of knowledge between generations of fisherwomen occurs in a relatively informal manner whereby elder fisherwomen demonstrate fishing skills and pass on their knowledge through oral instruction as they fish. In this way, young girls learn to fish by accompanying their elders to sea and learning-by-doing, rather than through a more structured apprenticeship as occurs among male fishers and has been described in other societies (e.g., Ohmagari and Berkes, 1997; Ruddle, 1994).	Conhecimento
MENDES, Soraya Helena de Araújo. (In) visibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero na colônia de pescadores e pescadoras z-16 em Miracema do Tocantins/TO. 2016.	Fisherwomen	57	It was assumed that the fisherwomen participate in all activities that constitute fishing but are (in) visible in the spaces they occupy, since fishing is conceived by both women and men as a traditionally male activity and fisherwomen , even if they are aware of all fishing activities, label their work as "help."	Pescadoras
	Women	39	The gender category, therefore, is indispensable for the understanding of this study, since the places that men and women occupy in the artisanal fishing can be understood from her. The concept of gender here is based on the cultural and historical perspective undertaken by Scott (1990, 2012), since the concept exerts influence on the behaviour of men and women in the different places where they are inserted. "Gender is the first way of giving meaning to power relations. That is, gender is a first field, within which or through which power is articulated "(SCOTT, 1990, p.16).	Mulheres

Continua

Continuação

	Relations	22	These women started their fishing activities in their childhood, usually with their father, brother, uncle and / or aunt. It can be noticed that parents, grandparents, uncles and aunts, brothers and sisters, sons and daughters, nephews and nieces are involved in fishing - relations of kinship have moved the activity since antiquity. According to Cardoso (2011: 46), "fishing initiation permeates various levels of kinship and the webs of relationships established in fishing communities are fundamental for the socialization of people in the context of the activity."	Mulheres
	Social	19	In addition to the importance of the productive potential of small-scale fishing, which has great possibilities for expansion of its activities, the role of fishermen and fisherfolk as major maintainers and creators of cultural habits and traditions must also be considered great social value for the strengthening and preservation of the national culture.	Pescadoras
MAYA-Jariego, I., Querevalú-Miñán, J. F., Varela, L. G., & Ávila, J. Escape the lion cage: Social networks by catch zones of small-scale fisheries in the oil settlement of Lobitos (Peru). Marine Policy , v. 81, p. 340-349, 2017.	Fishing	194	Actors who are better connected to other coves are more likely to fish in the areas of Cabo Blanco and Los Órganos, close to these other fishing enclaves (e.g. 26, 28 and 1). Also, in some cases they have relatives or have lived temporarily in other fishing enclaves (this is the case of 26 and 12). When Lobitos was still a military base, there were cases where the army appropriated fishing to feed the troops, among other abuses to the local population. This caused some families to emigrate to other fishing enclaves of the coast and, after returning, have maintained ties with them over time.	Pescadoras

Continua

Continuação

	Artisanal	43	<p>More direct competition is experienced with industrial fishing fleets, both because both artisanal and industrial fisheries may exploit the same species; and because of the greater technological sophistication of the latter. Artisanal fishermen in Latin America and the Caribbean frequently complain that industrial fishing invades the areas closest to the coast, degrades the seabed, and negatively affects the biological productivity of marine ecosystem [12,7]. On the Peruvian coast, artisanal communities coexist with an industrial fishery that in the 1960s became the largest in the world [33,38]. Artisanal fishermen catch barely four percent of the total fish landed in Peru, despite being the main suppliers for domestic consumption [17]. With high levels of debt and low bargaining power on price, small-scale fisheries are ineffective [18]. In recent years the fishing effort of the small-scale fleet has continued to grow, while overall catch volume and volume of catches per vessel have declined [18,4]. In this context, intensive fishing is usually perceived as being a major threat to the continuity of artisanal fisheries.</p>	Pesca
	Community	30	<p>Using this combination of methods, the structure of external and internal relationships of the small-scale fishing community was examined. The distribution of groups within the community provides an understanding of readiness to interact openly with the several local economic actors.</p>	Comunidade
	Network	20	<p>The analysis of the skipper networks was carried out in May 2016. Quantitative data served as a contrast to previous ethnographic work. For the network analysis, a questionnaire was circulated with questions concerning fishing activity, together with a name generator of acquaintances' relationships, information exchange and social support among artisanal boat skippers. UCINET 6 [9], and Visone 2.9 [10] was used for network analysis and visualization. The participants and instruments used in this second stage of the study are detailed below.</p>	TAR

Continua

Continuação

<p>KITTINGER, John N. Participatory fishing community assessments to support coral reef fisheries comanagement. Pacific Science, v. 67, n. 3, p. 361-381, 2013.</p>	Fisheries	72	<p>Co management and other community based approaches have gained significant attention in traditional and small-scale coastal fisheries in the tropical Pacific for the potential to sustain the flow of beneficial ecosystem goods and services and integrate customary methods of resource management. Coastal nearshore fisheries in the tropical Pacific are multispecies, multi gear fisheries that are typically data poor (Dalzell <i>et al.</i> 1996) and thus not amenable to conventional fishery management approaches that rely heavily on data intensive stock assessments to determine maximum sustainable yields (Johannes 1998, Ruddle and Hickey 2008, Friedlander <i>et al.</i> 2013)</p>	Pescadoras
	Community	52	<p>Fishing community capacity and willingness to engage in local planning and stewardship efforts was gauged through a series of questions that assessed fishers' involvement in local organizations and fishery - related activities and their perceptions of current fisheries enforcement. A subsequent section focused more fully on assessing levels of support for proposed management actions. The level of involvement of the fishing community in local organizations and activities is high, as indicated by fishers' participation in public meetings, fishing tournaments, and community organizations. This indicates a high level of community capacity to engage in management, as gauged through participation in community-based events and organizations.</p>	Comunidade
<p>MARTIN, Diane M.; SCHOUTEN, John W. Consumption-driven market emergence. Journal of Consumer Research, v. 40, n. 5, p. 855-870, 2013.</p>	Actors	46	<p>The core construct in ANT is the actor-network, understood as a heterogeneous assemblage of human, nonhuman, and hybrid actors. The assemblage is inherently unstable, constantly being performed through the interactions among various actors in concert or opposition (Callon 1986; Law 2008). The relations are generative and together may assemble, stabilize, or destabilize a network. A central tenet of ANT is that all actors, including nonhuman ones, have agency to the extent that they affect the actions of other actors (Latour 2005). For example, rules, standards,</p>	TAR

Continua

Continuação

			technologies, and infrastructures all exert shaping and limiting agency over human behaviours and practices.	
	ANT	30	ANT is our chosen theoretical framework in this study of market formation, but it is not a theory per se. Rather, it is a constructivist (Latour 2005) ontological epistemology (Law 2004) for investigating and theorizing social phenomena. ANT was developed by sociologists of science and technology in order to account for the roles of materiality in social life, something that gets lost in a science that privileges cognition and social construction (Callon1986; Latour2005; Law 2004). Social constructionist theories locate agency entirely within human subjects and relegate nonhuman entities to object status. In contrast, " ANT argues that there is no purely material, just as there is no purely social, and this belief in their separation and separability is a modernist fiction" (Gille 2010, 1051). The core construct in ANT is the actor-network, understood as a heterogeneous assemblage of human, nonhuman, and hybrid actors.	TAR
MOORE, Lisa Jean; KOSUT, Mary. Among the colony: Ethnographic fieldwork, urban bees and intra-species mindfulness. Ethnography , v. 15, n. 4, p. 516-539, 2014.	Non-human	21	We cannot prove this bee-centered theory, but we can begin to speculate using intra-species mindfulness as an ethical method that understands that animals have a world that is unknown to us. Intra-species mindfulness works to reveal our intraspecies relationships of co-constitution whereby we become human through our engagement with non-human animals, and it strives toward a way to describe this enmeshment through de-privileging language. Through visual observation, sensation, taste, sound, and forms of affect, we can attempt to access or get at what is happening to bees, and other non-human animals we are enmeshed with.	TAR

Continua

Continuação

	Social	18	Like honeybees, humans are also social creatures who would likely not survive as solitary beings. On a basic emotional and psychological level, we require intimate and physical connections with significant others in order to feel and be human. For our purposes, Actor Network Theory provides us with an initial way to consider bees as part of a social network whereby bees can be both discursively produced and simultaneously materially present.	TAR
	Human	66	Many animals and objects are already decidedly 'other' and, as such, seemingly impenetrable by human measures or interpretations. However, bees are perhaps not 'silent witnesses' but buzzing witnesses to humans – whereby children and adults are narrating the bees' behaviour through somatic clues – the buzz, the sting, the smell, the productivity. We are typically most comfortable revealing and criticizing the anthropomorphizing that humans (including ourselves) do to bees.	TAR
PRADO, Alysson Bolognesi; BARANAUSKAS, Maria Cecília Calani. Addressing structural and dynamic features of scientific social networks through the lens of Actor-Network Theory. Social Network Analysis and Mining , v. 3, n. 4, p. 1263-1276, 2013.	Social	77	To understand social phenomena in general, sociology traditionally begins with the definition of social fact: a human manifestation that is not part of the physical, biological or psychological domains. A social fact is recognized by the "power of external coercion which it exercises or is able to exercise over individuals" (Durkheim 2007 page 10) giving rise to a structure that is beyond people but directs their behaviour.	TAR
	Actors	53	The focus of the ANT is on associations formed among the actors , resulting in a network. The concept of interaction is expanded and shall encompass interference, delegations, and joints between all kinds of actors .	TAR
	ANT	45	What ANT can contribute beyond those approaches is the statement that both human and nonhuman actors must be equally addressed, leading to situations in which the types of actors are equally probable to be central to the group, helping to find who or what is relevant to a community with no a priori assumption.	TAR

Continua

Continuação

	Networks	37	On the other hand, an alternative sociological branch, the Actor- Network Theory (ANT), proposes that relations with the nonhuman elements have the same importance in understanding social phenomena (Latour 2005). This is aligned to more recent proposals of multimodal social networks (Latapy <i>et al.</i> 2008; Singh <i>et al.</i> 2007), in which nodes in the same graph structure can have a broader range of nature	TAR
	Community	17	Beginning from a snapshot of the community that captures its social structure at a specific moment in time, several events can occur that modify this structure: shrinking, growing, splitting, merging, dissolving, or forming a new one. They are performed by adding or removing edges and/or vertices, and the outcome is another snapshot, which can be compared to the first to extract some features that may characterize the behaviour of such community .	Comunidade
ZACARKIM, C. E. Piana, P. A., Baumgartner, G., & Aranha, J. M. R. The panorama of artisanal fisheries of the Araguaia River, Brazil. Fisheries Science , v. 81, n. 3, p. 409-416, 2015.	Fishing	52	A common type of analysis used by water resource managers involves the evaluation of fishery landings at ports and landing sites. Although the information collected in this manner does not measure the fishing effort exerted, it does allow evaluation of exploited species, number of fish caught per period, and birthplace, gender, and age demographics of fishers [9–11]. In addition to obtaining landing data, the quantification of small-scale commercial fishing efforts makes it possible to interpret changes in the amount of fish captured, to assess the impacts of new fishing practices, tackle types, and changes in the abundance of stock, and to regulate fishing efficiency to maximize profits and minimize over fishing [7].	Pescadoras
	Artisanal	18	In Brazil, artisanal fisheries play a key role in fish production, accounting for over 60 % of continental landings. The northern region is responsible for 55.7 % of Brazilian freshwater fish production, which totalled 248,911 t in 2010, and which is driven by the states of Amazonas (70,896 t) and Pará (50,949 t). A large proportion (~40 %) of the artisanal fishers of Brazil are also concentrated in this region, particularly in the states of Pará and	Pesca

Continua

Continuação

			Tocantins, which are home to 223,501 and 6,263 fishers, respectively [12, 13].	
	Nets	14	Based on the species ordination according to fisher gender and the selection of fishing gear used for artisanal fishery catches in the Araguaia River, it was possible to determine that gill nets and cast nets were the types of equipment used most frequently among men and women, with men making use of gill nets and handlines, while women used cast nets and rods more often. Gill nets and longlines are employed passively along the banks of the Araguaia River and its tributaries, while cast nets , rods, and handlines are employed at specific times and during certain periods.	TAR

Fonte: Autoria própria (2018).

APÊNDICE D – TERMO DE ANUÊNCIA MOPEAR

TERMO DE ANUÊNCIA À PESQUISA - EMITIDA PELO MOVIMENTO DE PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS E CAIÇARAS DO LITORAL DO PARANÁ - MOPEAR

Considerando o art. 216 da CF; a Convenção nº 169 da OIT; Decreto Federal nº 6040/2017 e o Protocolo de Consulta para Pesquisas em Territórios de Pescadores(as) Artesanais/Caiçaras de Guaraqueçaba, Paraná, dentre outros.

Nós, Coordenadores do Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais e Caiçaras do Litoral do Paraná (MOPEAR), estivemos reunidos na data de 18/08/2019, na comunidade/cidade de Paranaguá, a fim de dialogar sobre a proposta de pesquisa elaborada por ELAINE TERESA MANDELLI ARNS, vinculada à instituição Universidade Tecnológica do Paraná – UTFPR e com o seguinte título/tema: **A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO COLETIVO EM UMA COMUNIDADE DE MULHERES PESCADORAS NA REGIÃO DE GUARAQUEÇABA – PR.**

Após as dúvidas terem sido sanadas, e as condicionantes do Movimento terem sido consideradas, declaramos que a pesquisa pode ser realizada em nosso território, desde que os compromissos firmados nesta data sejam respeitados.

Assim, emitimos o presente TERMO DE ANUÊNCIA À PESQUISA a pesquisadora ELAINE TERESA MANDELLI ARNS, RG n.º 3.520.107-6, válido pelo período de um ano ou até a data de defesa da tese.

Em caso de descumprimento dos compromissos firmados que levem à prejuízos de nossa cultura ou território, teremos o direito de suspender o Termo de Anuência à Pesquisa emitido, significando que proibimos o uso e/ou o acesso às informações obtidas conosco ou sobre nosso território. Somado a isto, poderemos, ainda, emitir uma Nota de Repúdio à Pesquisa, endereçada tanto à instituição proponente quanto à sociedade, de um modo geral.

Declaramos, ainda, que nós, abaixo assinados, apoiaremos a pesquisa conforme nossas possibilidades, mantendo-nos abertos ao diálogo constante.

APÊNDICE E – TABELA 4 – LEVANTAMENTO BIBLIOMÉTRICO

DESCRITORES	WEB OF SCIENCE	SCOPUS	SCIENCE DIRECT	OASIS	CAPIES
Community of Practice	9	202	170	7	19
Knowledge Construction	14	3	986	4	8.385
Actor Network Theory	59	7	578	6	3.717
Artisanal Fishing or Small-Scale Fish	10	1	471	6	42
Female or Woman or Women and Work or Labor or Occupation	1115	680	4.040	29	677
Environments of Knowledge Creation or Capacity Contexts or Ba	595	376	0	228	5.806
Collaborative Networks or Netweaving or Complex Networks	39	557	0	14	753
Community of Practice or Communities of Practice and Construction of Knowledge or Knowledge Construction	10	0	170	5	1
Community of Practice or Communities of Practice and Actor Network Theory	55	0	170	5	0
Community of Practice or Communities of Practice and Artisanal Fishing or Small-Scale Fish and Fisherwomen or Fisherwoman	16	0	1	0	0
Community of Practice or Communities of Practice and Female or Woman or Women and Work or Labor or Occupation	16	0	0	0	0
Community of Practice or Communities of Practice and Environments of Knowledge Creation or Capacity Contexts or Ba	31	0	170	5	0
Community of Practice or Communities of Practice and Collaborative Networks or Netweaving or Complex Networks	1	0	4	0	1
Construction of Knowledge or Knowledge Construction and Actor-Network Theory or Actor Network Theory	80	0	151	4	78
Construction of Knowledge or Knowledge Construction and Artisanal Fishing or Small-Scale Fish and Fisherwomen or Fisherwoman	35	0	0	0	0
Construction of Knowledge or Knowledge Construction and Female or Woman or Women and Work or Labor or Occupation	35	0	0	0	0
Construction of Knowledge or Knowledge Construction and Environments of Knowledge Creation or Capacity Contexts or Ba	46	0	151	4	0
Construction of Knowledge or Knowledge Construction and Collaborative Networks or Netweaving or Complex Networks	5	1	151	4	24
Actor-Network Theory or Actor Network Theory and Artisanal Fishing or Small-Scale Fish and Fisherwomen or Fisherwoman	6	0	0	0	0
Actor-Network Theory or Actor Network Theory and Female or Woman or Women and Work or Labor or Occupation	10	0	0	0	0
Actor-Network Theory or Actor Network Theory and Environments of Knowledge Creation or Capacity Contexts or Ba	6	0	0	6	0

Continua

Actor-Network Theory or Actor Network Theory and Collaborative Networks or Netweaving or Complex Networks	9	0	0	6	24
Artisanal Fishing or Small-Scale Fish or Fisherwomen or Fisherwoman and Female or Woman or Women and Work or Labor or Occupation	6	0	0	0	0
Artisanal Fishing or Small-Scale Fish or Fisherwomen or Fisherwoman and Environments of Knowledge Creation or Capacity Contexts or Ba	0	0	0	0	0
Artisanal Fishing or Small-Scale Fish or Fisherwomen or Fisherwoman and Collaborative Networks or Netweaving or Complex Networks	4	0	0	0	0
Environments of Knowledge Creation or Capacity Contexts or Ba and Collaborative Networks or Netweaving or Complex Networks	0	0	0	0	0
Knowledge Construction and Community of Practice and Actor-Network Theory and Fishing or Fisherw* and Collaborative Networks or Netweaving or Complex Networks and Environments of Knowledge Creation or Capacity Contexts or Ba	0	0	0	0	0
Knowledge Construction and Community of Practice and Actor-Network Theory and Fishing or Fisherw* and Collaborative Networks or Netweaving or Complex Networks	0	0	0	0	0
Knowledge Construction and Community of Practice and Actor-Network Theory and Fishing or Fisherw*	0	0	0	0	0
Knowledge Construction and Community of Practice and Actor-Network Theory	0	0	0	0	3
Knowledge Construction and Community of Practice	4	0	0	0	65

APÊNDICE F – ESTRATÉGIAS DE BUSCA NVIVO

Categorias	Termos pesquisados PORTUGUÊS	Termos pesquisados INGLÊS
01.1 Construção do conhecimento	Tácito OU Prática OU Confiança OU "Contexto capacitante" OU "Modelo SECI" OU SECI OU Socialização OU Externalização OU Combinação OU Internalização OU "Visão de conhecimento" OU Conversas OU Conversa OU "Ativistas do conhecimento"	Tacit OU Practice OU Confidence OU "Enabling context" OU "SECI Model" OU SECI OU Socialization OU Outsourcing OU Combination OU Internalization OU "Knowledge view" OU Conversations OU conversation "Knowledge activists"
01.2 Pescadoras artesanais	Mulheres OR mulher OR "Pesca artesanal" OR "Pesca em pequena escala" OR Pescadoras OR Pescadora OR "Trabalho feminino" OR Social OR Pertencimento OR Território OR Conhecimento OR Tácito OR Prática OR "Identidade profissional" OR "Tipos de pescas" OR "Rendimento familiar" OR Sustentabilidade OR Interação OR Técnicas OR "Instrumentos de trabalho" OR "Instrumento de trabalho"	Women OR woman OR "Artisanal fishing" OR "Small-scale fishing" OR Fishermen OR "Female work" OR Social OR Belonging OR Territory OR Knowledge OR Tacit OR Practice OR "Professional identity" OR "Types of fisheries" OR "Family income" OR Sustainability OR Interaction OR Techniques OR "Work instruments"
01.3 Teoria Ator-Rede	Agência OR Ator OR Actante OR Humano OR barco OR rede OR mar OR tempo OR sol OR chuva OR vento OR lua OR maré OR "Construção do conhecimento" OR Interações OR Relações	Agency OR Actor OR Actant OR Human OR Non-human OR boat OR net OR sea OR weather OR sun OR rain OR wind OR moon OR tide OR "Knowledge construction" OR Interaction OR Relations
01.4 Trabalho feminino	Pesca OU Trabalho OU Pais OU Maridos OU Marido OU invisibilidade	Fishing OR Job OR Parents OR Husbands OR Husband OR Invisibility
01.5 Comunidades de prática	"Aprendizagem social" OR Social OR Conhecer OR Comunidade OR Conhecimento OR aprendizagem OR Envolvimento OR Significado OR Ajuda OR Pertencimento OR Identidade OR Prática OR Experiência OR Paixão OR Objetivo OR Confiança OR "Satisfação pessoal"	"Social learning" OR Social OR "To know" OR Knowing OR Community OR Knowledge OR learning OR Involvement OR Meaning OR Help OR collaboration OR Belonging OR Identity OR Practice OR Experience OR Passion OR Goal OR Confidence OR "Personal satisfaction"

APÊNDICE G – ANÁLISE SISTEMÁTICA

TÍTULO	CONTEXTO	PROBLEMA	OBJETIVO	METODOLOGIA	RESULTADO	TEORIA
CALHOUN, Sarah; CONWAY, Flaxen; RUSSELL, Suzanne. Reconhecendo a voz das mulheres: implicações para a gestão e política da pesca. <i>Marine Policy</i> , v. 74, p. 292-299, 2016.	Implicações para a gestão e políticas da pesca	Como os sistemas de gerenciamento podem afetar os papéis e a participação das mulheres na indústria.	Coletar dados de história oral relacionados a estratégias passadas e atuais para abordar a resiliência da família de pesca e da comunidade ao longo do tempo.	Os dados foram coletados usando uma mistura de história oral e metodologia de entrevista semiestruturada.	Complementam a literatura sobre os papéis das mulheres nos EUA e fornecem a atenção necessária à sua contribuição para o bem-estar, resiliência e capacidade adaptativa da indústria de pesca comercial em desenvolvimento no Oregon.	Comunidades de prática Pesca e mulheres
PRADO, Alysson Bolognesi; BARANAUSKAS, Maria Cecília Calani. Abordando as características estruturais e dinâmicas das redes sociais científicas através das lentes da Teoria Actor-Rede. <i>Social Network Analysis and Mining</i> , v. 3, n. 4, p. 1263-1276, 2013.	Relações entre os atores humanos e não-humanos são igualmente importantes para compreender os fenômenos sociais.	Quais as possibilidades de usar o ANT para caracterização de domínio e design de <i>software</i> . Em uma instância real de redes sociais.	Dada a natureza social da produção de conhecimento pelos cientistas, estes são candidatos potenciais para o uso de <i>software</i> social e, portanto, suas relações sociais devem ser mapeadas e documentadas.	Pesquisa etnográfica	Os resultados de um estudo estrutural oferecem uma representação gráfica que permite a análise quantitativa e qualitativa da rede social, enquanto o estudo de caso de evolução temporal sugere que as associações cíclicas são mais propensas a persistir.	Teoria Ator-Rede
MOORE, Lisa Jean; KOSUT, Mary. Entre a colônia: trabalho de campo etnográfico, abelhas	Estudos críticos em animais	Como interpretar e traduzir as ações de outra espécie enquanto resistimos	Desafios de conduzir a observação participante de múltiplas	Pesquisa etnográfica - observação participante	Sugerem que essa abordagem baseada em ANT melhora a análise e o	Teoria Ator-Rede

Continua

urbanas e apicultores interespecies. Ethnography, v. 15, n. 4, p. 516-539, 2014.		às descrições antropomórficas	espécies (apicultores e abelhas)		engajamento de stakeholders em um projeto	
COETZEE, Hendri C. et al. Pesca artesanal na área de Ndumo da planície de inundação do rio Phongolo, África do Sul. Koedoe, v. 57, n. 1, p. 1-6, 2015.	A pesca artesanal ou de pequena escala auxilia no sustento das pessoas.	Estudos sobre o peixe local populações e suas taxas reprodutivas sejam conduzidas para que o impacto real sobre os peixes populações podem ser determinadas com maior precisão.	Investigar o status da pesca artesanal no baixo Phongolo Várzea do rio em Kwazulu-Natal do norte, África do Sul	Desenvolvimento de um questionário e pesquisa entre as cinco aldeias ribeirinhas da Reserva de Caça Ndumo.	Os resultados revelaram que o peixe foi a terceira proteína mais consumida.	Comunidades de prática Pesca artesanal
MARTIN, Diane M.; SCHOUTEN, John W. Emergência do mercado impulsionada pelo consumo. Journal of Consumer Research, v. 40, n. 5, p. 855-870, 2013.	O mercado da indústria de motocicletas impulsionado pela consumo	A luta do consumidor contra as lógicas dominantes do mercado.	Desenvolve um modelo de emergência de mercado impulsionado pelo consumo harmonioso entre as ofertas de mercado existentes.	Pesquisa etnográfica	Os resultados revelam um processo de múltiplas traduções em que os consumidores mobilizam atores humanos e não humanos para co-constituir produtos, práticas e infraestrutura.	Teoria Ator-Rede
MAYA-JARIEGO, Isidro et al. Escapar da jaula dos leões: Redes sociais por zonas de captura de pequena pesca no assentamento petrolífero de Lobitos (Peru). Marine Policy,	Comunidades de pescadores artesanais e a indústria do petróleo.	Este artigo considera Lobitos, um enclave de pesca no norte do Peru, onde o assentamento de petróleo mais antigo da América L	O foco principal é a organização da comunidade e o desenvolvimento das pescarias.	Pesquisa etnográfica	Os resultados mostraram a desconfiança e as atitudes negativas dos pescadores em relação às empresas petrolíferas e à frota pesqueira industrial.	Comunidades de prática Pesca artesanal

v. 81, p. 340-349, 2017.		atina foi estabelecido.				
OLIVEIRA CÔRTEZ, Laura Helena; ZAPPES, Camilah Antunes; DI BENEDITTO, Ana Paula Madeira. Etnoecologia, técnicas de coleta e manejo tradicional do caranguejo <i>Ucides cordatus</i> Linnaeus, 1763 em um manguezal no sudeste do Brasil. <i>Ocean & coastal management</i> , v. 93, p. 129-138, 2014.	Técnicas de coleta e manejo tradicional do caranguejo <i>Ucides cordatus</i> Linnaeus	Qual a capacidade dos coletores para identificar corretamente as espécies-alvo e descrever aspectos de sua biologia, ecologia e comportamento. Como as comunidades desenvolvem sistemas de gestão tradicionais que promovam a sustentabilidade desse recurso e a manutenção da atividade de coleta no futuro.	A integração do conhecimento tradicional com o conhecimento científico desempenha um papel crítico no desenvolvimento e execução de planos de gestão.	Pesquisa etnográfica	As percepções culturais podem, auxiliar na resposta a questões ambientais. Os catadores locais são excelentes candidatos para atuar como parceiros em atividades de pesquisa e no desenvolvimento de planos de manejo local.	Construção do conhecimento, Conhecimento tradicional e pesca artesanal
MARTINS, Mary Lourdes Santana; ALVIM, Ronaldo Gomes. Trabalho feminino na pesca artesanal: a comunidade da Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. <i>Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi</i> .	O trabalho das mulheres na pesca artesanal	O papel das mulheres nesse universo é, com algumas exceções, caracterizado pela invisibilidade e desvalorização de seu trabalho, muitas vezes entendido como uma extensão das tarefas	A participação feminina na atividade pesqueira é uma alternativa de subsistência, fonte de trabalho e renda para muitas famílias em todo o país	Pesquisa etnográfica	O papel desempenhado por estas pescadoras assume um significado diferente, uma vez que reconhecem sua contribuição no ofício.	Comunidades de prática Pesca artesanal, trabalho feminino

Ciências Humanas, v. 11, n. 2, p. 379-390, 2016.		domésticas e não como uma pesca real.				
<p> FIORELLA, Kathryn J. et al. Fishing for food? Analyzing links between fishing livelihoods and food security around Lake Victoria, Kenya. Food Security, v. 6, n. 6, p. 851-860, 2014. </p>	Subsistência e segurança alimentar	Quais as ligações entre os meios de subsistência da pesca e a segurança alimentar ao redor do Lago Vitória.	Analisar as ligações entre a subsistência da pesca e a segurança alimentar ao redor do Lago Vitória, no Quênia.	Amostragem representativa por meio de questionários	Resultados sugerem que fatores socioeconômicos podem ser mais importantes do que a participação em meios de subsistência produtores de alimentos para predizer o consumo domiciliar de alimentos de alta qualidade.	Comunidades de prática Pesca artesanal
<p> PATTINSON, Steven; PREECE, David; DAWSON, Patrick. Em busca de capacidades inovadoras de comunidades de prática: Uma revisão sistemática e tipologia para pesquisas futuras. Management Learning, v. 47, n. 5, p. 506-524, 2016. </p>	Aprendizagem organizacional em comunidades de prática	As CoPs permitem ou limitam as capacidades inovadoras nas organizações.	Contribuir para o aprendizado e o conhecimento em administração e organizações por meio de uma avaliação crítica daquilo que muitas vezes são conclusões concorrentes e contraditórias.	Revisão de literatura	Identifica-se quatro maneiras principais pelas quais as comunidades de prática permitem e restringem capacidades inovadoras como (a) facilitadores da aprendizagem para a inovação, (b) plataformas situadas para ocupações profissionais, (c) ambientes colaborativos dispersos e) estruturas de governança projetadas para o propósito.	Comunidades de Prática
<p> MENDES, Soraya Helena de Araújo. (In) visibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero na colônia de </p>	Gênero, pesca artesanal e invisibilidade	Falta de visibilidade acadêmica a essas atividades, invisíveis devido às questões de gênero, uma vez que atuam como um marcador	Analisar a (in)visibilidade das atividades pesqueiras realizadas pelas mulheres associadas à Colônia de	História Oral	As pescadoras realizam todas as atividades que constituem a pesca artesanal profissional, desde a confecção dos apetrechos de pesca até o beneficiamento	Comunidades de prática Pesca artesanal, trabalho feminino

pescadores e pescadoras z-16 em Miracema do Tocantins/TO. 2016.		cultural no processo de construção e reprodução social dos sujeitos	Pescadores Profissionais Artesanais Z-16 em Miracema do Tocantins e (Copemito).		do pescado. Portanto, são visíveis.	
THOMPSON, Katie R. et al. Principais características de intercâmbios de aprendizagem bem sucedidos em pescarias. Marine Policy, v. 77, p. 205-213, 2017.	Compartilhamento de aprendizagem	Quais são as principais características de sucesso FLEs?	Examinar as principais características de intercâmbios de aprendizado de pesca bem sucedidos (FLEs).	Entrevistas de História Oral e aplicação de questionários	Os dados obtidos apontam que as pescadoras realizam todas as atividades que constituem a pesca artesanal profissional, desde a confecção dos apetrechos de pesca até o beneficiamento do pescado. Portanto, são visíveis	Comunidades de prática Pesca artesanal, Gênero
KIMMERLE, Joachim et al. Construção de conhecimento em uma comunidade de forasteiros: ampliando o conceito de comunidades de prática. Computers in Human Behaviour, v. 29, n. 3, p. 1078-1090, 2013.	Construção do conhecimento em uma comunidade virtual	Uma comunidade de prática virtual compartilha sua experiência e conhecimento de maneiras criativas e fluentes que promovem novas abordagens para os problemas.	Analisamos como a construção do conhecimento ocorre em uma comunidade que representa uma posição de fora que não é aceita pela sociedade majoritária.	Análise qualitativa baseada em teoria e seguiu-se a sociologia hermenêutica do conhecimento, abordagem teórica e metodológica.	Apresentamos uma análise empírica de um fórum na Web em que os seguidores de uma comunidade relacionada à saúde trocam informações e opiniões para transmitir e desenvolver o conhecimento relevante	Comunidades de Prática e Construção do conhecimento
CHOUDHURY, Mahed-UI-Islam; HAQUE, C. Emdad; HABIB, Sanzida. Exclusão participativa de mulheres no manejo de recursos naturais: vozes	Exclusão das mulheres na gestão dos recursos naturais	As mulheres geralmente são excluídas da gestão participativa dos recursos naturais, apesar de tais atividades serem amplamente	Examinar a exclusão participativa de mulheres da gestão coletiva de recursos naturais em	Teoria de campo, capital e habitus de Bourdieu, e a noção de agência de Giddens,	Revelam que as mulheres nas comunidades locais frequentemente se excluem das instituições participativas devido à dotação familiar e sua capacidade limitada de	Comunidades de prática Mulheres

silenciosas de comunidades de zonas úmidas em Bangladesh. Community Development Jornal, p. 1-19, 2016.		consideradas pelos formuladores de políticas e tomadores de decisão como processos neutros em termos de gênero.	comunidades de zonas úmidas		lidar com as normas hegemônicas (ie habitus).	
KITTINGER, John N. Avaliações da comunidade de pesca participativa para apoiar o eco gerenciamento das pescarias de recife de coral. Pacific Science, v. 67, n. 3, p. 361-381, 2013.	Dimensões da pesca artesanal	Desafios e oportunidades para a pesca artesanal e de pequena escala e o papel da pesquisa de dimensões humanas na governança sustentável desses sistemas de recursos	Ilustrar a utilidade de avaliações participativas em comunidades, instituições e organizações à medida que elas se transformam em arranjos de gerenciamento.	Pesquisa participativa com membros da comunidade	A compreensão suficiente dos aspectos sociais , econômicos e culturais desses sistemas socioecológico ligados é fundamental para determinar os caminhos para a sustentabilidade.	Comunidades de prática Pesca artesanal, subsistência
FLETCHER, Jeannie. Comunidades sociais em um contexto organizacional favorável ao conhecimento: Interação e engajamento relacional em uma comunidade de prática e uma microcomunidade de conhecimento. Discourse & Communication, v. 8,	Comunidades sociais favorecem a criação e o compartilhamento do conhecimento	Embora as comunidades de prática tenham sido reconhecidas como contextos tanto para a aprendizagem como para o desenvolvimento de relações colegiais, pouca atenção tem sido dada às microcomunidades de conhecimento.	Demonstra as maneiras pelas quais os participantes "fazem colegialidade" para estabelecer o engajamento relacional.	Estudo de caso	Apesar de serem dois contextos interacionais distintos, o repertório de habilidades relacionais necessárias e o potencial para a aprendizagem social através da participação nesses dois tipos de comunidades torna-os não apenas complementares, mas firmemente interdependentes.	Comunidades sociais, contexto capacitante,

<p>n. 4, p. 351-369, 2014.</p>						
<p>KHALIL, Kathayoon; ARDOIN, Nicole M.; WOJCIK, Deborah. Aprendizagem social dentro de uma comunidade de prática: Investigando interações sobre avaliação entre profissionais de educação em zoológicos. <i>Evolution and program planning</i>, v. 61, p. 45-54, 2017.</p>	<p>Interações entre profissionais e a aprendizagem social dentro de uma comunidade de prática:</p>	<p>RQ1: Até que ponto a comunidade que se forma entre os membros da equipe do ZooCamp exemplifica as características de uma CoP organizada em torno de uma tarefa compartilhada (avaliação)?</p> <p>RQ2: Quais as novas características da comunidade que emergiram dos dados?</p> <p>RQ3: Como as relações entre os educadores, com base na avaliação, mudam ao longo da temporada de acampamento?</p>	<p>Examina como os profissionais de educação em zoológicos se envolvem uns com os outros em uma comunidade de aprendizagem relacionada à avaliação.</p>	<p>Grupos focais e entrevistas, pesquisa de redes sociais, seguindo os métodos propostos por Wasserman e Faust (1994).</p>	<p>Sugerem que os papéis dos indivíduos em uma comunidade de aprendizagem em rede são influenciados por fatores como a conveniência comunicativa e as percepções dos especialistas em avaliação, que também contribuem para formar e manter relações profissionais.</p>	<p>Comunidade de prática, comunidades de aprendizagem</p>
<p>SAAVEDRA-DÍAZ, Lina M.; ROSENBERG, Andrew A.; MARTÍN-LÓPEZ, Berta.</p>	<p>A percepção de conflitos sociais</p>	<p>As informações são limitadas sobre as pescarias colombianas disponíveis em</p>	<p>Descreve os problemas que afetam atualmente a atividade pesqueira de pequena escala</p>	<p>Entrevistas e reuniões da comunidade foram cuidadosamente</p>	<p>Apresentam a oportunidade de focar a atenção da gerência em questões-chave que podem ser abordadas com co-gestão pelas</p>	<p>Comunidades de prática Pesca artesanal</p>

Percepções sociais dos conflitos colombianos de pesca marinha em pequena escala: insights para a gestão. Marine Policy, v. 56, p. 61-70, 2015.		fontes governamentais	e os recursos pesqueiros na Colômbia,	codificados para produzir uma imagem quantitativa	comunidades em cooperação com o governo.	
DEB, Apurba Krishna. Renda-se à natureza: visões de mundo e rituais dos pequenos pescadores costeiros de Bangladesh. Marine Policy, 2018.	Visões de mundo e rituais dos pescadores	Quais as articulações abrangentes das culturas pesqueiras de elementos naturais e não naturais do ecossistema marinho dentro do quadro mais amplo da antropologia marítima .	Demonstra As visões de mundo e as crenças populares associadas ao peixe e à pesca sintetizam um rica história das sociedades bengalesas amantes dos peixes .	Pesquisa etnográfico	Mostrou que as emoções, interesses e preparação psicológica dos pescadores se cristalizam em torno de observâncias rituais que variam de um contínuo a outro. valores além dos domínios religiosos discursivos. É importante ressaltar que embora comportamentos rituais, crenças e práticas em ecossistemas e culturas sejam de caráter local, suas mensagens filosóficas têm apelo universal.	Comunidades de prática Pesca artesanal
HAUZER, Melissa; DEARDEN, Philip; MURRAY, Grant. Pescadoras da ilha de Ngazidja, Comores: subsistência da pesca, impactos e implicações para a gestão. Fisheries	Pesca como meio de subsistência, impactos e implicações para a gestão	Embora as mulheres em Ngazidja tenham pescado por gerações, as autoridades recentemente tentaram proibi-las de pescar, já que suas práticas são consideradas	Documentar e examinar os métodos de pesca, impactos e contribuições das mulheres para a subsistência costeira e a segurança alimentar em Ngazidja, e fazer recomendações	Estudo de caso	Indicam que os métodos de pesca das mulheres podem ser destrutivos e podem ter contribuído para declínios localizados nos recursos e habitats marinhos. No entanto, as pescadoras também fornecem contribuições substanciais para os meios de	Comunidades de prática Mulheres pescadoras

Research, v. 140, p. 28-35, 2013		destrutivas para os recifes próximos e populações de peixes juvenis.	sobre possíveis intervenções de manejo		subsistência das famílias e para a segurança alimentar.	
MAROUF, Laila N.; KHALIL, Omar EM. A influência de características individuais em práticas de compartilhamento de conhecimento, capacitadores e barreiras em um contexto de gerenciamento de projetos. International Journal of Knowledge Management (IJKM), v. 11, n. 1, p. 1-27, 2015.	Características individuais influenciam no compartilhamento de conhecimento	Características individuais podem influenciar a escolha de compartilhar conhecimento	Explorar as práticas, facilitadores e barreiras do KS departamental em uma empresa de gerenciamento de projetos do Oriente Médio, como também investigar a influência de várias características individuais em KS, facilitadores e barreiras	Estudo de caso	Conhecimento é parcialmente compartilhado dentro dos departamentos, e os funcionários têm opiniões variadas sobre os facilitadores e barreiras do KS	Construção e compartilhamento de conhecimento
ZACARKIM, Carlos Eduardo et al. O panorama da pesca artesanal do rio Araguaia, Brasil. Fisheries Science, v. 81, n. 3, p. 409-416, 2015.	Influências do Rio Araguaia na pesca artesanal	Mudanças sazonais devido a flutuações naturais no regime hidrológico, podem impactar na composição e rendimento das capturas dos pescadores artesanais	Testar a hipótese de que o ciclo hidrológico do rio Araguaia influencia a atividade de pesca comercial de pequena escala, analisando as seguintes previsões: o rendimento da pesca é influenciado pelo regime hidrológico; as principais espécies	Questionário e entrevistas	Esses achados sugerem que tanto a hidrologia do rio Araguaia quanto o gênero dos pescadores devem ser levados em consideração no desenvolvimento de estratégias de manejo para alcançar rendimentos sustentáveis. É importante ressaltar que nossos resultados de produtividade pesqueira foram 305% maiores do que as estimativas oficiais	Comunidades de prática Pesca artesanal

			exploradas pela pesca artesanal podem mudar com variações no regime hidrológico; e existem diferenças entre pescadores machos e fêmeas tanto no rendimento quanto nas principais espécies exploradas devido às diferenças nos locais que eles exploram e nas artes que eles usam.		brasileiras para toda a bacia do Araguaia no mesmo período, o que sugere subestimação nas estatísticas oficiais.	
--	--	--	---	--	--	--

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: A construção do conhecimento coletivo em uma comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais na região de Guaraqueçaba – PR.

Pesquisadora responsável: Elaine Teresa Mandelli Arns

Telefones: 41 991250303

E-mail: elaine.arns@ifpr.edu.br

Endereço: R. Odilon Santana Gomes, 87

CEP: 83.260-000. Balneário Caravelas. Matinhos, paraná, brasil.

Local de realização da pesquisa: Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade – PPGTE.

Telefone geral: +55 (41) 3310-4545.

Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165.

CEP 80230-901. Rebouças. Curitiba, Paraná, Brasil

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

1. Apresentação da pesquisa

Prezado/a respondente, por meio deste documento você está sendo convidado a participar desta pesquisa. Este estudo, caracterizado como uma pesquisa aplicada, mista, descritiva e explicativa, é parte integrante da coleta de dados para a elaboração de uma tese de doutorado, intitulada 'A criação do conhecimento coletivo em uma comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais na região de Guaraqueçaba – PR.

Esta pesquisa estuda as dinâmicas de criação e de compartilhamento de conhecimento em uma comunidade de prática de mulheres pescadoras profissionais artesanais. O objetivo estabelecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento em uma CoP de mulheres pescadoras profissionais artesanais, à luz da Teoria Ator-Rede, com vistas a aproximação dos modelos tradicionais de gestão de conhecimento.

Desta forma, o desenvolvimento da pesquisa de campo contará com a participação ativa da comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais, tornando o estudo relevante sob o aspecto de sua abrangência e da abordagem dedicada ao tema.

2. O objetivo geral: desta pesquisa é estabelecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento e do pertencimento em uma CoP de mulheres pescadoras profissionais artesanais, à luz da Teoria Ator-Rede, com vistas a aproximação dos modelos tradicionais de gestão de conhecimento.

3. Participação na pesquisa: A sua participação nesta pesquisa, caso aceite o nosso convite, será por meio de observação gravada as conversas em áudio e/ou vídeo ou escritas para posterior análise.

4. Confidencialidade: os dados coletados serão tabulados de forma a garantir a confidencialidade das respostas e preservar a identidade dos/as respondentes. Desta forma, garantimos que não serão divulgadas informações pessoais e/ou que possam indicar quem são os/as respondentes desta pesquisa.

5. Riscos e benefícios: 5 a) riscos: por se tratar de uma investigação exploratória e descritiva com a coleta de dados realizada por meio de participação observante e entrevista em profundidade, os riscos advindos desta pesquisa giram em torno de possíveis constrangimentos e/ou incômodos aos/às participantes, uma vez que as perguntas contidas na entrevista podem ferir de alguma maneira quem as estiver respondendo. Neste sentido, os/as participantes da pesquisa, no caso de sentirem-se incomodados com qualquer uma das questões, podem optar por não as responder, o que não lhes acarretará quaisquer tipos de prejuízos.

5 b) benefícios: os resultados contribuem para a verificação de que a comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais de Guaraqueçaba se assemelha a uma CoP, pois elas se apropriam dos conhecimentos por meio da interatividade social, e quanto maior a aprendizagem, maior é o envolvimento com o grupo, o sentimento de pertencimento a esta comunidade, possibilitando que elas atuem na comunidade. Esta dinâmica entre as pessoas e o conhecimento cria a identidade da comunidade e o empoderamento destas mulheres.

6. Critérios de inclusão Para fazer parte da amostra desta pesquisa serão incluídos os colaboradores ativos no repositório do Framework Demoiselle na plataforma Github. Adicionalmente serão incluídas pessoas indicadas pelos colaboradores como relevantes para a evolução do referido *software*.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo Deixamos claro que, caso se sintam desconfortáveis ao participar desta pesquisa, que os/as respondentes têm o direito de: a) deixar o estudo a qualquer momento e b) de receber esclarecimentos sobre o estudo em qualquer etapa da pesquisa. Além disso, os/as respondentes podem se recusar a participar da pesquisa, ou retirar o seu consentimento a qualquer momento sem penalização. Outrossim, salientamos que os resultados deste estudo, após tabulados, trabalhados e analisados, poderão ser consultados pelos/as participantes ao final da pesquisa. Para tanto, você pode

assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse:

() quero receber os resultados da pesquisa que deverá ser apresentado a comunidade em encontro a ser agendado com os participantes.

() não quero receber os resultados da pesquisa

8. Ressarcimento e indenização Considerando que esta pesquisa, por se tratar de uma intervenção realizada por meio virtual, não acarretará custos aos respondentes, além de não envolver recursos financeiros e/ou financiamentos para o seu desenvolvimento, ao concordar em participar deste estudo, os/as participantes compreendem que não receberão nenhum tipo de compensação financeira. Os processos indenizatórios cabíveis podem ser tratados conforme critérios dispostos na Resolução CNS 466/2012 e na Resolução CNS 510/2016.

9. Esclarecimentos sobre o Comitê de Ética em Pesquisa: O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, Telefone: (41) 3310-4494, e-mail: coep@utfpr.edu.br.

B) CONSENTIMENTO: Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome Completo: _____
 RG: _____ Data de Nascimento: ____/____/_____
 Telefone: _____
 Endereço _____
 CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
 Assinatura: _____ Data: ____/____/_____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo da Pesquisadora: Elaine Teresa Mandelli Arns.

Assinatura do Pesquisador: _____
Data: ___/___/_____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Elaine Teresa Mandelli Arns, por meio do e-mail: elaine.arns@ifpr.edu.br, ou pelo telefone (41) 99125 0303.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)
Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças.
CEP 80230-901, Curitiba-PR.
Telefone: 3310-4494.
E-mail: coep@utfpr.edu.br.

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP 3772677 - APROVADO

26/08/2020

Plataforma Brasil

BRASIL

Plataforma Brasil

Público Pesquisador Alterar Meus Dados

Elaine Teresa Mandelli Arns - Pesquisado V3.2

Cadastros Sua sessão expira em: 39min 53

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO COLETIVO EM UMA COMUNIDADE DE MULHERES PESCADORAS NA REGIÃO DE GUARAQUEÇABA - PR.

Responsável: Elaine Teresa Mandelli Arns

Área:

Temática:

Versão: 3

CAAE: 2285919.7.0000.5547

Submetido em: 12/09/2019

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:
PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1431830

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

Versão em Tramitação (E1) - Versão 4

- Emenda (E1) - Versão 4
 - Documentos do Projeto
 - Comprovante de Recepção
 - Folha de Rosto - Submissão 1
 - Outros - Submissão 1
 - Projeto Detalhado / Brochura
 - Investigação Recurso Anexado pelo Pesquisador - S. Realização do Parecer - Submissão 1

Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações
-------------------	----------	---------	----------	-------

Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 3

LISTA DE APECIAÇÕES DO PROJETO

Apreciação *	Pesquisador Responsável #	Versão *	Submissão *	Modificação *	Situação *	Exclusiva do Centro Coord. #	Ações
E1	Elaine Teresa Mandelli Arns	4			Em Edição		
PO	Elaine Teresa Mandelli Arns	3	11/12/2019	15/12/2019	Aprovado	Não	

HISTÓRICO DE TRÂMITES

LEGENDA:

(*) Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador

POp = Projeto Original de Centro Participante

POc = Projeto Original de Centro Coparticipante

E = Emenda de Centro Coordenador

Ep = Emenda de Centro Participante

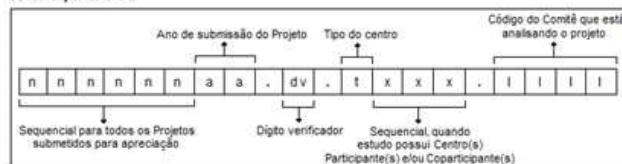
Ec = Emenda de Centro Coparticipante

N = Notificação de Centro Coordenador

Np = Notificação de Centro Participante

Nc = Notificação de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE



Voltar

Suporte a sistemas: 136 - opção 8 e opção 3, solicitar ao atendente suporte Plataforma Brasil. Fale conosco: _



INDICE ONOMÁSTICO

A

- ABREU, 22 · 168
AIRES, 2005 · 73
AKHAVAN, RAHIMI · 14
ALENCAR, 2014 · 91
ALLEE, 2000 · 255
ALMEIDA, 2012 · 43
ALVES, QUEIRÓS, BATISTA, 2017 · 87, 88, 212
ALVES; CORRÊA, 2015 · 23
AMIN; ROBERTS, 2008 · 77, 78, 79, 225
ARNS ET AL., 2016 · 17, 30, 32
ATTA-MILLS, ALDER, SUMAILA, 2004 · 90

B

- BALSALOBRE, ANNIBELLI, ATHIAS, 2018 · 107
BANDURA, 1962 · 68, 69
BANDURA, 2009 · 69
BARDIN, 1977 · 124, 138, 143, 144, 145
BARDIN, 2011 · 48
BAUER, 124 · 125
BELL, LAI, LI, 2012 · 257
BERTAGNOLLI, 2018 · 57
BOOTH, COLOMB, WILLIAMS, 2000 · 123
BORGES, 2016 · 123
BRASIL, 2015 · 90
BROWN, COLLINS, DUGUID, 1988 · 53, 87 98
BROWN, DUGUID, 1991 · 75, 255
BROWN, DUGUID, 2001 · 77
BROWN, JOHN SEELY; GRAY, 1995 · 255

C

- CABRAL, 2017 · 78
- CALHOUN; CONWAY, RUSSEL, 2016 · 31, 91, 149, 264
- CALLON, 1986 · 20, 69, 82, 98, 101, 102, 105, 114, 147, 151, 180, 183, 184, 216
- CALLON, 1989 · 48, 102
- CALLON, 1992 · 102
- CALLON, 2008 · 22, 113
- CASTELLS, 1999 · 53
- CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996 · 33, 94
- CHIZZOTTI, 2003 · 118
- CHOUDHURY, HAQUE, HABIB, 2016 · 17, 264
- CHU, KHOSLA, NISHIDA, 2012 · 257
- CINNER, MCCLANAHAN, 2006 · 90
- COAKES, 2005 · 81, 85
- COETZEE, 2015 · 266
- COGUIEC, 2016 · 119
- COMARELLA, 2009 · 36, 85, 103
- CONNAUGHTON; DALY, 2004 · 81
- CÔRTEZ; ZAPPES; DI BENEDITTO, 2014 · 31, 34
- COUTINHO ET AL., 2013 · 93, 163
- CRESWELL, 2007 · 118
- CRESWELL, 2010 · 118, 124

D

- DAVENPORT, 2001 · 256
- DAVENPORT; PRUZAK, 1999 · 16, 51, 53, 98
- DEB, 2018 · 21, 36, 267
- DEERE, 2018 · 28
- DI MEO, 2000 · 43
- DICIONÁRIO INFORMAL, 2019 · 96
- DIEGUES, 2001 · 91, 95, 96, 98, 99, 110, 163
- DIOGO; COUTINHO, 2006 · 27

DORES, 2019 · 174, 214
DRUCKER, 1970 · 14
DRUCKER, 1991 · 53, 98
DRUCKER, 1993 · 14
DUARTE, 2018 · 179
DUARTE, 2013 · 19, 165

E

ELSEVIER, 2019 · 127

F

FAO, 2016 · 90
FAVRET-SAADA, 2005 · 46
FERNANDES, 2018 · 83, 84
FIGUEIREDO, 222 · 223 · 224 · 225 · 226
FIORELLA, 2014 · 111, 268
FLACH; ANTONELLO, 2011 · 71, 92
FLETCHER, 2014 · 62, 85, 261
FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008 · 140
FÓRUM ECONOMICO MUNDIAL, 2017 · 17, 18, 23, 24
FÓRUM ECONOMICO MUNDIAL, 2020 · 18, 23, 24, 25, 26

G

GARAVAN, CARBERY, MURPHY, 2007 · 81
GERBER, 2015 · 28, 31, 34,45, 89, 93, 95, 99, 108, 109, 142, 206, 216, 228
GIDDENS, 1984 · 63, 64, 205
GIL, 2010 · 48, 117, 118, 124, 126, 128, 135
GILL, 2019 · 107
GIVEN, 2008 · 46, 124
GLOBAL GENDER GAP REPORT, 2020 · 6, 9, 25
GOMES, 2018 · 62, 65, 111, 114, 115
GONGLA; RIZZUTO, 2001 · 81, 85, 256

GOY, 1980 · 45
GRANOVETTER, 1973 · 34, 112
GRANOVETTER, 1983 · 112, 184
GREEN, 2010 · 23

H

HAAS, 1992 · 77
HAIR JR. ET AL., 2009 · 201
HAKANSON. 2005 · 257
HALL, 1980 · 50
HALL, 2000 · 29, 30
HALL; CERNICCHIARO, 2016 · 29
HARA, SCHWEN 2006 · 257
HAUZER ET. AL., 2013 · 93
HAUZER, DEARDEN, MURRAY, 2013 · 268
HO; KUO; LIN, 2012 · 67

I

IBGE, 2016 · 28
IBGE, 2018 · 18
IBICT, 2019 · 127
INGOLD, 2004 · 192
INGOLD, 2012 · 19, 88
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016 · 27, 29
INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2018 · 163
IPIRANGA, 2005 · 109

J

JEON, KIM E KOH, 2011 · 75
JORNAL NEXO, 2016 · 33
JOVCHELOVITCH, 124 · 125

K

KHALIL; ARDOIN; WOJCIK, 2017 · 69, 83, 262

KIMMERLE, 2013 · 78, 79, 261

KITTINGER, 2013 · 85, 95, 273

L

LACONTORA, MENDONÇA, 2003 · 257

LAKATOS E MARCONI, 1996 · 48

LAKATOS, MARCONI, 1982 · 51

LAKATOS; MARCONI, 2011 · 123, 124

LATOURE, 1987 · 98, 101, 102, 105

LATOURE, 1992 · 18, 22

LATOURE, 1993 · 20

LATOURE, 1994 · 22

LATOURE, 1999 · 68, 103, 142

LATOURE, 2006 · 22, 46, 102, 103

LATOURE, 2011 · 48

LATOURE, 2012 · 19, 20, 48, 69, 97, 101, 102, 105, 106, 112, 113, 114, 115, 131, 146, 151, 152, 153, 180, 184, 192, 216

LATOURE, 2020 · 107

LAVE, 1993 · 211

LAVE, CHAIKLIN 2004 · 77

LAVE; WENGER, 1991 · 21, 36, 48, 53, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 92, 94, 98, 102, 108, 113, 114, 142, 150, 151, 152, 153, 184, 208, 209, 212, 255, 256

LAW, 1997 · 73, 103

LEE, VALDERRAMA, 2003 · 87

LEITÃO, 2013 · 93

LESSER, PRUZAK, 2000 · 255

LESSER, STORCK, 2001 · 256

LUDERMIR, 2000 · 17, 92

M

- MACHADO, 2009 · 90
MALINOWSKI, 1922 · 118
MANESCHY, 2000 · 31, 93
MARCONI · 140
MARCONI, LAKATOS, 1996 · 48, 117
MARCONI, LAKATOS, 2011 · 48
MARCUSE, 1999 · 42
MARICATO, 2011 · 137
MAROUF; KHALIL, 2015 · 64, 263
MARTIN, SCHOUTEN, 2013 · 102, 273
MARTINS; ALVIM, 2016 · 91, 92, 111, 265
MARTINS, 2013 · 91
MAYA, VARELA, ÁVILA, 2017 · 271
MAYA-JARIEGO ET AL., 2017 · 146
MCDERMOTT, 1999 · 256
MENDES, 2016 · 28, 30, 93, 270
MICHAELIS, 2018 · 18, 30, 98
MIOR, 2006 · 43
MOORE, KOSUT, 2014; · 67, 102, 147, 259, 274
MOREIRA, CALEFFE, 2006 · 140
MORENO, 2015 · 31, 107
MOSCOVICI, 1996 · 77
MOTTA-MAUÉS, 1999 · 28, 91, 93, 142
MÜLLER, 2018 · 36, 51, 113
MURASSE, 2019 · 79, 108, 114, 115

N

- NASCIMENTO, 2011 · 43
NONAKA, 1990 · 34
NONAKA, 1991 · 34, 50

NONAKA, TAKEUCHI, 1994 · 15, 16, 21, 32, 34, 48, 54, 58, 96, 08, 114, 117, 191, 193, 194, 203

NONAKA; TAKEUSHI, 1997 · 15, 16, 21, 42, 43, 50, 51, 52, 53, 54, 65, 96, 98, 100, 104, 110, 113, 114, 142, 193, 151, 152, 153, 194, 198, 202, 203, 223, 227, 231

NONAKA, KONNO, 1998 · 64, 65, 66, 67, 100, 101, 114, 142

NONAKA; TAKEUCHI, 2008 · 51, 57, 58, 59, 60, 63, 66, 100, 109, 112, 224

NONAKA; TOYAMA, 2008 · 64

NVIVO, 2018 · 155, 121

NVIVO, 2020 · 171, 182

O

OCHS ET AL., 1992 · 141

OLIVEIRA CÔRTEZ, ZAPPES, DI BENEDITTO, 2014. · 263

OLIVEIRA, 2005 · 54

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2016 · 89, 90

P

PATTINSON; PREECE; DAWSON, 2016 · 79, 262

PAULILO, 1987 · 27

PAULILO, 1999 · 27, 28, 45, 120, 121

PAULILO, 2004 · 28

PAULY, 2018 · 106

PAUWELS ET AL., 2016 · 153

PEREZ-SOLTERO, 2016. · 14

PERIÓDICOS CAPES, 2019 · 38, 39, 127, 128, 132, 135, 136

PERUZZO, 2017 · 45, 117, 118, 119, 120, 121, 124

PIGMAN, 2007 · 24

POLANYI, 1958 · 14, 15, 36, 52, 54, 55, 56, 57, 99, 102, 110, 191, 194, 205

POLANYI, 1962 · 37, 52, 53, 98

POLANYI, 1966 · 15, 16, 48

POLITIZE, 2017 · 27

PPGTE, 2019 · 42

PRADO, BARANAUSKAS, 2013 · 97, 102, 139, 146, 275

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARAQUEÇABA, 2017 · 18, 163

Q

QUERETTE, 2016 · 78

R

RABBITT ET AL., 2019 · 90, 91, 259

RAMALHO, 2006 · 91

RAMOS; FARIA; FARIA, 2014 · 120, 124, 136

RAY, 2005 · 87

RODRIGUES ET AL., 2018 · 106, 107

RUTHES; SILVA, 2015 · 131

S

SAAVEDRA-DÍAZ; ROSENBERG; MARTÍN-LÓPEZ, 2015 · 17, 266

SACK, 1986 · 43, 99

SAMPAIO; MACINI, 2007 · 135, 136

SENCIOLES, 2014 · 62, 114, 115

SENGE, 2004 · 81

SILVA, 2004 · 17, 41, 71, 74, 83

SNYDER, WENGER, 2010 · 211

SOCNETV, 2020 · 121, 185, 186, 187, 189, 189

SOLE; WILSON 2002 · 142

SOLE, EDMONDSON, 2002 · 257

SORJ; FONTES; MACHADO, 2007 · 23

SOUSA; GUEDES, 2016 · 23, 27, 142

SOUSA, 2019 · 106, 258

SOUZA, 2017 · 23

STEWART, 1998 · 52, 53

STORCK, HILL, 2000 · 255

STRAUHS, 2003 · 194

STRAUHS; ET AL., 2012 · 59, 60, 224

STRAUHS; XAVIER, 2019 · 59, 205, 206, 207

T

TAKEUCHI, NONAKA, 2008 · 59, 100, 101

TATTO, BORDIN, 2016 · 51

TERRA DE DIREITOS, 2020 · 164

TESTA, 2015 · 93

THIOLLENT, 1982 · 120, 121, 140

THOMPSON; HEYMAN; PECKHAM, 2017 · 93, 95, 260, 261, 286

U

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, 2018 · 42

V

VASCONCELLOS, 2007 · 91

VERGARA, 2005 · 118

VERGARA, 2006 · 48

VERSCHLEISSER, 1990 · 30, 138

VON KROGH ET AL., 2000 · 198, 223

VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001 · 51, 52, 53, 58, 61, 62, 64, 98, 99, 111, 112, 114, 205

W

WAJCMAN, 2004 · 17, 23, 29

WENGER, 1991 · 17, 22, 32, 69, 70, 72, 75, 76, 82, 83, 87, 108, 109, 112, 114, 208, 216

WENGER, 1998 · 17, 32, 43, 68, 69, 70, 71, 76, 77, 81, 82, 83, 87, 108, 109, 210, 212, 255

WENGER, 1999 · 76

WENGER, 2003 · 84

WENGER, 2008 · 96

WENGER, 2011 · 22, 75, 81, 84, 85, 104, 225

WENGER, MCDERMOTT, SNYDER, 2002 · 16, 21, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 85,
86, 94, 96, 114, 208, 215, 256

WENGER; SNYDER, 2000 · 80, 255

WIERINGA, ET AL., 2018 · 51, 54, 58

WILBERT; DANDOLINI, 2018 · 37, 68, 75, 76

Z

ZACARKIM ET AL., 2015 · 91, 276